UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de ciências Humanas – ICH

Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Tese de Doutorado

A SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE (1852-1881) E O CLUBE JAGUARENSE (1881-1975): ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA NA FRONTEIRA SUL EM JAGUARÃO RS

ALAN DUTRA DE MELO

Pelotas, 2018

ALAN DUTRA DE MELO

A SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE (1852-1881) E O CLUBE JAGUARENSE (1881-1975): ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA NA FRONTEIRA SUL EM JAGUARÃO RS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural.
Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas
Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

M528s Melo, Alan Dutra de

A Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (1852- 1881) e o Clube Jaguarense (1881-1975) : entre a história e a memória na fronteira sul em Jaguarão RS / Alan Dutra de Melo ; Ronaldo Bernardino Colvero, orientador. – Pelotas, 2018.

266 f. : il.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Carnaval de Jaguarão. 2.Clube Jaguarense. 3. História . 4. Memória. 5. Sociedade Recreação Familiar Jaguarense. I. Colvero, Ronaldo Bernardino, orient. II. Título.

CDD 306.4

ALAN DUTRA DE MELO

A SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE (1852-1881) E O CLUBE JAGUARENSE (1881-1975): ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA NA FRONTEIRA SUL EM JAGUARÃO RS

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 05 de junho de 2018.

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero (Orientador)
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

_____
Profa. Dra. Maria de Fátima Bento Ribeiro
Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas

_____
Profa. Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

_____
Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira
Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo

_____
Profa. Dra. Lisianne Sabedra Ceolin
Doutora em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Pelotas, 05 de junho de 2018

À população de Jaguarão, que tanto celebra e sobretudo vive esta cultura do carnaval, tão barroca, que por alguns dias, instala o "A República do Amor e da Alegria", como se fosse uma festa do Divino Espírito Santo, em sua matriz joaquinina.

AGRADECIMENTOS

À Universidade pública brasileira, que propiciou o estudo junto à UFPel, assim como o afastamento do trabalho, através da Unipampa onde leciono. Na UFPel, agradeço às/aos professoras/res Maria de Fátima, Ester, Letícia, Fábio, Ana Ó., Dalila Müller, Ana Soza e Octave Debary e aos colegas Clauber e Gianne, pelas costumeiras gentilezas. Agradeço na Unipampa, a proximidade e apoio dos professores/as Vagner, Ângela, Thomas, Hilda, Jeferson, Cássia, Ana, Paula e Walker. E ao historiador, doutorando e logo doutor, Alexandre, amigo, solícito em inúmeras conversas.

Ao orientador, colega e amigo, Ronaldo Bernardino Colvero, por sua pronta disposição para bem conduzir a realização deste estudo.

Agradeço, ao apoio familiar, minha Tia/Mãe Valderez, avós Arlindo, Maria, e aos pais Aldo e Regina "*In memoriam*" e à minha irmã Alice.

Ao Marco, pelo apoio inestimável, durante toda esta longa jornada.

Às instituições de guarda e arquivo, ao Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão principalmente, e também à Fundação Biblioteca Nacional, Fundação Getúlio Vargas, Biblioteca de Rio-Grandense em Rio Grande, Biblioteca de Jaguarão e Casa de Cultura de Rio Branco no Uruguai.

Aos entrevistados, Aldyr Garcia Schlee, Claudio Rotta Rodrigues "*In memoriam*", Neusa Marilú Peres Duarte e Ubirajara Isquierdo.

Aos informantes locais, sobretudo ao Cleber Carvalho, que nos cafés em Jaguarão, em razão do seu conhecimento e acervo pessoal disponibilizado, foi, em certa medida, coorientador do estudo. E ao Dr. Eduardo Soares, em virtude das informações prestadas e atenção dispendida no andar da pesquisa, e deixo o devido reconhecimento, pelo vasto material publicado sobre a cidade, que foi substancial como fonte de pesquisa. Agradeço às dúvidas sanadas por Andrea Gama e Juliana Nunes.

À Associação Cruzeiro Jaguarense, através do seu presidente, Rogério Lemos Cruz que disponibilizou o acervo da entidade para consulta.

De forma geral, o contato mantido com os discentes, egressos da Unipampa, sempre foram animadores para a progressão dos estudos, os quais também deixo o meu reconhecimento.

Às amigas, Carla e Lisandra, presentes em outras sessões de agradecimento em trabalhos anteriores, e mais uma vez acompanharam o andamento nesta etapa.

A tese é um trabalho de coordenação de pesquisa, assim agradeço a todos os profissionais que atuaram na elaboração de mapas, transcrição de entrevistas e revisão textual.

Referencio ainda Jaguarão, pois neste ano completo 10 (dez) anos de estada na cidade, e desta forma, este trabalho estreita mais este laço, iniciado com pronta acolhida em 2009.

Por fim, faço deferência a autores, que mesmo não citados expressamente no estudo, foram inspiradores, dentre os quais, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Joël Candau, Walter Benjamin, Umberto Eco, Darcy Ribeiro, Guy Debord e Ivan Isquierdo.

- Eis aqui o Clube Jaguarense. O mesmo grêmio de outrora, em outra casa fundado. É o mesmo Clube; as mesmas tradições. Felizes dias de minha juventude aqui passei. Foi aqui, que com andar, gastei a sola do sapato; aqui onde térpsicore *me guiou nos ritornelos da valsa... A sociedade, as tradições, as saudades do passado. Outros associados vieram, é certo; mas os costumes perduram. Todos gentis, todos cavalheiros, os associados do Club conservam como os antepassados jaguarenses, a fidalguia e a hospitalidade. A deixa estendo aos meus conterrâneos jaguarenses; e aos demais associados do Clube* (José Alberto Portela[1]. Jaguarão, 5 de outubro de 1910. In: Livro de visitas do clube).

[1]José Alberto Portela é filho de José Alberto Portela, fundador do Cemitério das Irmandades, de acordo com informação, da sua neta, professora de história e comerciante Jussara Gomes dos Santos Py.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa com a localização de Jaguarão 019
Figura 2 – Fachada da sede central da Associação Cruzeiro Jaguarense 027
Figura 3 – Vista aérea da sede central da Associação Cruzeiro Jaguarense 029
Figura 4 – Praça da Matriz e Sociedade Bailante: exposição de 1881 044
Figura 5 – Assado no couro na Associação Cruzeiro Jaguarense 046
Figura 6 – Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (Divulgação) 052
Figura 7 – Correspondência assinada por Henrique d'Ávila pela sociedade recreação familiar jaguarense para Bernardino José de Oliveira em 1879 076
Figura 8 – Nota sobre Henrique Francisco D'Ávila 082
Figura 9 – Assinaturas na visita do Conde d'Eu ao Clube Jaguarense em 1885 110
Figura 10 – Baile da Ilha Fiscal. Francisco Figueiredo (1905) 117
Figura 11 – Medalha cunhada em Paris (1897) com fachada do Clube Jaguarense 120
Figura 12 – Verso da Medalha cunhada em Paris (1897) 120
Figura 13 – Cartão postal do Clube Jaguarense enviado em 1908 para Bélgica 133
Figura 14 – Verso do Cartão postal do Clube enviado para Bélgica (1908) .. 133
Figura 15 – Enlace Rio Branco & Botafogo (1913) no Club Jaguarense 138
Figura 16 – Getúlio Vargas com equipe. Luiz vergara atrás, à sua esquerda, de óculos. Rio de Janeiro, dez./1930 157
Figura 17 – Caricatura de Luís Vergara, Jaguarão, s.d. 158
Figura 18 – Luis Vergara, Getúlio Vargas e outros na Fazenda Santa Tereza, Petrópolis, entre 1937/1945 159
Figura 19 – A Ponte Internacional Mauá sobre o Rio Jaguarão. Mestres e discípulos brasileiros e uruguaios confraternizam sob os arcos dessa maravilhosa obra de arte, pujante realização da engenharia nacional 173
Figura 20 – Centro de Jaguarão na década de 1930 – Clube Jaguarense à esquerda..... 174
Figura 21 – Carnaval no clube 1938 188

Figura 22 – Carnaval no Clube Jaguarense 1938 189
Figura 23 – Carnaval de 1939 no Clube Jaguarense 190
Figura 24 – Cordeiro de Farias e sua esposa Ivany em ambiente social em Porto Alegre 196
Figura 25 – Recepção a Osvaldo Cordeiro de Farias no Teatro Esperança em Jaguarão (1938) 197
Figura 26 – Convite de São João, Clube Jaguarense (1939) 200
Figura 27 – Carnaval no clube 1941 201
Figura 28 – Carnaval no clube 1943 201
Figura 29 – Festa da saudade – homenagem ao Conselheiro Henrique Francisco d'Ávila em 14 de agosto de 1947 204
Figura 30 – Conselheiro Henrique Francisco d'Ávila 205
Figura 31 – Reunião Festiva do Rotary (1947) 206
Figura 32 – Luzia Felix, LP Viaja pela América Latina 215
Figura 33 – LP Tita Duval 216
Figura 34 – Tita Duval 217
Figura 35 – Orquestra Piragine em Rio Grande. s.d. 219
Figura 36 – Pedro Borgo/Orquestra. s.d. 220
Figura 37 – Orquestra Miguel Caló s.d. 221
Figura 38 – Corte do Clube Harmonia Visita o Clube Jaguarense, Carnaval de 1962 223
Figura 39 – Os Incríveis s.d. 225
Figura 40 – Conjunto "The Dizzies" no Coutry Clube de Rio Grande. s.d. 226

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL – Academia Brasileira de Letras

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAE RS – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

JUJA – Juventude do Clube Jaguarense

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

PAC – Programa de Aceleração do Crescimento

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

RESUMO

O objeto de nosso estudo parte do Clube Jaguarense, fundado em 1881, inserindo após como integrante do trabalho a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (1852-1881), extinta para dar lugar ao clube. A justificativa da pesquisa parte da sua importância, enquanto história e memória, da sociedade civil organizada, para realização de atividades lúdicas e recreativas em Jaguarão, da década de 1850 do século XIX até o fim do clube em 1975. A pesquisa é de caráter qualitativa, tal como configura Gray (2012), em que a preocupação está na observação e reflexão à partir de um banco de dados, composto para o estudo, com jornais dos séculos XIX e XX, entrevistas realizadas entre os anos de 2016 e 2017 e documentos do acervo da Associação Cruzeiro Jaguarense. A periodização do trabalho tem como limite o ano de 1975, quando o clube realizou a fusão com o clube de futebol Esporte Clube Cruzeiro do Sul. A pesquisa identificou a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, também conhecida como Bailante, no período Imperial e o Clube Jaguarense, ligado aos grupos mais tradicionais no século XIX. Destaca-se que o Jaguarense foi criado, como forma de modernização social da sociedade imperial, pela liderança de Henrique Francisco d'Ávila do Partido Liberal (Monárquico). Após a criação do Clube Jaguarense, este desenvolveu suas atividades, em oposição e complementaridade à atual Sociedade Clube Harmonia Jaguarão, que na sua gênese na penúltima década do século XIX possuía a maioria dos seus membros vinculados aos republicanos. O trabalho revelou o carnaval de 1881 como o primeiro grande carnaval de Jaguarão, com ampliação do espaço público bem como marco das disputas políticas locais, tática dos republicanos, em especial liderados por Manoel de Deus Dias,fazendo uso de 8 carros e uma banda na frente satirizando as conquistas dos liberais em suas obras públicas em andamento, assim como a realização de baile na Bailante com fantasiados, incluindo monarcas europeus com referência evidente à monarquia declinante brasileira. Cerca-se para tal análise dos conceitos de táticas e estratégias de Michel de Certeau com sua referência polemológica. O Jaguarense, logo após, é criado como estratégia em resposta a esta ação republicana. Depois, tem-se no carnaval de 1889 é selada a disputa entre os clubes locais Jaguarense e Harmonia. Assim a disputa que nasce política, permanece clubística e familiar, sobretudo no carnaval. E identifica-se o carnaval de 1921 como produto cultural, filmado para o cinema, com a presença dos primeiros turistas em Jaguarão, descobrindo – neste momento – a alta maturidade da festa. Por fim, apresenta-se um panorama das entidades mencionadas, com atividades sociais, políticas e recreativas, cujo ápice, além do carnaval, são os bailes, pode-se dizer, sob o efeito de terpsícore. Além disso, a entidade, cumpriu inúmeras vezes as funções de salão público, para eventos oficiais. E, por fim, destaca-se que o clube social, ao longo do século XX, foi perdendo a sua proeminência, devido também à opção da sociedade sul rio-grandense pelo modelo do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), que embora complementem aos clubes em sua gênese, mais tarde, mantém maior projeção simbólica.

Palavras-chave: Carnaval de Jaguarão. Clube Jaguarense. História. Memória. Sociedade Recreação Familiar Jaguarense.

RÉSUMÉ

L'objet de notre étude commence avec le Club « Jaguarense », fondé en 1881, puis s'insère, comme partie intégrante du travail, la « Sociedade Recreaçao familiar Jaguarense » (1852-1881) qui va disparaitre pour céder la place au Club. La justification de cette recherche part de l'importance, quant à l'histoire et la mémoire, de la société civile organisée, pour la réalisation d'activités ludiques et récréatives à Jaguarão, de 1850 à 1975. La recherche est de caractère qualitatif, étant donné que la préoccupation est dans l'observation et la réflexion de notre banque de données (Gray 2012). Pour répondre aux questions et aux objectifs impliqués, un dossier d'étude a été composé, avec les journaux du 19e et du 20e siècle, les entretiens réalisés entre les années 2016 et 2017 et les documents de la collection de l'association. La période de cette recherche est limitée à l'année 1975, lorsque le Club a fusionné avec le Club de football « Esporte Clube Cruzeiro do Sul ». La recherche montre que la « Sociedade Récréaçao familiar Jaguarense » était aussi connue sous le nom de « Bailante » durant la période Impériale tandis que le Club «Jaguarense » était lié aux groupes plus traditionnels du 19e siècle. On en déduit que le Club fut créé, comme une forme de modernisation sociale de la société impériale, sous la direction du Parti libéral (Monarchique) d' Henrique Francisco d'Avila. Après la création du Club «Jaguarense », ce dernier développa ses activités, en opposition et en complémentarité à l'actuelle « Sociedade Clube Harmonia Jaguarao » , qui dans sa genèse à la fin du 19e siècle avait la plupart de ses membres liés au parti républicain. La recherche a révélé que le carnaval de 1881 fut le premier grand carnaval de Jaguarão, grâce à l'agrandissement de l'espace public ; il fut aussi la démonstration de disputes politiques locales, où la tactique des républicains, particulièrement celle menée par Manoel de Deus Dias, consistait à disposer 8 voitures et un orchestre en première ligne satirisant les conquêtes des libéraux dans leurs travaux publics en cours, mais aussi à faire des bals costumés au Club « Bailante », imitant les monarques européens avec l'envie évidente de critiquer la monarchie déclinante brésilienne. Cela s'inscrit dans l'analyse des concepts de tactiques et de stratégies de Michel de Certeau avec sa référence polémologique. Le Club «Jaguarense », peu après, fut créé comme une stratégie de riposte à cette action républicaine. Il y a dans le carnaval de 1889 un ton de rivalité parmi les Clubs locaux « Jaguarense » et « Harmonia ». Ainsi, la dispute d'origine politique, reste au sein des Clubs et des familles, surtout au carnaval. Le carnaval de 1921 s'identifie comme un produit culturel, filmé pour le cinéma, avec la participation des premiers touristes à Jaguarão, découvrant, à ce moment là, la plénitude de la fête. Finalement, un panorama des entités mentionnées se dessine, avec des activités sociales, politiques et récréatives, dont le pinacle, au-delà du carnaval, est le bal sous l'influence de la Muse de la danse Terpsichore. Et, suivant cette théorie, on voit que le Club social, durant le 20e siècle, a perdu de son importance, en raison de l'option prise par la société de « rio grande do sul » pour le modèle du « Centro de tradiçoes Gauchas » (CTG) qui, bien qu'il soit complémentaire aux Clubs dans leurs genèses, maintient, pour la suite, une plus grande projection symbolique.

Mots-clés: Carnaval à Jaguarão. Clube Jaguarense. Histoire. Mémoire. Sociedade Recreação Familiar Jaguarense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 015
1 SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE 1852-1881 040
1.1 OS REPUBLICANOS LANÇAM A PEDRA FUNDAMENTAL DO CARNAVAL DE JAGUARÃO: FOI MANOEL DE DEUS DIAS E O CLUBE TAL GUIANDO 8 CARROS COM UMA BANDA EM 1º DE MARÇO DE 1881 084
2 O CLUBE JAGUARENSE (1881- 1920) 094
2.1 AS ATIVIDADES DO CLUBE JAGUARENSE APÓS A INAUGURAÇÃO DA SEDE CENTRAL (DEZEMBRO DE 1898) 122
3 O CLUBE JAGUARENSE (1921-1936) 144
3.1 O CARNAVAL DE JAGUARÃO COMO PRODUTO CULTURAL: A FESTA QUE VIROU FILME, PRIMEIROS TURISTAS FORAM VISITAR O REINO DO AMOR E DA ALEGRIA! – 1921 O ANO QUE NÃO TERMINOU 146
3.2 QUANDO O SECRETÁRIO DO CLUBE JAGUARENSE FOI LUIZ VERGARA 1921 – MAIS TARDE O SECRETÁRIO DE GETÚLIO VARGAS (1928-1945) 152
3.3 DEMAIS ATIVIDADES DO CLUBE JAGUARENSE NA DÉCADA DE 1920 161
3.4 ALUNOS DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE CONHECEM AS OBRAS DE CONSTRUÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL BARÃO DE MAUÁ EM 1928 E SÃO RECEPCIONADOS NO CLUBE JAGUARENSE 170
3.5 O CINQUENTENÁRIO DO CLUBE JAGUARENSE 174
3.6 DEMAIS ATIVIDADES DO CLUBE JAGUARENSE NA DÉCADA DE 1930 E “O CARNAVAL FARROPILHA EM 1935” 181
4 CLUBE JAGUARENSE (1937-1975) 185
4.1 CEL. OSVALDO CORDEIRO DE FARIAS, JAGUARENSE E INTERVENTOR DO ESTADO DO RS, PASSA PELO CLUBE EM 1938 193
4.2 O BAILE DOS ESTADOS NO ESTADO NOVO 197
4.3 DÉCADA DE 1940: FESTA DA SAUDADE AO FUNDADOR CONSELHEIRO HENRIQUE FRANCISCO D’ÁVILA 200

4.4 DÉCADA DE 1950: TEMPO DAS ORQUESTRAS E A DIRETORIA FEMININA..... 207
4.5 DÉCADA DE 1960: O DECLÍNIO DA TRADIÇÃO..... 218
4.6 DÉCADA DE 1970 ATÉ 1975:DESFECHO DO CLUBE ATÉ A FUSÃO COM O ESPORTE CLUBE CRUZEIRO DO SUL 225
CONSIDERAÇÕES FINAIS 230
REFERÊNCIAS 238
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 238
OBRAS CONSULTADAS 244
REFERÊNCIAS EM JORNAIS 245
REFERÊNCIAS EM SÍTIOS ELETRÔNICOS 255
DOCUMENTOS CONSULTADOS 258
ANEXOS 264
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 264

INTRODUÇÃO

A presente tese, tem por objeto de pesquisa o Clube Jaguarense, fundado em 1881, primeiro clube social criado em Jaguarão à partir de uma entidade encerrada para a sua fundação, a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, criada em 1852 dada importância desta, foi inserida como integrante do objeto estudado. A periodização da pesquisa tem seu início em 1852, quando fundada a Bailante, como também era conhecida a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense.

Destacamos, ao entrar no trabalho de campo, que identificamos a cisão, entre o Clube Jaguarense e o seu período posterior, após 1975, como Associação Cruzeiro Jaguarense, oriunda da fusão do clube com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, fundado em 1924, e isto motivou a nossa escolha para os limite do estudo. A atividade em curso da Associação Cruzeiro Jaguarense, embora reduzida principalmente à sua sede campestre, devido à interdição da sua sede central após o desabamento da sua cobertura em 2011 (apesar do salvamento emergencial, realizado no mesmo ano), aponta que a entidade segue ativa. De tal modo, consideramos oportuno, por hora, deixar o período atual fora do estudo e, por isso, o enfoque da pesquisa se volta ao tempo pretérito, e o recorte mais atual, ainda em movimento, deixamos para trabalhos posteriores.

O Clube Jaguarense está localizado no centro do Município de Jaguarão. Fundado em lugar desconhecido em 14 de agosto de 1881, passa a ocupar sua sede central, segundo aponta a fachada do imóvel, a partir de 1897. No entanto, descobrimos que o primeiro baile da instituição foi realizado em dezembro de 1898. Sua sede principal é a mesma desde o período citado. Trata-se de um prédio grande, majestoso, de estilo arquitetônico identificado dentro do ecletismo e está, precisamente, no entorno da Praça Dr. Alcides Marques, a principal do município, e em frente ao Largo das Bandeiras, próximo à Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. Haja vista, possui relevância na composição da paisagem urbana da cidade, bem como se associa à história e às memórias que encontramos no trabalho de pesquisa.

O interesse em pesquisar esta entidade refere-se à sua importância para o município de Jaguarão (Rio Grande do Sul, Brasil) tendo em consideração o seu valor como patrimônio cultural, declarado em 2011 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e cuja sede central é um imóvel identificado no estudo que deu base ao tombamento do município, sendo ele classificado como de “proteção

rigorosa” dentro do conjunto histórico e paisagístico. Portanto, devido ao reconhecimento dado à materialidade do bem pesquisado, fator que em primeiro momento sinalizou sua importância, fizemos do Clube Jaguarense nosso objeto de pesquisa, embora que, ao entrarmos em campo e mantermos contato com as fontes de pesquisa, tenhamos julgado adequado um enfoque: o de trazer à tona aspectos que revelam pontes entre a história e a memória.

Entendemos oportuno desvelar, como parte da motivação para o trabalho, o conhecimento prévio do local onde funcionou o objeto de estudo entre 1898 e 1975, pois o autor foi sócio da Associação Cruzeiro Jaguarense entre os anos de 2013 e 2014, participando, inclusive, da diretoria neste período, como segundo secretário. Todavia, desde o momento em que se afastou, para a escritura e desenvolvimento da pesquisa, no final de 2015, encontra-se desligado do quadro social. De igual modo, consideramos oportuno dizer que o pesquisador frequentava eventualmente as atividades abertas ao público em geral entre os anos de 2009 e 2012 e, pontualmente, nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Além disso, sua atuação como professor junto à Universidade Federal do Pampa em Jaguarão, desde 2011, vinculado aos cursos de Tecnologia em Gestão do Turismo e Bacharelado em Produção e Política Cultural, também motivou a escolha da pesquisa na localidade, de tal modo que o trabalho de campo possibilitou conhecer melhor a história da cidade. Conhecimento este que deve refletir-se, após a conclusão desta etapa, em novas atividades de pesquisa, ensino e extensão. Acrescemos que, durante os anos de 2009 e 2010, o pesquisador trabalhou como Diretor de Patrimônio Histórico junto à Secretaria de Cultura e Turismo de Jaguarão e, desta forma, mantinha contato com a temática desde esta época, quando ainda encerrava os estudos no Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Para melhor contextualizar o trabalho, é preciso trazer breve apontamento sobre o município onde está localizado o objeto da pesquisa. Jaguarão historicamente encontra-se no extremo sul do Rio Grande do Sul, e, nos primórdios da sua ocupação, cujo território esteve ligado ao processo de expansão da Monarquia Portuguesa e contenção da Coroa Espanhola. Com fins de contextualização, trazemos excerto, abaixo, elaborado por Luiz Antonio Custódio *et al*. (2009) que versa sobre ocupação territorial:

> [p]elo Tratado de Santo Ildefonso (1777) as terras que hoje integram o município pertenciam à Coroa Espanhola, mas ausência de limites precisos provocou uma sucessão de disputas com Portugal. Apoiados na Vila de São Pedro do Rio Grande, desde 1789, a concessão de sesmarias na região era prática corrente pelas autoridades lusitanas, afrontando o domínio espanhol. Para frear o avanço português, os espanhóis fundaram pequenos postos de guarda ao norte do Rio Jaguarão (1792). Um deles, a Guarda da Lagoa e do Cerrito, se situava aonde mais tarde se desenvolveu a cidade de Jaguarão. No entanto, estes precários estabelecimentos militares não foram capazes de impedir a expansão dos sesmeiros. (CUSTÓDIO *et al*., 2009, p. 69).

No Dossiê elaborado para Tombamento, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no município em questão, acrescem-se dados sobre os sesmeiros, sendo eles portugueses, que em suas funções eram na maior parte militares e comerciantes, o que acentua o caráter colonial da localidade:

> [e]xistem diversos levantamentos sobre a origem dos sesmeiros que requereram terras na região, através da qual se constatou que, estes eram, em sua maioria, provenientes de Portugal, e tinham como principais atividades o comércio e as funções militares, e possivelmente muitos desses proprietários participaram das constantes disputas fronteiriças entre as coroas ibéricas (DOSSIÊ PARA TOMBAMENTO DE JAGUARÃO, 2010, p. 85).

Retomando o texto elaborado por Custódio *et al*. (2009), acerca da ocupação do território na fronteira que, mais tarde, constituiu-se como o município de Jaguarão, temos mais elementos referentes às disputas sobre este espaço, acrescendo a formação de estâncias para criação de gado, bem como a existência de trabalho escravo desde o primeiro momento da fundação da localidade:

> [a] eclosão de uma guerra entre Portugal e Espanha (1801) motivou os portugueses a expandir seus domínios no sul do Brasil, o que resultou a apropriação da faixa territorial entre os rios Jaguarão e Piratini, nos Campos Neutrais e na conquista das Missões. Em 1802 o Coronel Manoel Marques de Souza ocupou a Guarda do Cerrito foi logo transformada em posto militar permanente pelo Sargento-Major Vasco Pinto Bandeira, que também era grande estancieiro, proprietário de fazendas e de escravos (CUSTÓDIO *et al*., 2009, p. 69).

No ano de 1802, quando foi instalada a Guarda Militar do Cerrito, a atual cidade de Jaguarão permaneceu como acampamento militar até 31 de janeiro de 1812, quando foi elevada a freguesia através de Resolução Régia do Príncipe Regente, passando a denominar-se freguesia do “Espírito Santo do Cerrito de Jaguarão”, então pertencente a Rio Grande (Cf. Custódio *et al*., 2009). Segundo esclarecimentos do autor, nesse momento ocorreu uma disputa legal pela posse da “Estância Real do

Cerrito", imensa área doada pela Coroa Portuguesa à Baronesa de Majé, que estava ocupada por invasores e arrendatários. A questão foi resolvida mais tarde (Cf. Martins, 2001, p. 61) por "Resolução Régia do Príncipe, em 24 de março de 1813, que mandou separar o território destinado especificamente à povoação da Guarda do Serrito [...] faltava apenas a medição oficial, que foi realizada em 13 de janeiro de 1814".

Mais tarde, passados dez anos do processo de independência brasileira (1822), durante o período regencial, a freguesia foi elevada a Vila e passa a denominar-se Divino Espírito Santo do Cerrito. Conforme relato de Wilson Marcelino Miranda (2000), "[d]ez anos após a independência do Brasil, em 6 de julho de 1832, uma Lei Imperial criava a Vila de Jaguarão que por sua vez, tinha sob sua incumbência administrativa os atuais municípios de Arroio Grande, Herval e Piratini" (p. 174). Nesse processo, foi empossada, segundo Custódio *et al.* (2009), na Vila de Jaguarão, em 1833, a primeira Câmara de Vereadores, e sua população ultrapassava 5.000 habitantes.

Posteriormente, em 1855, a Vila recebe autonomia através da Lei Provincial n. 322, no período do Segundo Império do Brasil, sob o desígnio do Imperador Dom Pedro II que assumiu a condução do país em 1841, coroado no regime monárquico. Neste momento, elevou-se a cidade em publicação realizada no dia 23 de novembro. Sobre a emancipação, Lidiane Côrrea Enlsslin (2007) escreve:

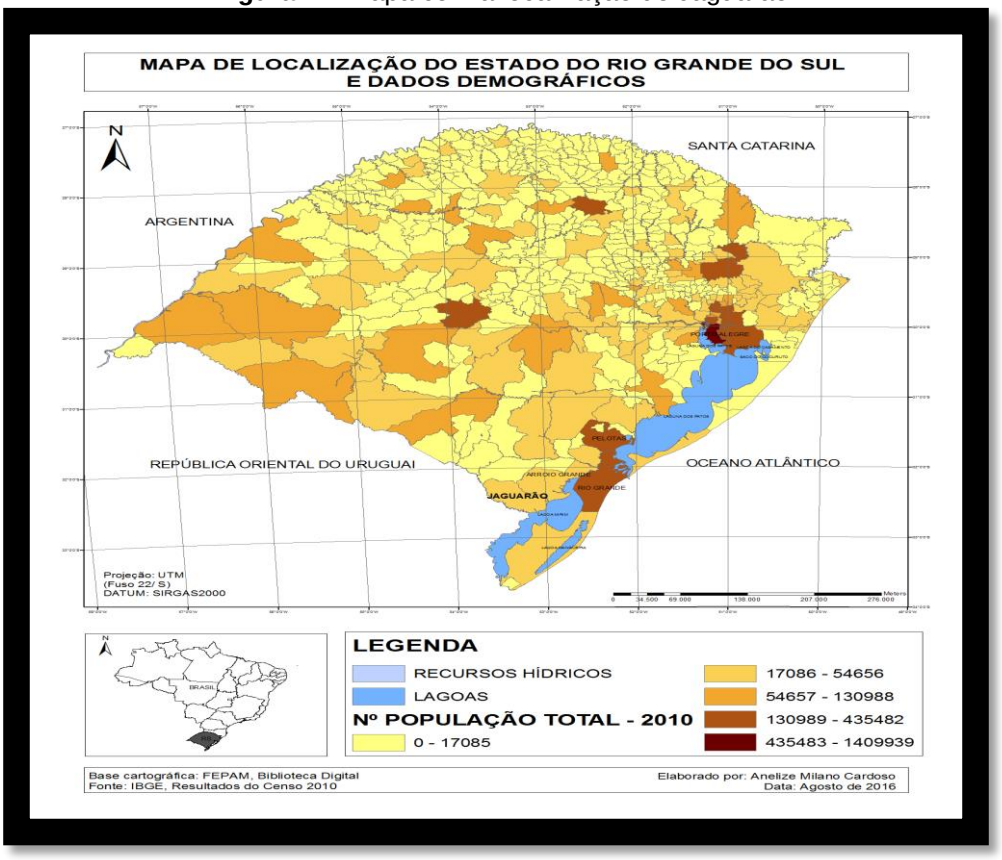
> [n]esse período existiam apenas 4 cidades reconhecidas na província: Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Rio Pardo. Jaguarão foi elevada a cidade no dia 21 de novembro de 1855, sendo a quinta cidade do estado, mas as comemorações foram no ano seguinte, devido à trágica epidemia de cólera que assombrou a população (ENSSLIN, 2007, p. 46).

Realizada concisa historicização de Jaguarão, até o seu processo de autonomia administrativa como município em 1855, passamos à sua contextualização espacial atual, assinalando que sua densidade demográfica não é alta em relação aos demais municípios do Estado, contando com 28.230 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2016).

Os centros de influência a Jaguarão, mais próximos, são os municípios de Pelotas e Rio Grande. Distante 395km da capital rio-grandense, Porto Alegre. É necessário reforçar que se trata de um município localizado na fronteira com o Uruguai, separado em termos de limites pelo Rio Jaguarão, que nomina a cidade. Desta forma, o local mantém, e manteve ao longo do tempo, intercâmbios no plano internacional, seja com cidades mais próximas, como Rio Branco, que está localizada

do outro lado do rio mencionado, seja com outras localidades, dentre elas a capital uruguaia, Montevidéu, que fica 412km distante de Rio branco. Observamos, a seguir, a referida localização: Figura 1 – Mapa com a localização de Jaguarão.

Figura 1 – Mapa com a localização de Jaguarão



Fonte: Disponível em: Banco de dados da pesquisa (2016).

Acerca da contextualização de Jaguarão, na tese de Miranda (2000), ***Arquitetura e Urbanismo na Fronteira Brasil/Uruguai – O Espaço comercial construído em Jaguarão/Rio Branco (1800-1940)***, identificamos um dado sobre a sua ocupação de Jaguarão que permanece atual, como pode ser percebido no mapa anterior (fig.1), especificamente ao verificarmos a extensão dos municípios mais próximos da fronteira:

> [n]esta fronteira, deu-se uma ocupação do solo, polarizada, ao longo da história de sua formação, em sua maior parte, na grande propriedade pastoril de caráter extensivo. Consequentemente, gerou-se uma região de baixa densidade demográfica, ocupada com poucos municípios. Fenômeno esse que ocorreu tanto no Rio Grande do Sul, como no Uruguai. Constituíram-se municípios com grandes extensões de áreas, concentrando populações em seus centros urbanos, suas sedes (MIRANDA, 2000, p. 390).

Esclarecidos tais aspectos temporais e espaciais, temos como objetivo geral deste estudo compreender a trajetória do Clube Jaguarense e acrescemos, ao longo do trabalho, também a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense que deu origem ao clube. Ambas instituições importantes, a nosso entender, para a cidade de Jaguarão, para que se (re)conheçam e revelem os valores associados a estes bens culturais enquanto patrimônios, sobretudointangível, na medida em que há fatos e documentos soterrados/arquivados pelo tempo, por instituições e por indivíduos.

O estudo é centrado entre a história e memória, mais precisamente no universo de aspectos que compõe aos aspectos intangíveis da entidade e, desta forma, não será direcionado para a arquitetura e tampouco para os aspectos construtivos da sua sede central. Isso embora não desconheçamos a busca pela compreensão do patrimônio cultural em sua integralidade, portanto, evitamos, sempre que possível, a dissociação radical entre patrimônio material e imaterial, sabedores de que estas são apenas categorizações institucionais e institucionalizadas, de modo que o mais comum é que ocorra indissociabilidade entre a materialidade e a imaterialidade dos bens culturais.

A denominação do clube em estudo, Jaguarense, como gentílico do município de Jaguarão, anuncia a disposição da entidade para a oficialidade, ou seja, trata-se de um clube da elite local. O clube originou-se da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense – que também se identificava com o gentílico da localidade. O Clube Jaguarense foi fundado sob a presidência do Sr. Henrique Francisco d'Ávila, natural da freguesia de Herval do Sul/RS quando esta fazia parte de Jaguarão, foi presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul entre os anos de 1880 e 1881.

A respeito do fundador[2] do Clube Jaguarense, relataremos, brevemente, sua trajetória como forma de melhor esclarecermos a menção acima, ou seja, o caráter de ter sido identificado como espaço social da elite local e, naquele momento, também estadual e nacional, pois d'Ávila ocupou cargos importantes na última década do império brasileiro sendo Ministro, Senador e Conselheiro do Imperador.

Portanto, buscamos compreender quem foi este primeiro presidente para bem esclarecer o primeiro nó identificado no estudo, que é o fim da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense e a imediata fundação do Clube Jaguarense. Sobre d'Ávila, possuía riqueza familiar desde seu nascimento a partir de propriedades familiares, de

[2] Em Pelotas/RS, no centro da cidade, a atual Praça Cipriano Barcelos foi denominada outrora como Praça Henrique Francisco d´Ávila (cf. PELOTAS, 2012).

acordo com Amanda Chiamenti Both (2016). Eduardo Álvares de Souza Soares (2007) esclarece que esse era filho do estancieiro Francisco Antônio d'Ávila, revolucionário farroupilha falecido durante um conflito, e de Anna das Chagas d'Ávila, a quem coube sua educação, decidindo, com apoio de um familiar, Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, enviá-lo para o Rio de Janeiro/RJ a fim de que estudasse no Colégio Pedro II.

Cabe destacar que d'Ávila ascendeu politicamente na segunda metade do século XIX, e compunha o estrato social mais elevado na época, que incluía, primeiro, a existência de bens materiais aliados às relações de parentesco influentes e, segundo, disposição para sair da região, migrando pelo menos de forma temporária ao centro do país com a finalidade de realização de estudos.

Conforme salienta Both (2016), outro nome importante no período imperial, com relevância em Jaguarão, foi José Francisco Diana, o Conselheiro Diana. A relação de amizade entre d'Ávila e Diana é citada pela autora, que aloca ambos como membros proeminentes na época, e, acrescentamos, estavam ligados à formação dos clubes sociais em Jaguarão e também à Bailante, o que sublinha a relevância dos espaços de sociabilidade e a sua relação com a política. Os clubes sociais e a bailante, foram identificados como espaço de exercício de liderança, ou seja, locais privilegiados para representação e promoção social.

d'Ávila e Diana[3], foram expoentes da elite local, que passaram pelo Clube e pela Bailante, assinalamos a sua função, que passava pela corte no Rio de Janeiro, portanto eram mediadores de ideias e práticas sociais e não apenas agentes do poder formal. Eles foram criadores e transformadores do poder simbólico que caracterizava uma sociedade de corte, sobretudo em seu momento derradeiro, que foi o último

[3] José Francisco Diana era advogado formado pela academia de direito de São Paulo, em 1868. Em 1869, foi presidente do Partido Liberal (monárquico) em Jaguarão por indicação de Henrique Francisco d´Ávila que foi seu vice (cf. APONTAMENTO PARA UMA MONOGRAFIA EM JAGUARÃO, 1912). Foi deputado provincial (1873/89) e deputado geral (1872/89). Foi o último Ministro dos Negócios Estrangeiros (1889) do regime monárquico, equivalente hoje ao de Ministro de Relações Exteriores. Exerceu ainda a função de professor de Carlos Barbosa Gonçalves. E após o término da Monarquia, ficou estabelecido em Montevidéu. Atualmente, a rua da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), em Jaguarão, chama-se Conselheiro Diana. E antes da proclamação da república, Diana denominou rua onde atualmente é a Rua Júlio de Castilhos. Ele casou-se com Amélia Leopoldina Côrrea, filha de Faustino Corrêa e Maria Carolina Corrêa, irmã da Minervina Carolina Corrêa. Especificamente, no contexto deste trabalho, foi identificado como membro da diretoria da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, no ano de 1875. Fez parte dos fundadores do Clube Jaguarense em 1881, compondo a Comissão Fiscal. Em 1884, aparece entre os fundadores do Clube Harmonia, de acordo com Isadora Soares Botelho (2016) na época denominado Cassino Jaguarense. Em 1888, atuou como mediador durante a fusão efêmera entre o Clube Jaguarense e a Sociedade Cassino Jaguarense que mais tarde formaria o Clube Harmonia.

decênio do regime monárquico, na penúltima década do século XIX. Aquele foi um tempo de ebulição das disputas e transformações sociais em todo o país - tratava-se do andamento de duas revoluções em curso, a abolição da escravatura e a implantação da república.

Segue mais sobre o registro dos cargos ocupados por d'Ávila e Diana:

> [a]o longo de suas carreiras foram eleitos vereadores, deputados provinciais e gerais, foram nomeados Ministros do Império (Ávila na pasta de Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1883 e Diana na pasta de Estrangeiros, em 1889) e Henrique d'Ávila foi também Senador por um longo período, além de Presidente da Província do Rio Grande do Sul (1880) e do Ceará (1889). (BOTH, 2016, p. 52).

Ainda sobre Henrique Francisco D´Ávila, este foi advogado formado pela Academia de Direito de São Paulo/SP em 1855, no primeiro Curso de Direito fundado no Brasil (por decreto imperial do Imperador Dom Pedro I, em 1827). A instituição foi criada no mesmo ato em que foi instituída a Faculdade de Olinda/PE, ambas como "Cursos de Sciencias Jurídicas e Sociaes".

Este fato trata-se de um marco para a criação das novas elites nacionais após o processo de independência brasileira pois, até aquele momento, era necessário ir a Coimbra (Portugal), geralmente, para graduar-se. Sobre o período após a independência do Brasil, José Murilo Carvalho (2002) melhor esclarece os desafios para a criação da nação:

> [a]o proclamar sua independência de Portugal em 1822, o Brasil herdou uma tradição cívica pouco encorajadora. Em três séculos de colonização (1500-1822), os portugueses tinham construído um enorme país dotado de unidade territorial, linguística, cultural e religiosa. Mas tinham também deixado uma população analfabeta, uma sociedade escravocrata, uma economia monocultora e latifundiária, um Estado absolutista. À época da independência, não havia cidadãos brasileiros, nem pátria brasileira. (CARVALHO, 2002, p.18).

Sobre a importância da educação universitária para a formação das elites nacionais, Benedict Anderson (2008) destaca que o ensino superior nas colônias espanholas foi consolidado bem antes do brasileiro, devido à proibição Portuguesa de fundar faculdades nas colônias. De tal modo, segundo o autor, este seria um dos elementos fundamentais para os processos de independência das colônias espanholas como repúblicas no começo do século XIX.

Para bem compreendermos as competências e habilidades exigidas para frequentar o ensino superior naquele período, trazemos a explicação de Elza Silva Silva (s.d.), segundo quem, acerca do ingresso no curso de Direito em São Paulo/SP,

> [n]o início, os estudantes eram admitidos mediante apresentação de certidão de idade (com um mínimo de 15 anos completos) e aprovação em exames de Língua Francesa, Gramática Latina, Retórica, Filosofia Racional e Moral e Geometria. Depois de cinco anos de curso, recebiam o grau de "bacharéis formados" [grifo da autora]. (SILVA, s.d., p. 2).

Prosseguindo com outros elementos sobre a trajetória de vida do fundador do clube, Aquiles Porto Alegre (1976), citado por Jonas Moreira Vargas (2007, p. 249) descreve o temperamento de d'Ávila como "um homem de talento, orador imaginoso e temido polemista".

Neste sentido, encontramos uma referência sua na obra *Apontamentos para uma monografia em Jaguarão* (1912), que é descrita sua dificuldade em tomar posse como presidente da Câmara pelo Partido Liberal (Monárquico) e relatara, inclusive, este fato para o Imperador Dom Pedro II, quando passou em Jaguarão no período da guerra do Paraguai, ao retornar de Uruguaiana, no ano de 1868. O fato é narrado, de tal modo que a contenda foi decidida a seu favor, após a conversa com o Imperador (d'Ávila foi designado, enquanto vereador, para acompanhar o Imperador, inclusive em uma ida ao entorno da cidade, em área hoje denominada Cerro da Pólvora).

No ano seguinte, 1869, d'Ávila funda o diretório do Partido Liberal (Monárquico), indicando Diana como presidente da agremiação, na qual ele ocupou o cargo de vice. Vargas (2007) relata que d'Ávila manteve sociedade em uma empresa bancária com Diana e esse, e no desfecho de sua vida, faleceu pobre em virtude de dívidas contraídas com empresários jaguarenses. Sobre o seu falecimento, Sergio Costa Franco (2001) escreve que ocorreu em 5 de junho de 1903, em Porto Alegre/RS.

Both (2016, p. 99), referenciando o trabalho de Maria Fernanda Vieira Martins (2007), esclarece a importância destes modos de interação no século XIX, do qual faziam parte a Bailante e depois o Clube, o qual salienta que "além do convívio dos espaços formais da política, os membros da elite política imperial encontravam-se em bailes, cafés e hotéis que todos frequentavam, onde a 'vida social misturava-se à política'" [grifo da autora].

Portanto, Clube e a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, foram centrais dentro do teatro da sociabilidade do século XIX, e depois o clube avançou no século XX. Desta forma, não era um espaço menor, este local de lazer e recreação, muito pelo contrário, nos pareceu, pelo tom identificado durante a pesquisa, o lugar da elite local.

A criação de um Clube Social, o Jaguarense, no seio da sociedade imperial, é relevante para compreendermos os seus rituais mantidos após a proclamação da república, com a permanência de rainhas, príncipes, princesinhas e outras fidalguias que remontam à natureza aristocrática da sua fundação dentro das normas e da moral rígida e excludente do Brasil Imperial, ainda escravista.

E o Clube e a Bailante, durante todo o período pesquisado, entre 1852 até 1975, tratam-se de extensões da Casa-Grande, no sentido atribuído por Gilberto Freyre em sua obra capital, **Casa-Grande & Senzala**. Desta forma, primeiro foi de fato, o Salão da Casa-Grande, no período da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, entre 1852 e 1881. E depois, quando é fundado o Clube, em 1881, ainda sob o signo da sociedade escravista, a manteve o tom da sociedade da época, mas com uma nuance que não pode passar despercebida, com a fundação dentro do Clube Jaguarense de uma entidade abolicionista, a Sociedade Emancipadora Jaguarense, em 1882.

Desta forma, o clube mostrou-se, por décadas, absolutamente impermeável à presença de pessoas negras como associado, e de acordo com o que encontramos, só acolheram os primeiros associados, pessoas negras, após 1988, com o advento da nova Constituição Federal e depois com legislação correlata que trouxe penalidades ao comportamento racista. Porém, não se apagam, ao menos, o funcionamento e fundação da Sociedade Emancipadora Jaguarense em 1882 dentro das suas dependências. Claro, ao que encontramos no trabalho, esta memória dos abolicionistas, é mais forte próxima do fato, de modo que, para as gerações seguintes, estando situadas posteriores no tempo, nos pareceu inclusive, por vezes, indiferente e, depois, esquecida.

Portanto, é necessário, sim, reconhecer este lado das entidades estudadas, o Clube Jaguarense e a Bailante, que remontam às suas bases no século XIX, mantenedores por muito tempo da segregação racial. E assim, o clube social, ao longo do estudo, nos pareceu a instituição que mais abertamente, e por vezes em caráter sub-reptício, defendeu e manteve o racismo como norma moral na sociedade brasileira. O caráter censitário também é flagrante e soma-se a isto o viés racialista;

são dois valores correlatos que acompanharam esta modalidade de associação, o que exclui pela cor da pele e o que recusa pela condição social e econômica, que depende de renda, profissão e formação familiar, completamente em acordo com a moral mais tradicional voltada, principalmente, para os pais casados acompanhados dos filhos.

Apontamos a manutenção deste viés pela segregação[4], que por muito tempo sustentou esta modalidade associativa, aponta indícios (que deverão ser avaliados em conjunto com outros fatores) para compreender certo declínio, ou mesmo a estagnação, dos clubes sociais como alternativa social na atualidade.

No que diz respeito, especificamente, à criação do Clube Jaguarense, em oposição ao formato anterior, como Sociedade Recreação Familiar, fundado ainda no tempo da Vila em 1852, foi identificada sua criação marcada pelo contexto de modernização nacional e social que acompanhou o desfecho do Brasil Império. Identificamos a saída de uma sociedade bailante para um clube, a criação de uma nova opção, mais moderna, inclusive, em parte, de inspiração franco inglesa, onde a elite local poderia ter mais opções para o seu seleto grupo social, com lazeres diversos, jogos, biblioteca e não somente bailes e saraus como outrora.

Agora, precisamos destacar que encontramos o baile e depois o carnaval, como atividades principais, embora coexistissem outras funções, sobretudo no clube, que em grande medida teve por largo período a função de centro cultural e educativo, especialmente com a sua vasta biblioteca. Em um dos nossos entrevistados, Aldyr Garcia Schlee, ao descrever o uso dos livros da biblioteca, e analisarmos o ambiente cultural e artístico do clube, percebemos como a entidade, colaborou com a sua formação artística.

Em nosso trabalho, identificamos que a sociabilidade nos clubes permaneceu como opção preferencial na sociedade sul rio-grandense até o final da década de 1940, quando são fundados os primeiros Centros de Tradição Gaúcha (CTG). Em Jaguarão o primeiro CTG fundado foi o Rincão da Fronteira, em 1954, e permanece em atividade. Sobre esta temática, dos modelos de sociabilidade, parece-nos oportuno mencionar que na zona rural de Jaguarão existia um clube aos moldes

[4]Especificamente em Jaguarão, acerca dos clubes criados por pessoas negras, pode-se verificar o trabalho de Juliana dos Santos Nunes (2010) ao estudar o primeiro clube negro, ainda em atividade, fundado em 1918 e que neste ano celebra o seu centenário, após superar grave crise, conforme registrado na dissertação realizada por Alexandre Peres Lima (2015). O Clube 24 de Agosto foi patrimonializado em 2012, tombado pelo IPHAE-RS.

urbanos, o Clube do Cerrito, 3º subdistrito, fundado como Sociedade União Familiar, em 1903, denominado mais tarde, em 1906, como Clube União Familiar. Na inauguração de sua sede, o Clube contava, inclusive, com uma biblioteca, descrita como gabinete de leitura de acordo com Eduardo Álvares de Souza Soares (2007, p. 378-414); o autor também cita a formação de uma orquestra, iniciada em 1908 e concluída em 1910 (o Clube do Cerrito funcionou até o ano de 1978).

É preciso esclarecer que o CTG, não concorre diretamente com o clube social, sendo complementar a este; inclusive, era (é) comum que associados frequentassem ambas as entidades. Julgamos oportuno destacar que a ampliação de esforços e os custos agregados e, especialmente, a opção pelo tradicionalismo por um viés identitário forte, colaborou, ao longo dos anos, para que o clube social urbano ocupasse cada vez mais uma posição modesta, especialmente no ponto onde ocorria a intersecção entre o espaço público e privado para recepção de autoridades e realização de eventos públicos.

O avanço do viés regional, consagrado pelos CTGs se consolidou como marca e local da elite, de tal modo que os clubes foram perdendo ao longo do tempo a função de salão público, visto que o CTG, em muitos casos, passou a ser a opção principal – agora mesmo, no término da escritura deste trabalho, aconteceu uma celebração que envolve a cultura do arroz, no dia 04/05/2018, com jantar e baile, realizado no CTG Rincão da Fronteira.

Neste sentido, é comum nas primeiras décadas do século XX, usar os clubes para receber autoridades, fazer celebrações cívicas, como veremos ao longo estudo, mas, com o tempo, esta função vai sendo minimizada. Acerca dessefato, remontamos que na década de 1980, quando o Presidente da República José Sarney esteve em Jaguarão, em seu trajeto constava a passagem pelo CTG Rincão da Fronteira, e não pelos clubes sociais, o que seria de praxe outrora, antes da consolidação desse novo espaço social.

Salientamos que a penúltima década do século XIX, quando foi fundado o Clube Jaguarense, foi repleta de transformações para Jaguarão dada a fundação de um clube, o primeiro da cidade, acontecimento imbricado ao fim do regime escravaista, em 1888, e à proclamação da república, em 1889 – movimentações inseridas e conectadas no âmbito dos movimentos de modernização nacional.

A existência da Sociedade Emancipadora, com funções de caráter abolicionista, funcionando no Clube Jaguarense, à partir de 1882, assim como a

predominância dos republicanos no Clube Harmonia corroboraram com as afirmações mencionadas, assim como a visita do Conde d'Eu, consorte da Princesa Isabel, a Jaguarão no ano 1885, quando, em termos de sociabilidade, foi recebido somente no Clube Jaguarense e não em seu rival, o Harmonia, chamado, na época, Cassino Jaguarense.

Figura 2 – Fachada da sede central da Associação Cruzeiro Jaguarense

Fonte: Banco de dados da pesquisa. Foto do autor (2016)

Acima, apresentamos a fachada central do Clube Jaguarense – a localização da Bailante é desconhecida. Sobre esta imagem (Figura 2), esclarecermos que, atualmente, o imóvel está interditado para uso, pois sofreu desabamento da sua cobertura no dia primeiro de novembro de 2011. Naquele momento foi realizado primeiro um escoramento do imóvel pela municipalidade, e após um salvamento emergencial.

O salvamento do prédio, para recompor sua cobertura, foi custeado através do IPHAN[5] visto tratar-se de bem protegido pelo tombamento federal. Tal fato, também influenciou a escolha por este objeto de pesquisa, visto que a entidade está encontrando dificuldades em reergue-se e manter suas atividades de forma plena.

[5] Processo número 01512002265201104. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Disponível em: <http://www.buscaoficial.com/c/diario/cx0Ddg9Kp/>. Acesso em 30 jul. 2017.

O custo do restauro é incompatível com a receita arrecada hoje pela Associação Cruzeiro Jaguarense, levando em consideração o diminuto quadro social pagante, com aproximadamente 60 (sessenta) pessoas no ano de 2017. Esta é a situação que encontramos quando foi realizado o trabalho de campo, entre os anos de 2016 e 2017 até o término da escritura deste trabalho em maio de 2018, em que o prédio estava completamente fechado, de tal modo que a ausência de usos e de manutenção também contribuíam para a sua deterioração.

Diante da situação, existe um projeto em andamento para restauração do imóvel[6], sem prazo para começar, com valor estimado em R$ 3.500.000[7] (três milhões e quinhentos mil reais).

Para dar continuidade à contextualização do suporte material do Clube Jaguarense, no centro urbano do município de Jaguarão, apresentamos outra figura (Figura 3), captada por *drone*, produzida por um vídeo aéreo, do qual retiramos a imagem. Nela é possível identificarmos o clube do alto, ampliando a visualização da imagem anterior: à esquerda, salão principal, com o telhado recuperado, por isso a tonalidade mais clara, e ao lado direito, o salão menor, com cobertura mais baixa em tom mais escuro – esta parte do imóvel, atualmente, encontra-se bastante arruinada

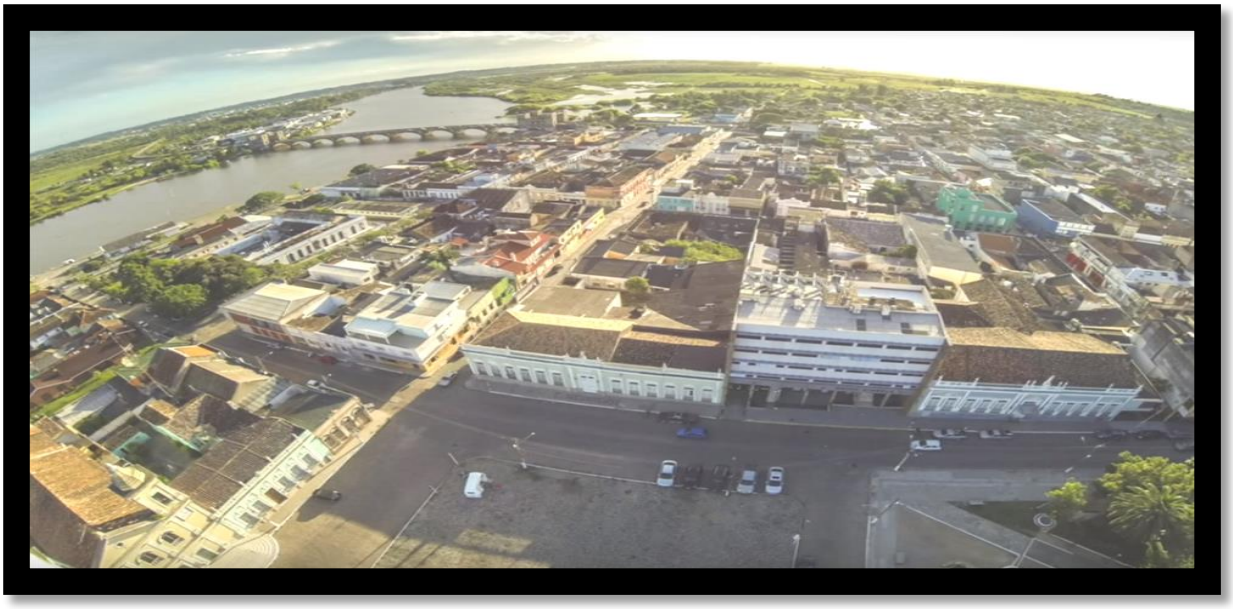
---

[6] INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONALPORTARIA N 383, DE 20 DE AGOSTO DE 2013 A PRESIDENTA DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, no uso das atribuições que lhe confere o art. 21, Inciso V, anexo I, do Decreto nº 6.844, de 07 de maio de 2009, considerando o disposto na Portaria nº. 92, de 05 de julho de 2012, publicada no DOU de 09 de julho de 2012, Considerando o processo seletivo iniciado em 30/01/2013 (Proc. 01450.004028/2013-11), para apresentação de propostas de intervenções no âmbito do PAC Cidades Históricas, pelos Chefes dos Poderes Executivos Municipais e/ou Estaduais de 44 municípios brasileiros com patrimônio histórico tombado em nível federal,Considerando que o PAC Cidades Históricas é segmento do Eixo Comunidade Cidadã do PAC 2, resolve: Art. 1º Tornar públicas as intervenções selecionadas no âmbito do PACCidades Históricas, nos termos do Anexo I.Art. 2º O início da execução das intervenções relacionadas no Anexo I está condicionada à apresentação e aprovação pelo Iphan do material técnico correspondente.Art. 3º Os recursos disponibilizados serão oriundos do Orçamento Geral da União (OGU), no âmbito da segunda fase do Programa de Aceleracao do Crescimento - PAC 2.Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.JUREMA MACHADO. Consta no anexo os seguinte projetos em Jaguarão: Finalização da restauração da Antiga Enfermaria Militar - Centro de Interpretação do Pampa – Unipampa;Finalização da restauração do Teatro Esperança; Restauração da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo; Restauração do Mercado Público Municipal; Restauração do Antigo Fórum - Casa de Cultura; Restauração da Antiga Inspetoria Veterinária; Restauração do Casarão da Prefeitura Municipal; Jaguarão Requalificação da Praça Dr. Alcides Marquese Largo das Bandeiras; **Restauração do Casarão do Clube Jaguarense**[grifos do autor]; Restauração do Casarão Clube Social 24 de Agosto; Restauração do Cine Regente. Cf. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/58125488/dou-secao-1-22-08-2013-pg-5?ref=previous_button>. Acesso em: 30 jul. 2017.

[7] O clube está elencado como a nona prioridade entre onze bens listados. Cf.Processo Prefeitura Municipal número 2771/2014-21927.Processo aberto em 22/04/2014 denominado PAC Cidades Históricas – Clube Jaguarense. Estão previstos R$ 500,000,00 (quinhentos mil reais) para estudos e projeto, e 3.000,000,00(três milhões) para a obra. O tempo estimado para a conclusão da obra ao acessar os recursos está estimado em 25(vinte e cinco) meses.

internamente. A parte mais escura, era onde estava a casa do Padre Lopes, inaugurada em 1880, e funcionou o cartório eclesiástico e a do lado, foi construída, no local em que estava a casa do Capitão Alfredo Reveillan. Atrás, seguem os respectivos acréscimos.

Figura 3 – Vista aérea da sede central da Associação Cruzeiro Jaguarense



Fonte: Disponível em: Jaguarão RGS By Fly Camara Pelotas (2017).

Nesta imagem (Figura 3) é possível identificarmos a extensão do imóvel e visualizar os arredores do prédio; na sua frente o Largo das Bandeiras e ao seu lado o Hotel Sinuelo (substituiu o hotel Suzini, derrubado na década de 1970). Ao outro lado do Hotel Sinuelo, o Clube Harmonia Jaguarão, edificação inaugurada em 1891– e na fachada consta a data de 1884, ano de fundação da associação como Cassino Jaguarense. Nota-se a competição entre os clubes, inclusive espacialmente e arquitetonicamente, próximos, com estilos e dimensões aproximadas.

Podemos identificar na imagem em questão, a Ponte Internacional Barão de Mauá, localizada à esquerda do Clube Jaguarense, ao fundo, sobre o Rio Jaguarão. Neste conjunto visual, ficam evidenciados os valores predominantes que justificaram o tombamento do centro histórico do município através do IPHAN[8], que é

[8]INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL AVISOS DE TOMBAMENTO DEFINITIVO.O INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN dirige-se a todos os interessados para lhes COMUNICAR que ocorreu o tombamento definitivo do Conjunto Histórico e Paisagístico de Jaguarão, Município de Jaguarão, Estado do Rio Grande do Sul, por meio do Processo n.º 1.569-T-08 (Processo n.º 01512.000089/2008-62), o qual foi inscrita no Livro do Tombo Histórico, volume III, fls. 53/57, número de inscrição: 615 e no Livro do Tombo

especialmente a homogeneidade da sua ambiência urbana, na maior parte assobradada e com grande número de exemplares arquitetônicos que remetem ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

O tombamento do centro urbano de Jaguarão foi realizado com base em dois valores principais: o paisagístico, conforme verificamos na imagem, e outro que é o valor histórico, conforme elencado, tendo em vista a importância da localidade inserida nas disputas entre Portugal e Espanha no contexto de formação e expansão territorial nacional. À ponte Internacional Barão de Mauá, é tombada pelo IPHAN[9], foi acrescido o valor artístico, de artes aplicadas. Além disso, foi declarada como o primeiro bem integrante como Patrimônio do Mercosul em 2015.

Entendemos que o imóvel do Clube Jaguarense possui valor artístico, além dos valores histórico e paisagístico. E Percebemos que a história identificada no clube, através deste trabalho, corrobora com os valores evidenciados pelo tombamento realizado em Jaguarão através do IPHAN.

Do exposto, temos como objetivos específicos: i. formar um banco de dados da pesquisa, com jornais e documentos que atendam ao objetivo geral deste estudo; ii. refletir sobre a Sociedade Recreação Familiar e o Clube Jaguarense, com o intuito de apreender as suas trajetórias e funções desempenhadas; iii. buscar as pontes entre a história e a memória, através dos registros encontrados, principalmente na imprensa, tendo em vista que não tivemos acesso às atas das entidades analisadas; iv. realizar entrevistas, entendidas como semi-estruturadas, de forma complementar, com informantes que possuam memórias associadas ao Clube Jaguarense; e, por fim, v.

Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, volume II, fl. 76/79, número de inscrição: 163. Amparo legal: Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, Portaria nº. 11, de 11 de setembro de 1986 e Decreto nº. 6.844, de 07 de maio de 2009. Cf. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/51086831/dou-secao-3-21-02-2013-pg-11>. Acesso em: 30 jul. 2017.

[9] INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. E ARTÍSTICO NACIONAL AVISO. O INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN dirige-se a todos os interessados para lhes COMUNICAR que ocorreu o tombamento definitivo da Ponte Internacional Mauá, Município de Jaguarão, Estado do Rio Grande do Sul, por meio do Processo n.º 1.570-T-09 (Processo n.º 01512.000067/2008-01), a qual foi inscrita no Livro do Tombo Histórico, volume III, fls. 41 a 43, número de inscrição: 607; no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, volume II, fls. 72 e 73, número de inscrição: 157 e no Livro do Tombo das Artes Aplicadas, volume I, fls. 02 a 05, número de inscrição: 05. Amparo legal: Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, Portaria nº. 11, de 11 de setembro de 1986 e Decreto nº. 6.844, de 07 de maio de 2009.JUREMA MACHADO.Presidenta do Instituto. Cf. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/43660692/dou-secao-3-28-11-2012-pg-21>. Acesso em: 30 jul. 2017.

contribuir com o registro das entidades listadas, evidenciando que a história delas, se funde com grande parte da história da cidade.

Face aos seus usos e ao reconhecimento da própria sociedade como legitimadora da sua atuação, compreendemos o Clube Jaguarense, especialmente a sua sede central, como um patrimônio comum a todos os jaguarenses – algo importante e que corrobora para o no estudo, embora estejamos direcionados para os seus aspectos intangíveis.E o trabalho, também identificou ao longo da pesquisa, que o clube social é um patrimônio vivo, em permanente transformação, pois é um equipamento cultural, sobretudo, de natureza geracional em que cada geração define, escolhe e promove os seus modos e modas relativos às mais diversas formas de sociabilidade; sejam de natureza lúdica, cultural, educativa ou esportiva.

Nesse ínterim, cabe aqui apresentarmos as questões direcionadoras que vêm permeando a pesquisa: i. Qual a importância dos objetos pesquisados para o município de Jaguarão? ii. Existem cruzamentos entre a história e memória que caracterizam o desenvolvimento das entidades pesquisadas? Na ausência de registros sobre os objetos pesquisados, julgamos necessário realizar esta etapa, que quiçá possa auxiliar inclusive os profissionais que forem trabalhar no restauro e nas áreas de história e arqueologia na sede central do Clube Jaguarense, pois assim terão mais uma fonte de apoio, além de ser um estudo específico, que de forma interdisciplinar contemplou e agrupou variada temática, personagens históricos e temas do quotidiano à partir do Clube e da Bailante, como suportes de memória.

Para atender às questões e aos objetivos que nos movem, compomos o banco de dados do estudo, com jornais, principalmente do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, dos séculos XIX e XX, com entrevistas por nós realizadas entre os anos de 2016 e 2017, e com documentos do acervo da Associação Cruzeiro Jaguarense.

É necessário esclarecermos que não foram encontradas as atas mais antigas do Clube. Assim, as entrevistas fizeram-se relevantes de forma complementar, e realizamos a procura em documentos oficiais, bem como em relatos de livros e meios eletrônicos, especialmente, na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, que foi muito útil ao estudo, com a digitalização de jornais e revistas, e também na Fundação Getúlio Vargas.

Desta forma, o centro das fontes utilizadas no estudo está situado nos jornais pesquisados, com variados títulos, que serão detalhados ao longo do estudo, em sua maior parte pertencentes ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão,

datados entre os anos de 1855 e 1975, algumas entrevistas e, especificamente, um documento emitido pela Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, fonte necessária para avançarmos na datação da Bailante, à partir de 1852.

A pesquisa assume caráter qualitativo, tal como descreve David E. Gray (2012). Nesse sentido, diferentemente da pesquisa quantitativa, os dados coletados são abertos a múltiplas interpretações e, assim, as reflexões do próprio pesquisador sobre suas ações e suas observações tornam-se parte dos dados. Nessa abordagem, a preocupação está na observação e reflexão sobre as fontes encontradas.

Sobre o método, seguimos Gray (2016), para quem o pesquisador “pode adotar várias posturas e métodos, estes incluindo o uso de observações, entrevistas, questionários e análises de documentos” (GRAY, 2012, p. 136). Em sua opinião, baseada em Uwe Flick (2006), “a pesquisa qualitativa não é construída a partir de uma teoria ou uma abordagem metodológica unificada” (FLICK, 2006 apud GRAY, 2012, p. 136). Assim, se bem entendemos, a pesquisa qualitativa, além de contextual, é reflexiva porque as observações do pesquisador tornam-se parte dos dados.

Nessa abordagem qualitativa, o presente estudo situa-se no que Gray (2012) concebe como estudo de caso. Segundo o autor, o termo é associado à pesquisa qualitativa porque este tipo de estudo possibilita a criação de diversas perspectivas, seja por meio de vários métodos de coletas de dados, seja pela criação de descrições por meio de um único método.

Com relação ao método de coleta de dados, esta abordagem, é considerada flexível. Dentre as estratégias de estudo de caso possíveis, a partir do desenho que utilizamos para configurar o trabalho, o primeiro procedimento realizado foi contatar a própria entidade para anunciarmos a presente pesquisa e com a receptividade positiva, foi dada a continuidade. Na sequência, foram disponibilizados os arquivos do Clube que estão em sua sede campestre, pois a sede central da entidade encontrava-se interditada. Ainda assim, tivemos breve acesso ao acervo que está na sede central, que não é muito vasto e é relativamente recente, mas, somado ao conjunto do que encontramos, tornou-se adequado para o trabalho.

Na ausência das atas fundadoras, a estratégia por nós adotada foi recorrer ao Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão para buscar referências, e lá achamos materiais fundamentais para que levássemos o trabalho adiante, iniciando por uma pasta específica com recortes e documentos sobre a entidade, como antigos estatutos e correspondências emitidas.

Encontramos no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão 2 dos 3 livros de visitas do clube, mais antigos, do período do Clube Jaguarense que foram cedidos em comodato para a referida instituição, conforme documento assinado em 13 de junho de 1987- o livro de visitas mais antigo não foi encontrado. Na ocasião, em 1987, o presidente José Jacinto Borges Ferreira representou o Jaguarense e Claudio Rotta Rodrigues como presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão assinaram o tal documento, em que constam como testemunhas Edmundo Neves Campos e Carlos Vilian Caetano. Por esse instrumento, foram encaminhados 903 títulos de livros que faziam parte da sua biblioteca.

Somado a isso, contatamos a Prefeitura Municipal que franqueou alguns documentos sobre a inclusão da sede central no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC Cidades Históricas) coordenado pelo IPHAN. E a municipalidade disponibilizou algumas fotos antigas – mais tarde identificadas com a sua proprietária. Além disso, foram consultadas a Biblioteca Rio-Grandense localizada em Rio Grande/RS, para verificar a incidência do tema da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, e a Biblioteca Nacional, via endereço eletrônico, e jornais na Casa de Cultura de Rio Branco, no Uruguai.

Foram contatados alguns informantes, especialmente Cleber Carvalho, que disponibilizou para consulta o seu acervo; em especial, encontramos uma medalha cunhada em Paris no ano de 1897 em que aparece em relevo a fachada do clube na frente e, no verso, uma “homenagem aos amigos e associados”.

E de forma aleatória, realizamos buscas na internet pelo nome do clube, primeiro com grafia da época de fundação, sem a vogal “e” ao final, portanto “club”, em servidor denominado Google. Nesse ínterim, foi encontrado um postal com a fachada do clube, datado em 1908, enviado de Jaguarão para Bélgica por religiosos belgas que atuaram na cidade naquele período.

Outra estratégia utilizada, foi o encaminhamento de uma nota para o Jornal ***A Folha***, de Jaguarão, publicada em meio impresso, e para o ***Zero Hora***, de Porto Alegre, veiculado em meio impresso e eletrônico; de mesmo modo, a nota esteve presente no Jornal ***Fronteira Meridional*** de Jaguarão, em meio eletrônico. O teor da

nota tornava pública a pesquisa e solicitava fotos antigas de atividades realizadas nas dependências do Clube Jaguarense[10].

Esclarecemos que não obtivemos nenhum retorno positivo. Recebemos apenas contato de outros dois pesquisadores, um que buscava fotos do Esporte Clube Cruzeiro e outro, de uma pesquisadora, que se colocava à disposição para auxiliar na pesquisa em curso, mas que não seguiu adiante. Acreditamos que a expressão "fotos antigas", visto que ilustrou a matéria uma imagem de 1913, pode ter inibido o contato, pois é provável que os acervos disponíveis não sejam tão antigos, bem como pode ser um indicativo da desagregação da entidade, pois muitos associados talvez não se considerem mais parte da entidade em atividade, talvez até pela severa crise enfrentada, e por outro lado, os sócios atuais, podem não se julgarem tão antigos. Se a memória social depende da atividade dos grupos, não restam dúvidas, que este lapso em que o clube está interditado, com atividades reduzidas, desde 2011, pode estar provocando este enfraquecimento da memória social.

Agora, ao final do estudo, compreendemos que, ao utilizarmos uma foto do Clube Jaguarense, apontamos para outro tempo, e que a mudança de designação para Associação Cruzeiro Jaguarense afetou a memória da entidade e criou uma outra – justificativa para o recorte temporal de nosso trabalho. E na época, ocorreu a criação de nova entidade, mesmo que tenha mantido as atividades anteriores e realizado expansão com maior oferta esportiva. Por fim, julgamos pertinente realizar algumas entrevistas com informantes que possuíam alguma relação de proximidade com o Clube Jaguarense, principalmente aqueles que foram associados[11].

As entrevistas, como explica Gray (2012), consideram a nossa relação com o participante e com o material coletado, que as nossas visões e reflexões tornam-se, elas próprias, parte dos dados da pesquisa, como mencionado. Tais entrevistas que realizamos, são de caráter semiestruturado, entendidas a partir das suas características enquanto entrevistas não padronizadas, em que são feitas indagações por parte do entrevistador em ordem mutável.

---

[10] Para visualizar a nota, acessar o endereço: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2016/10/clube-jaguarense-busca-fotos-antigas-7882596.html>. Acesso em: 20 mar. 2018.

[11] Atualmente, o quadro de sócios pagantes da entidade encontra-se bastante reduzido, aproximadamente com 60 sócios pagantes, de acordo com informação sucinta obtida com a secretaria da entidade durante a pesquisa. Sobre a situação anterior, encontramos um relatório da gestão de 2003 e de 2004 que apresentava a seguinte composição: 821 sócios, 437 contribuintes, 184 patrimoniais, 46 remidos e 01 semi remido. Na época da fusão com o Cruzeiro, em 1975, até onde vai o trabalho, conforme um entrevistado, a entidade contava com cerca de 300 associados.

Gray (2006) elucida que esse tipo de entrevista permite ao pesquisador aprofundar as visões e as opiniões que considere desejável e aos entrevistados aprofundar suas respostas. Entendemos tais aspectos como vitais quando assumimos uma abordagem em que o objetivo é o de explorar os sentidos subjetivos atribuídos pelos informantes. As respostas que obtivemos a partir das nossas indagações foram gravadas em áudio e transcritas conforme a fala de cada componente, buscando utilizar neste estudo apenas trechos que julgamos mais oportunos.

Em síntese, para a compreensão do bem cultural em questão, a utilização dessas fontes diversas foi uma forma de buscar entender o objeto como patrimônio cultural inserido entre a história e a memória do município de Jaguarão. Na ótica de Sandra Pesavento (2005, p. 94), “história e memória são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo”. Enquanto representação, a categoria de memória permite-nos conhecer o Clube e a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, mesmo que de forma seletiva, que não é possível tudo lembrar.Conforme segue:

> [t]rata-se, antes de tudo de pensar, a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelo homem para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2005, p.15).

Nessa linha, o trabalho não pretende apenas descrever a realidade “como ela foi” no passado; trata-se de assumirmos os riscos de estudos que versam sobre o patrimônio cultural e a memória social como local de representação e disputa entre os diversos agentes.

Desta forma, consideramos necessário outro apontamento de Pesavento (2005), ao trazermos em nosso estudo um olhar sobre a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense e o Clube Jaguarense, sobre a possibilidade e os limites do trabalho acadêmico, também como forma de representação dos objetos pesquisados a partir das fontes encontradas.

> A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. Decorre daí, portanto, a assertiva de Pierre Bourdieu, ao definir o real como um campo de forças para definir o que é real. As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que é o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos sociais. Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle social e expressa a supremacia conquistada em sua relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor à sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e papeis sociais. (PESAVENTO, 2005, p. 41-42).

Portanto, pretendemos somar a pesquisa aos demais estudos existentes para que se compreenda o lazer, a recreação e a sociabilidade vinculadas à Sociedade Recreação Familiar Jaguarense e ao Clube Jaguarense como memória. Instituições que possuem relações com a história e compõe o patrimônio cultural de Jaguarão, gravado inclusive como patrimônio nacional.

Diante disso, faz-se necessário que referenciemos algumas das obras citadas no transcorrer desta tese, como Beatriz Loner (2016) pelo uso de jornais enquanto fonte de pesquisa, especialmente os do século XIX, que, segundo a autora, trazem informações do quotidiano que não se conseguiria encontrar em outro lugar. Aponta Loner (2016) que notas extensas encontradas nos jornais do século XIX, na atualidade da sua tese, não encontrariam espaço em um jornal de bairro, destacando a força dos jornais como fonte de pesquisa. Ainda, damos evidência à tese de Dalila Müller (2008), que abordou os espaços de sociabilidade em Pelotas como referência para captar as práticas sociais da elite pelotense no século XIX; estudo que nos foi particularmente útil para refletir acerca do nosso percurso de investigação.

Especificamente sobre uso da imprensa como fonte, procuramos apoio em Marialva Barbosa (2010, 2007) nas suas respectivas obras: ***História Cultural da Imprensa Brasil: 1800-1900*** e ***História Cultural da Imprensa no Brasil: 1900 – 2000***. Barbosa (2010) esclarece que no século XIX era muito comum o tom da oralidade nos jornais, tendo em vista a sociedade ainda iletrada (não seria incomum que existissem leitores daquele periódico para outras pessoas do seu círculo de convivência próximo). Utilizamos também Ronaldo Bernardino Colvero *et al.* (2007) em seu trabalho ***Análise de fontes jornalísticas e do discurso***, especialmente por este apontar a necessidade de que se verifique o maior número de elementos possíveis do periódico para bem compreender a mensagem emitida pelo meio de comunicação. Portanto, sempre que possível, traremos informações sobre os

periódicos analisados. De modo geral, podemos anunciar que no século XIX um dos principais jornais pesquisados foi o **Atalaia do Sul** de Jaguarão, vinculado ao Partido Liberal (Monárquico); no período após a proclamação da república, dentre outros, o principal veículo utilizado foi o jornal **A Situação** do Partido Republicano RioGrandense (PRR); e por fim, ao final da década de 1930, até o desfecho do trabalho, acessamos principalmente **A Folha**, informativo independente, sem uma vinculação partidária aparente, jornal que permanece em circulação.

Sobre a importância do reconhecimento patrimonial dos clubes sociais na atualidade, corroborando com a atualidade da pesquisa, ilustramos com a seguinte declaração do Clube Literário Português como Patrimônio Cultural de natureza imaterial de Belém do Pará, tendo em vista a sua fundação em 1867. Em nota:

> [o] Grêmio Literário e Recreativo Português se tornou "Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial", através de um Projeto de Lei de autoria do vereador Mauro Freitas. O PL [Projeto de Lei] foi aprovado, por unanimidade, nesta terça-feira (22) de novembro, na Câmara Municipal de Belém (CMB). O Presidente do clube, Antônio Cunha, e o 1. Vice-Presidente, Alírio Gonçalves estiveram presentes na apresentação do projeto, no dia 30 de junho. "É um prazer e satisfação muito grande receber esta notícia no rumo dos 150 anos do Grêmio Português, o que mostra realmente que é uma grande associação entre brasileiros e portugueses. Nós estamos muito felizes", comemorou Alírio Gonçalves."O Grêmio Português foi fundado e é frequentado, por luso-amazônicos. Esta reunião de membros com mesmo pensar da cultura portuguesa deve ser reconhecida, com este título ímpar para o clube", ressalta Mauro Freitas. O PL veio como forma de reconhecimento pela tradição e os 150 anos de história, fazendo interagir a cultura portuguesa com a paraense. "Apenas 3 clubes possuem este título atualmente, são eles: Tuna, Remo e Paysandu. O Grêmio Português também merece ser reconhecido, pois é um clube centenário", explica o vereador [grifo do autor] (GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PORTUGUÊS, 2016).

Sobre memória e cultura, seguimos Marilena Chauí (2006) quando concluiu que dentre os principais pontos de avanço da cidadania cultural, estão: direito à informação, direito à fruição cultural, direito à produção cultural e direito à participação, e ainda, direito à memória, devida sua relevância como direito do cidadão, "portanto, como ação de todos os sujeitos sociais e não como produção oficial da história" (CHAUÍ, 2006, p. 125). Na abordagem da autora, com base em Merleau-Ponty (1975):

> [a] forma nobre da memória apanha as obras de arte e de pensamento como instituintes, porque abrem campos de criação e de pensamento que não poderiam existir sem elas, e como instauradoras de posteridades, porque suscitam novas criações e novos pensamentos, pois uma obra só é memorável graças ao excesso das suas significações com relação aos significantes ou aos signos disponíveis nos quais se expressa, excesso que a faz ser retomada por outros, que a continuam, transformam ou destroem. Em seu presente, a obra instaura a possibilidade de um futuro. Assim, a forma nobre da memória apanha as obras de arte e de pensamento como 'trabalho', que se realiza para dar expressão e sentido ao que não foi visto, dito, pensado ou feito, àquilo que, no presente, pede e exige expressão [grifo da autora] (CHAUI, 2006, p. 122).

Portanto, o direito à memória, de acordo com Chauí (2006), torna "visível a disputa pela memória social, deixando aparecer ações até invisíveis, capazes de questionar as significações institucionalizadas com que a sociedade constrói para si mesma seu próprio significado" (p. 124). É nesta possibilidade de construção, interpretação, reinterpretação e significação abertos a descobertas, que abordamos a memória (ou em muitos casos "as memorias") e a história em diálogo com as fontes coletadas.

Referenciamos o trabalho de Jeferson Selbach *et al.* (2017), ao registrar o quotidiano e as formas de sociabilidade em Jaguarão em seu livro *Ruralização e viver na fronteira*: *Jaguarão RS*, a partir de jornais do início do século XX e diversas entrevistas, evidencia aspectos que demarcam a importância dos clubes como um centro das relações sociais no município, demonstrando a necessidade e a fertilidade de outros estudos nessa área. A pesquisa publicada, apresenta citações ao Clube Jaguarense entre os seus entrevistados, de forma que retomaremos esta obra adiante. Ainda sobre o potencial de estudo dos clubes sociais como objeto de pesquisa, cabe mencionar a investigação de Giane Zanella Atalah (2017) que realizou seu doutoramento sobre o Clube Caixeiral em Rio Grande.

E, claro, utilizamos ainda as proposições teóricas de Jaques Le Goff (2003), particularmente aquelas que constam em sua obra *História e Memória*. No entanto, ponderamos que, para o estudo que aqui desenvolvemos, o enfoque dado por Michel de Certeau (1990) é mais adequado, em especial aquele presente em "A invenção do quotidiano", quando descreve os fenômenos sociais através da polemologia, disputas sociais que se utilizam de táticas e estratégias em virtude do espaço que ocupam. A fronteira, local do estudo, seria adequada para se pensar em termos de táticas e estratégias, mas essa parte é apenas coincidente com a escolha; a partir das entidades pesquisadas, pode-se perceber claramente, o quanto foram utilizadas pelos

atores sociaislocais como táticas e estratégias. É neste limite, entre a alegre dança e as disputas sociais, sobretudo entre os grupos majoritários na sociedade jaguarense, que identificamos e descrevemos de agora em diante.

Em síntese, o desenvolvimento deste texto conforma-se em quatro capítulos, somados a esta introdução e a uma seção de considerações finais. São eles: capítulo 1 - **A Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (1852-1881)**; capítulo 2 - **O clube Jaguarense (1881-1930)**; capítulo 3 - **O Clube Jaguarense (1921-1936)**; **capítulo 4 - O Clube Jaguarense (1937-1975)**. Cabe salientar que optamos por não realizar um capítulo em separado para a revisão teórica e metodológica, trazendo estas questões na introdução do trabalho, e tampouco construímos uma seção específica para as análises, optando por fazer isso ao longo dos capítulos e reiterando possíveis descobertas e conclusões acerca delas junto às considerações finais. Como anexo: o Termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO 1) que os voluntários assinaram antes da realização das entrevistas.

1 A SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE 1852-1881

Durante a introdução, abordamos os antecedentes do Clube Jaguarense partindo do ano de 1852, quando foi criada a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, mais conhecida na época, como Bailante devido às atividades que eram desenvolvidas. Dessa Sociedade originou-se o Clube Jaguarense após a dissolução da Bailante, a qual atendia ao público local, ou seja, a elite local da sociedade jaguarense, onde transitavam e se digladiavam as forças sociais e políticas até a sua dissolução, em 1881, acompanhando o declínio da sociedade de corte no Brasil.

Seguindo o que pretendemos durante esse capítulo, destacamos os escritos de Pesavento (2005), entendendo as potencialidades e os limites do estudo. Na concepção da autora:

> [e]m termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio de suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo. [...] A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através dos registros e sinais do passado que chegam até ele. (PESAVENTO, 2005, p. 42).

O tópico, em suma, relata o ambiente festivo do Brasil Colonial, como antecedente que atuou por mais de três séculos, alcançando o ponto inicial do século XIX, seguido do aparecimento da Associação e, após, do Clube, no Brasil Imperial.

No período que nos toca, cabe-nos pensar, primeiramente, sobre os antecedentes do país, tendo em vista que o nosso largo histórico colonial que, certamente, não se apagou de imediato com o processo de independência nacional em 1822, nos cabe compreender como era o ambiente das festividades, não só em Jaguarão, mas no Brasil Colonial como um todo e, assim, podermos seguir adiante com nosso objeto no Brasil Imperial. Ao iniciar o percurso, destacamos que este período estava profundamente marcado pelo tempo religioso, visto que a Igreja Católica permaneceu como religião oficial, no Brasil Imperial, até o fim de do ano 1889.

Emanuel Araújo (2008) destaca que no contexto colonial citado, na sociedade civil havia, espaço demasiado para festase especialmente para atividades religiosas. Para o autor,

> [h]avia, com efeito, grande quantidade de dias santos e feriados civis; em finais da década de 1810, segundo Spix e Martius, os primeiros eram exatos 35, os segundos 18 no total. O que significava, só aqui, 14,5% do ano. Acrescentem-se a esses dias de folga – e de folguedos – os domingos, naturalmente santificados, o do padroeiro do lugar e os de comemorações especiais (que ninguém era de ferro), como a transladação de qualquer imagem de uma igreja para outra, a chegada de um bispo[...] (ARAÚJO, 2008, p.127).

De acordo com que propõe Araújo (2008), a festa era considerada uma obrigação coletiva imposta, especialmente, pela Igreja Católica amalgamada no estado, diferentemente de como a entendemos hoje. Na época em questão, tratava-se de uma forma impositiva inscrita numa organização social rígida, a tal ponto que os súditos deveriam pagar multas caso não participassem das procissões – destaca inclusive o clima da inquisição que formalmente seguiu em vigor no Brasil até 1821, estabelecendo premiação pecuniária aos delatores. O autor relata:

> As autoridades mais do que estimulavam, obrigavam, a participação nas procissões. Considera-se que a lei maior do Reino, as *Ordenações*, mandava que assim fosse até para o morador a menos de uma légua da vila ou cidade em que se fizesse uma procissão, sob pena de pagar "da cadeia mil-réis, a metade para o Conselho e a outra para quem acusar". [...]. Por seu turno, as autoridades eclesiásticas eram magnânimas nessas resoluções, tanto que desde 1707 um sínodo diocesano estabelecia com rigidez provavelmente desnecessária que seria pecado mortal a não observância dos dias santificados. (ARAÚJO, 2008, p.128).

Nesta sociedade, em que o estado colonial foi estruturado em conjunto com o poder religioso, Araújo (2008) aponta que o programa contra-reformista implantando no Brasil colonial através da Companhia de Jesus, utilizava do luxo, e o esplendor, a ostentação, o gosto estético e o refinamento, como estratégias de colonização do imaginário, compondo o programa religioso e moral daquele período:

> [n]este estilo de vida que valoriza descomedidamente a indolência, havia lugar natural de destaque, sob incitação do Estado, para diversões públicas. Um estudioso do Barroco, Werner Weisbach, afirma que nas intenções contrarreformistas da Companhia de Jesus se incluía como forte elemento a propaganda "a satisfação pelo gosto e pela suntuosidade". Nas procissões, em particular, esbanjava-se tal esplendor e seus participantes podiam demonstrar em toda a pujança seu prestígio e poder, quer exibindo, durante o cortejo, trajes e ornamentos verdadeiramente deslumbrantes, quer ocupando posição de relevo no desfile religioso ou em outras cerimônias [grifo do autor] (ARAÚJO, 2008, p. 170-171).

As considerações de Araújo (2008), a nosso entender, ajudam a pensar sobre os primórdios da festa e de sua disposição dentro da organização social que, de

alguma forma, influenciaram não só a constituição das festas religiosas, mas as festas civis durante o século XIX. Ao que nos parece, este gosto e disposição para um universo mais rebuscado e onírico revelava uma matriz barroca a partir de um viés rico em imagens, povoado de criatividade, em suas diversas formas de teatralidade, que, por vezes, transborda na sua disposição para o universo burlesco.

Agora, entrando no Brasil Imperial, especificamente em nosso objeto de estudo, Roberto Duarte Martins (2001) reconhece, em Jaguarão, essa propensão para atividades lúdicas e festivas, identificando o clima de forte apelo aos divertimentos. Para ele,

> [...] é que as constantes crises enfrentadas pela população, não impediram a realização em investimentos em atividades lúdicos-culturais, o que demonstra tratar-se de uma comunidade que buscava além do crescimento econômico, uma aproximação com o mundo cultural e artístico da época. (MARTINS, 2001, p. 247).

Tal como elencado por Martins (2001), podemos considerar que existia um ambiente propício ao lazer, e além dos bailes, encontramos uma forte presença de atividades teatrais no século XIX, mesmo anteriores ao Teatro Esperança, descrito no trabalho de Carlos José Machado (2016) – inclusive com festividades carnavalescas.

Para situarmos as sociedades bailantes aqui no sul do Rio Grande do Sul, trazemos Loner (2016) discutindo sobre a cidade de Pelotas. Segundo a autora,

> [p]ara os primeiros anos o tipo mais comum foi a sociedade bailante, cuja função era realizar bailes periodicamente. Podiam ter sede própria ou funcionar junto a outra entidade, o que permite tecer a rede de relações entre os diversos tipos de associações. Algumas dessas sociedades desenvolveram grupos de teatro ou ofereciam jogos de salão para o desfrute dos associados. (LONER, 2016, p. 82).

Fazendo um levantamento, vemos que em Jaguarão existia apenas de uma sociedade dessa natureza, a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, fundada em 1852, enquanto em Pelotas, Müller (2010) encontrou mais de uma. Em Rio Grande, de acordo com Ezio Bittencourt (1999), em 1851 foi fundada a Sociedade Recreação Familiar e acresce que as seguintes entidades: Sociedade Recreio e Harmonia (1847) e Imperial Sociedade Instrução e Recreio (1854), portanto, assim como Pelotas, possuía mais de um lugar para dançar e recrear.

Diferente do trabalho de Müller (2008), ao relatar que normalmente não identifica a motivação para o desfecho das entidades durante a sua pesquisa em

Pelotas, aqui, apontamos e defendemos uma hipótese para o encerramento da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, que relataremos mais adiante. Por outro lado, não encontramos os estatutos da entidade e, no estudo mencionado, a pesquisadora encontrou e publicou em anexo de sua tese, os estatutos e o regulamento interno da Sociedade Recreação Pelotense.

De modo geral, nos chamou a atenção que a expressão recreação, naquele contexto incluía jogos lícitos, mas não encontramos menção da imprensa sobre o assunto e ficamos em dúvida se existiria ou não esta modalidade ou se a entidade estava destinada, exclusivamente, às partidas mensais e bailes. Com base nas fontes encontradas, podemos afirmar, que a sua função principal, conforme a divulgação nos jornais em Jaguarão eramos bailes.

Sergio Buarque de Holanda, em Raízes do Brasil (1995), destaca que a década de 1850 foi um período de grandes investimentos no espaço urbano, apontando que um dos motivos foi a proibição do tráfico negreiro e, assim, os capitalistas teriam mais dinheiro disponível naquele momento. Por conta disso, nos parece oportuno o desenvolvimento das sociedades bailantes, como forma de organização e recreação, no qual os grupos sociais, em suas localidades, organizariam atividades de fruição e encontros, sobretudo, para bailar. Acresce Müller (2008) que em Pelotas, e, aqui, entendemos como Rio Grande do Sul, as sociedades bailantes prosperaram após a pacificação do estado com o término da Revolução Farroupilha em 1845. Victor Andrade de Melo (2014) também destaca que este período foi relevante para a consolidação de uma sociabilidade que irradiava do centro do país. Conforme segue,

> [g]estou-se no Rio de Janeiro uma dinâmica social mais mundana, uma maior estruturação do comércio de luxos e entretenimentos, relacionados, inclusive, à conformação de uma sociedade civil que desejava (e precisava) expor publicamente seus símbolos de status e distinção. Tornaram-se mais valorizadas as atividades públicas de convivência, quase uma obrigação para os que desejavam ser reconhecidos em certos círculos sociais. (MELO, 2014, p.3).

Também identificamos na capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, a existência de uma Bailante, mas não pesquisamos o seu período de existência, só encontramos a sua localização, Praça da Matriz, mais precisamente onde se localiza, hoje, oprédio da Assembléia Legislativa - demonstrando a importância deste tipo e de associação em virtude da sua localização.

Tal Bailante, que não temos informação sobre o seu início, foi destruída, primeiramente, para dar origem a uma concha acústica ao ar livre, o auditório Araújo Vianna. O equipamento cultural foi denominado em homenagem ao músico José de Araújo Vianna e funcionou, neste local, entre os anos 1927 até 1958, e, mais tarde, deu lugar a casa dos deputados do Estado do Rio Grande do Sul (Wikipedia, 2018).

A seguir, um registro encontrado da Bailante de Porto Alegre em 1881.

Figura 4 – Praça da Matriz e Sociedade Bailante: exposição de 1881

Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo, Coleção Eva Schmid, Fototeca Sioma Breitman

Destacamos que em nosso estudo, não precisamos o local exato da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, porém sabemos, que com seu fim, em 1881, o saldo remanescente, foi utilizado para a fundação do Clube Jaguarense, e por esse motivo, julgamos adequado fazer a discussão de ambas associações.

Após elencarmos a existência das sociedades bailantes em Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, iniciando o nosso percurso a partir das fontes pesquisadas, especificamente sobre a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, destacamos o que diz o cronista, do **Jornalde Rio Grande**[12] no ano de 1855. Ressaltamos, também,

[12] Müller (2010) escreve que este jornal se destacava pelo seu caráter conservador e liberal, em fases distintas, sendo um dos jornais mais importantes do RS que circulava na zona sul gaúcha. Foi fundado em 1848 com atividades finalizadas em 1911.

que nesta época Jaguarão fazia parte de Rio Grande, por isso julgamos oportuno pesquisar ocorrências do nosso objeto de pesquisa na Biblioteca Rio-Grandense.

Aqui, o cronista do **Diário de Rio Grande**, descreve sobre a oportunidade e a importância de participar de um baile. Destacamos que nesta citação, assim como nas seguintes, procuramos atualizar a grafia, porém mantendo a estilística. Quanto aos nomes próprios, não julgamos necessário atualizá-los.

> A semana que vem, deve ser cheia, segundo anuncia, as notas telegráficas, e eu já me empenhei como Hyppolito, para me comunicar o que de bom ocorrer pelo baile de amanhã; um divertimento desta ordem neutraliza a influência dos dissabores que se possam experimentar em uma semana inteira; tenho o convite em cima da mesa, e a promessa do Hyppolito, é tudo quanto necessito o que por lá se passar. Dizem que este baile está acima do ordinário ou do costume, quanto ao serviço e a concorrência: eu observarei tudo, e darei a minha opinião; podendo desde já afirmar que a diretoria é composta de homens de bom gosto, começando pelos doutores que a isto responderão: se a bailante foi sempre bem dirigida, há razão para sê-lo melhor, porque até dos males físicos está livre: contando com dois médicos de reconhecido mérito (**DIÁRIO DE RIO GRANDE**, 19 de abril de 1855).

Do exposto, podemos observar a primeira ocorrência que encontramos através do nosso trabalho analítico nos jornais pesquisados, que referência, diretamente, a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense.

Nas palavras do cronista, podemos verificar, além do acontecimento, a formalidade com que foi convidado, visto que havia um convite à mesa. Além, encontramos a presença na administração desse espaço de sociabilidade quando se refere aos dois responsáveis da localidade que faziam parte da gestão da Bailante, identificando-os pela qualificação profissional, médicos.

Nesta mesma matéria, acrescemos que consta a descrição da participação do cronista em uma cavalhada, festividade que teatraliza uma disputa entre grupos de cavaleiros com espadas. A atividade é composta por dois grupos rivais que representavam respectivamente os portugueses, normalmente em azul, como cristãos, e os mouros, usualmente vestidos de vermelho. Com efeito, estes relatos são importantes a nosso entender, pois as menções ao ano de 1855, em Jaguarão, normalmente versam mais sobre a ocorrência do cólera.[13]

Sobre o baile, assinalava o cronista, que traria mais detalhes na semana seguinte e, assim o fez: no dia 05 de maio de 1855, registrou como foram as atividades

[13]Cf. Soares (2011). A epidemia de *Cholera morbus* foi decretada em 21 de novembro de 1855, após 86 óbitos.

em Jaguarão. Em sua notícia constava o seguinte: “[...] pois fique o mundo inteiro sabendo que estava brilhante, porque os moços e as moças dançaram muito” e ainda relatava que o baile aconteceu nos arredores da Praça da Matriz. Entre outros recreios ocorridos no mesmo dia, incluiu a participação em um assado bovino diretamente no couro[14] - atividade que também foi realizada, anos mais tarde, na sede central da Associação Cruzeiro Jaguarense (Figura 5).

Figura 5 – Assado no couro na Associação Cruzeiro Jaguarense

Fonte: Disponível em: Acervo da Associação Cruzeiro Jaguarense (s.d.)

Assado tradicional em que a carne é fica muitas horas (aproximadamente 12 horas) sendo assada diretamente no couro do animal bovino. Presenciamos o assado na Estância Bandeira, em Jaguarão, no dia 27 de janeiro de 2009, durante uma tradicional festividade, feriado municipal, dentro das atividades que marcam uma comemoração anual, que celebra a vitória sobre a invasão dos *uruguaios blancos* no município, em 1865. Após, a defesa da cidade em 1865, com os recursos possíveis, a cidade recebeu, pelo ato, a denominação do governo imperial, de Cidade Heróica. Para maior aprofundamento sobre o fato, e a sua repercussão, ver Soares (2015) e Carlos Garcia Rizzon (2016), onde situa o conflito como preâmbulo da Guerra do Paraguai.

Retornando à nota do cronista:

> Registro mais uma comelona que ocorreu de imediato, em uma chácara no cordão de Jaguarão: os assados em couro ficam excelentes, quando guerreados debaixo de frondosos alamos ou salsos com um belo tanque à pequena distância, e mais ainda ouvindo-se harmonias de uma banda de música: tive uma sensação inexpressável ao ver-me no meio de homens de bom gosto, sobressaindo, o dono da casa que não sei por que o não vi no baile. E nesse mesmo dia houve baile mascarado, experiências do Sr. Santiago, baile improvisado, segundo me disseram. **A tudo assisti: e quando me retirava, disse comigo: e digam lá que em Jaguarão se não vive, que se vegeta apenas? Quatro divertimentos em um só dia, só na corte do Rio de Janeiro** [grifo do autor]**;** para Jaguarão, é divertimento em demasia: pode causar indigestão; que os médicos possam não curar [grifo nosso] (**DIÁRIODE RIO GRANDE**, 05 de maio 1855).

Fica evidenciado, dessa maneira, o clima festivo, bem com a importância das festas e das celebrações no quotidiano de Jaguarão, visto a interjeição do cronista de que seria muita festa para época. Assinalando, que foram quatro divertimentos em um só dia, destacando, a presença de uma banda de música na zona rural, assim como a realização de um baile mascarado.

Destacamos que o jornalista não comparou Jaguarão com Rio Grande, Pelotas ou Porto alegre, e sim com a corte do Rio de Janeiro, portanto, mesmo que seja uma metáfora ou um recurso linguístico para expressar exagero, em matéria de diversão, a localidade, através da sensibilidade do cronista, estaria à frente do seu tempo.

Nos parece razoável, que a partir da colonização de Jaguarão realizada, sobretudo, por militares, sendo muitos portugueses, um estrato proeminente na época, poderiam, ao que percebemos conectar o local ao universal. E portanto, às modas do Rio de Janeiro, de Lisboa, que, por sua vez, também eram modas de um mundo de transformações que caracterizou o século XIX em diante.

As modas chegavam pelo porto, via fluvial, portanto, a existência de um porto de navegação em Jaguarão, a situava como localidade litorânea, ou seja, um local de circulação nacional e internacional, tornando-o um ambiente muito mais cosmopolita do que podemos imaginar inicialmente.

Ainda sobre as atividades na cidade, em 1855 o cronista do **Diário de Rio Grande**, evidenciando o entrelaçamento entre o exército e a igreja, relata o seguinte:

> Não devo esquecer de registrar, que a banda de música da guarda nacional, foi tocar à porta do nosso digníssimo e respeitável vigário, que havia recebido uma provisão de vigário da vara, e outra de vigário da igreja Jaguarense aprovei e aplaudi para demonstrar o quanto é credor de apreço o mesmo vigário: Deus lhe dê força para guiar ao caminho da salvação o rebanho que lhe está confiado (**DIÁRIO DE RIO GRANDE**, 05 de maio 1855).

Em 1856, encontramos uma ocorrência da Bailante em Jaguarão, no jornal **O Jaguarense**, de propriedade de Pedro Bernardino de Moura[15], o periódico circulou entre 1855 e 1857, de acordo com Eduardo Álvares de Souza Soares (2011). No dia 05 de janeiro, o jornal aborda um escândalo na Bailante, que ocorreu durante uma eleição para a diretoria da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, no dia 02 de janeiro, quando foram eleitos os membros em grande parte da diretoria anterior. Na ocasião, o jornal acusava que praticamente só a diretoria compareceu para o pleito, acrescendo que foram cerca de 15 ou 16 pessoas, mas foram apuradas 25 cédulas.

É acrescido, ainda, que outra lista de candidatos seria proposta, mas foi interceptada pelo Sr. Thomas S. Passos, ao pedir para ver a lista, a desconsiderou, rasgando o papel com os nomes. O jornal afirma que o processo foi contrário aos estatutos da entidade, presidida pelo Sr. Gonçalves da Silva Junior.

Destacamos, que em paralelo com os bailes, encontramos em praticamente todo o trabalho, questões políticas, portanto, muito mais do que a elegância dos bailes, embora ela também apareça.

Voltando ao periódico, é abordado que “a vista de semelhantes escândalos, ainda há quem queira participar de semelhante sociedade que só serve para dar lições de torpezas e imoralidade”.

O jornal externa o seu descontentamento com os demais citados na matéria de forma depreciativa como “Fonseca Moreira, Antunes Guimarães, Correia, Bonifácio, João Theodósio e Chiquinho”, e finaliza dizendo que o tenente Chiquinho, o coletor Antunes e seu escrivão, o delegado de polícia, João Barbosa, o tabelião público e outros haviam deixado os seus empregos, fugidos da cidade em função da epidemia do cólera e que retornaram no dia 02 para a votação na Bailante. A matéria encerra da seguinte forma: “Que vergonha! Que miséria!”.

Do exposto, fica evidente as disputas para o comando da sociedade, bem como o seu caráter centralizador, tendo em vista a desconsideração de uma segunda chapa para concorrer à direção da Bailante. Não encontramos cópia do seu estatuto, mas identificamos a sua formalização, pois o jornal cita a existência do estatuto e revela

[15]“Pedro Bernardino de Moura (Rio de Janeiro, 1º de agosto de 1828 — Rio Grande, 1º de outubro de 1888) foi um jornalista brasileiro.Mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde fundou diversos jornais: *O Artilheiro*, em São Gabriel, em junho de 1850; *O Jaguarense*, publicado em Jaguarão de 7 de setembro de 1855 a janeiro de 1857; *Eco do Sul*, fundado em Jaguarão, em 12 de fevereiro de 1857, a partir de 10 de outubro de 1857 publicado em Rio Grande. Teria também fundado o jornal *O Carijó*, no qual publicava com a alcunha de *Moura Carijó*”. (Wikipedia, 2018).

não só a centralização, mas denuncia a farsa da eleição, realizada como forma de legitimar, sempre que possível, os grupos dirigentes no comando.

Julgamos importante destacar esta passagem, pois não nos pareceu incomum ao longo do trabalho, que pudesse ocorrer alguma forma de acordo prévio antes do período eleitoral, evitando os dissabores de uma disputa. Algo que nos pareceu comum ao longo do estudo, mas que raramente recebe um escracho público.

Pelo visto, o agravante da epidemia do cólera, com os referidos fora de suas funções, retornando apenas para a votação, pode ter gerado uma contribuição para a virulência do jornal, pois, em períodos de exceção ou tensão social, torna-se mais complicado produzir a encenação do consenso.

Percebemos, desde o século XIX, que as entidades associativas também faziam as suas publicações oficiais nos jornais, revelando um laço profissional entre o jornal e a Bailante e, mais tarde, ao Clube Jaguarense.

Agora, cabe acrescer, que, especialmente, no século XIX, os bailes da Bailante foram descritos como acontecimentos sociais relevantes, sendo utilizados como matéria prima não só para o jornalismo informativo, mas como substrato para a literatura, descrevendo os locais como cenário para estórias, normalmente em forma de romance nos folhetins.

E sobre o uso de jornais como fonte de pesquisa, nos moldes que trabalha Barbosa (2010), é adequado para se compreender a sociedade da época, “[...] entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais diários vão se constituindo como ‘senhores da memória’ da sociedade, aumentando seu campo de atuação e o seu poder” [grifo da autora] (p. 130).

A autora também esclarece que não era incomum um exemplar de jornal ser lido para outras pessoas, dado o grande analfabetismo existente e isto justificaria o uso de uma linguagem mais coloquial, o que facilitava a oralidade de quem lia o jornal para outras pessoas. Barbosa (2010) vendo os jornais da época como um meio de comunicação que cristaliza os acontecimentos com excepcionalidade, afirma que

> Funcionando como espécie de memória escrita de uma determinada época, o jornal retém o excepcional. E mesmo quando os fatos mais cotidianos aparecem fixados sob a forma de notícias, há sempre um nexo da narrativa que transpõe esses mesmos acontecimentos do lugar do comum para o do extraordinário. Aprisionando o acontecimento num suporte de excepcionalidade, reproduz-se sob a forma de letras impressas a memória do que é excepcional (BARBOSA, 2010, p. 131).

No que se refere aos bailes no século XIX, no Rio Grande do Sul, Eloisa Capovilla Ramos (2006) esclarece que “nos clubes, tanto da capital, como do interior, o baile era uma atividade social por excelência, assim como ir ao teatro e frequentar as missas aos domingos e/ou nos dias de festa” (p. 426). Além disso,

> [e]m meados do século XIX, quando os estancieiros passaram a residir na cidade, em geral, ocuparam uma área nobre, quase sempre representada pelo entorno da praça. Laudelino de Medeiros escreveu que “ao redor da praça e ao longo da rua principal estão as habitações mais ricas. São casas de estancieiros. A frente alta estruturada, com sacadas e a porta principal proporcionada com degraus, muitas vezes de mármore. O piso da casa está a cinquenta centímetros do solo ou mais de um metro (…) de quando em vez essas casas são sobrados” [grifo da autora]. (KRAMER, 1969 apud. RAMOS, 2006, p.429).

Portanto, no contexto estadual, chamamos a atenção para a importância do baile como forma de sociabilidade dessa sociedade sul-rio-grandense no século XIX. Segundo Ramos (2006):

> Uma cidade tem muitas formas de se deixar ver e também de ser lida. Muitos são os sentidos da cidade. Percebê-los, através de sua sociabilidade, é uma das formas de vê-la e lê-la. Considerando que a sociabilidade está imbricada das condições econômicas e políticas dos habitantes, é mister ter em conta que ela vem no bojo dessas condições, mas é acrescida de distintas bagagens culturais e de costumes que poderiam ser inscritos na história de longa duração, que também acompanha os diferentes atores sociais urbanos. Em cada vila/cidade do Rio Grande do Sul no século XIX, é possível perceber esse processo de interação/segregação. Portanto, é possível, também, pensarmos nas relações. Em todas as cidades estudas há uma elite, quase sempre formada por estancieiros, charqueadores e comerciantes, possuidora de casas muito bonitas das cidades, do comércio, das terras e dos gados. É ela também que frequenta os bailes, os teatros e as festas, sejam elas religiosas ou profanas. Isso, de alguma forma iguala essas elites em seus lazeres e sociabilidades e os inscreve nos lazeres e sociabilidades de influência ocidental. (RAMOS, 2006, p.444-445).

Com foco na Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, destacamos o seu caráter de única entidade existente na cidade, congregando os seus membros mais proeminentes permanecendo até a penúltima década do século XIX, encerrando as suas funções após 29 anos de funcionamento, quando a sociedade local se mantém unida por algum tempo no Clube Jaguarense, logo se dividindo entre outros clubes sociais.

Seguindo as ocorrências nos jornais no dia 02 de julho de 1857, foi divulgado no jornal **Echo do Sul**[16], de Jaguarão, a eleição de nova diretoria para o semestre. A matéria tece elogios e descreve os seguintes nomes: Presidente Manuel Pereira Vargas – que foi o comandante militar durante a invasão dos uruguaios, conhecidos por integrar o partido *Blanco*, em Jaguarão no ano de 1865; Vice-presidente José da Silva Junior; Secretario Thomas Henrique de Carvalho; tesoureiro Antonio José Martins; Diretores: Serafim Pedro da Silva, Claudino José Gonçalves, Manuel Alves de Jesus Braz, Nicoláo Penha, José da Silva Junior e Estácio Belmond.

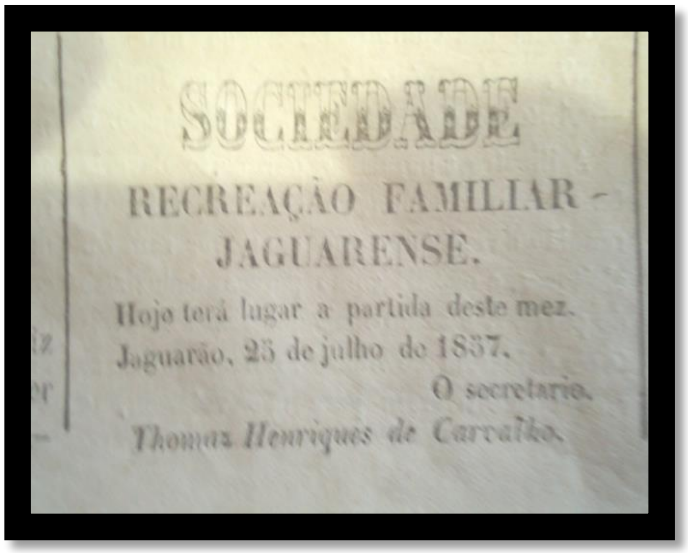
Reiteramos o reconhecimento do comandante militar Manoel Pereira Vargas, como presidente da Bailante, demonstrando a presença dos extratos mais elevados da localidade na condução da associação.

Nota-se que a estrutura desta modalidade de entidade, com seus cargos, no plano formal, teve poucas mudanças até os dias atuais, assim como a predominância masculina não é uma exclusividade do século XIX, tal fato foi constantemente encontrado ao longo do estudo até o século XX.

Vejamos, a seguir, um exemplo das partidas mensais, datada em 25 de julho de 1857, assinada pelo secretário Thomas Henriques de Carvalho, publicada no jornal **O Jaguarense.** Ressaltamos a forma estandarizada da publicação em formato de edital. Conforme segue **Figura 6** – Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (Divulgação).

[16]"Jornal que circulou entre 1855 e 1954. Fundado por Pedro Bernardino de Moura em Jaguarão, sendo depois transferido para a cidade de Rio Grande. O ano de sua fundação oscila, dependendo do autor, entre 1854 e 1858.Além do fundador, o jornal teve diversos outros redatores: Carlos Eugênio Fontoura (1858), Carlos von Koseritz (1862-64), Lobo da Costa (1872-1873), Bernardino Antônio de Gouveia Pacheco (1874), Manuel Bernardino Mello Guimarães (1874-1879), Carlos Alberto Miller (1884-1885), Rocha Galo (1889-90), João José César (1890-1892), Armando Passos Paradeda (1923-1925), Frederico Carlos de Andrade (1925) e Roque Aita Júnior (1931)". (Wikipeia 2018).

Figura 6 – Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (Divulgação)


SOCIEDADE
RECREAÇÃO FAMILIAR -
JAGUARENSE.
Hoje terá lugar a partida deste mez.
Jaguarão, 25 de julho de 1857.
O secretario.
Thomaz Henriques de Carvalho.

Fonte:**O Jaguarense**, 25 de julho de 1857

Avançando até 1865, com apoio bibliográfico, destacamos que um mês após o episódio do 27 de janeiro, a invasão dos *blancos* em Jaguarão, fato que dá a denominação para a cidade como heróica, foi realizado um Baile na Bailante (Soares, 2015), portanto em 27 de fevereiro de 1865, em comemoração ao êxito da empreitada em deter os *blancos* uruguaios, que invadiram a cidade.

Após em 1868, seguindo os registros identificados nos periódicos pesquisados, nas edições de 22 e 26 de novembro e 10 de dezembro do jornal **Atalaia do Sul**, 1868, encontramos uma menção à Bailante, de um baile ofertado ao Sr. Costa Pinho em nome do comércio local. Destacamos que grande parte da pesquisa se deu através deste veículo de comunicação, vinculado na época ao Partido Liberal (Monárquico), em oposição ao Partido Conservador (Monárquico). O proprietário do jornal era Virgílio de Seixas Barbosa.

O baile teve como convidado o conservador Antônio Costa Pinto e Silva, do Partido Conservador (Monárquico), que foi presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em 16 de setembro de 1868 a 20 de maio de 1869 (Wikipedia, 2018) neste período os presidentes das províncias eram nomeados pelo Imperador. Pelo teor ácido, a disputa se configura como política, pois o baile anunciado ofertado pelo comércio local, na verdade, seria de um ou dois comerciantes locais, o Sr. Costa Pinho estaria aqui em função das eleições. Diz ainda, que chegado há pouco na Província, se limitando a nomear e demitir funcionários. Sobre Costa Pinho.

> Nascido na cidade do Rio de Janeiro, RJ em 13.3.1826. Falecido na cidade do Rio de Janeiro em 1.6.1887. Político, capitalista, fazendeiro da “dinastia açucareira” de São Paulo”, foi grande proprietário de terras em Piracicaba. Bacharelou-se em direito pelo curso jurídico da capital paulista em 1849. .... Ingressou no Partido Conservador e foi eleito deputado provincial no Rio de Janeiro (1852) e deputado geral por São Paulo nas legislaturas de 1857 a 1865, de 1869 a 1872, de 1876 e de 1881 a 1883. .... Governou as províncias da Paraíba (1885), Rio Grande do Sul (1868), São Paulo (1870-71) e Rio de Janeiro (1885). Tornou-se ministro do Império no gabinete Caxias a partir de 15.2.1877. (Câmara de Vereadores de Piracicaba, 2018).

Neste caso, a crítica foi direta, opondo liberais contra conservadores, diz o cronista com relação ao visitante ilustre, o qual seria ofertado um baile na Bailante, que “todas as molas da máquina administrativa estão a serviço da eleição e delas não se poderia distrair..”, e completa “não é conhecido em parte alguma como administrador notável, inteligência abaixo do vulgar, sem ilustração alguma, só se distingue por sua subserviência aos seus amos”, diz ainda que foi instaurado um regime de “violência e tirania” com a sua chegada, ressaltando que suas atitudes não seriam nada favoráveis ao comércio.

Realmente observamos que os ânimos estavam exaltados e que o baile, foi um pretexto para a atividade política, embora a função da Bailante, ao que identificamos, sempre tenha sido um salão da cidade, utilizado comumente para receber autoridades, como o Presidente da Província, porém o ataque do jornalista prossegue e identifica a atividade como “uma farsa de mal gosto”.

Ainda com o **Atalaia do Sul**, no dia 26 de novembro, aparece a repercussão deste baile realizado no dia 24 de novembro de 1868, afirmando o seguinte: “Desde já garantimos que esteve em harmonia” e prossegue “Só lamentamos, que dessa vez abolissem a plateia para os pobres, foram colocados soldados na volta em forma de sítio. Sempre o mesmo receio. Quem anda aos porcos, a todos os ladosronca”.

É a primeira e única vez que encontramos a menção que existiria uma plateia para os pobres na Bailante, quiçá fosse algo específico para o recebimento das autoridades políticas, como neste caso um Presidente da Província, equivalente, aode Governador do Estado, na atualidade. Outra possibilidade, seria de, eventualmente, em algum momento da sua trajetória, a elite local se ver na Bailante, como um espetáculo que poderia ser visto e apreciado pelo restante da população que não freqüentava normalmente o local. Nos parece, por hora, mais razoável a primeira hipótese de que a Bailante como palco da política local, pudesse, sempre que

necessário, acomodar as pessoas certas para cada ocasião. De qualquer forma, destaca-se o local como o teatro por excelência das relações sociais.

Ainda nesta edição, segue uma nota sobre o baile dedicado ao Presidente da Província, Dr. Costa Pinho, tal crítica ao baile, vai receber a chamada como “Lenda semanal”. O escrutínio público realizado pela imprensa é total. Com base no baile, foi concluído que não houve nenhuma adesão do comércio local nesta atividade, visto que somente Julio Moyano (negociante importador), estaria presente no dia do baile, outro importador, Estevão Silva, um representante da Guarda Nacional, Heleodoro Moreira. Denúncia o cronista que os fundos, os recursos para o baile foram arranjados, com pedidos, segundo o jornal na “pedincharia”, pedido aos “comerciantes, sapateiros, quitandeiros, açougueiros, carpinteiros, empregados públicos e oficiais da guarda nacional e marinha, enfim, todas as classes da nossa sociedade”.

Mais adiante, o cronista “indecoroso” provoca: “[...] e por um acaso precisaria o comércio recorrer a todas as classes, incluindo os pobres para dar um baile?”. Diz que se manifestaria somente pelo comércio lícito e não os ilícitos, ao que entendemos, anuncia, mas não conclui, remetendo-se ao contrabando mais provavelmente. Assinala o jornalista que o primeiro grupo, talvez, pudesse trazer males ao Sr. Costa Pinho, mas o segundo fica em aberto. Por fim, aborda-se a falta de soldo, de remuneração dos militares, pois “tropa sem soldo, só a de bonecos de chumbo, que não vestem e não comem”.

Do conjunto, observamos o quanto os bailes poderiam ser pretexto para uma disputa, e o jornal tinha condições de pormenorizar. Destacamos a indignidade, de depender dos pobres, pedir a todos uma subscrição, uma ajuda para a festa e levanta insinuações sobre as formas de comércio, ao que parece, querendo atingir os envolvidos nesta recepção. Ainda denúncia o problema de alguma falta de pagamento ou atraso aos oficiais que nos chama a atenção dado o teor político da nota, diz que é para as leitoras! As interessadas nos assuntos do baile, diz ele: “Tenham paciência amabilíssimas leitoras”, e que traria mais informações.

É interessante observar, este jogo de linguagem, onde se afirma que o assunto dos bailes é sempre interesse para as mulheres e, por outro lado, a descrição do baile mostras uma celeuma na verdade entre os grupos dirigentes na época, liberais de um lado e conservadores do outro – não seria improvável que o cronista fosse d’Ávila, descrito como temido polemista, embora não se tenha comprovação sobre isso. De qualquer forma, deve-se aproveitar o momento, para ressaltar que, especialmente, no

século XIX é muito comum que a coluna e mais especialmente quando for um folhetim, seja anunciado como dirigido às mulheres, ou utilizando expressão da época, seria dirigida ao “belo sexo”.

Seguindo, ainda, o mesmo fato, vejamos o quanto o jornal se dedicou e se esmerou para dar vazão a uma análise minuciosa, diz o cronista que “é necessário registrar este acontecimento por um meio mais duradouro, afim de que chegue ele à posteridade com suas verdadeiras cores para que a história possa dele se servir no desenho desta época que atravessamos”. Dando sequência, é tratado o seguinte: “o pavilhão da orelha não é um depósito de fatos e sim impressões”. De forma oportuna, nos aponta os limites entre a história e a memória, que o sentido e direção também atribuída ao nosso trabalho, portanto, reina no século XIX a história e em nome dela advoga o jornalista.

Seria este um relato, história ou memória? Pelo cronista, sedento por impor a sua verdade, não há dúvidas que se trata de história, mas acentuamos que na verdade era um jornalismo de partido, que não permitia ainda o espaço para a controvérsia, ao próprio Dr. Costa Pinho. Seria uma história dos vencidos, lutando contra os vencedores, também não, pois ambos estão em lados opostos pelo mesmo motivo que envolvia a disputa pelo poder através dos partidos em vigor, portanto, trata-se de história política e da comunicação, de como operavam e se digladiavam, embora aqui só esteja presente um lado. Também é memória, pois a crônica é feita com base em relatos de terceiros que foram ao baile, mas pelo labor para descrição, é história que, escrita possivelmente sobre o que aconteceu ou pode ter acontecido. A capacidade de registrar o fato, que encontrado, pode ser utilizado como fonte histórica.

Desta forma, o próprio jornalista, aponta pistas, para os limites do estudo em tela, do que se pode apreender das fontes. O que o jornal nos revela de forma franca, era a certeza desta autoridade, da escrita edesta como forma de representação e imposição do real para impor uma verdade.

Destacamos a história como tema corrente naquele período do Brasil, lembrando da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838, com participação ativa do Imperador Dom Pedro II, trazendo a história como tema social e de Estado que se envolvia a construção da nacionalidade. E ressaltamos que não era nenhum segredo naquela época, que a história se faz por escolhas historiográficas, tanto que em 1840 se fez um concurso para saber qual a melhor forma de contar a história do Brasil. A questão foi vencida por Carl Von Martius, naturalista alemão e

executado por Francisco Adolfo de Varnhagen, militar, diplomata e historiador brasileiro, produzindo, na época, a obra História Geral do Brasil, em dois volumes (1854 e 1857).

Seguindo, ainda com o tema do baile, explica o cronista, sobre o mesmo baile citado, o que é, dividindo após a *soirée* e por fim mais abaixo o cateretê[17] como dança mais popular, trata-se de dança utilizada pelo clero na catequização dos índios, dança indígena, que ganhou contorno católico e que até hoje compõe a nossa cultura popular, especialmente a do caipira paulista.

> O baile na sua acepção técnica, é uma reunião pesada de brilhantes, e cerimonial, em que a dança serve de meio e não de fim. No soirée porém, a dança é o fim; as flores substituem os brilhantes e as valsas, polcas imperiais, russas e caranguejos, envolvem os pares nesse desalinho e confusão em que fórmulas e cerimônias desaparecem para dar lugar ao folguedo em toda a sua liberdade de expansão. E temos ainda o cateretê, no qual a dança é o fim, porém diferente do soirée quanto aos convites e modos de reunião. Para o cateretê convida-se todo o mundo e também concorrem os convivas da campanha e dos arrabaldes. E no trajar então aparece uma variedade infinita. Misturam-se os brilhantes com as flores, as sedas com as chitas, os elegantes e bem cavados decotes com os vestidos bem afogados das aldeãs, a imponente cauda formada por nesgas bem pronunciadas e esguias com arredondado balão. Na dança o cateretê ainda tem a sua originalidade, por que em alguns termos ela é livre na verdadeira acepção da palavra, e em outros ela é cerimoniosa e acanhada. A música em geral se compõe de alguma clarineta ou rebeca desafinada, e algum baixo profundo, que em suas notas mais se assemelha ao ronco do “bumba meu boi”. (**ATALAIA DO SUL**, 10 de dezembro de 1868).

À seguir, segue o jornalista, situando as leitoras, que o baile estaria abaixo da classificação de baile, visto que aconteceu sem maiores etiquetas, pois Costa Pinho saiu dançando com a senhora Mello Rego. Durante a dança, pararam de vez em quando para “limar os calos e enxugar alguns copos de cerveja”. Sobre a copa, afirma

[17]“O cateretê é uma dança rural brasileira conhecida desde eras remotas. Seu o nome é tupi a dança apresenta características indígenas. Dança-se em duas filas, uma de homens e outra de mulheres, que evolucionam uns diante dos outros ao som de palmas e bate-pés, sendo o acompanhamento constituído por duas violas. Os violeiros cantam no intervalo da dança e dirigem as evoluções do bailado. Segundo opinião corrente, a dança tem origem nos povos ameríndios, tendo sido aproveitada pelo padre Anchieta (1534-1597) nas festas católicas da catequese. Não há, porém, nenhuma descrição coreográfica de tal cateretê primitivo. As primeiras ligeiras referências a ele datam do fim do século XIX, sendo que as descrições minuciosas são todas recentes. A dança se executa sempre em fileiras formadas por homens de um lado e mulheres de outro.O caipira paulista considera que "todas as danças são invenção diabólica exceto o cateretê, porque esta foi abençoada e até praticada por Jesus, quando em sua peregrinação histórica". Para Mário de Andrade, esta superstição é uma sobrevivência histórica. Os jesuítas, no afã de retirar os índios e primeiros mestiços de suas práticas pagãs (sempre coreográficas), teriam enegrecido as danças ameríndias com o anátema divino menos o cateretê, que adotaram, substituindo-lhe os textos pagãos por outros católicos em tupi”. (Wikipedia, 2018).

que o primeiro serviço era às 11:00h, composto de 4 bandejas, pertencentes à casa, que mais parecem, segundo o jornalista “esquifes de misericórdia pobre, dentro dos quais se ofereceram balas, confeitos, torradas, pasteis e pão de ló, tudo junto em forma do Serro Leão – do Paraguai” e mais duas xícaras, que foram douradas no ano de 1845, época de inauguração da casa.

Depois de um chocolate servido, restou aos convidados “só água turva do Rio Jaguarão”. Pela ironia posta, o autor nos leva a crer que foi realizado praticamente um cateretê, mas na posição de pesquisadores, nos interessa, o relato como fonte de pesquisa e de informação.

Percebemos o uso da data de 1845 como inicial da Bailante, pode ter sido só a ironia mordaz, mais provável ou pode ser um indicativo de que a Bailante, funcionava, com esta ou outra denominação antes do ano de 1852 e segundo as fontes aferidas, conforme iremos destacar adiante, a opção desse estudo conforme fonte da própria Bailante remonta ao ano de 1852.

Referente aos quitutes servidos, independente da desordem criticada, em uma pequena embarcação (um esquife), podemos saber quais eram as opções normalmente servidas, e não se consegue aferir o que seria o Serro Leão do Paraguai, mas fica evidenciado a denominação como monte, amontoado – podemos saber que normalmente não se dançava somente, mas também existia uma hora para apreciar bebidas, como cerveja, chocolates, quitutes, doces e salgados. Por fim, evidente que a água para beber teria que sair de algum lugar, maisprovavelmente de alguma fonte, ou do próprio rio.

Conforme segue Hendrik Kraay (2017), e acrescemos, ainda, Souza (2011 p.208) sobre o jornal **Atalaia do Sul**, que teria “franca admiração pelo partido liberal”.

> As festas cívicas imperiais eram sempre festas políticas, durante as quais, os partidos políticos, através da imprensa, debatiam os significados da efeméride comemorada e procuravam desqualificar as comemorações organizadas por seus rivais. Através da discussão dos que participavam das festas, debatia-se a natureza da nação brasileira, e por vezes revelava-se a participação de um amplo leque da população urbana na política. (KRAAY, 2017 p. 179).

Concordando com (KRAAY, 2017) através deste evento aparentemente efêmero, conseguimos acessar a uma série de fatos, pessoas e situações do quotidiano do século XIX em Jaguarão que não encontraríamos de outra forma.

Neste sentido, destacamos a importância deste trabalho, como forma de compreensão do sistema social, político e cultural da época, imerso, por um lado, no seu tempo e, por outro, disputando um tempo, o futuro, visto que as descrições anunciadas, remetem a prescrições, aos ideais da época e tendem, por vezes, a querer cristalizar o poder no presente ou lançá-lo, como alternativa e, por outras, como vimos anteriormente, aponta para dissolvê-lo no passado.

Os jornais que encontramos neste período disputavam a realidade e o imaginário social, portanto, mais do que informar, a redação era um momento supremo da criação e, neste caso, devido à visita do Presidente da Província, conseguimos perceber os diversos grupos sociais.Centrando em seus dirigentes, e direcionando o discurso para o interesse coletivo, o que seria o geral, o universal, o melhor, situando os atores sociais em suas posições de hierarquia, apontando, anunciando e remetendo à posição ideal, que seria, a sua.

Seguindo, com a conceituação dos bailes[18], podemos afirmar que eles eram muito valorizados no Brasil, no século XIX. Mary Del Priore (2017) enfatiza que “as pessoas passavam a ocupar espaços públicos, quando outrora viviam no espaço privado. Esta chamada ‘boa sociedade’ constituía-se num círculo restrito com sutis gradações em seu interior, mesclando diferentes poderes”.

Como forma de exemplificação deste clima em Jaguarão, transcrevemos, a seguir, outra nota a respeito dos festejos de retorno da Guerra do Paraguai. Observamos a expressão nos salões da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense. Neste caso, também sobre a localização exata da Bailante, embora as menções encontradas apontem para o entorno da Praça Alcides Marques e Largo das Bandeiras. A expressão salões, nos remete, a casa e casarões, não identificamos um prédio construído com tal finalidade, embora possa ter existido, nos parece que a entidade funcionava em imóveis locados. Segue mais uma atividade.

> **Festejos.** Segundo nos consta promove-se nesta cidade uma subscrição, para com seu produto festejar-se a chegada aqui dos bravos corpos de 3º de Infantaria e 5º de caçadores a cavalo. Os festejos constarão de um esplêndido baile nos salões da Sociedade Recreação Familiar, que será oferecido a briosa oficialidade daqueles corpos, e de um jantar na praça de D. Afonso (**atual Comendador Azevedo**) [grifo nosso] ao qual assistirão os dois corpos que devem se achar nesta cidade hoje ou amanhã. É digno de

[18] Ao pesquisar os jornais citados anteriormente, da primeira metade da década de 1850 na Biblioteca Rio-Grandense em Rio Grande verificamos a existência naquele período inclusive anúncios de escolas onde constava a dança entre as disciplinas ofertadas.

> louvor tão patriótica ideia, e estamos certos que ela terá a aceitação de toda a população do lugar. (**ATALAIA DO SUL**, 29 de maio de 1870).

Observamos a expressão “subscrição”, no mesmo sentido do baile anterior, destinado ao Presidente da Província, que ocorria em algumas situações a coleta pública de fundos, portanto não podemos caracterizar a Bailante de Jaguarão somente como uma associação no sentido estrito, fechada aos seus sócios.

Em nossas fontes, identificamos atividades direcionadas aos sócios e outras, como as citadas, que seriam de caráter público, caracterizando o local como um salão da cidade de Jaguarão. Este baile é descrito por Francisca Carla Santos Ferrer (2011, p. 161), como um centro das comemorações da vitória da Guerra do Paraguai, e acresce que na Bailante aguardavam os soldados com a inscrição “O povo jaguarense ao 3º de infantaria e 5º de caçadores” e “As bandeiras aliadas brasileira, argentina e oriental, realçavam o ornamento de guerra”.

Dentre as atividades recreativas e lúdicas descritas nos jornais que encontramos, destacamos algumas que seguem abaixo. O primeiro trata-se de um folhetim, crônica do baile e, nela, o narrador utiliza o baile como motivo para escrever, e anuncia ser direcionado às mulheres, utilizando a citação bíblica do vale de lágrimas. Seria para o cronista, o baile, o paraíso terrestre possível.

Destaca-se ainda que as “letras, armas, artes e comércio” estariam representados e acentuou a caracterização do evento como importante para “paz, harmonia e concórdia na sociedade”, destacando, em nosso entendimento, a sua relevância como espaço público possível, mesmo que fosse uma extensão do espaço privado familiar.

> Folhetim **Crônica do baile** – “Vou principiar com todos os anjos. Sim, com anjos; **o baile em sua acepção verdadeira é um paraíso terrestre momentâneo onde habitam, voam, sorriem, suspiram anjos deste vale de lágrimas!** [grifo nosso] [...] este folhetim dirige-se somente ao belo sexo [...] o baile começou 9 horas e meia [...] A concorrência foi esplêndida e seleta. As letras, as armas, as artes, o comercio, o luxo, a elegância, a formosura, o espírito, abrilhantavam e reunião e formavam a mais bela sociedade. [...] A noite evaporou-se com entusiasmo por entre prazeres e sorrisos. Dançou-se sete quadrilhas, muitas valsas e polcas. Grande parte da reserva do sexo feio, fez constantemente a guarda de honra das contradanças [...] o baile terminou às três horas da madrugada do dia 19. Está acabado o folhetim”. (**ATALAIA DO SUL**. Jaguarão, 22 de janeiro de 1871).

Encontramos além do trecho citado, a menção ao triunfo dos liberais como motivação para o baile, pretexto alvissareiro ao jornal, portanto, um assunto

interessante para aquele momento, sendo aventada a possibilidade de se comemorar, com o baile, uma vitória prussiana sobre a França, assim a literatura em forma de folhetim, buscava a conexão, não só com assuntos locais, mas do mundo.

Aqui, encontramos o par do belo sexo, os homens eram chamados de “sexo feio”, e as tradicionais danças de salão aos moldes da corte, dentre as quais são citadas as quadrilhas, valsas e polcas, embaladas por uma orquestra em formato de banda, e deveriam obedecer a maior formalidade possível. Acrescemos que as orquestras eram centrais para a realização do baile e permaneceram não só no século XIX, mas até o final desta pesquisa, conforme iremos detalhar nos demais capítulos do trabalho, até alcançarmos o seu desfecho.

Agora, acerca da motivação para o baile, descrita em forma de folhetim, ao final, ocronista relata o galanteio, afirmando que o baile deveria ser para o belo sexo, dedicado às mulheres, fazendo ao longo da crônica uma citação ao romance cinco minutos de José de Alencar. Afirma que diante de tantas soberanas resta somente beijar-lhes as mãos como um humilde vassalo e finaliza dizendo que o baile foi realizado nos salões da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense no dia 18 de janeiro de 1871 – uma quarta-feira.

Acompanhando a Sociedade Recreação Familiar, através de notas do periódico **Atalaia do Sul**, encontramos outra, também de janeiro de 1871, que trata da realização de um sarau no dia 24 de janeiro, uma terça-feira. Destacamos esta atividade, pois difere dos bailes, pois se trata de um concerto de cordas e vocal. Ressaltamos que o texto aponta para famílias e demais expectadores, remetendo ao público da associação, primeiro e após acresce o externo, mais uma vez revelando a entidade com eventual função pública, ou pelo menos de uso público com atividades abertas, ao que parece, não só aos seus associados.

> **Sarau** – “No dia 24 do corrente, no salão da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense – Os Srs Emmanuel Cortés e Conde Luiz Mangui ofereceram o público desta cidade um esplêndido Sarau de presdigitação e concerto instrumental e vocal. A concorrência foi magnífica. O Sr. Córtés na exibição dos seus trabalhos de presdigitação e magia, no dedilhar das cordas do seu mágico violão que palpita e soluça no canto de suas canções espanholas, esteve como sempre sublime. O Sr, Mangui cantou como nunca, tivemos o prazer de ouvir diversas peças líricas. Ambos foram freneticamente aplaudidos pelas famílias, e mais expectadores que se acharam presentes. O sarau terminou a meia noite”. (**ATALAIA DO SUL**. Jaguarão, 27 de janeiro de 1871).

Após, no mesmo ano, em edição do dia 22 de junho de 1871, do jornal **Atalaia do Sul**, descreve mais uma partida mensal sob a presidência da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, de Theotonio de Bittencourt Pereira e Mello - professor público de primeiras letras. O baile foi realizado no dia 17 de junho e contou com a presença do senhor Barão de São Borja, que segundo o cronista dançou várias quadrilhas e permaneceu até o fim do baile, terminando com satisfação às 2:00h. O Barão de São Borja, na verdade, trata-se de Vitorino José Carneiro Monteiro, comandante das armas no Rio Grande do Sul neste ano (Wikipedia, 2018), portanto, mais uma vez, destacamos o caráter de salão da cidade utilizado para recepcionar as autoridades.

Segue, outro baile descrito em jornais, agora no jornal **A Reforma**, de Jaguarão, publicado em 13 de setembro de 1871, sobre as atividades da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, trata-se de uma comemoração da Independência do Brasil, ao que encontramos em nosso estudo, a independência é a principal celebração vinculada ao patriotismo no século XIX em Jaguarão.

Após o cronista prossegue, “Na noite do dia 07 de setembro de 1871 corrente – uma quinta-feira, os salões da Bailante ficaram literalmente cheios com quase tudo que há de elegante, nobre e honesto no pessoal da sociedade jaguarense”. Destacamos, nesse trecho, o nobre, reiterando o disposto neste trabalho, que o local se tratava em nosso entender da corte local, sobre a honestidade, como característica da nobreza nos parece mesmo um autoelogio, reserva moral a todos os presentes, algo não incomum ao grupo que se destacava a si mesmo na época e a elegância, sublinhando o clima aristocrático.

Na sequência, sobre este mesmo baile, diz a nota, “às 8:30 presentes todos perante o retrato do Imperador Dom Pedro II, momento em que três jaguarenses cantaram o hino da independência”. Notamos que há um primeiro momento identificado com apresentações públicas de moças, sendo estas “Maria Joaquina Villas Boas, Julia do Carmo Villas Boas e Percília Augusta Villas Boas”, filhas do tenente e coronel Joaquim Maria de Oliveira Villas Boas – filho do coronel Vicente Paulo de Oliveira Villas Boas.

Seguindo, com o relato deste grandioso baile que marcava os 49 anos da independência do Brasil, portanto ao que nos pareceu a pompa, inclusive com matéria na capa do jornal, apresentou na época um clima que se esperava pudesse anunciar e preparar o cinquentenário da independência do Brasil no ano seguinte, em 1872.

O fim da guerra do Paraguai, ao que nos pareceu também criou um clima de distensão e valorização social, a partir de inúmeras condecorações oriundas do conflito, especialmente para os militares.

Assim, no jornal e na mesma nota, prossegue, com o relato de que Dona Percília, recitou outro hino, de autoria do poeta e comendador José Maria d'Azevedo, destacando, portanto, a relação daquele grupo social com a criação artística e literária. Ainda neste evento, segue participação de José Francisco Diana, citado na introdução do trabalho, como liderança monarquista em Jaguarão, sendo um dos correligionários de Henrique d'Ávila dentro das fileiras Partido Liberal (monárquico), assim como em outros espaços, a exemplo, na Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, como veremos adiante.

Neste caso, aparece como motivo para a celebração na Bailante, a liberdade. O que nos faz questionar: que liberdade? Primeiro, a mencionada que aborda o 7 de setembro como ponto da independência do Brasil, mas nos parece evidente que se tratar de movimentações em prol de outra liberdade em curso, qual seja, a do movimento abolicionista brasileiro.

Ângela Alonso (2015) defende que o movimento abolicionista iniciou em 1868, conforme sua pesquisa "Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)" assinalando que ao iniciarem os abolicionista começam com flores, via apoio da elite imperial, em sua maior parte dos liberais, com gestos simbólicos em defesa da abolição da escravatura, como este realizado por Diana descrito adiante.

Ressalta o jornal, "Dr. José Francisco Diana e o Sr. Antonio Maria Pinto... recitaram à deusa liberdade..." e faz um paralelo, chamando-os de "dois democratas" comparando-os com Robespierre, um orador notável, alguém revolucionário e refratário à escravidão. Após, logramos acessoa trechos do jornal, como a poesia recitada por Diana, denominada como "Surge et ambula", do latim, levanta e caminha!

> [...] No festim da independência, Vejo o povo congraçado, Vem lembrar as grandes glórias do seu glorioso passado.Desde o Uruguai ao Amazonas - Por extensas zonas, Hoje nas festas solenes transbordando o coração – os filhos todos da Pátria. Vem saudar a redenção. Todos..oh.. não! – quantos deles ao peso da iniquidade, não comungam neste dia a mesma liberdade? Ai! Das festas no rumor. Não ouves um som de horror. Som que angustias mil encerra. Em suprema imprecação?...**choram os filhos desta terra nos ferros da escravidão!**[...]**Embalde correrão séculos. Este – crime – não prescreve**[...][grifo nosso]– Atenas, Roma, Cartago, Esparta[...]Medraram na liberdade, morreram na escravidão. Erguei as tendas – marche!. José Francisco Diana. (**A REFORMA**, 13 de setembro de 1871).

Destacamos a atuação de Diana, mencionado na matéria como jovem advogado, na época estava com 30 anos, formado em direito e aproveitando o momento de celebração da independência trazà tona o tema da escravidão como ponto a ser superado, isto em 1871. E defendemos aqui o nosso entendimento, do ato, como rigorosamente situado em prol do movimento abolicionista brasileiro iniciado em 1868, ano, também, de sua formatura na Faculdade de Direito de São Paulo.

Mais tarde, Diana será o último Ministro de Negócios Estrangeiros do Império, em 1889, equivalente hoje ao cargo de Ministro de Relações Exteriores e, com o fim da monarquia, segue até o final dos seus dias estabelecido em Montevidéu, sendo transladado depois do falecimento e seus restos mortais sendo depositados no cemitério das irmandades em Jaguarão.

Sublinhamos, na poesia de Diana, a expressão utilizada para escravidão em tom questionador, imprecação? Como pedido a Deus, para que algo aconteça, os quais estariam os escravizados clamando por liberdade. A grande cobertura da imprensa ao fato e ao ato contrário a escravidão, nos parece indicativa de apoio a causa. O desfecho, embora passem séculos este crime não prescreve não deixa dúvidas sobre o sentido proposto. Como anuncia, termina a poesia, levanta e caminha, com o chamado, erguei as tendas e marche... para a liberdade é evidente. Este é um apontamento, para entendermos no contexto deste estudo, pois mais tarde será fundado a Sociedade Emancipadora no Clube Jaguarense em 1882. Lembramos que neste ano, 1871, seria aprovado a Lei do Ventre Livre, de tal modo que o tema estava em evidência em todo o país.

A seguir, ainda na crônica sobre o baile do 7 de setembro, o senhor Menandro Rodrigues Fontes[19], presidente da Bailante, deu vivas ao Dia da Independência e, após, iniciou o baile com uma quadrilha francesa. O jornalista, sem rodeios, diz que: “devemos deixar por um pouco os jogos políticos para escrever algumas tiras de papel sobre o baile, essa instituição deliciosa”. Continuando: “Sim! É

[19] Filho de Francisco Rodrigues Fontes. Foi casado com Maria Joaquina Pereira, filha de Máximo Pereira (ou Máximo Pereira Machado) e Maria Clementina de Souza, prima de Barão de Mauá.Foi formado pela Academia de Direito de São Paulo, em 1868. Deputado Provincial na Assembleia Legislativa da Província do Rio Grande do Sul, em sua 15ª Legislatura/16ª Legislatura, sendo eleito no cargo de 2º Secretário, de 1º de março de 1873 a 7 de abril de 1874. Na 18ª Legislatura/19ª Legislatura foi eleito no cargo de 1º Secretário, de 10 de março a 9 de maio de 1879. Foi vice-presidente da província do Rio Grande do Sul, assumindo a presidência interinamente, de 1º de junho a 16 de julho de 1883. (Wikipidia, 2018).

muito bom dançar de vez em quando, o que além de ser, segundo os homens do tom, uma virtude elegante, é segundo formulários médicos uma virtude higiênica". Além disso, acrescenta que o baile estava muito cheio, seu salão era um "oceano de casacas, vestidos e fardas".

Acrescemos o fato de que animava o baile "as duas excelentes bandas de música dos batalhões, 3º de infantaria e do 4º regimento de cavalaria" e a descrição chega na página seguinte do jornal.

Realmente, que acontecimento conseguiria ocupar mais de duas páginas de um jornal? Isto demonstra a importância da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, como relevante para sociedade local no século XIX, de tal modo, parcialmente citado em outros estudos, pode-se a partir deste trabalho ter acesso a um panorama mais amplo destas associações e da própria sociedade jaguarense e sul-rio-grandense.

No ano seguinte, em 1872, em outra crônica o jornalista termina mais uma descrição com a seguinte indagação "E quem não terá saudades de uma noite de baile? Quem nunca teve primavera na vida, porque o baile é a flor dessa estação da existência" (**A reforma**, 9 de maio de 1872). Escolhemos esta passagem, visando a sua relevância visto que pontua o baile como espaço de juventude e este ponto não pode passar despercebido, pois tanto na Bailante quanto no Clube Jaguarense, percebemos este apelo à juventude, como o tempo da Bailante quanto do Clube, visando a empolgação, animação, recreação, assim como um espaço das correspondências amorosas, sejam elas de modo breve e claro, que por ventura poderiam desaguar em um casamento, anunciando uma de suas funções, como um "banco social", permitindo diversas trocas simbólicas e afetivas.

Seguindo com o ano de 1872, na próxima nota selecionada, temos mais uma crônica dos bailes, publicada no **A Reforma** em 12 de setembro. A crônica começa relatando o frio do momento, mas que não inibiria a ida ao baile, pois, segundo o cronista "quem deixaria de ir ao baile, quando ele é o idílio vivo dos primores da vida? A combinação mágica que simboliza a crença e a esperança, a mocidade e a ilusão, a vida e o amor?".

Vemos, assim, a permanência do tom romântico, presente em alguns dos relatos anteriores, afirmando que a vida sem os bailes seria o tédio e nos parece razoável o apontamento, pois esta seria uma das poucas diversões públicas disponíveis na época e, melhor dizendo, em termos de Bailante formal, era a única da

cidade. Além disso, fica claro a intenção do escritor em gerar empatia, visto que grande parte, ou pelo menos como era escrito, fosse de interesse de suas leitoras. Segue o excerto.

> **Folhetim o Baile Cronica elegante** – "A vida sem o baile, seria o tédio; a sociedade sem a dança, o deserto, a dor, a mágoa o desespero [...] Como mesmo compreender-se a existencia sem os zig-zags da quadrilha, os pulinhos da polca e os ritornellos caprichosos e doces da valsa? A valsa é tudo: o veneno, o beijo, o raio, o mistério, a loucura, a vertigem, o terror [...] às 3 horas da madrugada terminou o baile". (**A REFORMA**, 12 de setembro de 1872).

Seguindo a abordagem sobre a Bailante, avançando para o ano de 1875, próximo do seu desfecho em 1881, quando será encerrada. Aqui registramos uma nota do jornal **Atalaia do Sul***,* de 23 de setembro 1875, que descreve, este como um ano ruim para a Bailante e festividades em geral, pois até o glorioso 7 de setembro havia passado sem que ocorresse algum divertimento público.

Após é acrescido que as razões estariam na crise econômica do império e lembramos que este é o ano em que o Barão de Mauá quebra o seu banco e requer moratória dos credores por três anos, organizando-se para vender os seus bens, fechar o banco e saldar dívidas. A nota segue acrescendo o fato de que teriam morrido pessoas importantes na cidade, diz o seguinte "a nossa velha e constante Bailante, estava esquecida e desprezada por tal forma, e não tinha nem renda para mostrar-se decentemente". Além disso, era informado a futura eleição da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, aspirando melhorias.

Segue trecho, observando, entre os membros da diretoria da nova Bailante, que deveria superar a crise estava Henrique d'Ávila e José Diana, citados.

> Mas a bailante não pode morrer. Já faz parte esta instituição do nosso organismo social. Jaguarão sem a Bailante é um coisa sem graça, bem difícil de suportar, que em nada se parecerá com o Jaguarão. A morte da Bailante, o faria retroceder em sua civilização [Nesta nota já aparece uma nova diretoria, composta pelo Presidente Menandro Rodrigues Fontes e ainda entre os seus membros aparecem os citados Dr.Henrique Francisco d´Ávila e Dr. José Francisco Diana, como diretores] Esta diretoria abrirá uma nova época nos destinos da bailante, colocando-a em posição harmônica com o estado de nossa civilização e progresso. É de esperar que ilustre diretoria conseguirá o apoio da sociedade jaguarense para completa reabilitação da nossa única sociedade de baile público. (**ATALAIA DO SUL**, 23 de setembro de 1875).

Acreditamos, com base na pesquisa realizada, que esta participação na diretoria da Bailante trata-se também de mais uma ascensão dos liberais em oposição aos conservadores no tabuleiro social e político de Jaguarão. A nota, também prescrevia que as moças deveriam ir com vestidos de chita, pois a simplicidade garantiria a continuidade da Bailante, visto que um dos problemas apontados pelo redator seria a impossibilidade de que todos pudessem usar trajes luxuosos; portanto, o luxo seria um problema a ser extirpado do grupo, uma das razões aventadas da decadência da entidade.

Acrescemos aqui, sobre esta questão das vestimentas, que não temos o estatuto da Bailante Jaguarense, porém, observamos que tal apontamento estava previsto como norma, na Sociedade Recreação Pelotense, de acordo com (Müller, 2008 p.324) conforme o estatuto publicado em 1852. “Art. 36. São expressamente proibidos às senhoras os vestidos de seda, assim como quaisquer outros ornatos de luxo, sendo vedado aos sócios convidarem as senhoras para dançar que violarem o presente artigo”. Curiosa, norma, assim com a prescrição do jornalista, que nos parece apontar para a impossibilidade de manterem um padrão mais elevado, regulandoassim as roupas femininas.

Retomando, também sobre a presença de Diana e d’Ávila nas festividades locais, cabe a menção que ambos foram Imperadores da festa do Divino Espírito Santo (Soares, 2011), a figura máxima da festividade, respectivamente nos anos de 1876, 1877, Diana, e, d’Ávila em 1880.

No ano de 1881, o imperador foi Carlos Barbosa, mencionado logo adiante, como liderança republicana em oposição aos liberais citados, que serão literalmente destronados da cidade após o fim do regime monárquico, com a vitória dos republicanos. Na Festa do Divino, em que Diana foi imperador no ano de 1877 foi realizado de acordo com Soares (2011, p. 221) um “barracão com as ofertas a serem leiloadas durante as novenas seria erguido na Praça da Matriz, porém **O Império do Divino seria nas dependências da Bailante** [grifo nosso]. Ainda, o autor descreve, que dentre as atividade realizadas, Diana e seus mordomos, chamado na matéria de “Juiz Imperador”, foram distribuir “uma avultuada” esmola aos “infelizes presos” da cadeia assim como no hospital militar para os soldados enfermos.

Percebemos que foi mantido espírito de inversão, imprevisibilidade que caracterizam o culto, sobretudo onde se manteve mais viva a celebração, precisamente nas Ilhas dos Açores quando chegaram através dos franciscanos

espiritualistas. E depois partiram para o Brasil, com as suas diferentes nuances de acordo com a localidade que recebeu os portugueses, conforme Agostinho Silva (LEAL, 2017). Neste caso, em Jaguarão, apontava para a realização do impossível, no qual os presos seriam bem tratados, assim como os doentes mais pobres, algo em acordo com alguns traços originários do culto, que remontam ao joaquinismo[20].

Consta que na formação de Império do Divino, a corte seria composta por Imperador, Guarda da Coroa, Capitão de Mastro, Alferes de Bandeira, Pajem de Estoque e ainda os Mordomos.

Do exposto, percebemos a Bailante, naquele período, como um dos centros do Império, literalmente, em Jaguarão, local onde foi instalado inclusive o Império do Divino Espírito Santo, ao que encontramos pelo menos em 1876, portanto, império religioso e das figuras políticas do Império, ambos em fusão e profusão na sede social da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense.

Neste caso, o culto do Divino, como de esperança, paz, igualdade e fraternidade, nos parece também como ápice da congregação e da comunhão da sociedade civil na época, de tal modo que os nomes proeminentes não poderiam ficar de fora, muito menos perderiam a oportunidade de serem coroados como Imperadores. Atualmente, a festa ainda existe e conta como figura central de uma jovem imperatriz, não sabemos em que momento e por quais motivos ocorreu a mudança nesta tradição, embora nos pareça, no conjunto coerente, com a ideia de inversão social que acompanha a festa em direção à igualdade.

Seguindo, na nota seguinte, com o Jornal **Atalaia do Sul**, em 07 de outubro de 1875, o cronista salienta que a partida mensal realizada na Bailante, dia 02 de outubro,

---

[20] “Joaquim de Fiore (c. 1132 — 1202), foi um abade e filósofo místico, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo. O seu pensamento deu origem a diversos movimentos filosóficos, com destaque para os joaquimitas e florenses. Nasceu em Celico, província de Cosenza, Calábria, Itália. No seu pensamento constava três estágios, três pessoas na Santísima Trintade. A primeira idade corresponderia a Deus Pai, que seria a revelação de Jesus Cristo. E a segunda pela revelação do novo testamento, com Deus filho. E a Terceira Idade, que háde vir, corresponde ao domínio da Terceira Pessoa, e será o advento do Império do Divino Espírito Santo, um tempo novo onde o amor universal e a igualdade entre todos os membros do Corpo Místico de Deus, isto é entre os cristãos, serão alcançados. No Império do Divino Espírito Santo, as leis evangélicas serão finalmente realizadas, não só na sua letra, mas no seu *espírito*, isto é, a mensagem que nelas está escondida será finalmente compreendida e aceite pela humanidade. Na Terceira Idade, a idade da graça redentora, não haverá necessidade de leis ou instituições disciplinadoras da fé, já que esta será universal e baseada diretamente na inspiração divina, pelo que poderão ser dispensadas as estruturas institucionais do poder temporal da Igreja. Qualquer plebeu será Imperador, já que a sabedoria divina a todos iluminará igualmente, ou seja, todos se beneficiarão de uma "inteligência espiritual" capaz de permitir a plena compreensão dos divinos mistérios”. (Wikipidia, 2018).

foi muito boa, com quarenta e tantos pares formando quadrilha e reiterou a censura ao problema do luxo nas vestimentas femininas. Neste momento, a sociedade se revela, por hora, como “puramente familiar”, que no caso em tela, se entende como modesta, sobretudo, na maior parte e pelo visto, luxuosa, só em caráter excepcional.

Segue nota prescritiva.

> As excelentíssimas senhoras que frequentam a Bailante constituirão alvo de aplausos e dos louvores gerais, pela espontaneidade que afastaram daquela associação puramente familiar o luxo, que tinha determinado o período de decadência anterior dessa útil associação. Agora sim, podemos nutrir convicção robusta de que a Bailante voltará ao tempo de suas antigas glórias. (**ATALAIA DO SUL**, 07 de outubro de 1875).

Convém esclarecer, que no contexto deste estudo, é recorrente a expressão crise, eentendemos, no conjunto deste estudo, que as entidades recreativas e sociais não são uma esfera essencial da vida, sendo comum que esta modalidade de associação possa apresentar picos de esplendor, períodos de franca regularidade e momentos de crise. A crise, pode acontecer por motivos diversos, sejam de natureza financeira, política ou pela mudança no recorte geracional, ou em virtude da ausência de novas lideranças ou diferenças no gosto atual que não se reconhece mais nas antigas modas e costumes, por isso, podem levar a entidade próxima, ou ao seu fim.

Consideramos importante externarmos esta questão, pois encontramos dois pontos de finitude em nosso objeto de pesquisa, o primeiro que se aproxima com o fim da Bailante, dando origem ao Clube Jaguarense, e, bem mais tarde, também o fim do Clube Jaguarense, quando concluímos este estudo, e mais uma vez se atualizou, renovou a entidade, então nominada como Associação Cruzeiro Jaguarense, e segue em atividade, também em crise.

E na edição do jornal **Atalaia do Sul** de 16 de dezembro de 1875, é retomadaa censura ao luxo, das vestimentas femininas, diz que a concorrência foi boa, mas pelo tom dos reclames deve ter sido regular. Segue, novamente, apontamentos sobre as vestimentas femininas. A mulher passou de belo sexo para bode expiatório da entidade, razão dos seus problemas, embora não se possa desconhecer que a crise aponte modéstia, sabemos que o desfecho da bailante estava próximo, com a criação do “Club Jaguarense” em 1881.

É oportuno, na verdade, considerarmos de acordo com Lilia Schwarz (2015) o fato do Império neste período, entrava em franca deterioração, devido alguns fatores elencados:o desgaste e dívidas geradas pela Guerra do Paraguai; insatisfação dos

militares que surgia após a guerra como força social importante e que estariam descontentes com a sociedade civil; o movimento abolicionista em curso, da publicação da lei do ventre livre em 1871; a criação do movimento republicano iniciado nesta década, com manifesto publicado em 1870 no jornal **A República**; em 1872 ocorre a fundação do partido republicano; Esclarece ainda a autora que neste grave momento de crise o imperador esteve três vezes em longas viagens a Europa, nos anos de 1871, 1876 e 1887.

Segue o apontamento para as moças.

> Bem sabemos que cada um é senhor dos seus narizes, e pode dispor de como quiser sobre sua vestimenta; porém desde que se aceita um lugar entre os sócios da Bailante, renuncia-se a liberdade absoluta, para sujeitar-se a lei da associação, que prescreve grande simplicidade nos toilletes. Já a experiência nos demonstrou que não se pode sustentar a Bailante desde que comece aparecer ali o luxo, portanto é necessário que a ilustre diretoria dessa associação defenda por todos os meios contra esse inimigo da sua existência, o luxo. Indicaremos um meio. Entre todos os sócios deve ser firmado um pacto de não dançar que se apresente com toillete de luxo. Assim ficando ela a fazer crivo uma noite inteira, se convencerá que o luxo não lhe dá merecimento algum superior ao das outras, e pelo contrário afasta dela os sócios. É necessário que os pais de família e sobretudo as mães não consintam nas exagerações de faceirice de suas mimosas filhas. Não é no luxo que se bem educam as raparigas. Nos dispensarão este sermão, porém o pregamos na melhor boa fé, e no intuito de defendermos a nossa bailante da ruína. (**ATALAIA DO SUL**,16 de dezembro de 1875).

No ano seguinte, encontramos mais um baile da independência, em 1876, celebrando os 54 da independência. A ampla cobertura no jornal **Atalaia do Sul**, 1876, dos dias 11 de setembro e 14 de setembro. De novidade, o baile foi proposto por uma União Recreativa, a qual não temos conhecimento, mas, entendemos que pode indicar quiçá o declínio da Bailante, ou mesmo alguma disputa interna, obrigou a organização de um novo grupo dissidente, mantendo a crise anunciada pela imprensa no ano anterior, talvez em virtude das contendas políticas entre os grupos locais. É muito provável, que os problemas fossem mais sérios do que o luxo das vestimentas femininas censuradas em 1875. É possível, ainda, que a União Recreativa, seja composta por desafetos, provavelmente, contra os liberais, citados, que no ano anterior dirigiam a Bailante.

Em 1876, em relação às descrições anteriores, houve um conflito ocorrido na organização da comemoração da Independência brasileira em 7 de setembro. Na ocasião, um militar, o General Pedra do 5º Regimento de Cavalaria e integrante da citada União Recreativa, foi solicitado para disponibilizar a guarda de honra para a imagem da Sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II, bem como soldados músicos

para o evento. Porém, o General Pedra solicitou ao Tenente Castello Branco procurasse a direção da União Recreativa e pedisse um convite para um convidado particular, um jornalista de Rio Grande, denominado como Galo do periódico **Onze de Junho**. Ao que tudo indica, seja Rocha Galo[21].

Jaguarão estremeceu com o pedido, realizado o tom de ameaça, pois se o comandante militar citado, não conseguisse o convite, não daria a guarda para a imagem do imperador e não seriamdisponibilizados soldados e músicos. Tal fato gerou indignação e repulsa da União Recreativa que negou o pedido em virtude da ameaça exposta. Assim, na véspera do baile, foi publicada uma ordem do Sr. General Pedra, comandante da guarnição, proibindo a bandas de música do regimento de tocarem durante os dias 6, 7 e 8 de setembro.

Referente ao General, não temos maiores informações e somente identificamos uma rua no Rio de Janeiro que se chamava General Pedra e foi suprimida em virtude do reordenamento urbano durante o século XX, mas não sabemos se é o mesmo. Destacamos que neste ano, Dom Pedro II, estava em uma das suas longas viagens, que foi de 26 de março de 1876 até 26 de setembro de 1877.

Logo, seguindo o imbróglio do convite, o Sr. General Pedra mandou devolver o convite recebido e solicitou a sua supressão dos quadros sociais da União Recreativa. Como solução, foi descrita que o Senhor Albino organizasse uma banda de música "de um momento para o outro". O Sr. General Pedra telegrafou para o comando das armas da província, provavelmente em Porto Alegre, reclamando de insubordinação do Sr. Pacheco, que teria tomado algum procedimento contrário ao estabelecido, ou seja, teria colaborado com o baile.

A nota ainda aborda que os militares presentes no baile seriam punidos, nas palavras do jornal, "castigados severamente". Segue o desagravo do jornal, dizendo que "deste procedimento resulta uma ofensa feita aos habitantes de Jaguarão". Além disso, o jornalista, pelo espaço dedicado a matéria – mais de uma página, incluindo a capa – com o tom incisivo que nos leva a crer que pudesse ser inclusive o dono do

[21] "Nascido na cidade do Porto em 19 de março de 1852, Rocha Galo viveu desde criança no Brasil, publicando no Rio Grande do Sul a partir de 1874. Foi jornalista e redator de diversos jornais, como **Atalaia do Sul** (Jaguarão), **Diário Mercantil** (Rio Grande) e **Eco do Sul** (Rio Grande), sendo considerado, por Alice Campos Moreira e Elvo Clemente, como um dos primeiros críticos e biógrafos de Lobo da Costa, tendo publicado o prefácio da primeira edição das Dispersas. Sua morte, em 25 de março de 1890, por afogamento na praia do Cassino, na cidade de Rio Grande (RS), é noticiada nos jornais gaúchos com diversas manifestações em poemas e elogios fúnebres. Há o registro da publicação póstuma de algumas peças de teatro, mas nada consta que haja publicações em livro da produção poética ou crítica de Rocha Galo". (VAZ, 2003, p. 226).

jornal, assim prossegue: “Um baile dado em festejo à nossa Independência, não é simples divertimento, e sim ato solene no qual tem participação obrigadas as corporações e autoridades públicas”. Ainda é afirmado, que o General Pedra não poderia “dificultar ao povo a expansão do grandioso sentimento de patriotismo”.

Do exposto, fica evidente a importância do baile no século XIX em Jaguarão, assim como o seu grau solene, desta forma trazemos mais um elemento, qual seja a impossibilidade do ingresso de pessoas não pertencentes ao quadro social, cláusula pétrea, ao que encontramos, quando o evento não é anunciado de antemão como aberto ao público, portanto é uma regra central nesta modalidade de entidade, pelo menos no século XIX e ainda em maior parte do século XX.

Por outro lado, a União Recreativa era, do nosso ponto de vista, nova ou uma dissidência em curso da Bailante, por outro lado, a própria Bailante, que tentava se organizar de forma diversa, hipótese menos razoável, visto que ela seguiu atividade até 1881. É evidente que não encontramos a réplica do militar, General Pedra, porém destacamos, um convite para o baile, apenas um convite que gerou o fato que transbordou a normalidade da localidade naquele momento, por se tratar de uma recusa militar frente a uma comemoração civil no 7 de setembro.

Segue ainda a repercussão do caso no dia 14 de setembro, jornal **Atalaia do Sul**, reiterando a censura ao General Pedra que publica um documento, uma publicação do diário oficial n. 193, de 24 de agosto de 1876, na qual o Ministro da Guerra, Duque de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva, encaminha ao comandante local citado.

Na publicação consta o seguinte: “Pôr à disposição da sociedade comemorativa da Independência do Império.... Três bandas de música dos corpos de guarnição, para tocar nos locais indicados pela sociedade”. Tal publicação foi em resposta ao pedido da sociedade. Estabelece o jornal, como um tribuno em defesa da localidade, que não se deveria ter negado o convite ao Sr. Galo, mas que a atitude foi ofensiva aos jaguarenses.

Adverte, que o Gal. Pedra nunca ofenderá impunemente os jaguarenses, e deveria respeitar o povo sob pena de ser apeado e retirado do cargo, visto que o povo é a origem de todo o poder neste Império de Santa Cruz e, finaliza, da seguinte forma: “No Brasil, ninguém está acima do povo, e pelo contrário todos os poderes dele emanam e dele são delegados”.

Assim, com base neste fato, podemos perceber a gravidade de um baile da Independência naquele período, inclusive com publicação oficial do Duque de Caxias que, encontrava-se como presidente do Conselho de Ministros do Império (Wikipedia, 2018), portanto, como primeiro ministro em nosso sistema parlamentar da época, que no período imperial esteve em vigor de 1847 a 1889.

Não restam dúvidas, que se o baile era um ato solene e foi invocado por vontade popular, visto os reclames realizados em nome da população local, e foram surpreendidos pelo ato do general que, possivelmente poderia ter pedido o convite e recebido, sem as ameaças propostas. Logo, as ameaças, geraram a necessidade da recusa o que reverberou na união para garantir o estado de direito, visto que a oficialidade estaria convocada para o ato, de modo que o privilégio de ter um convite extra foi censurado.

A seguir, um texto interessante do jornal **Atalaia do Sul** de 30 e 31 de outubro de 1877 sobre os bailes, na coluna variedade do cronista França Junior, Joaquim José França Junior (ABL, 2018). O texto é, provavelmente, uma replicação de material redigido no Rio de Janeiro, importante, para compreendermos os bailes naquele período, visto que estabelece uma hierarquia entre os mesmos, portanto, faz uma descrição dos eventos de primeira, os de segunda e os de terceira. França Junior, teatrólogo, advogado e jornalista figura entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras com a cadeira 12, entre os 40 ingressantes. A narrativa é importante pelo tom antropológico, de reconhecer as diferenças e regularidades entre os agrupamentos sociais existentes, assim como uma disposição sociológica em perceber uma distinção entre os grupos sociais.

Diz França Junior, “[...] há bailes de primeira, segunda e terceira classe, assim como os enterros”, diz então que “os de primeira constituem o império da elegância sob as formas mais sedutoras”; “[...] nessas reuniões, onde domina a nata da sociedade não se dá um passo sem consultar o código de etiqueta e o último decreto do bom gosto”; “[...] quando tiram pares para quadrilhas não dispensam a cortesia de estilo, a qual consiste em vergar o corpo para frente, deixando pender os braços com estudada languidez”; “[...] fala ainda de ‘manual de etiquetometria’ e dos acessórios, como leques, do feminino e do masculino, denominado como ‘gibus’, que seria uma espécie de chapéu chato, e pergunta, o que faz toda essa gente? Para logo responder “conversa e dança”. Aponta que invariavelmente após uma dança, quadrilha, valsa ou

polca, se convidaria para tomar um cálice licor, e “[...] manda a boa etiqueta que as valsas sejam vertiginosas e que as quadrilhas sejam andar para frente e para trás”.

Segue França Junior, descrevendo o baile de segunda classe, apontando que ocorrem em sobrados fora do centro, descrevendo-os como zona de expansão na “cidade nova” fala em Rua do Livramento e Valongo, que bem situa o texto no Rio de Janeiro. Diz ainda “[...] entremos por um corredor mal iluminado e vamos direto à sala, onde uma orquestra, composta de um oficleide, um piston, uma rebeca e um clarinete manhoso, executa a polca “zizinha”. Diz ainda “Ali não há cerimônias e nem etiquetas” e “para assistir aquela festa não recebemos com oito dias de antecedência pomposo convite”, afirma que o dono da casa o encontra no meio da tarde e diz “apareça lá em casa hoje à noite para tomar uma xícara de chá”. Acresce, “nada de cerimônias, vai assim mesmo como estás, e leva contigo os teus amigos”.

No dia 31 de outubro no jornal **Atalaia do Sul** (1877), segue a segunda parte do material na parte do jornal **Chamada de Variedade**, tratando do baile de segunda. Finaliza França Junior, “[...] enquanto polcam, vejam o que nos cerca. Meia dúzia de crioulas com vestidos brancos e fitas à cintura guardam a porta do corredor, que dá entrada para a sala comentando o que se passa”. Diz ainda que as cores dos vestidos seriam tão variadas que “[...] não seria capaz de imaginar o pintor mais extravagante”. Que a dança seria diferente, com “Valsa em três tempos e as polcas consistem em arrastar os pés e dar as cadeiras um certo movimento de fado, que não deixa de ter uma certa originalidade”.

Segue França Junior, elencando a presença dos recitadores que “não dançam, não comem e não conversam” e segue ainda “Vão expressamente para recitar. Sentam-se em um sofá, com fronte erguida, fingindo uma certa indiferença por aquele mundo fútil e banal que lhe gira em torno”, e acrescenta “[...] parecem dizer a todo o momento: - eu recito, peçam e verão.” O cronista ainda comenta com ironia de que muitas vezes não se conhece o poeta recitado, que pode ser do “Sr. Bulhão Pato”, descrevendo o marcador das quadrilhas, apontado como alguém alegre, eloquente e que pode ser chamado no meio da noite pelos donos da festa que logo gritam e batem palmas, assim: “Meus senhores, uma quadrilha. Andem tirem os pares e vamos a isso”.

Descrevendo quando falta um, para seguirem dançando a quadrilha em busca de uma pessoa para fechar o par, e encontram uma senhora que não dançaria em

função da sua viuvez. Diz então, com humor, “E lá vai o sujeito com uma respeitável matrona, de 50 anos, depor a sua oferenda no altar de terpsícore”.

Por fim, para concluir, França Junior, narra os bailes de terceira classe. Apontando que “não reúnem a flor da sociedade, mas sim a flor da gente, que é a flor da política”. Descreve que este tem por teatro uma casa térrea, onde não teriam etiquetas “[...] e a música se compõe de flauta, violão e rebeca, sendo executada por amadores”. Diz que também se dançam quadrilhas. O serviço é o mais suculento possível “[...] peças de carne, linguiças, peixe frito em abundância, conservas de pimentões, café e cerveja marca barbante a fartar”. Diz ainda “[...] que não se fala, grita-se. Não se ceia, come-se. Não se bebe, rega-se”.

De certa hora em diante “[...] quem estava fora, já está dentro, e toma parte da função como se estivera desde o princípio”. E finaliza “É o ideal de igualdade sonhado por Platão”.

Do exposto, por França Junior, no Rio de Janeiro, em uma crônica dos bailes trouxe a atividade de acordo com o estrato social da época, abordando o baile, de acordo com a posição social, do mais formal ao mais popular. Outro ponto interessante do texto, é amostragem de como circulavam as ideias naquele momento, bem como a sua difusão através dos jornais e com a descrição realizada conseguimos conhecer e perceber até mesmo a importância do marcador de quadrilhas, personagem da época que só conhecemos pelo relato do teatrólogo, embora também seja citado, ao menos, em uma ocasião mais adiante.

Após, encontramos um texto, na mesma coluna do anterior, denominada como variedade, sobre os bailes, de outro literato, agora português, trata-se de Gervásio Lobato. Gervásio Jorge Gonçalves Lobato (Lisboa 1850-1895) foi escritor, dramaturgo, poeta, jornalista, comediógrafo, romancista e professor de declamação (Wikipidia, 2018). O título é Lirismo. Na verdade, é um texto repleto de ironias que explica como seria um baile profundamente aristocrático, diz o escritor que “[...] as senhoras tinham mais brilhantes que espírito, os homens mais nomes do que ideias, o que não quer dizer que tivessem muitos nomes.”.

Gervásio Lobato, descreve com sarcasmo o “Conde n. 2097 (vimo-nos forçado a numerá-lo na impossibilidade encontrar título que não tenha dono) [...]. Minha senhora, peço licença para apresentar o Sr. Visconde de (o número 15,009) adido a nossa legação em Mônaco.”, e, entre eles, Mademoiselle Bairrada “uma formosura, loira, alta, robusta, acostumada a vida sadia, alegre e despretensiosa da província,

ave do campo, amarrada ao *high life* de Lisboa pela grã-cruz do papa, com a voz enfastiada. E dançaram uma quadrilha, Mademoiselle Bairrada e o Visconde. Ao final seguem os galanteios, o lirismo anunciado em direção a Mademoiselle, diz que “o que lhe saia dos lábios trêmulos não eram palavras, eram compassos de cancan desvairado da sua imaginação diplomática”. Fala ainda da “formosa rapariga” que iria beijar, mas recuou, tirou as suas luvas e, alucinado, foi ceiar.

Este material, citado dos bailes, apresenta este espaço como um local dos amores, dos encantamentos, dos encontros entre as subjetividades, mas também inicia com uma ironia com a monarquia e os seus títulos, poisnão teriam mais nomes a serem dados como títulos, restando os números. Também identificamos como importante essa circulação de ideias e autores em Jaguarão sobre a temática do nosso estudo, que incluía, conforme mencionado França Junior, carioca e um literato de Portugal, o lisboeta Gervasio Lobato.

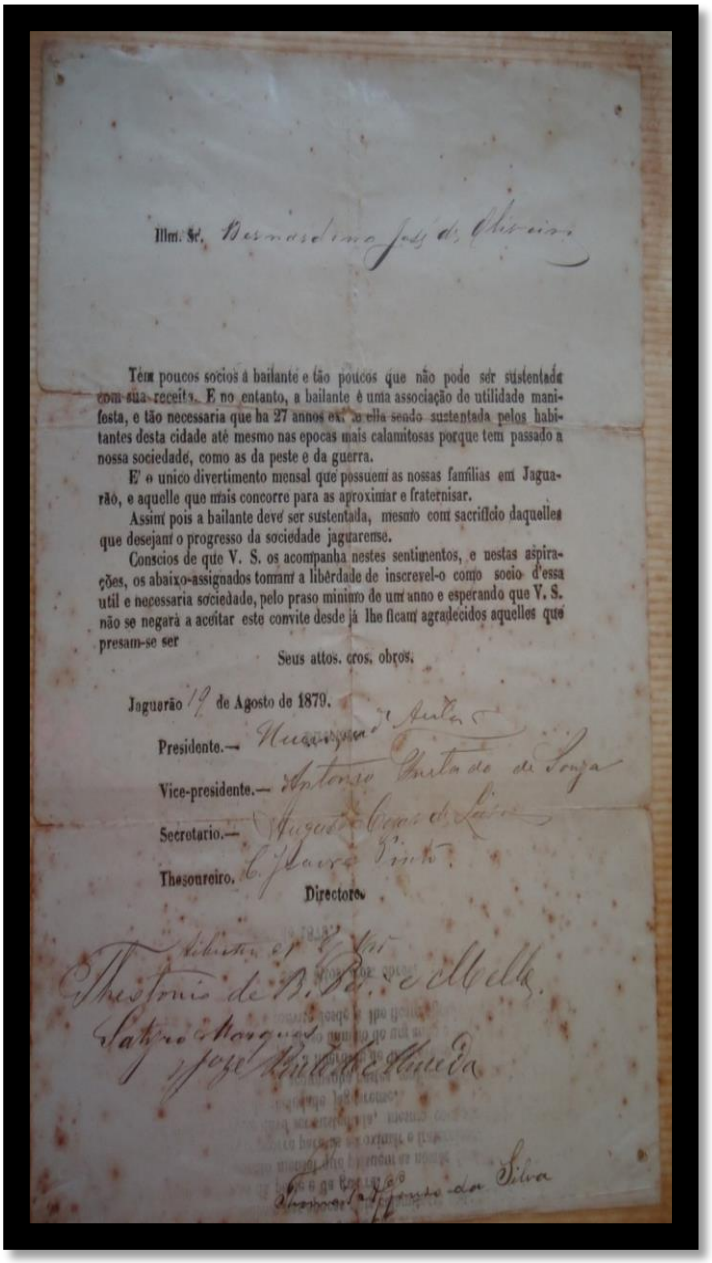
Portanto, os bailes estão inseridos nestas centralidades e passam por Jaguarão, de modo que o jornal como propulsor das ideias demonstrava, ao que nos parece, nestes dois escritores, não só uma crítica elogiosa aos bailes, e aponta para o uso da literatura como suporte para uma crítica social dos costumes.E ainda Gervásio Lobato, acena, com um certo enfado para a sociedade monárquica portuguesa – que também não tardaria por findar, no ano de 1910 mais precisamente.

Seguindo sobre a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, encontramos uma das últimas ocorrências ao final de 1878, ainda no jornal **Atalaia do Sul**, de 31 de outubro de 1878, é registrada outra atividade em homenagem ao Visconde de Pelotas[22], considerada pelo cronista como “pomposo baile”, afirmando “É de esperar que reine maior animação e brilhantismo”. No dia 06 de novembro de 1878, o jornal **Atalaia do Sul** registra de forma muito modesta e sintetiza que “[...] esteve bastante animado este baile, reinando a melhor ordem” e que teria terminado às 03 horas.

[22] Sobre o Visconde de Pelotas: “José Antônio Correia da Câmara, futuro visconde de Pelotas, nasceu em Porto Alegre em 17 de fevereiro de 1824, filho do general José Hipólito de Lima e de Maria Benedita Correia da Câmara. Seu avô, Patrício José Correia da Câmara, foi o primeiro visconde de Pelotas; em 1839 ingressou na carreira militar, no 3° Regimento de Cavalaria, e logo tomou parte em batalha contra os revolucionários envolvidos na Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, que conflagrou o Rio Grande do Sul entre 1835 e 1845. [[...]]. Em 1865, José Antônio Câmara auxiliou na retomada da cidade de Uruguaiana (RS), invadida por tropas paraguaias a mando do presidente Francisco Solano Lopes com o objetivo de aumentar o território do Paraguai e de obter uma saída para o oceano Atlântico. Em 1866 participou da Batalha do Curupaiti, e em 1868, da Batalha do Avaí, em território paraguaio. Nesse mesmo ano foi promovido a brigadeiro. Com o término da guerra, em 1870, reconhecido como um dos heróis do Exército brasileiro, foi promovido a marechal e recebeu o título nobiliárquico de visconde de Pelotas”. (Wikipedia, 2017).

Em 1879, observamos as dificuldades para manutenção da mesma, através da correspondência oficial enviada pela Bailante a Bernardino José de Oliveira, para filiação compulsória na Sociedade Recreação Familiar Jaguarense por pelo menos um ano, como forma de apoio à instituição, assinada por Henrique D'Ávila, como presidente da associação e demais integrantes da diretoria. Trazemos o documento à seguir: Figura 7. Correspondência assinda por Henrique d'Ávila pela Sociedade Recreação Familiar Jaguarão, encaminhada para José Bernardino de Oliveira em 1879.

Figura 7 –Correspondência assinada por Henrique d'Ávila pela Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, enviada para Bernardino José de Oliveira em 1879



Illm. Sr. Bernardino José de Oliveira

Tem poucos socios a bailante e tão poucos que não pode ser sustentada com sua receita. E no entanto, a bailante é uma associação de utilidade manifesta, e tão necessaria que ha 27 annos ella sendo sustentada pelos habitantes desta cidade até mesmo nas epocas mais calamitosas porque tem passado a nossa sociedade, como as da peste e da guerra.

E' o unico divertimento mensal que possuem as nossas familias em Jaguarão, e aquelle que mais concorre para as aproximar e fraternisar.

Assim pois a bailante deve ser sustentada, mesmo com sacrificio daquelles que desejam o progresso da sociedade jaguarense.

Conscios de que V. S. os acompanha nestes sentimentos, e nestas aspirações, os abaixo-assignados tomam a liberdade de inscrevel-o como socio d'essa util e necessaria sociedade, pelo praso minimo de um anno e esperando que V. S. não se negará a acceitar este convite desde já lhe ficam agradecidos aquelles que presam-se ser

Seus attos. cros. obros.

Jaguarão 19 de Agosto de 1879.

Presidente.—

Vice-presidente.—

Secretario.—

Thesoureiro.

Directores.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

Em suma, o documento, que optamos pelo seu ineditismo, inseri-lo ao longo do texto, como o único encontrado acerca da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, destaca que a Bailante funcionava há 27 anos, atravessando doenças como a epidemia da cólera, e guerras que incluíam a invasão dos *blancos* e a guerra do Paraguai. Assim, d'Ávila, o presidente da entidade, assinala que ela é o único espaço para diversões na cidade, com base nisso, solicitava devida atenção, remetendo, portanto, sua fundação ao ano de 1852.

Trata-se de documento inédito, ainda não descrito por outros autores. Ressaltamos o caráter compulsório da solicitação, destacando o dirigismo da época realizado por d'Ávila, de tal modo que não parece existir margem para recusa na participação. Por outro lado, também destaca uma constante nesta modalidade de atividade social e recreativa, a crise que, embora importante, trata-se de algo posto no horizonte de algo acessório. Pelo visto, um acessório necessário e mantido com significativa dificuldade.

Ainda sobre bailes, neste período findo da Bailante, na literatura presente nos jornais encontramos trechos da poesia *Ina* de Francisco Lobo da Costa (1853-1888), poeta, artista e teatrólogo, natural de Pelotas e que morou em Jaguarão. Segue trecho, em título denominado como literatura. Destacamos onde é mencionado o baile, como recurso ao poeta, como forma de expressão dos seus sentimentos criativos. Segue trecho.

> "**INA**
> Era no baile. Que noite!
> Que suaves harmonias!
> As Meigas auras sombrias
> Quietas vagavam no céu;
> E tu, no doido bulício
> Das orquestras fascinantes,
> Rasgavas com as bacantes
> Das alegrias o véu".
> (**ATALAIA DO SUL**, 05 de fevereiro de 1880).

Encontramos uma nota sobre a Bailante, no ano de 1880, com referência ao 7 de setembro, a descrição é modesta dizendo que o presidente da Sociedade Recreação Familiar, General Augusto Cezar da Silva, oferece um sarau na Bailante em virtude do aniversário da independência (**Atalaia do Sul**, 05 de setembro de 1880).

Após, em 16 de setembro de 1880, no jornal **Atalaia do Sul**, mais uma vez, encontramos um folhetim, que traz o baile como espaço possível para a expressão intelectual da época, ensaio que poderia quiçá revelar e projetar um novo escritor, assim a literatura realmente era a forma mais adequada de adentrar à realidade social. Neste caso, aparece um folhetim de algum autor local, não identificado nominalmente, assinado com O.D.C. O próprio jornal faz uma menção separadamente, dizendo ter recebido o texto de um amigo, "[...] um interessante folhetim que um distinto [...] cavalheiro dignou-se escrever para o nosso humilde jornal".

O folhetim é longo e aparece em cinco edições do jornal – seguindo no mesmo mês nos dias 16, 19, 23, 26 e 30, ofertado a diversas pessoas proeminentes da época, segundo o autor "[...] a quem dedico e consagro este pequeno trabalho em sinal de apreço e consideração", começando pelo Reverendo Sr. Cônego Joaquim Lopes Rodrigues, o vigário local, o Dr. Comendador Joaquim Maria de Azevedo, entre outros, como Dr. Carlos Barbosa.

Acreditamos que o escritor ao fazer um gesto de apreço, direcionando o texto para uma série de autoridades locais (dentre os quais não estão os monarquistas Henrique d'Ávila e José Diana), questão que nos faz pensar que possa ser algum jovem e talvez um republicano, pois como disse um dos nossos entrevistados, Claudio Rotta Rodrigues, sobre o contexto do final do século XIX, entre os clubes que se formariam nesta década que inicia, 1880, "havia muita gente moça" e não estariam em acordo com a sociedade anterior.

Sobre o folhetim, trata-se de história de Scesi e Alfredo, e começa em um baile, nas memórias do autor, e no início aparece um sarau. Diz o autor "Sceci brilhava no auge de toda a sua beleza, na exuberância da mocidade. Alfredo, aí penetrou com as suas 23 primaveras, seu natural e expansivo folgazão um ligeiro sorriso nos lábios, indicava a ironia, um dos traços pronunciados do seu caráter". Aparece ainda "Neste salão era tudo alegria, harmonia e perfumes". O autor segue afirmando que tudo começou ao dançarem uma quadrilha.

O folhetim, no geral, trata do amor não correspondido entre um rapaz de condição econômica inferior à da moça que proibida pela família, especialmente pelo pai, não pôde ficar com o amado. Cita no seu folhetim a obra Romeu e Julieta, exemplificando os amores impossíveis e, ao final, a amada morre de tuberculose, jurando amor eterno. Destacamos um apelo aos direitos das mulheres, isto em 1880, conforme segue Sceci.

> O que, porém, poderei eu fazer, fraca mulher, no meio de uma sociedade que nos escraviza e nos sufoca em meio da sua atmosfera? E ainda há quem diga que a mulher é livre, que tem direitos e que as leis os garantem? Mentira, tudo mentira. E se com efeito, existe essas leis, elas são ilusórias, e quebram-se impotentes de encontro aos preconceitos sociais no meio de um ambiente moral que destrói as mais legítimas aspirações e destinos da mulher. (**ATALAIA DO SUL**, 05 de setembro de 1880).

O texto do autor é claro e revela os dilemas de classe social, mostrando, a partir dos seus desejos, a condição da mulher sendo filha e subordinada do pai, situação que certamente fazia parte dos bailes da época e que nos pareceu, ao longo da pesquisa, que foi mantida em grande parte do século XX.

Nos jornais do século XX não serão encontrados textos desta natureza, o jornal como um negócio, vai utilizar, ao que nos pareceu, mais racionalmente o seu espaço, inclusive para vendas de novos produtos que vão sendo inventados, como carros, brinquedos, remédios e, mais tarde, eletrodomésticos, de tal modo que não se encontra uma produção intelectual que possa ocupar grande espaço, atravessando cinco edições de um jornal. Via de regra, no século que chega uma polêmicatoma no máximo duas edições, lembrando ainda dos cerceamentos a liberdade de imprensa, impostos em mais de uma ocasião durante o século XX.

Os clubes sociais, no século XX, vão aparecer sempre em notas mais reservadas, não sabemos se pagas, mas é muito provável que algumas possam ser, ao menos as publicações oficiais, de tal modo que a relação entre os clientes segue normalmente de forma inabalada, salvo raras exceções. Desta forma, para melhor adentrar na compreensão do modelo inicial de sociabilidade do Clube Jaguarense, foi importante pesquisar os jornais do século XIX e a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense.

Ainda nos jornais, seguindo o autor do folhetim Sceci, ao que tudo indica, foi escrito por um jovem apaixonado que serevela, em 21 de outubro de 1880, para a sua amada, em uma poesia, publicada no jornal **Atalaia do Sul**, segundo o jornal à pedido. Trata-se das suas iniciais, J. G, direcionado para Sr. D. Andrezza Dias. Diz parte do poema “Naquele baile em que prendi o teu colo, Ainda te lembras?. Que formoso céu, Tu deslizavas sem pisar o sólo, Eu mergulhava em um profundo véu”. Para finalizar “Andreza, aceita, deste amor a coroa, que te ofereço ajoelhado ao chão”. Mais uma vez, o baile aparece, não só na literatura, mas ao que parece, também no campo do desejo e nas iniciações amorosas, sejam elas mais ou menos possíveis.

Em 31 de outubro de 1880, no jornal **Atalaia do Sul**, encontramos, uma crônica curiosa e interessante que trata de um testemunho, que a década de 1880 viria com mudanças e isto nos interessa, pois logo deve ser encerrada a Bailante e iniciar as funções do Clube Jaguarense.

O literato afirma que este não seria mais um período das esperas, texto é assinado por L. Guimarães Junior[23], trata-se de Luiz Pereira Guimarães Junior. O texto chama-se “reputações de cinco minutos”. Seguem alguns trechos.

> I. Isto não é raro; vê-se todos os dias isto! As grandes reputações do século da eletricidade, das máquinas de costura, duram quando muito... cinco minutos. Cinco minutos de reputação equivalem a cinco anos de trabalho assíduo, pesado, impertinente e inglório! Tudo corre hoje; olha-se a gente às pressas, ama-se às pressas, e os médicos aperfeiçoam a ciência a ponto de matarem um pobre diabo em menos tempo que ele gastou em mostrar o nariz ao mundo! Esperar na época presente é ser comum; é ser carroça, é ser credor. A esperança por supinante fastidiosa, foi riscada do catálogo das virtudes teológicas. E se apresentando um amigo às duas horas da tarde; às duas e um quarto pedes-lhe o retrato; E as três a bolsa, e às cinco, a vida! Castor e Pólux, aquelas sensaboronas maravilhasdas fraternidades antigas, causam-nos riso agora, como se pertencessem à musa faceta de Rabelais ou de Lebrun. Cinco minutos. Eis a divisa da humanidade; cinco minutos de talento; cinco minutos de nobreza; cinco minutos de riqueza; cinco minutos de fidelidade; cinco minutos de reputação. (**ATALAIA DO SUL**, 31 de outubro de 1880).

Neste primeiro trecho, o mais interessante, o autor nos situa a velocidade corrente das ideias e da revolução em curso, nada poderia esperar, tudo poderia mudar em cinco minutos. Da glória de uma invenção, até a sua desatualização ou desaparecimento, assim como as amizades, que logo trocariam uma foto, algo corrente naquele momento, mas que logo ao fim da tarde poderia acabar perdendo a própria vida para o novo amigo.

Segue outro trecho de L. Guimarães Junior, agora sim citando um baile.

[23]Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1845 — Lisboa, 20 de maio de 1898) foi um diplomata, poeta, contista, romancista e teatrólogo brasileiro.Bacharelou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1869, na turma de Araripe Júnior. Sua obra evoluiu do Romantismo para o Parnasianismo. Na carreira diplomática, chegou a ministro plenipotenciário, tendo servido em Santiago do Chile, Roma e Lisboa. Já aposentado, permaneceu em Lisboa, onde gozou da amizade de alguns dos principais intelectuais do período, como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Fialho de Almeida. Foi Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. (Wikipedia, 2018).

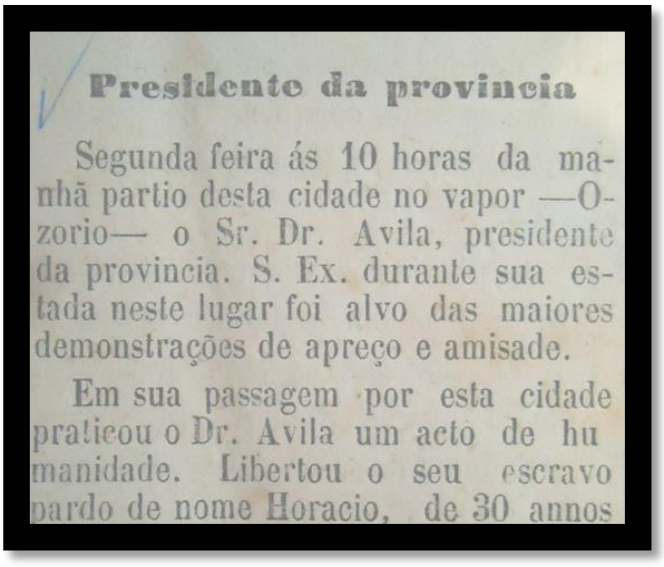
> IV. Há o baile em casa do Barão de tal. O Barão é um ricaço e o baile foi falado três semanas antes. Tudo o que brilha na corte dá-se no salão do fidalgo da aristocracia, de luxo, de beleza e de fortuna. Às onze horas penetra no baile uma família. A herdeira do nome e bolsa paterna é um primor de elegância. Clara como a neve, tranças luxuriosas e bastas, dentes de pérola, seios torneados, sobrancelhas negras como a noite e como o desejo. Proclamam-na a rainha do baile. – Viste-a? – Vi. É linda como o amor. Que cabelos! – Que flancos! – Que!... A orquestra marca uma valsa. A nova beleza é arrastada no turbilhão. Todos os corações batem na sua passagem. Veloz Valsa. Veloz Valsa. Os pares encontram-se. Há um abalroamento pior que o das barcas de S. Domingos; O cabelo da formosura decantada desenrola-se, desprende-se, desata-se e cai no chão! Ela arranca da alma o mais furioso grito e dobra o corpo em convulsões tremendas. -- !! As anquinhas também abandonam-lhe a cintura e desmancham-se em tela com as barbatanas à vista. - !!! Desmaio, confusão, assombros, motejos, etc., etc., Cinco minutos, cinco minutos, cinco minutos de reputação. (**ATALAIA DO SUL**, 31 de outubro de 1880).

Mais uma vez, é pelos cronistas e consagrados escritores publicados no diário local, que conseguimos chegar ao universo dos bailes no século XIX, com suas modas, expectativas, galanteios, devaneios e valsas. No desfecho da obra, diz L. Guimarães Junior, que na verdade, “[...]feliz é quem consegue gozar os 5 minutos antes que o diabo esfregue o olho”, portanto, encerra a sua narrativa nos permitindo conhecer e entender um pouco do tempo naquele período pleno de transformações.

Nesse período, o presidente da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, no ano de 1879, d’Ávila, passa a ocupar a presidência da Província de São Pedro do RS, exercida entre os anos de 1880 e 1881, conforme nota no jornal local (Figura 8) sobre sua passagem no município.

Nela, percebemos a movimentação com relação ao tema do abolicionismo, pois é relatada a libertação de um escravo, que inserimos dentro das estratégias do movimento abolicionista, pois realizar este tipo de demonstração pública fazia parte das estratégias abolicionistas, conforme descrita por Alonso (2015). Cabe esclarecer que o presidente de província era eleito pelo Imperador de acordo com Côrrea (2003), portanto, conforme se percebe, foi libertado o “escravo pardo de nome Horácio, de 30 anos”. Segue, Figura 8, nota sobre Henrique Francisco d’Ávila.

Figura 8 – Nota sobre Henrique Francisco D'Ávila



Presidente da provincia

Segunda feira ás 10 horas da manhã partio desta cidade no vapor —Ozorio— o Sr. Dr. Avila, presidente da provincia. S. Ex. durante sua estada neste lugar foi alvo das maiores demonstrações de apreço e amisade.

Em sua passagem por esta cidade praticou o Dr. Avila um acto de humanidade. Libertou o seu escravo pardo de nome Horacio, de 30 annos

Fonte: **ATALAIA DO SUL**, 30 de dezembro de 1880.

Soares (2011) esclarece o contexto da visita de D'Ávila.

> Com grande felicidade para os jaguarenses na ocasião exercia a Presidência da Província o Dr. Henrique D'Ávila, que prometeu aportar em Jaguarão no dia 22 de dezembro, a fim de assistir à Festa do Divino. Mas havia também uma intenção política no ilustre homem público (nascido no Herval, mas residente em Jaguarão), que era vistoriar as obras do canal do Sangradouro (a mais importante reivindicação dos habitantes desta cidade no século XIX e da qual ele se sobressaíra como um dos mais aguerridos e entusiastas defensores), e que após longos anos de esperas tinham finalmente iniciado. E assim sucedeu, pois, o Conselheiro d'Ávila chegou na data aprazada e na companhia do Arcebispo D. Vicente Zeferino Dias Lopes [...] ambos regressando à capital no dia 27 de dezembro[...]. (SOARES, 2011, p.242).

Both (2016) também aprofunda o contextoda visita de d'Ávila neste momento, assim como identifica o seu papel como mediador entre a Corte na localidade.

> O acesso às instâncias formais de poder abria caminhos a uma mediação mais efetiva. Desse modo, a medida que um mediador subia na estrutura formal de poder, gerava um proporcional aumento das expectativas em relação àquilo que poderia realizar. Em 1880 Henrique d'Ávila assumiu a presidência da província do Rio Grande do Sul, possivelmente em consequência da indicação do amigo Visconde de Pelotas, como enunciado em uma carta na qual comenta sobre os sacrifícios que são necessários para desempenhar sua função no "posto em que me colocou na administração de nossa província". A essa altura, havia ocupado vários outros postos, como o de vereador em Jaguarão, deputado provincial, além de ter sido eleito para a mesa diretorial da Assembleia Provincial com grande número de votos. (BOTH, 2016. p. 94 e 95).

Agora, consideramos, necessário destacar a sua disposição, como presidente da província, enquanto autoridade investida em realizar um ato público de libertação

de um escravo. Trata-se evidentemente de um ato dentro ou pelo menos em apoio direto ao movimento abolicionista, que contava com apoio da parte da elite imperialvconforme (Alonso, 2015), sobretudo, os liberais o qual d'Ávila era um expoente.

Inclusive, mais tarde, d'Ávila quando foi Ministro da Agricultura em 1883, na época chamado de Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércios e Obras Públicas, possuiu uma série de incumbências e, dentre elas, era executar a Lei do Ventre Livre editada em 1871. É oportuno, citar que no contexto do abolicionismo este é o local onde trabalhava Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como o escritor Machado de Assis, que foi primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897. Machado de Assis, como servidor público, também deu parecer importante a favor de questões que versavam sobre o tema da escravidão em 1876, de acordo com Raimundo Magalhães Jr. (2005).

Descreve Magalhães Jr. (2005) que Machado em sua carreira como jornalista começou em jornal do Partido Liberal (Monárquico), o jornal **Diário do Rio de Janeiro**, e acresce ainda que no ano de 1881, o Ministro Manuel Buarque de Macedo, convidou Machado de Assis para o seu Gabinete, no entanto, ele logo faleceu, de tal modo que o seu sucessor, Pedro Luís Pereira de Souza, era ocupante de outro Ministério. No restante do ano, Pereira de Souza, ao tomar a responsabilidade deste Ministério, ocupou Machado de inúmeros encargos, sendo praticamente um vice-ministro e, desta forma, recebia pessoas brasileiras e estrangeiras que precisavam tratar com o ministro. Aqui citamos e destacamos, que mesmo por um período breve, d'Ávila e Machado também trabalharam juntos, quando d´Ávila foi Ministro, demonstrando como a circulação da elite imperial era breve e fluída, tendo em vista por onde passou d'Ávila, que ainda encontrou tempo, nesta escalada, conforme o nosso estudo, para ser presidente da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense e, mais tarde, o primeiro presidente do Clube Jaguarense.

Assim, nos encaminhamos no próximo tópico, para o desfecho da Bailante, e a consequente criação do Clube Jaguarense: foi um carnaval republicano que passou... e ficou!

1.1 OS REPUBLICANOS LANÇAM A PEDRA FUNDAMENTAL DO CARNAVAL DE JAGUARÃO: FOI MANOEL DE DEUS DIAS E O CLUBE TAL GUIANDO 8 CARROS COM UMA BANDA EM 1º DE MARÇO DE 1881

Retomando os últimos e derradeiros atos que encontramos da Bailante, situados no Carnaval de 1881, de acordo com Jornal **Atalaia do Sul** de 05 de março de 1881, encontramos, um texto em que cronista menciona , em linhas posteriores, a importância da existência de um grupo de jovens “composto dos principais da nossa melhor sociedade” em tom satírico, denominado como “Club Tal”, que transitou em oito carros – de tração animal – pelas ruas cidade, precedido por uma banda de música em um imenso concurso dos presentes no evento, o que, na atualidade, nos parece algo similar em termos da energia descrita, parecendo com o atual trio elétrico, ou seja, foi um passeio eletrizante.

É relatado, na notícia, que às 05 horas da tarde do dia 1º de março de 1881 as pessoas de todas as classes sociais começavam a se aglomerar na cidade, o que dificultava o trânsito, segundo o jornalista “o zé-povinho estava no auge do delírio”.

Em outro momento, o cronista descrevia da seguinte maneira: “Com mais presteza do que Napoleão reorganizou o exército quando retornou da Rússia, desfilaram pela rua um sem número de praças da milícia carnavalesca”. Apontando que os velhos acompanhavam como um ato de saudade e tristeza, além de estarem em um estado de “bem-estar infinito” e satisfeitos, sendo descrito pelo “gozo do espetáculo”. Ainda relara, “não exageramos avançando, que nos últimos dez anos, foi esta a quadra carnavalesca que reinou maior animação”, e segue com mais elementos, apontando que viu “uma negra mina” tirando sons de uma fanhosa gaita, na quarta-feira de cinzas.

Cita ainda, sobre o carnaval, a presença dos trabalhadores que estão na obra do sangradouro, anunciados ao fim do ano de 1880, assim apreciavam “[u]ma sociedade de agrimensores e ajudantes de corda, de engenheiros ingleses e portadores de bandeirolas...”. Também assinala que neste ano “a criação de clubs ou sociedade carnavalescas foi um verdadeiro fenômeno”, saindo os jovens da indiferença que estavam para presenciarem momentos de união e confraternidade.

Por fim, descreve-se que “para hoje consta que prepara “Club Tal” – um esplendido baile nos salões da Recreação Familiar”. Pelo descrito, foi o começo do grande carnaval de rua de Jaguarão, que existe até os dias atuais. O que defendemos

nesta tese, é um ponto nodal do estudo que achamos oportuno compreender melhor, considerando o contexto que está sendo descrito.

Seguimos então, tendo em vista que o Clube Tal, que foi presidido pelo senhor Manoel de Deus Dias, conforme Jornal **Atalaia do Sul**, que em sua próxima edição, que segue, faz a cobertura do carnaval, no dia 10 de março de 1881. Deus Dias, mais tarde, será um dos fundadores do Clube Harmonia bem como do Clube Republicano. Este momento pode ser considerado dentro das táticas e estratégias da nova configuração de conflito aberto, deflagrado entre republicanos e monarquistas.

Acrescemos Vagner Pacheco do Santos (2012) assinalando que Manoel de Deus Dias, assim como Carlos Barbosa, eram naturais de Pelotas e, Deus Dias integrou “O grupo dos 19”, dos republicanos locais. E descreve a sua permanência, quando jovem, na Bélgica, onde cursou a Faculdade Engenharia, porém não chegou a concluir o curso.

Assim, o carnaval, como instituição que permanece em grande medida até os dias de hoje, em nosso entendimento, despontou como ampliação do espaço público, através das lideranças republicanas. Este carnaval de 1881, como diversão de massa, democratizante de rua, é percebido em nosso estudo como importante dentro do conflito deflagrado entre republicanos e monarquistas, diferente dos anos anteriores, onde constavam nos jornais notas, sobretudo de comemoração de carnaval no teatro da cidade com bailes de máscaras, em período anterior à construção do Teatro Esperança.

Assim, se a liderança do carnaval de 1881 é de um grupo republicano, seria uma frente, uma milícia, como citada na expressão do cronista. Particularmente, nos parece que sim, pois percebemos que tal explosão foi um grande grito republicano em Jaguarão. Apesar do Clube Republicano ser formalizado em Jaguarão no ano seguinte em 1882, consideramos evidente que as ideias estavam circulando na cidade, visto que o movimento no Brasil existia desde a década anterior.

Poderia o movimento republicano ter realizado uma de suas ações em Jaguarão através do carnaval? Acreditamos que sim, pois desde o começo desta pesquisa os dados disponíveis apontavam para a emulação entre os nascentes clubes Jaguarense, fundado por um monarquista, em oposição ao clube Harmonia, de predominância republicana. Parece-nos que o carnaval toma uma dimensão como instituição em Jaguarão neste carnaval de 1881, e em conjunto com a ideia de república, a partir dos seus partidários, sob a presidência de Manoel de Deus Dias,

portanto, como tática, envolvendo, as disputas existentes dentro dos grupos majoritários da sociedade jaguarense, o que caracteriza e situa a festa, como uma escolha da elite local.

Portanto, é com os oito carros que transitavam com uma banda de música à frente, no ano de 1881 o “Club Tal” presidido por Manoel de Deus Dias inaugura o carnaval como instituição em Jaguarão, ampliando a festa existente.

Segue mais dados sobre Manoel, destacando que foi chefe republicano e manteve negócios com Carlos Barbosa, o maior expoente local entre os republicanos. Aliás, convém citar, que a rua atualmente denominada Manoel de Deus Dias, passa ao lado do Museu Carlos Barbosa. Segue mais.

> Manoel de Deus Dias. Pelotense nascido em 1º de janeiro de 1847. Residiu em Jaguarão onde possuiu propriedades rurais. Foi chefe do Partido Republicano. No município de Santa Vitória do Palmar, atuou como fazendeiro, pois lá, também possuía propriedades. Junto com o Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, atuou na Santa Casa de Caridade prestando relevantes serviços em prol desta instituição. (...). Aqui, foi sócio proprietário da empresa que prestava serviços de Telefonia, que se denominava “Empresa Telephonica”. Residiu na Av. 27 de Janeiro, esq. Barão do Rio Branco, ao lado onde está hoje a Confeitaria São José. Faleceu em 16 de abril de 1919, vitimado por um ataque cardíaco. Está sepultado no Cemitério das Irmandades. (**JORNAL MERIDIONAL**, 20 de fevereiro de 2015).

Soares (2007, p. 292) lembra da estada de Deus Dias na Europa, como “folgada e boêmia de estudante rico no Velho mundo, com direito, inclusive, a fazer-se acompanhar de um secretário particular e após (SOARES, 2007, p.296), recupera carta enviada a Deus Dias por Carlos Barbosa, de Paris em 1914, após deixar o governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1913, rememorando os tempos aguerridos, sentindo sua falta na política, pois anteriormente, Deus Dias afirmaria estar afastado. Depois de contextualizar Paris, movimentada e diferente de outrora quando esteve estudando, provoca e lembra Barbosa “[...] dada às suas condições de caráter e abnegação, que bem conheço, tenho certeza de que, se o velho clarim de guerra soasse apesar dos anos, que não são tantos ainda e que oxalá, aumentem muito vê-lo-ia nas fileiras, concitando e exemplificando a mocidade”.

Nota-se em termos de memória, na carta entre amigos, a cumplicidade Carlos Barbosa com Deus Dias, como soldado de outras empreitadas, se ouvisse o clarim de guerra, estaria novamente, liderando a mocidade. Sabemos que a guerra travada por ambos não foi a do Paraguai, e sim a da Proclamação da República.

Como vimos anteriormente, o cronista L. Guimarães Junior, escreve em outubro de 1880 (p. 80 e 81), que nesta época, não se poderia mais desperdiçar nem cinco minutos, pois esperar neste tempo seria “[...] ser comum, ser carroça”. Retomando, ainda, a crônica do “Club Tal”, mencionada no dia 05 de março do jornal **Atalaia do Sul**.

Acentuamos, que a sua escolha do desfile do Clube Tal pelo humor, conduzindo o corso por Manoel de Deus Dias, foi justamente sobre a atividade em curso de desobstrução do sangradouro, tão festejada pelo governo liberal, conforme anunciou Henrique d’Ávila em dezembro de 1880, mencionado anteriormente (p.82). Sobre o humor escolhido pelo “Club Tal” para circular pela cidade de Jaguarão, tratava de um desentendimento ocorrido na obra em curso.

Abaixo, segue o conjunto dos dados apresentados, que não nos parece coincidência pela escolha.

> Aludindo aos trabalhos de desobstrução do Sangradouro, sobre fatos passados entre o empreiteiro e dois engenheiros da dragagem, os quais se desentenderam, sendo um deles despedido da comissão: desenvolveram alguns dos membros do clube divertida crítica, justamente apreciada por todos os cavalheiros cujas casas visitaram, e que se esmeraram em acolher o – Club Tal – com inequívocas provas de consideração e aplauso. (**ATALAIA DO SUL**, 05 de março de 1881).

Agora o “Club Tal”, poderia ser uma referência ao Clube Republicano, não chegando a tanto, embora pudesse ser, tal, também pode ser notável e nos parece poderia ser isso, por exemplo, se pensarmos na chegada de Carlos Barbosa retornando recentemente à cidade, médico com especialização na França, era outra geração.

Othelo Rosa (1993), esclarece sobre este momento na cidade, em um texto produzido para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em 1952, “Ao regressar a Jaguarão, em 1879, Carlos Barbosa, que afirmara como acadêmico, as suas ideias republicanas, encontraria clima propício para a atividade política”, explica, ainda, que a sua formação na capital do império, passou pelo colégio Dom Pedro II, curso de Humanidades, após termina o curso na Faculdade de Medicina e viaja, em seguida para a Europa, onde permanecerá por mais três anos, frequentando o Hospital Wecker em Paris e o Hospital Val de Grace, onde foi chefe de clínica em oftalmologia, cirurgia, medicina interna e obstetrícia”.

Cabe ressaltar que os elementos familiares que afetaram a sua disposição, como o fato de seu avô, Manoel Gonçalves da Silva, irmão do General Bento Gonçalves, ser chefe da revolução farroupilha. Tais informações, situam na política Carlos Barbosa, republicano de um lado e o seu professor de primeiras letras, o Conselheiro Diana, do outro, pela monarquia. Encontramos uma publicação da Fundação Carlos Barbosa (s.d. p.2), que define sua luta, com d'Ávila e Diana, como "**titânica**" [grifo nosso].

Retomando à Bailante, o último relato significativo que encontramos, refere-se ao carnaval, destacando que não foi um baile promovido pela Sociedade Recreação Familiar Jaguarense e sim pelo "Club Tal".

No jornal **Atalaia do Sul**, data de 10 de março de 1881, é destacado sucesso do carnaval com um baile na bailante, com início após 22:00h, terminando às 04:00h. A nota retoma, primeiro uma avaliação geral do carnaval, destacando o velho entrudo que ficaria no passado.

> Ao carnaval, coube a gloria de despertar o espírito da população, lavrando um protesto solene contra o entrudo, que apesar de todos os pesares não deixou de aparecer, mas por forma ridícula e raquítica, como os últimos lampejos de uma luz prestes a se extinguir. O carnaval surgiu e disse: - eu sou a civilização – e apontando para o entrudo exclamou indignado, tu és um resto da barbárie. E na realidade, nos três dias de carnaval deste ano, a cidade de Jaguarão não parecia a mesma de anos anteriores, em que raros eram os máscaras que percorriam as ruas, e para variar faziam-se uns arremedos de baile de máscara e fantasia em uma casinhola que entre nós é conhecida pelo nome de teatro. (**ATALAIA DO SUL**, 10 de março de 1881).

Diz o cronista "que o mais notável foi o baile na Sociedade nos salões da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense", que anunciado como baile à fantasia, foi na verdade um belo baile de máscaras, de iniciativa do Club Tal, do qual é presidido por Manoel de Deus Dias e secretário Virgílio Porciúncula e, conforme palavras do cronista participaram: "a elite da nossa sociedade de ambos os sexos".

Veja que o cronista identifica, tal qual o nosso entrevistado Claudio Rotta Rodrigues, para definir a ruptura geracional dentro da sociedade jaguarense ao final desta década, como "gente moça", muito diferente dos anteriores. Na decoração da Bailante aparecia em letras douradas a decoração "Club Tal", e todos os sócios traziam um distintivo no peito, uma medalha, com a inscrição "Club Tal". A seguir um registro sobre o baile.

> Ali se via um conjunto de costumes diversos, de tradições históricas, de tempos idos, de todos os séculos; era o século de Luiz XIV, de Luiz IV, era o primeiro império napoleônico, o militarismo alemão, a Espanha antiga e moderna, o Portugal de Affonso Enrique, costumes e usos do oriente, costumes e gostos que a imaginação se perde de rememorá-los. (**ATALAIA DO SUL**, 10 de março de 1881).

Diz, ainda “os ditos espirituosos e satíricos dos cavalheiros, ditos impregnados, daquele sal ático, do qual somente os espíritos privilegiados conhecem a magia e o segredo”.

Realmente, foi o primeiro relato de humor e sátira encontrado de forma expressa no carnaval, ao menos digno de nota e que passa pela Bailante. Ressaltamos, que muitas fantasias faziam referência às realezas dentre as quais a mais comentada pelos republicanos era a francesa, burlesca e decaída, sobretudo após a instauração da terceira república em 1870, nos parecendo que o segredo não seria tão escondido. Aliás, seria muito propício, que um grupo de jovens em ascensão e disputa dentro do seio da sociedade jaguarense, fosse neste contexto para um baile à fantasia com muitas referências a corte, lembrando o quão *démodé* se encontrava o Brasil naquele momento.

Agora não mais na memória, e sim na história, esta foi a década derradeira do Imperador Dom Pedro II e, portanto, o desfecho inevitável da monarquia, doente e cansado, foi perdendo as forças físicas e o poder (SCHWARCZ, 2015), que melhor esclarece o momento.

> O projeto republicano...significou uma saída legítima diante da falência do Império. Mais que uma questão exclusivamente institucional, ele vinha ao encontro a uma ampliação importante do espaço público durante a década de 1880, que levou a ação política para fora do Parlamento. ... O movimento intelectual também foi forte, já que criou uma nova linguagem, lançou mão da polêmica e atacou os três suportes do Império: o monarca, a religião e o romantismo. Além disso, foi evidente a renovação no campo das ideias: o evolucionismo, o materialismo e o positivismo representaram teorias para a ação na mão dos intelectuais da época: a imagem do progresso e a concepção de modernização seriam associadas à palavra república. A combinação desses novos elementos (espaço público, intelectuais e ideias) formou uma cultura política nova que modelou novos símbolos e jogou água para o moinho da república. (SCHWARCZ, L. M, 2015 p.316).

Ainda sobre a nota do baile em Jaguarão, a matéria referida aponta um marco na liberação dos costumes femininos, pois o baile à fantasia permitiu o uso de máscaras, possibilitando igualdade entre homens e mulheres, questão até então impensada e praticada em Jaguarão de outrora na Bailante. E dentro da história do

carnaval, conforme Felipe Ferreira (2004), a crítica social, a sátira ao poder instituído nos festejos carnavalescos é um elemento comum. Segue mais sobre o relato, trazendo no vocabulário a expressão evolução, mencionada por Schwarcz (2015) acima.

> O carnaval assinalou uma nova fase em nossa vida social; como que se está operando uma evolução em nossos hábitos e costumes, em nossa vida intelectual e moral, como chamada a novos destinos nos caminhos da civilização". (**ATALAIA DO SUL**, 10 de março de 1881).

Segundo o relato do cronista, é descrito que algumas fantasias mais elaboradas provocaram admiração do público e as grotescas ficaram na indagação, se "produzindo o riso, a hilaridade e poderiam corrigir os costumes pelo ridículo e a sátira inofensiva?". Escreve ainda sobre o carnaval:

> O carnaval apreciado superficialmente representa a futilidade; estudado, porem, por todos os seus aspectos mostra o lado filosófico, que o caracteriza. É uma distração para o espírito humano; mas é uma distração que ensina a história, os costumes e tradições, desperta o estudo para o gosto das artes e da literatura; iluminando a imaginação e a inteligência – cria a civilização. (**ATALAIA DO SUL**, 10 de março de 1881).

Por fim, o jornalista encerra dizendo que o **"Club Tal"** acabaria de **"lançar a pedra fundamental para a instituição do carnaval na cidade de Jaguarão**" [grifo nosso]. Isto nos parece mais uma evidência em um período de transformações. Em breve, seria fundado o primeiro clube do município, o Clube Jaguarense, em 1881, assim como em seguida em 1882 o Clube Abolicionista, Clube Republicano, e depois Sociedade Cassino Jaguarense e Clube Harmonia, além, claro, da abolição da escravatura e a proclamação da república.

Rotta (1981), nosso entrevistado citado, comerciante local e membro atuante por décadas no Instituto Histórico e Geográfico Jaguarense, falecido um ano após nossa conversa, em 2017, transcreveu a edição do jornal **Atalaia do sul**, edição de quinta-feira, 28 de julho de 1881, que dizia o seguinte, anunciando ao fim da Bailante e a chegada do Clube Jaguarense.

Eil-a:

Uma notícia vou dar
da Recreação Familiar:
não podendo, tão velhinha,
mais a vida suportar,
já morreu a coitadinha.

Ela nos deixa lembranças,
sonhos de amor e esperanças,
daqueles tempos de outrora.
mas em um tempo de bonanças
surge à vida nova aurora.

Vai criar-se na Bailante
Um clube todo elegante;
e segundo tenho ouvido,
já vai a ideia triunfante,
Está o impossível vencido.

Quanto progresso moral
quanto adianto material
não virá para Jaguarão
realizando-se o ideal desta nova associação!?

Cem concertos musicais
Com bons livros e jornais
Conferenciais literárias
e outros recreios que tais
teremos festas diárias.

Nos novos bailes, as belas
Serão amáveis, singelas;
e consagrando-se todas,
combinarão entre elas,
acabar com certos modos.

Era já tempo, meu povo
que saísses da tua cova;
que olvidasses teus pesares
que acolhesses o que é novo
e lhe erguesses tais altares
(**ATALAIA DO SUL**, 28 de julho de 1881)

Do exposto, a própria bailante teceu a sua última nota, quiçá escrita por d'Ávila, a poesia nos remete ao espírito da época, conforme mencionado, pois restava naquele tempo uma sensação de mudanças prementes, uma sede pelo novo.

O tempo pedia algo novo, moderno, e como tudo que era proposto e divulgado pelos próprios autores, ou pessoas muito próximas, seria "triunfante". Menciono, ainda, o "progresso moral e adianto material", como correlatas ao esperado com o novo clube.

O mais importante, entendemos, era a ideia de convivência diária expressa, diz "teremos festas diárias", com concertos musicais, bons livros e jornais, concertos e

conferências literárias. Realmente, é apontada a ampliação do espaço público, mesmo que seja apenas para os sócios, pois áreas comuns possíveis de serem frequentadas todos os dias, seja para a leitura dos jornais, livros, ou mesmo para uma conversa.

Aparece, ainda, a menção, censura, às mulheres que deveriam melhorar certos modos, não sabemos quais, mas levando-se em conta considerações anteriores, talvez seja o problema do excesso de luxo nas vestimentas, que segundo mencionava o cronista, seria um dos problemas do declínio da bailante.

Nos parece, muito claramente, que este uso da mulher como bode expiatório, revela o próprio declínio do império, que não tardaria por seguir em direção ao seu desfecho, pois seria mais fácil, até aquele momento, debater as vestimentas femininas e não a mudança do regime no país. Problema que não seria solucionado com a mudança de bailante para clube, mas sim o próprio decurso dos acontecimentos capitaneados pelas táticas dos republicanos em andamento, mas, por hora esta estratégia dos monarquistas seria adequada, adiantando-se um pouco à agremiação denominada Cassino Jaguarense, que seria fundada em 27 de janeiro de 1884, como tática do novo grupo emergente que, em sua maioria, eram republicanos.

Por fim, aponta o cronista, é tempo do novo e a proposta do clube não é tão nova, trata-se dos imperiais modernizando a Bailante, portanto, como estratégia, no dizer de Michel de Certeau (1990) ao se referir aos grupos quando se digladiam, disputam forças, onde o instituído usa das estratégias e o ainda não institucionalizado se apoia nas táticas, aproveitando as brechas disponíveis.

Veremos a seguir, os primórdios do Clube Jaguarense e, ainda, o seu funcionamento até o começo da década de 1920, antes de completar os seus 40 anos e em 1921, quando realiza um ano repleto de celebrações. O Clube em seus primeiros anos, ao que tudo indica, seguiu funcionando na Bailante e, apenas em 1898, na casa atual e quando funcionou de fato, conforme planejado pelos imperiais, foi com os republicanos, como identificamos um dos seus presidentes.

Esta disputa, que nasce política, é ressignificada culturalmente, passando para o campo da disputa familiar e clubística, de modo que os clubes se localizam um do lado do outro, Jaguarense e Harmonia, explicando em grande parte a pujança, conforme nosso trabalho, a regularidade, animação e pompas do carnaval de Jaguarão. Essa sempre foi a principal festa identificada entre os clubes e que exigia sempre significativo esforço mútuo, sento inclusive possível receber o veredito do

campeão do ano pela imprensa local – a concorrência entre os clubes inaugura a ideia e a prática social do concurso carnavalesco.

Portanto, a edificação de um clube ao lado do outro, tanto material, como simbolicamente, gerando esta concorrência que, no plano cultural defendemos, explica grande parte da pujança, regularidade, animação e suntuosidade do carnaval de Jaguarão. E o olhar panóptico das sacadas, colaborava com o controle mútuo.

O carnaval que defendemos, como pujante e disseminado no espaço público, foi capitaneado por republicanos em 1881 e que, mais tarde, seria mantido como a festa mais republicana da cidade, celebrada pelos clubes da elite local, com os demais foliões nas ruas e logo por todos em suas diversas modalidades e invenções, especialmente mais tarde com a criação de um clube para cada segmento social.

Claro, os bailes, tão festejados na bailante, serão outro centro dos clubes sociais, afinal a entidade permaneceu “sob os efeitos de terpsícore”, onde nestas festas se divertem e realizam as iniciações amorosas, sobretudo até o momento em que se precisava ir ao clube para ouvir música, ver e ouvir uma orquestra tocar.

2 O CLUBE JAGUARENSE (1881- 1920)

O Jaguarense foi fundado no dia 18 de agosto de 1881, conforme texto publicado por Claudio Rotta Rodrigues em 16 de agosto de 1981 no Jornal **Correio do Povo**, de Porto Alegre. A data é o ponto alto das suas comemorações anuais e na eleição para a nova diretoria, diferente da Bailante, que ao que se percebe fazia eleições no começo do ano e, conforme material encontrado, eleições semestrais e não anuais como o Clube. Na metade da década de 1970, termina o Clube Jaguarense, sendo criada a Associação Cruzeiro Jaguarense, à partir de uma fusão com um clube esportivo local, o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, criado em 1924.

O Clube Jaguarense é criado em 1881, como primeira opção da cidade, mas dividida, conforme defendido ao final do primeiro capítulo. Do exposto, ao final da década, e mesmo quando for aberta a sua sede central, no primeiro baile em 1898, a sociedade será outra devido a vitória dos republicanos e, acompanhando outros trabalhos que pesquisaram o Clube Harmonia Jaguarão, que serão citados adiante, esta entidade vai se consagrar como vencedora.

Seguindo com o clube, é preciso esclarecer que optou-se pelo tempo cronológico para dar sequência ao trabalho, mas não só, pois a história e memória não são lineares, portanto, será inevitável retornar fatos anteriores, assim como mencionar alguns que estão por vir. Não se trata de compreender a passagem do tempo, como se fosse uma sequência de fatos novos a cada ano, visto que o nosso objeto é um lugar de rituais da sociedade urbana, e se repetem com muita regularidade, como os carnavais, os bailes de aniversário da entidade, a comemoração do ano novo e outras festividades, ou seja, é um espaço da regularidade e da repetição.

Ciente disso, buscou-se nuances e indícios, sobretudo, quando aparecem rupturas ou novidades, analisando, a partir das fontes consultadas apreender sobre aquele momento. Ademais, se a fonte principal são os jornais, não será desconsiderada a área de teoria da comunicação, quando aponta que uma notícia é mais importante em virtude de maior carga de novidade e, é isso foi buscado em nossas fontes, não desconsiderando o trivial, quando oportuno.

Sobre o contexto de criação do Clube Jaguarense, retornando ao carnaval deste ano, 1881, entende-se a criação dessa agremiação como a derradeira ação dos monarquistas no xadrez cultural e político, uma forma de modernização da sociedade

imperial, da qual uma parte das lideranças do clube era partidária, sobretudo Henrique d'Ávila e José Diana, fartamente citados. Modernizou-se, então, a sociedade, partindo da bailante para um clube Social com a ideia corrente, neste ponto, do século XIX.

Destaca-se a expressão Clube, pois remetia aos clubes ingleses, clube de senhores. Em parte, pensa-se que tal justificativa é válida, algo expresso por um dos nossos entrevistados, Aldyr Garcia Schlee[24], ao lembrar das suas memórias no Clube Jaguarense na década de 1940.

Desta forma, ancorados em Richard Sennet (2014, p. 128) ao descrever a formação dos clubes ingleses da metade do século XVIII, apontando que a ideia desta modalidade associativa era ampliar o prazer, através da seleção, onde se poderia ter um discurso mais afinado, segundo o autor "excluindo-se aqueles cujas vidas pessoais eram desagradáveis e alheias".

Assim, o Clube Jaguarense, manteve esse caráter, onde deveria prevalecer o acesso e fruição entre os iguais. Sennet (2014, p.129) acresce o autor, que dada esta característica, fechada e limitada, depois com o passar do tempo e a ampliação das formas de sociabilidade os clubes acabaram, "provocando tédio"- aliás, será visto no capítulo seguinte, que um dos associados, em atividade comemorativa dos 40 anos do clube, certamente jovem, recita a poesia "O palhaço", de Henrich Heine, também traduzida como "O tédio".

De acordo com Senett (2014), a ocorrência de pontos de pleno contentamento pela convivência entre os iguais, e outros de profundo enfado, devido à regularidade e previsibilidade, das ações realizadas. E, tal ponto, é corroborado adiante, com o anúncio da criação dos cinemas, no começo da segunda década do século XX, momento em que os cronistas locais, apontavam para a atividade de exibição de filmes, como um ganho, especialmente para as mulheres, em Jaguarão, visto ser a estrutura do clube em termos de fruição mais direcionada ao público masculino.

Portanto, o clube social busca a todo o momento romper com o marasmo, aderindo às novas modas, razão que justifique a sua vitalidade, seja aqui nesse

[24] Nascido em 1934, Schlee é doutor em ciências humanas, livre docente em direito internacional e foi Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas, e consultor jurídico junto ao Itamarati na elaboração do Tratado da Lagoa Mirim. Como jornalista, ganhou um Prêmio Esso de reportagem. Sua obra própria inclui seis volumes de contos, um romance histórico e quase duas dezenas de participações em antologias. Obteve vários prêmios literários, tendo vencido duas Bienais Nestlé da literatura brasileira, em 1982 e 1984. Sua experiência como tradutor levou-o a pesquisar e registrar a linguagem representativa da fala e da cultura do homem do pampa sul-rio-grandense. Cf. Marlova Assef (s.d p.281-282).

trabalho, ou mesmo, se realizado o avanço até 2018, pois Associação Cruzeiro Jaguarense permanece em funcionamento.

O clube é caracterizado pela mudança, esse é o espírito do clube urbano, um equipamento geracional, visto que passaram pelos seus salões várias gerações. O ponto de equilíbrio, portanto, foram os jovens, os que dançavam, ou quando quiseram mudar as suas formas de bailar, de expressar o corpo, provocaram um equilíbrio dinâmico, com novos arranjos. É por isso, que seguindo com o clube, serão sempre encontradas mudanças, localizando-as com mais frequência no século XX.

Do exposto, é nesta contradição, que é possível discernir o funcionamento de um clube social, por um lado seguindo um viés conservador que remonta a sua origem na sociedade de corte, no império brasileiro do século XIX. E por outro, a sua abertura às novidades, algumas que permanecem e outras vão embora. Aqui cita-se a biblioteca, muito útil por um longo tempo, mas de acordo com um entrevistado que estava à frente do Clube em 1975, como presidente da entidade, no período da fusão com o Cruzeiro, Ubirajara Isquierdo, atualmente funcionário público aposentado, afirmou que a biblioteca não tinha mais procura na década de 1970, tanto que em 1987, seus exemplares foram cedidos para o Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Portanto, nesta penúltima década do século XIX, os clubes sociais e grupos políticos, especialmente os liberais, do Partido Liberal (Monárquico) e republicanos, aderem aos clubes sociais em Jaguarão e se dividem, sendo identificados os monarquistas, liderando o Jaguarense e os republicanos com proeminênciano Cassino Jaguarense, mais tarde transformando em Harmonia, após a fusão mal sucedida empreendida entre o Clube Jaguarense e o Cassino Jaguarense em 1888.

Seguindo a historicização do objeto, encontrou-se uma nota mencionada e publicada no **Correio do Povo**, escrita por Rotta (1981), comerciante, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão por décadas, um dos nossos entrevistados em 2016 e falecido recentemente, no ano de 2017.

> **Jaguarão (Apenas para lembrar)** que no próximo dia 14 de agosto a Sociedade Cruzeiro Jaguarense, ex Cube Jaguarense estará completando 100 anos de idade. Das cinzas da extinta “Bailante Sociedade Recreação Familiar Jaguarense” que deixara um patrimônio de 1.300S000 (um conto e trezentos mil réis) surgiu na data festiva de 14 de agosto de 1881 por iniciativa do Dr. Henrique d’Ávila, a nova sociedade que passou-se a chamar Clube Jaguarense (**CORREIO DO POVO**, 16 de agosto de 1981).

Encontrado o primeiro presidente, Henrique d'Ávila, ademais, com o fim da monarquia, d'Ávila não caberá mais no quadro da primeira república na cidade, e, portanto, será esquecido completamente, sendo, mais tarde, lembrado pelo clube uma única e derradeira vez nas celebrações do 66º aniversário do clube em 1947. Sobre a distinção entre o Clube Jaguarense e a Associação Cruzeiro Jaguarense, ressalta-se que o seu centenário é comemorado, apenas por acadêmicos, pois em 1981, a Associação Cruzeiro Jaguarense celebrava, não 100, mas os seus 6 (seis) anos.

Não é um movimento diferente do realizado pelo Clube Jaguarense em relação à Bailante, pois ela ficou no passado, embora pudessem, em termos de memória, manter uma relação que possivelmente aconteceu na época, pois as danças não mudaram e algumas pessoas eram as mesmas.

Porém, a presença da sede atual, central, como suporte de memória, o artefato arquitetônico, cristaliza um tempo e induz a pensar que foi apenas uma entidade, uma capacidade prodigiosa da memória que leva a imaginar ou acreditar, até mesmo, no que não existe mais, no caso, o Clube Jaguarense, extinto na metade da década de 1970.

Nesse sentido, é dado relevo a esse estudo, pois bastaria o ingresso em sua sede central, hoje, para perceber que constam na parede, destinada as fotos dos presidentes, em termos de memória eletiva e institucional, estritamente os que estiveram dirigindo aquela associação à partir de 1975 até a atualidade.

E sobre o valor elencado, como sobra da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, um conto e trezentos mil reais, pela cotação da época, em dólar, com 0,45 dólares valendo mil réis, portanto seria na época, aproximadamente, US$ 585,00 (quinhentos e oitenta e cinco dólares), de acordo com Ocaixa.com.br (2018) baseado no trabalho Holloway, T. H. sobre imigrantes para o café, editado em 1984.

Léo S. Brum (s.d.), dentre os poucos relatos com síntese histórica sobre o Clube Jaguarense, escreveu no mês de agosto no ano de 1963, em virtude da passagem pelos 82 anos da entidade. Sublinha-se a presença de José Francisco Diana, no Conselho Fiscal,

> **Clube Jaguarense comemora passagem pelos seu 82º aniversário de sua fundação.** Jaguarão(Léo S. Brum) – O tradicional clube social do 'Largo da Bandeira', Clube Jaguarense, comemorou este mês, o seu 82º aniversário de fundação, cuja primeira diretoria constituída em 14 de agosto de 1881, era a seguinte: Dr. Henrique Francisco d'Ávila (Presidente), Major Manoel José Goulart (vice-presidente), Antônio Severo Vieira Valente (Secretário), Manoel Massada (Tesoureiro), Augusto Cezar Leivas, Major Manuel Francisco Soares, Prof. Teotônio B. Pereira de Mello, José da Costa Carneiro, José Luiz Estape, Manoel, J. G. Ramos, Antônio Maria Pinto, Coronel Thomas A. da Silva, Capitão Luiz Carlos B. Pinto, Pedro Maria Carriconde, Francisco Silva e João Tomas de Mattos(Diretores), drs. Ântonio Gonçalves de Carvalho, Estevão de Souza Lima e José Francisco Diana (Comissão Fiscal). (BRUM, s.d).

Nota-se que nessa lista não consta a maior liderança republicana de Jaguarão, o Dr. Carlos Barbosa, assim o como o citado no carnaval de 1881, como liderança do "Clube Tal", Manoel de Deus Dias, que atuou como liderança republicana em Jaguarão, ao lado de Barbosa.

O Jaguarense, tal como será chamado até o seu encerramento é referenciado na imprensa local como "o decano dos clubes". E sobre ser o mais antigo clube da cidade, em entrevista realizada com Neuza Marilu Peres Duarte, que atuou no clube ao final da década de 1970, levantou-se a hipótese, de acordo com o conjunto dos dados coletados, de que o clube seria o mais conservador da cidade, em comparação ao Harmonia. Em resposta, ela acena com certa coerência nessa assertiva, e nos aponta uma hipótese, pois segundo ela, poderia ser verdade, tendo em vista o "peso da tradição, sendo o clube mais antigo". Marilu Duarte é graduada em Estudos Sociais, no primeiro curso superior implantado em Jaguarão ao final da década de 1960, como extensão da Universidade Católica de Pelotas e, em Psicologia, escritora, foi a primeira diretora da Casa de Cultura Pompílio Neves de Freitas, em Jaguarão, na década de 1990.

E, seguindo nos jornais, em suas notas, registros, pistas, a primeira aparição do Clube Jaguarense, é encontrada em 1º de setembro de 1881, no jornal **Atalaia do Sul**, referindo-se a um sarau com a cantora Percília Villas Boas e tocando piano professores D. Estevão Albis e D. Luiza Silva. O cronista atesta que a atividade ainda foi no prédio da Bailante e explica que é sócio, anunciando para sustentar a sua crítica às conversas paralelas que atrapalharam a apresentação.

Parece que essa ampliação do espaço público, saindo da predominância dos bailes, como foram na "velha bailante", propiciou este lugar para o encontro, pois, mais do que participar das atividades propostas, relevante era sair de casa e conversar de

forma amena, entre os amigos e amigas. E nesse sentido, evidencia-se que a Bailante e o Clube foram os primeiros equipamentos sociais e culturais, abertos às famílias, assim como as primeiras entidades associativas da cidade, lembrando que em termos de espaço aberto para a participação social, no século XIX, havia a Igreja como o maior centro social e também a Maçonaria, exclusiva para os homens.

Nos jornais, a segunda menção ao Clube Jaguarense, aparece no jornal **Atalaia do Sul** em 11 de setembro de 1881, conforme segue: “o dia da nossa emancipação política foi festejado com esplendido baile no salão do Clube Jaguarense”, portanto o sete de setembro. Ainda sobre a nota:

> As 9 ½, depois de entoadas os vivas do estilo pelo Exmo. Sr. General Cezar da Silva, cantou o hino da Independência a Exma Sra. Maria Joaquina Condessa. Depois que se conservou o baile sempre animadíssimo. A concorrência foi regular. O baile terminou às 3 horas da madrugada”. (**ATALAIA DO SUL**, 11 de setembro de 1881).

De acordo com Martins (2001), no ano de 1882 foi instalado no Clube Jaguarense, as atividades da Sociedade Emancipadora, com a finalidade de alforriar escravos. Logo, se percebe a importância de estudar esta entidade associativa e sua trajetória, visto que ela se entrelaçada com a história de Jaguarão. O tema da abolição da escravatura estava em voga e muito presente entre os liberais do Partido Liberal (monárquico), de tal modo, que parece coerente o fato da nova entidade ter este vínculo com o clube.

E, sobre a cidade naquele período, Martins (2001), destaca a pujança na década de 1880.

> Jaguarão entrava nos anos 80 embalada pelo bom desempenho econômico iniciado na década anterior. Alguns historiadores rio-grandenses a colocam como a 4ª ou 5ª cidade mais importante da Província neste momento, embora se tratar de um pequeno núcleo urbano de nível de desenvolvimento pré-industrial, com pouco mais de mil casas e seis a sete mil habitantes. E pelo recenseamento de 1890 havia 10.761 habitantes em todo o município. (MARTINS, 2001, p.142).

Sobre a criação da Sociedade Emancipadora Jaguarense, junto ao Clube Jaguarense, encontrou-se referências, no material pesquisado, de que **o estandarte de cetim azul tecido em seu centro a palavra liberdade em fios de ouro** [grifo do pesquisador], teria sido guardado no prédio da intendência, mais tarde prefeitura, e

que a documentação sobre a atuação do grupo estaria, na época, com a Câmara de Vereadores.

Dizia a nota que costumavam arrecadar recursos para alforriar um escravo por mês. Andréa Gama (2010) aborda a fundação da Sociedade Emancipadora, realizada no Clube Jaguarense em 9 de outubro de 1881, dez anos após a aprovação da lei do ventre livre em 1871.

> Instalação da Sociedade Emancipadora Jaguarense ocorreu, em meio a festejos, somente no dia 9 de outubro de 1881. No episódio, quatro escravos foram libertados por iniciativa de seus amos: Estácia, por Joaquim Licurgo de Figueiredo; outros dois, sem nome, pelo Capitão Joaquim Francisco das Chagas e sua genitora, Francisca de Ávila e, finalmente, o quarto escravo, pelo capitão Manoel José da Rocha. A Sociedade Emancipadora, graças aos fundos arrecadados, alforriou, por sua vez, o preto Catão. Na ocasião, leu-se, ainda, em razão da empolgação que contagiava a sociedade, um ofício firmado por Theodora Netto, esposa do Coronel Manoel Amaro Barbosa, no qual foi declarada a liberdade da escrava de nome Ignez. A cativa, que assistia à solenidade, recebeu sua carta de liberdade em mãos. Os discursos que se seguiram aludiam, em grande parte, a episódios históricos. Falava-se nas aspirações de liberdade inspiradas na Revolução Francesa, nos exemplos das grandes nações dos domínios do ultramar, e no caminho de ascendência ao progresso e civilização que começava a trilhar a pequena cidade ao Sul do Brasil. (GAMA, 2010, p.108).

E Ferrer (2011), descreve o funcionamento da Sociedade Emancipadora Jaguarense, apontando os seus membros[25], dos quais não constam os liberais do Partido Liberal (Monárquico) elencados anteriormente, e não se sabe se estariam ou não na cidade nesse período, ao menos d´Ávila, pois é de conhecimento desse pesquisador que em 1883 exerceu o cargo de Ministro da Agricultura, denominada a época como Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, assumindo no dia 07 de janeiro. Destaca-se a presença de Carlos Barbosa entre os abolicionistas e Ferrer (2011) esclarece que constavam alguns antigos combatentes da Guerra do Paraguai e outras lideranças locais, pelo visto, o clube era não só abolicionista, quiçá também tivesse alguma disposição republicana.

Ainda no contexto da política local, torna-se necessário referenciar que o Partido Republicano foi fundado em 1882 em Jaguarão, assumindo como presidente

[25] Presidente: José Thomas da Porciúncula; Vice-Presidente: José Ignácio Goulart; Tesoureiro: Manoel Masseda; Procurador: José Augusto Cabral; Diretores: General Augusto Cesar da Silva, Capitão Antonio Maria Pinto Coronel, Thomaz Afonso da Silva, Capitão Dionísio A. da Silveira, Domingos Rache, Joaquim José Cunha; Comissão da Liberdade: Carlos Barbosa Gonçalves, Major Manoel Gularte, Capitão Antonio Augusto Sarmento e Melo; Comissão de Contas: Marcílio José de Matos, José da Costa Carneiro Virgiliano, José da Porciúncula Junior.

o médico Carlos Barbosa Gonçalves e vice Manoel de Deus Dias. Conforme segue, sua proximidade remete às parcerias evidenciadas entre d'Ávila e Diana que atravessaram os planos político, cultural e econômico.

> Em setembro do mesmo ano (1882) ficou o Clube definitivamente organizado, com a seguinte diretoria: Presidente, Dr. Carlos Barbosa, Vice-Presidente, Manuel de Deus Dias; Secretários, Eugenio Rache e Innocencio Etchegoyen, Diretores Marcinio Mattos, Manuel Ignacio Rodrigues, Benjamin Reis e Augusto Cezar Leivas (MONOGRAFIA DE JAGUARÃO, 1912, p. 63).

E sobre a temática política, segue apontamento registrado na Monografia Jaguarão (1912. p. 64), trazendo o clima naquele período, reconhecendo os monarquistas, como os retrógrados "[...] para os monarquistas de Jaguarão, a ação dos missioneiros era um mito (...) pregavam no deserto e a tremulação da nova bandeira, era para os retrógrados, a louca ambição de romanescos sonhadores!". Segue adiante o tema, sobre os republicanos em ascensão, corroborando com o apontamento sobre a liderança de Manoel de Deus Dias, visto que esta reunião ocorre na sua casa.

> A quarta reunião do Clube republicano, realizada em 18 de janeiro de 1883, à rua Uruguaiana, residência do vice-presidente, foi aberta pelo Sr. Dr. Carlos Barbosa, Presidente, que em eloquente discurso, profundamente magoado, como cidadão e republicano, pede um voto de pesar, lavrado em ata, pelo passamento infausto do glorioso francês Leon Gambetta, o grande republicano da Pátria Espiritual dos povos que mantém a bandeira de Ordem e Progresso. (JAGUARÃO, 1912, p.65).

Cabe frisar que Léon Gambetta[26] é reconhecido por ser um dos protagonistas da proclamação da terceira república na França, mesmo em condições desfavoráveis, de tal modo que esta é uma das únicas interjeições encontradas e aqui se dá relevo ao período em que Carlos Barbosa foi revolucionário.

Em 28 de maio de 1883, a **Revista de Engenharia**, editada no Rio de Janeiro, publica nota sobre a continuidade das obras do sangradouro da Lagoa Mirim e, naquele momento, estava presente José Francisco Diana, que discursou, fazendo um

[26]Léon Gambetta (1838 - 1882) político republicano francês, dos mais importantes no período da fundação da Terceira República. Estudou direito em Paris, onde se destacou por sua oratória eloquente em defesa dos ideais republicanos. (...) ajudou a proclamar a Terceira República e a formar um governo provisório, no qual ocupou o cargo de ministro do Interior. (...) Como parlamentar de grande habilidade, conseguiu impor a ratificação da república pela Assembleia, embora a maioria dos deputados fosse monarquista, e proclamou a constituição republicana (1875) (Wikipedia, 2017).

histórico da obra. Mais tarde, no mesmo local, antes de encerrarem a solenidade com "**um brinde ao Imperador**" [grifo do pesquisador], segundo a revista, teria um sarau nos salões do Cube Jaguarense, oferecido pelo comércio local, aos Sr. Nicoláo Barcellos, engenheiro fiscal, e aos engenheiros da obra Ahrons e Cardoso, como representantes do Sr. Carvalho Bastos, empreiteiro da obra.

Diz a nota que seria em regozijo do melhoramento iniciado em consideração e apreço por serem dignos e tão distintos hóspedes. Do exposto, reitera-se a percepção de manutenção do clube como salão municipal e o seu uso, para mais um cerimonial, expressando a hospitalidade local e por outro, é uma oportunidade de encontro, seja de negócios, política e lazer, muito provavelmente, neste caso, as três opções.

Encontrou-se em 1883 um jornal, na verdade, um suplemento literário denominado **A Luz**, de 30 de dezembro de 1883, onde está publicada uma crônica jovial, relatando os contornos românticos de um baile no Clube Jaguarense, citando fatos e pessoas, sem dar o nome, que provavelmente seriam de conhecimento público, ao menos deste grupo que deveria congregar os redatores e leitores do suplemento. Aparece como responsável pelo publicação "Praxedes da Costa & Comp", ano 1, número 1.

Diz o redator, um moço "lança à diversas belezas deste torrão, olhares que produzem mais efeito do que uma pilha de volt", o tão mencionado anteriormente como belo sexo, ou seja, a mulher, aqui passa a ser denominada como sexo frágil e o homem denominado como sexo feio, agora é o *gentleman*, realmente, as mudanças são perceptíveis, em termos de comunicação, apontando para o clube, como um espaço mais moderno.

Quem assina é "o repórter". O relato desvela os novos caminhos da sociabilidade em Jaguarão, ou seja, vai deixando, aos poucos, o espaço do clube, como local secundário do teatro do poder, e toma o centro as relações familiares, afetivas, em especial as que envolvem iniciação social e amorosa na juventude, seja de forma direta ou idealizada. Para esse redator, jovem, certamente, não aparece o presidente do clube e autoridades presentes, mas eles mesmos, o foco muda, deixa de ser o palco das autoridades, e volta-se para o quotidiano e as relações de produção de sentido e subjetivação no campo afetivo especialmente.

Retomando a periodização da época, segue o apontamento sobre atividade recreativa realizada no Clube Jaguarense em 1884, um concerto, com apresentação

de uma professora acompanhada de alunas. É outro elemento que parece diferente do que foi encontrado anteriormente, com a presença das estudantes.

> [...] [P]ortanto, resta-nos apenas felicitar a todas as pessoas que nele tomaram parte, pela maneira diária que interpretaram essas produções mimosas de grandes maestros; e a nova diretoria do Clube que tanto se esforçou para dar a essa apreciada festa o maior esplendor possível. Oxalá que a distinta professora, D. Luizinha Silva, com suas esperançosas discípulas, nos proporcione muitas noites agradáveis como essa de que viemos a falar. (**A LUZ**, 27 de janeiro de 1884).

Em outra edição do Jornal **A Luz**, de 06 de janeiro de 1884, assinado pelo seu proprietário Praxedes, para não fugir ao debate corrente, resolve fazer um desabafo, escrevendo a crônica "Os Pedantes". Diz ele "[...] estão por toda parte, alegres, trajados; Ao novo figurino, à moda, no rigor [...]; De barba sempre feita e pelos bem frisados; Luvas de pelica e chapéu castor... e arrebata... **uns são republicanos e outros monarquistas**[...]**; E aqui no meu pensar, não passam de pedantes**!" [grifo desse autor]. Nota-se o refinamento do padrão de sociabilidade, assim como mal-estar do escritor ao observar os grupos em ebulição, no caso, os republicanos e os monarquistas, bem como o certo desdém de quem não estava tão atento ou interessado às disputas em curso.

Após, em 06 de julho de 1884, é publicado um texto provocativo, de Aluízio de Azevedo[27], intitulado "Seria a mulher brasileira escravocrata?", no qual o escritor responde com um rotundo sim, e explica as suas motivações.

Segue trecho do texto abordado.

> A mulher brasileira é escravocrata?
> - Muito!
> Ninguém o é tanto, nem tão cegamente.
> E, como poderia deixar de ser assim, se a mulher brasileira caminha com sessenta anos de atraso? Se, enquanto navegamos em 1884, munidos de ciência, medindo os nossos gostos, as nossas simpatias pela bitola de uma educação positiva e moderna; ela a mulher, a que devia ir adiante com as criancinhas pela mão, a explicar o que é ar, o azul do céu, a classificar as flores e as folhas que os filhos fossem arrancando no caminho para brincar, ela, que devia saber tudo, como educadora, como mestra; ela, coitada, arrasta-se ainda nas brumas do romantismo, crê no diabo, tem mau agouro com o arrulhar dos pombos, empalidece defronte de um pouco de azeite entornado, e em vez de responder pelos seus atos, lança tudo à conta da "Fatalidade".(**A LUZ**, 06 de julho de 1884).

[27]Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo), caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Fonte (ABL, 2018)

Assinala-se, como a principal fonte do trabalho é a imprensa, em sua quase totalidade escrita por homens, o entendimento de que as fontes normalmente não contemplam uma visão escrita por elas. Porém, no texto citado, se desvelam temas daquele momento, tanto a escravidão como a situação da mulher na sociedade, e, sobretudo interessa, naquele momento da sociedade em ebulição e transformação, apontando para a ciência como um caminho necessário.

Sabe-se que o ideal de mulher cientista, demorou um pouco mais que o almejado pelo escritor, para a sua concretização, tanto que, por exemplo, em Jaguarão, as meninas normalmente estudavam em uma escola de freiras, ou seja, de confissão católica. Inclusive Maria Antônia, que será vista adiante nesse capítulo, jovem que em meados da década de 1910, narra em suas memórias o quotidiano das disputas entre os clubes sociais na cidade no período do carnaval, relatava estar acompanhada do seu amigo imaginário, e por fim seguiu a vocação para o sacerdócio.

Ressalta-se que, nessa época, um tema emergente estava na pauta local, o divórcio, embora proibido pela igreja, fazia parte das discussões na localidade, tendo em vista o insucesso do casamento de Minervina Carolina Correa, casada em 1883 e que havia ingressado com um processo eclesiástico para a sua separação. Por ser influente na cidade, deixou uma imponente igreja e a sua estória, vai e volta, de acordo com os humores, mas de forma mais recorrente, aparece como a que foi abandonada pelo marido. Ela superou, em parte, o seu revés matrimonial mantendo uma trajetória como benemérita de diversas entidades na cidade, assim como pela externalidade de intensa devoção religiosa católica (inclusive teve um estádio de futebol inaugurado em seu nome, o do Jaguarão Esporte Clube, inaugurado em 1º/05/1953 (**A FOLHA**, 02 de maio de 1953) e foi condecorada pelo Papa Pio XII com a Cruz “Pro-Eclésia e Pro-Pontífice”(**A FOLHA**, 25 de julho de 1953) – mais tarde será encontrada Minervina em um evento no Clube Jaguarense.

E ao pensar sobre a estrutura familiar da época, evidencia-se que o clube social era o espaço para a demonstração pública de um modelo de família desejável. E assim, é oportuno deixar um pai externar o sentimento corrente, e ser encontrado no discurso do Doutor José Maria Azevedo, em 1885, realizado em memória do Cônego Joaquim Lopes Rodrigues, após um ano do seu falecimento. A casa do Cônego Joaquim Lopes, mais tarde, seria comprada, e utilizada na reedificação onde hoje está localizada a sede do Clube Jaguarense no centro da cidade.

Segue o Comendador Azevedo, destacando a família e a necessidade de obediência a ela, tal como fez o conhecido como Cônego Lopes. Diz Azevedo, enaltecendo o sentimento paternal, mencionado ao final da sua preocupação com o divórcio.

> Um filho é a flor de dois amores, que a natureza, em cadinho de ouro, projetou e fundiu. Em verdade ainda mais. Um filho é um laço místico formado com fitas do céu, bordadas por mãos santas e que, ao sopro de Deus, prende aos corações de pai e mãe. Um filho é a nota mais harmoniosa de harpas, anjos, que atrai, aconchega, e vincula as almas do homem e da mulher que o sacramento do matrimônio identifica para sempre. Um filho é solene projeto, incessante contra o redivivo monstro em moda, perturbador da estabilidade da família e da sociedade, propagandista da imoralidade – o divórcio (SOARES, 2011, p. 250).

Tal apontamento é importante, pois reflete, no contexto do estudo, essa nova fase dos clubes sociais, que permanece política, mas tende a ser o lugar de pleno exercício do poder familiar, mais ou tanto como outrora. Feita as revoluções, restaria aos pais atuarem em prol das suas famílias, com esse sentimento apontado de devoção aos filhos e na certeza do casamento eterno, sobretudo até onde vai esse estudo, visto que a lei do divórcio será aprovada em 1977.

Cabe aqui, aproveitar e apontar que os casais separados não frequentavam os clubes sociais e a questão das viúvas é ambígua, encontram-se estatutos do Clube Jaguarense, da década de 1950, que fazem menção positiva ao amparo das viúvas, e por outro lado, um dos entrevistados, atuante na década de 1970, relatou que “não se mandava mais o cobrador das mensalidades na casa das viúvas”, portanto deixavam de participar da sociedade.

O clube, com o passar do tempo, vai deixando aos poucos de ser maquinaria política para ser o lugar da produção dos casamentos e do lazer familiar, se consolidando como um banco, um estandarte, uma corporação familiar, como se fosse de ofício, repletos de regras e lealdades. Tratou-se de organizar através dos clubes sociais uma forma de corporativismo social, pois depois do primeiro, Jaguarense, viriam tantos outros, complementares e concorrentes entre si.

Dessa forma, seja banco social ou corporação, é possível que fosse a junção de ambos, banco com o lastro social do mais importante ao menos, de acordo com os valores da época e a corporação no sentido da administração social, marcada pelo familismo e por regras de moral em maior parte rígida e de cordialidade (HOLANDA, 1995). E registra-se que, o clube social, ainda guardou dentro de si, com a mesma

força de um fiel depositário, um imaginário que remete, para a elite, a lembrança da sociedade imperial, mantendo as rainhas, princesinhas, príncipes, sendo esses traços da sociedade colonial e imperial.

Retomando aos clubes locais, trazendo a criação do segundo clube, erguido sob o signo republicano, de acordo com Isadora Soares Botelho (2016), trata-se do Clube Cassino Jaguarense – que mais tarde vai dar origem ao Harmonia, fundado em 27 de janeiro de 1884, haja vista que a data não pode ter sido ocasional, pelo que representa para Jaguarão, mencionada, como de resistência a invasão dos *blancos* uruguaios no limiar da Guerra do Paraguai em 1865.

Não seria estranho fundar um clube social no dia 27 de janeiro? Pelo pesquisado, não, pois conclui-se, pelo conjunto do banco de dados da pesquisa, seguindo com Certeau (1995), que se trata de fortalecimento do grupo republicano, saindo das táticas, parte para as estratégias a partir do avanço da sua institucionalização. Segundo Botelho (2016), após firmada a ata de fundação do Cassino Jaguarense[28], constam como membros da primeira diretoria[29]: "Dr. Diogo Alvares Fortuna, como presidente; Theotonio de Bittencourt Pereira e Mello, como vice-presidente; Dr. Pedro Caminha, como secretário; e, Paulo Rache como tesoureiro" (BOTELHO, 2016, p. 19).

Com relação ao objeto dessa pesquisa, identifica-se ao menos um nome comum entre os fundadores dos clubes, Augusto Cezar Leivas, está na primeira diretoria do Jaguarense e também entre os fundadores do Cassino Jaguarense. Agrega-se apontamentos da autora, sobre o Clube Harmonia, oriundo do Cassino

[28]"Aos 27 dias do mês de janeiro de 1884 reunidos os Srs. Dr. Francisco da Cruz Ferreira, Dr. Estevão da Souza Lima, Dr. Pedro Caminha, Theotonio de Bittencourt Pereira e Mello, José Luiz Estapé, José Maria Braga, Augusto Cesar de Leivas, Vicente de Paula VillasBôas, João Thomas de Mattos, Ladislau Cousserat, Antônio Pereira de Castro, Pedro Muñoz, Heleodoro Azevedo, Macedo de Andrade, Marcínio José de Mattos, Coronel Manoel Amaro Barbosa, João Maria Gonçalves, Salvador de Albuquerque, Antônio da Costa Silveira, Benjamin de Moraes, Leopoldo Landau, Joaquim Pedro de Mattos, Hercílio Nobre, Luiz Osorio de Avila, Dr. Andrade Guimaraes, Major Silvestre Gonçalves, Capitão Delfino, Capitão Gulião Alvares, Dr. Diego Alvares Fortuna no sobrado à rua do comércio. Ocupado pela aula pública, dirigida pelo professor Salvador de Albuquerque, com o fim de fundar uma sociedade de dança e recreio às famílias jaguarenses, foi por afirmação nomeado presidente o coronel Manoel Amaro Barbosa que passou a ocupar a cadeira da presidência e Benjamin de Moraes a de secretário. Depois de discutidas as bases de assentar a nova sociedade cuja denominação seria 'Cassino Jaguarense', passou-se a eleição de uma diretoria provisória. (Ata de fundação do Clube)". (BOTELHO, 2016, p.18).

[29]Primeira diretoria: Dr. Diogo Alvares Fortuna, como presidente; Theotonio de Bittencourt Pereira e Mello, como vice-presidente; Dr. Pedro Caminha, como secretário; Paulo Rache como tesoureiro e para diretores: José Ignacio Rodrigues, Dr. Cruz Ferreira Júnior, Coronel Manoel Amaro Barbosa, Dr. Estevão de Souza Lima, Vicente de Paula VillasBôas, José Luiz Estapé, Dr. Andrade Guimaraes, Affonso Rodrigues Barbosa, Soriano Rodrigues, João Thomas de Mattos, Capitão Antonio Maria Pinto e Benjamin Moraes". (BOTELHO, 2016, p. 19).

Jaguarense, que fizeram parte da entidade em seu momento de fundação, 63,64% dos membros do partido republicano da localidade, portanto prevalece a correlação existente entre republicanos e o Cassino Jaguarense, nessa polarização ao que tudo indica, com a liderança do grupo monarquista que teria fundado o Clube Jaguarense.

Rotta (1990) em artigo publicado na revista do Instituto Histórico de Jaguarão afirma que **a Sociedade Cassino Jaguarense estava em sua fundação formada pelo ideal republicano** [grifo do pesquisador]. Em 25 de março de 1884, a sociedade seria instalada em prédio alugado do espólio do Cônego Joaquim Lopes Rodrigues (SOARES, 2011) por "cem mil reis mensais"[30], e como melhoramento para funcionar de forma de clube social, seria necessário que se "abra uma passagem a fim de comunicar a casa com o compartimento que servia de cartório eclesiástico".

E tal imóvel foi, mais tarde, comprado e reedificado pelo Clube Jaguarense, acrescendo terreno ao lado, onde estaria a casa do Capitão Alfredo Reiveillan, e permanece até atualidade. Portanto, naquele local, em que é a sede central do Clube Jaguarense, funcionou antes o Cartório Eclesiástico de Jaguarão. A casa havia sido inaugurada, no ano de 1880, e Cônego Lopes, conforme Soares (2011, p. 211), era muito bem quisto na cidade, tendo participação em todas as frentes, no Partido Liberal (Monárquico) e encontrou-se menção que frequentava a maçonaria. Lopes ficou conhecido por ter feito toda a campanha da guerra do Paraguai, portanto os 5 (cinco) anos. Deve-se registrar que no atual prédio do Clube Jaguarense, em termos de história, estão as raízes do Clube Harmonia, quando ainda era o Cassino Jaguarense, pois iria ocupar a sua sede atual somente a partir de 16 de maio de 1891.

Em 1884, sabe-se que d'Ávila, conforme o jornal **A Luz** de 11 de maio de 1884, seria o presidente da Biblioteca Jaguarense, mas não se tem mais referências de como foi o seu desfecho e se teve continuidade. Tudo indica que naufragou neste contexto das disputas desta década do século XIX, pois a biblioteca pública atual foi inaugurada somente em 1968.

Durante o ano de 1885, o Clube Jaguarense recebeu uma visita do Conde d'Eu, Luís Felipe Maria Gastão, esposo da Princesa Isabel, que estava em Pelotas. Consta que foi recebido com grande festa apenas no Clube Jaguarense. Sobre o contexto da visita real ao sul, Mario Osório Magalhães (1993), assinala a sua presença, dizendo

[30] Cabe lembrar ainda da Bailante, da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, do valor que deixou, em 1881 para fundação do Clube Jaguarense, sem atualização monetária, percebe-se que seria a quantia suficiente para saldar pelo menos treze aluguéis como este

que não passou despercebida a sua vestimenta, por estar com traje gaúcho. Acrescenta-se que o Imperador Dom Pedro II, quando visitou o estado em 1865, utilizava a citada vestimenta, com pala, bota e espora, chapéu, assinalando a tensão entre nação e região, e por outro, convergindo para considerável romantismo que tão bem caracterizava a sociedade imperial brasileira.

Segue relato.

> Mas o baile que ficou mais famoso receberia o nome de Baile do Paço: foi organizado em homenagem à Princesa Isabel e ao Conde d'Eu em 1885. Depois de uma permanência de cerca de três semanas em Pelotas, na noite de 21 de fevereiro a filha do Imperador compareceu ao prédio da Câmara Municipal acompanhada do marido, que chegara de uma viagem ao interior, de trem, nessa mesma tarde, envergando traje gaúcho. (MAGALHÃES, 1993, p.147).

Ainda em Jaguarão, segue apontamento de Léo Santos Brum (s.d.), aferido pela chamada da publicação que pelo contexto, afere ser do ano de 1963, embora estivesse sem data. Nota-se que entre a comitiva, além da autoridade real, se faziam presentes militares e a imprensa, através de um correspondente pessoal, Tinoco, representando o **Jornal do Comércio do Rio de Janeiro**.

> Este clube, ligado à história de Jaguarão, tem em seu livro de visitas, a seguinte nota que merece destaque "A Diretoria do Clube Jaguarense tem a honra de apresentar em seus Salões Sua Alteza Real o Sr. Conde D'Eu, e sua comitiva, Jaguarão 25 de fevereiro de 1885, seguem-se as assinaturas autênticas de Gastão de Orleans, Conde D'Eu, Marechal do Exército, Tenente General Salustiano Jerônimo dos Reis, Brigadeiro D´Ármas, Augusto Cezar da Silva, Cel. Manuel Lucas de Lima, Maj. Joaquim de Oliveira Fontes (Secretario de sua Alteza Real) Capitão Agrícola Ewerton Pinto (Ajudante de ordens de Sua Alteza). Tinoco (Correspondente do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro) (BRUM, Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, s.d.).

O Cassino Jaguarense, naquele momento, estava mais posicionado com os republicanos. Reforçando o indicativo de que o Clube Jaguarense era o mais tradicional da cidade, oriundo da antiga Sociedade Bailante, possuía laços com a monarquia.

Sobre a visita do Conde d'Eu, em virtude dos ânimos acirrados entre republicanos e monarquistas, Martins (2001) a descreve como uma grande festa, mas também há nota no jornal republicano, **A Federação** de Porto Alegre, no dia 06 de abril de 1885, procurando desqualificar a visita, apontando como modesta. Conforme segue trecho, recebido do jornal republicano, **A Ordem** de Jaguarão, do qual Carlos Barbosa fazia parte, conforme Ferrer(2011).

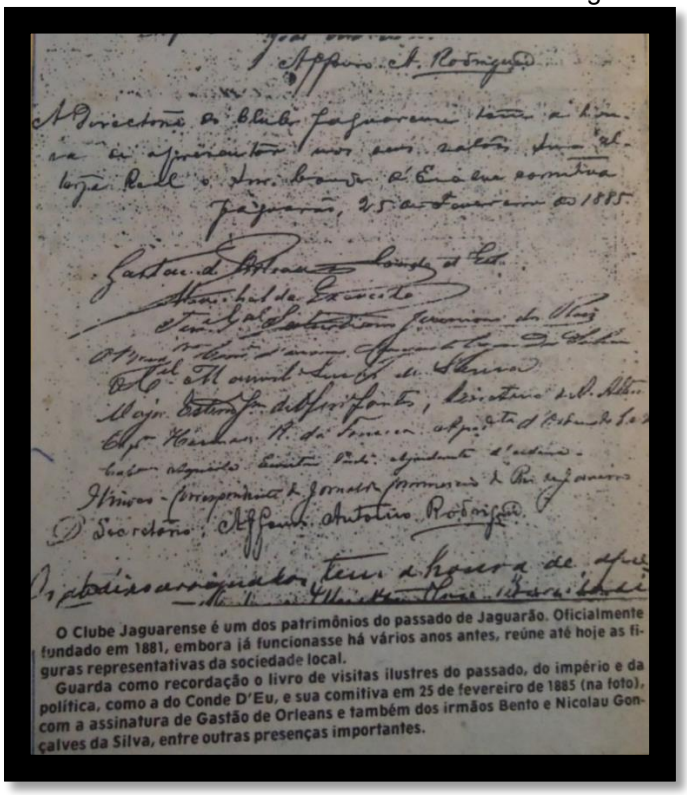
> **Uma retificação.** Somente agora tivemos conhecimento do telegrama publicado no Jornal do Comércio de Porto Alegre, de 28 de fevereiro de último, relativo à chegada de sua alteza. O conde D'eu a esta cidade. Se a verdade relativamente aos fatos que se deram aqui por essa ocasião, não fosse tão corajosamente invertida transmissor desse telegrama, talvez o deixássemos passar sem contestação, como muitas outras coisinhas que por aí se fazem e se publicam. Entre outras coisas, diz o tal telegrama a que nos referimos o seguinte; "Em Jaguarão foi sua alteza alvo de vivas demonstrações de apreço; a municipalidade ofereceu a sua alteza um esplendido baile". Em primeiro lugar quais foram essas demonstrações de apreço, que tanto entusiasmaram o ativo correspondente do jornal? Parte da população desta cidade concorreu ao desembarque de sua alteza unicamente por curiosidade, não foi atraída por simpatias e nem teve sequer de dar-lhe vivas demonstrações de qualquer coisa. Assistiu ao desembarque de sua alteza como assistiria de uma raridade qualquer. E tanto isto é verdade, que sua alteza. Não mereceu sequer um viva da facção monárquica; foi recebido com a maior frieza, com a maior indiferença possível como bem disse galhofeiramente um sincero monarquista. Em segundo lugar: o baile, esplendido, oferecido pela municipalidade a sua alteza onde foi realizado? Nós o ignoramos. O que se deu aqui foi o seguinte. Um distinto jovem desta cidade ofereceu ao amigo Tinoco do Jornal do Comércio da corte, um improvisado baile nos salões do **Clube Jaguarense** [grifo do pesquisador], e casualmente, sua alteza, que tinha sido convidado por uma comissão para honrar os salões dessa florescente sociedade com sua principesca presença, aí compareceu mais ou menos na hora que começou tal baile, dançando duas quadrilhas e retirando-se depois. (...) (Ordem de Jaguarão). (**A FEDERAÇÃO**, 06 de abril de 1885).

Do exposto, é flagrante as disputas entre monarquistas e republicanos, em tom acirrado, e o uso da imprensa, como forma de ação política. Parece que apesar do exagero do noticiário, o baile foi dado ao Conde d'Eu, conforme se registrou acima, sobre sua passagem pelo clube. É muito inverossímil, como aponta a nota, que o baile tenha sido ofertado ao jornalista Tinoco do Jornal do Comércio, embora conste na comitiva. De qualquer forma, para esse trabalho, sobre o Clube Jaguarense, é importante ressaltar que o Conde d'Eu foi recebido apenas no Jaguarense e não no Cassino Jaguarense.

Foi encontrada referência que o jornalista Tinoco, citado como acompanhando a comitiva imperial, foi um dos primeiros repórteres do século XIX, visto que a profissão, se tornou importante na imprensa após 1875, com a inauguração do jornal carioca **Gazeta de Notícias**, diz a nota que ele escrevia bem, com elegância, correção e, normalmente, corria atrás da notícia, entrevistando autoridades, buscando o furo para a reportagem (Portal dos Jornalistas, 2013).

Segue Fig. 9 – Assinaturas na visita do Conde d'Eu ao Clube Jaguarense em 1885.

Figura 9– Assinaturas na visita do Conde d'Eu ao Clube Jaguarense em 1885



O Clube Jaguarense é um dos patrimônios do passado de Jaguarão. Oficialmente fundado em 1881, embora já funcionasse há vários anos antes, reúne até hoje as figuras representativas da sociedade local.

Guarda como recordação o livro de visitas ilustres do passado, do império e da política, como a do Conde D'Eu, e sua comitiva em 25 de fevereiro de 1885 (na foto), com a assinatura de Gastão de Orleans e também dos irmãos Bento e Nicolau Gonçalves da Silva, entre outras presenças importantes.

Fonte: Jornal da Associação Cruzeiro Jaguarense – Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O jornal **A Instrução** de 9 de janeiro de 1887, com sua filiação a seguir como órgão da biblioteca juvenil, sendo que a pesquisa identificou alguns periódicos aparentemente sem filiação partidária, mas direcionados para uma geração, os jovens, e ao que o nome indica, estava situado no seguimento dos jornais literários, pelo teor da linguagem com apelo juvenil, inclusive ao longo do texto utiliza a expressão ao "jovial leitor".

Além disso, narra o episódio do dia 31 de dezembro de 1886, quando passou a virada do ano em um baile no clube, por se tratar de um momento importante nos clubes sociais, que segundo o entrevistado Claudio Rotta, se manteve até a década de 1970, quando os sócios dos clubes esperavam o ano novo entre os associados. O relato de Rotta, acompanha o descrito por Sennet (2014), como aponta em sua obra, "O declínio do homem público", com o tempo em que a sociedade se voltaria mais para a vida privada, e a própria obra foi escrita na década de 1970, corroborando com o entrevistado sobre uma mudança corrente nos padrões de sociabilidade.

Retomando, a nota em questão é "O baile do 31 passado no Clube Jaguarense" em 1886, que discorre sobre passar este momento nos "vastos salões do Jaguarense". Diz o narrador, que se dirige mais uma vez às leitoras, como encontrado

nas décadas anteriores, a temática seria do interesse das mulheres, e descreve os arranjos de flores, a música, a beleza feminina descrita como “belo sexo” e que o Diretor do clube J. M. Dutra, enfileirou os jovens no salão para que dançassem a primeira quadrilha, ou seja, ele era o marcador de quadrilha.

Após passaram a dançar uma polca. Cita ainda terpsícore, diz ele, sobre a conclusão do baile, “[...] aos deleites da primorosa terpsícore – a musa predileta da dança” e cita euterpe, aos “[...] sons da encantada e arrebatadora euterpe”, portanto musa da música – o uso de terpsícore era usual na literatura ao se tratar de dança, e assim permaneceu por um bom tempo, essa referência é encontrada, por exemplo, em um conto do escritor Machado de Assis em uma seção de um dos seus livros, Esau de Jacó.

Depois, em 1887, retornando as movimentações políticas acerca dos republicanos da época, tema considerado necessário acompanhar, até a proclamação da república, pois tais contendas passavam pelos clubes sociais.

> Em agosto desse ano(1887) o Clube Republicano resolve enviar um representante ao Congresso político de Santa Maria da Boca do Monte, sendo pelo Sr. Augusto Leivas lembrado o nome do sócioAmâncio Nogueira, ou algum republicano residente na localidade. Em discussão ficou assentado que deveria ser o representante o Sr. Herculano Montenegro, que aceitou, sendo o seu procedimento louvado pelo Sr. Presidente. (JAGUARÃO, 1912, p. 66).

Dessa nota, faz-se um apontamento, ao identificar Amâncio Nogueira, que mais tarde vai ser presidente do Clube Jaguarense, sendo o comprador da sede central em 1890, demonstrando a ascensão dos republicanos que circulavam em ambos os clubes sociais. Assim como Augusto Leivas, que constava, conforme mencionado, entre os fundadores de ambas as entidades.

Ainda sobre os ânimos acirrados entre monarquistas e republicanos, segue uma nota sobre o agravamento que cercava a sucessão do trono, como assunto nacional, com reflexos em Jaguarão e São Borja/RS, período em que o Imperador estaria na sua última viagem para a Europa, em virtude de tratamento de saúde.

> Em 1888, a Câmara de São Borja, a 13 de janeiro, convida a Câmara de Jaguarão, para tornar-se solidária, representando aos poderes do Estado, para dado o fato lamentável do falecimento de Sua Majestade Imperial, se consulte, por meio de um plebiscito, se convém a sucessão do trono de uma senhora obcecada por uma educação religiosa e casada com um príncipe estrangeiro. (JAGUARÃO, 1912, p.67).

Tal proposta, que versa sobre a realização de um plebiscito, para definir os rumos do Brasil, sendo premente o falecimento de Dom Pedro II, que de fato ocorreria em breve, pois veio a falecer no ano de 1891 em Paris. Salienta-se que a proposta apresentada pela Câmara de Vereadores de São Borja ganha apoio em Jaguarão dos vereadores republicanos Lavra Pinto, Sr. Herculano Montenegro, em oposição dos monarquistas Silvestre Nunes Gonçalves e Antônio Costa Silveira e Vasco Pinto Bandeira.

Sublinhe-se esse episódio, pois deixa inequívoco como os ânimos estavam por um fio em todo o país, entre monarquistas e republicanos, frente às inevitáveis mudanças que cercavam o destino nacional, de tal modo, que esta temática era discutida e debatida de forma franca e aberta em todas as frentes possíveis.

Em 1888 de acordo com Rotta (1990), o Clube Jaguarense teve uma fusão efêmera com outro clube o Cassino Jaguarense, desfazendo a união no mesmo ano. Sobre a fusão, foi questão aventada em setembro de 1888, através de ofício assinado pelos sócios Vasco Pinto Bandeira, João Hélio de Faria Santos e Diogo A. Fortuna e os designados para tratar da união foram Conselheiro Diana e Monoel de Deus Dias, sendo a união efetivada em 30 de setembro de 1888, conduzida por José A. Figueredo - tendo como destaque Diana e Deus Dias como mediadores.

Com relação a esse episódio, acredita-se que os custos financeiros envolvidos na criação e manutenção das atividades comuns em dois espaços, pode ter colaborado para a busca do entendimento. Porém, não deu certo a aproximação das entidades, segundo consta por motivo de costumes, teriam querido os cassinenses, introduzir a moda do “cordão” trazida do Rio de Janeiro. A sociedade foi desfeita no mesmo ano.

Restou a retomada do clube fundado em 1884, mas agora com outra denominação, o **Harmonia Jaguarense** [grifo do pesquisador] para demonstrar, segundo Rotta (1990) a harmonia e amizade existente no grupo, sendo presidente neste momento Diogo A. Fortuna. Ainda hoje, o clube Harmonia, cuja edificação concluída em 1891, guarda na fachada do seu imóvel, em termos de memória eletiva, o ano de 1884, momento de fundação do Cassino Jaguarense.

Havia no clube Harmonia muitos membros vinculados ao Clube Republicano, de acordo com Botelho (2016), observa-se que também mantém o gentílico jaguarense como referência ao município. Rotta (1981) afirma que os desentendimentos dos grupos se deram por motivos de costumes. Sobre o fato:

> Em 1888, por unanimidade de votos, a Sociedade “Cassino Jaguarense”, que havia sido fundada quatro anos antes no dia 27 de janeiro de 1884, no sobrado da Rua do Comércio, atual 15 de novembro, onde funcionava a aula pública dirigida pelo Sr. Salvador Albuquerque fundiu-se ao Clube Jaguarense. A fusão, porém, foi efêmera, pois no mesmo ano, um dos componentes cassinenses, recém chegado do Rio de Janeiro, quiseram introduzir a última novidade dos salões cariocas que era o “cordão” surgiu forte divergência entre os associados. Os elementos cassinenses consideraram-se então como não fundidos e na mesma noite da dissolução compraram um terreno “defronte à praça” para a construção de uma sede, passando então o Cassino Jaguarense a chamar-se Clube Harmonia Jaguarense em 14 de outubro do referido ano. O Clube Jaguarense, porém, não ficou atrás, adquirindo logo em seguida, portanto, em 1890, o terreno atual, onde no mesmo ano começou a construção de sua sede que foi terminada em 1897. (ROTTA, **Correio do Povo** 1981).

E Carlos Barbosa Gonçalves, que mais tarde vai ser governador do estado entre os anos de 1907 e 1913, republicano, aparece entre os fundadores do clube Harmonia, porém também foi encontrado Henrique d’Ávila e José Francisco Diana como elemento mediador[31], de acordo com Botellho (2016). Sobre essa união e considerando Diana como mediador, destaca-se que no ano seguinte, ele seria nomeado Ministro de Negócios Estrangeiros, aliás, o último do período imperial, saindo de cena em 15 de novembro de 1889.

Logo, fica evidenciado que um mediador profissional procurou consertar e amalgamar as divergências existentes na sociedade local, como outrora, nos velhos tempos da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, uma gente só, uma classe, uma elite. Porém, não teve êxito. Dado o mediador e as circunstâncias, entende-se que naqueles clubes poderiam apenas existir “dois países”, divididos pelas cores do regime político, de um lado um de predominância monarquista e alguns republicanos, do outro, republicanos e alguns monarquistas.

O Clube Jaguarense representava a tradição, o passado, a monarquia e no Harmonia, estava o futuro, a república, os jovens. Pelo visto, foram mesmo opositores, um, o Jaguarense, com as marcas, as chagas e as tradições do século XIX, por ser herdeiro da Bailante, e no outro, a outra elite, remoçada e ao que parece, mais homogênea, harmônica, como celebra em seu nome.

[31]Sobre a fusão entre os clubes da elite local, será visto mais adiante no trabalho, que foram aventadas novamente esta possibilidade durante o século XX.

Dessa forma, no plano simbólico, o Clube Jaguarense, sofre uma arrebatadora derrota com a queda da monarquia em 1889, embora sejam identificados alguns dos seus membros como republicanos, desde a sua fundação.

Acompanhando as discussões realizadas durante o século XX para uma nova união entre as entidades, o Clube Jaguarense e o Clube Harmonia Jaguarense[32], que talvez seja uma forma de restituir a pacificação social existente nos velhos tempos da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, ou seja, um grupo somente entre a elite local.

O certo é que ambas as entidades, após o desentendimento, construíram suas sedes atuais e a Sociedade Cassino Jaguarense funcionou onde hoje está o clube jaguarense por algum tempo e foi residência[33] do Vigário Joaquim Lopes Rodrigues[34], que teve grande proeminência social na cidade. Após, Soares (2011) afirma que os sucessores do Cônego Lopes levaram o imóvel a leilão judicial em 1890 (comprado

[32] Desde 26 de outubro de 1971 é chamado Sociedade Harmonia Jaguarão. (Cf. SOARES, 2011, p.245).

[33] Sobre a inauguração da Residência do Vigário em 1880 esclarece Soares (2011 p. 240-241) que foi construída as suas expensas e onde pudesse recepcionar amigos e correligionários do Partido Liberal (Monárquico), comissões de paroquianos e autoridades em geral, além de repartir com seus habituais convivas as delícias da mesa farta que se fizera famosa nas cidades por nela terem assento todos os que chegavam a tempo de com ele repartir o diário rega-bofe. Esclarece Soares (2011) primitivamente a atual Praça Central Dr. Alcides Marques, anteriormente foi denominada 13 de maio e na época desta inauguração chamava-se de praça da Independência. E inicialmente foi denominada como Praça da Matriz.

[34] (Cf. SOARES, 2011, p. 165) consta de banquete oferecido em 23 de junho de 1870 ao Vigário Joaquim Lopes Rodrigues na Loja Maçônica Transatlântica, era membro regular do quadro daquela oficina, saudado na ocasião como benemérito Voluntário da Pátria. Diz ainda[...]. Os Srs Condessa, Silvestre Gonçalves, Diana (José Francisco), Fontes, Affonso e Cunha fizeram brindes que se podem chamar verdadeiros discursos.

pelo Clube Jaguarense), diz ainda que a morte do religioso foi em 12 de fevereiro de 1884[35].

Encontrou-se nota, de 1889, no ponto alto da tensão entre os clubes sociais, visto que a união não tinha dado certo e o cronista faz um texto jocoso, publicado no dia 10 de março, pelo Jornal **Ramalhete Jaguarense**, proprietário Pedro Odemar d' Oliveira, ano 1. Diz ainda que é um periódico "consagrado ao últil e belo", e pelo conteúdo do periódico, possui característica situada entre pasquim e suplemento literário.

Nesse momento, cabe destacar esse texto, que é uma sátira, descrita pelo "Pae Paulo", uma personagem, que seria um homem negro, utilizado para contar como foram os bailes nos clubes Jaguarense e Harmonia no carnaval de 1889, e descreve o carnaval, utilizando na narrativa uma dicção atrapalhada. E no final da nota, o redator pede desculpas aos leitores, pois não encontrou um jovem que pudesse ir aos dois clubes, devido à forte concorrência existente, e, portanto, a saída foi mandar este repórter.

"Pae Paulo", a personagem utilizada pelo redator, descreve que nesse ano, os clubes teriam no começo do carnaval saído em passeata pelas ruas, e sobre o Jaguarense aponta que levavam em sua passeata "uma rainha bem vestida". Relevante a menção, pois situa a tradição das rainhas dos clubes ainda no regime imperial e que permanece entre os clubes sociais até a atualidade, e no carro, ia uma

[35] Soares (2011 p. 245-246) aporta nota sobre a morte do Vigário publicada, como uma homenagem do Partido Liberal (Monárquico) publicada no jornal a ordem em 12 de fevereiro de 1885. Seleciona-se, trechos que julgados relevantes. "Joaquim Lopes Rodrigues, filho legítimo de honrados portugueses, nascera na Bahia em 15 de setembro de 1828[...]aos 15 amos entrou para o convento São Francisco[...] secularizou-se e veio servir num dos corpos do exército e, depois de ter exercido o lugar de coadjutor da Freguesia de São Gabriel, foi em 1861 nomeado Vigário Encomendado da Paróquia de Jaguarão, sendo dois anos após, apresentado, tal foi o brilhante sucesso junto à igreja da mesma Paróquia. Em 27 de janeiro de 1865, depois de guardar em um lugar bem seguro as alfaias do templo sagrado, foi alistar-se nas fileiras dos bravos defensores da Honra Nacional, insultada e ferida pelos vândalos de Bazilio Muñoz. Neste momentos de angústia, de lágrimas, de desespero, não esqueceu ele da Cruz, muito embora apelasse para o sabre[...]. Muito tempo não tinha decorrido quando declarou-se a Guerra do Paraguai, e Joaquim Lopes Rodrigues não pode deixar de obedecer, ainda uma vez aos impulsos, do mais santo puro patriotismo e de ouvir os reclamos da nação angustiada. Pediu permissão ao Senhor Bispo Diocesano para seguir para a Campanha e, uma vez ela concedida, foi alistar-se nas fileiras dos valentes Voluntários da Pátria na qualidade de Capelão Capitão[...]. e quando a campanha foi concluída veio, para o seio da pátria e veio tomar conta da sua Paróquia. E como recompensa dos relevantíssimos serviços que prestara ao País durante cinco longos anos da campanha, e ainda mais, apesar dos inúmeros e pomposos elogios dos generais sob cujas ordens servira, dos encarregados dos hospitais, obteve os Hábitos de Cristo e da Rosa e, mais tarde, as honras de Cônego Honorário da Capela Imperial[...]. Entregou-se, todavia, ao progresso da sua Paróquia, ao engrandecimento da Igreja Matriz. Soldado do Partido Liberal (Monárquico) [...]. Símbolo de honestidade e de amor ao próximo, que foi um sacerdote modelar, um benemérito da Pátria. Paz à sua alma, respeito e veneração à sua memória".

sereia e um menino com uma gôndola remando. “Pae Paulo”, narra que em um dos dias a passeata do Harmonia estaria melhor que a do Jaguarense, se não tivesse ocorrido um desastre, pois um carro triunfal do Harmonia bateu em uma árvore e quebrou.

É significativo o fato de que em 1889, antes da proclamação da república, os clubes mantêm intensa oposição, externada, sobretudo, no carnaval. O primeiro após o fim da união efêmera entre as entidades. A animosidade estava posta, de forma pública, debatida e descrita na imprensa local, principal meio de comentários sobre as agremiações. Dessa forma, essa tese ressalta a relevância dos clubes com os desfiles públicos antes de entrarem nos salões, como um dos motivos que explica a pujança, organização, regularidade e mobilização social existente no carnaval de Jaguarão.

É defendido que a solução republicana definiria a questão política, mas permaneceria a emulação entre os clubes, sobretudo no carnaval, portanto a disputa, que nasce na política, é mantida no plano cultural. E a disputa é positiva para a cidade, pois, acredita-se que se não houvesse esta tensão, o carnaval de Jaguarão não teria tanta força, é dessa tensão entre as agremiações mencionadas que aflorou grande parte do tesão da festa.

E será visto, mais à frente, o carnaval de Jaguarão filmado e exibido no cinema de Jaguarão e de outros municípios no ano de 1921, quando começam a chegar os primeiros turistas para conhecer a festa no ponto da sua alta maturidade, passadas décadas de criação e experimentação da folia, a oposição dos clubes somava-se às demais folias existentes na cidade, conformando essa como um festa de massa que envolve todos os segmentos sociais. Sobretudo, levando ainda em conta o marco, de 1881, com os republicanos tomando as ruas, ampliando o espaço público.

O entrevistado Claudio Rotta mencionou que o carnaval de Jaguarão era conhecido desde muito tempo e não era “coisa de agora” nas suas palavras, mas ao analisarem-se as fontes do trabalho é que fica compreensível o sentido da assertiva, identificando o carnaval como um produto cultural em 1921, no tempo do cinema mudo, além, claro, da grande empolgação e uso do espaço público como marco da primeira explosão do carnaval na cidade em 1881, como relatado no capítulo anterior, qualificado agora, pelo carnaval de 1889, dado o fracasso da aproximação entre as agremiações sociais realizada em 1888.

Ainda sobre a importância dos bailes e a política naquele período, parece oportuno mencionar o chamado Baile da Ilha Fiscal no Rio de Janeiro, conhecido

como último baile do Império, realizado em 09 de novembro de 1889. Trata-se do desfecho da monarquia, que aconteceria seis dias após o evento promovido pelo Visconde de Ouro Preto, para melhorar a imagem do Império, em atenção a delegação da marinha chilena presente na cidade.

Normalmente, afirma-se que Dom Pedro II teria tropeçado naquele momento e brincado “a monarquia tropeça, mas não cai”, e existem menções a republicanos não convidados. Machado de Assis transpõe o fato histórico para a literatura, e descreve o momento em sua obra “Esaú e Jacó” no capítulo denominado Terpsícore, segundo descreve, “foi um sonho veneziano, novo para uns, e já saudoso para outros”. Assim, no baile, segundo Machado, se comentava sobre o terceiro reinado de Isabel, dentre tantos outros assuntos.

Segue imagem[36] alegórica da ocasião. Fig. 10. Baile da Ilha fiscal, autoria de Francisco Figueredo em 1905.

Figura 10– Baile da Ilha Fiscal. Francisco Figueiredo (1905)

Fonte: Museu de Histórico Nacional (2018)

[36] Óleo sobre tela de Francisco Aureliano de Figueiredo e Melo (1856-1916), 1905, 3.035 x 7.080.
O quadro registra o último baile realizado pelo Império brasileiro, que aconteceu na noite de 9 de novembro de 1889, no Palacete Alfandegário da Ilha dos Ratos, hoje Ilha Fiscal. Homenageando os tripulantes do couraçado chileno Almirante Cóchrane, o baile reuniu o Imperador D. Pedro II, a Imperatriz D. Teresa Cristina, a Princesa Isabel, o Conde d'Eu, o corpo diplomático e o ministério imperial. Lembrava-se no baile, que estendeu-se até às 6 horas da manhã do dia 10 de novembro, a contribuição do Almirante Cocrhane do Chile ao Brasil e a amizade entre os dois países. Naquela mesma manhã, reunidos no Clube Militar sob a orientação de Benjamin Constant e posteriormente na residência do General Deodoro da Fonseca no Campo de Sant'Ana, os republicanos articulavam a queda da monarquia. Nessa monumental tela, o artista registra duas alegorias, uma das quais faz alusão à República, que é proclamada poucos dias após a realização do baile em 15 de novembro de 1889 e a outra à Coroação da Princesa Isabel, que nunca chegaria a ocorrer. (O ÚLTIMO baile, 2018).

Retornando ao objeto dessa, após a proclamação da república, conforme trecho de uma nota sobre animosidade dos clubes, registrada no jornal **Zig Zag** de 14 de agosto de 1892, fala-se de "[...] um dos 29 que assinou o protesto", neste caso parece razoável que possa ter sido algo aventado pelo grupo que apontou para cisão entre o clube Harmonia, saindo da associação com o Clube Jaguarense, em 1888. Pela nota, de pesar, a cisão da elite foi uma marca importante, e o cronista afirma que "as famílias formavam uma família", portanto, neste momento ainda se considera a existência dos dois clubes como uma fratura no seio da elite local. Segue nota.

> **Crônica dos clubes**. Falarmos em Clube nesta terrinha é termos o caldo entornado [...]. É sempre a mesma estória[...] – Se não fosse papai, iriamos a reunião de sábado. Temos muita vontade de frequentar o Jaguarense; Mas o que havemos de fazer diz outra, se a mamãe não quer[...]. Olha [...] Maria da Conceição[...] ela disse que só depois de morta botaria os pés no Harmonia[...]. Mais adiante dois velhos conversavam, - Compadre, declamava o mais gordo, acenando com um braço, isso vai mal. Acabemos de vez com essa rivalidade. Ontem, minha prima e vizinha chegou a negar-me o cumprimento por toleima de clubes. **Quem conhece a anos atrás, a sociedade jaguarense, tão unida, e alegre, fica pesaroso, com o andar das coisas.Era um céu aberto aquele tempo. As famílias formavam uma família**. [grifo do pesquisador]. Deus nos acuda se isso continua. Não acabará bem. (**ZIG ZAG**, 14 de agosto de 1892).

Portanto, em 1892, permanecia a rival dos clubes conforme mencionado, inclusive em tom saudosista, dos tempos de quando a elite era uma só, reunida na Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, e inicialmente no Clube Jaguarense.

Sobre a tensão entre republicanos e monarquistas em Jaguarão, restaria mais um acerto de contas a ser resolvido no município, uma disputa entre a história e a memória, que segue com a mudança em nomes de ruas centrais de Jaguarão, conforme nota publicada no Jornal **A Federação** de Porto Alegre em 1893 – quando ainda tinha o costume de dar nome aos logradores públicos com as pessoas vivas.

> Em Jaguarão, em razão de intensa reclamação popular, o intendente municipal substitui o nome da rua Senador Ávila pelo do intrépido e simpático republicano Carlos Barbosa, e o nome da rua Conselheiro Diana pelo ilustre presidente do Estado dr. Júlio de Castilhos. E essa mais uma homenagem justíssima nos serviços de dois cidadãos que se têm distinguido na defesa e consolidação da República no Rio Grande, contra os desordeiros e reacionários de todos os matizes (JORNAL **A FEDERAÇÃO**, 20 de março de 1893).

Portanto, encerram-se as inserções que envolvem este período de mudanças de regime político no Brasil e as relações com os clubes sociais em Jaguarão, com a alteração dos nomes dessas ruas, resolvendo uma importante questão. Após o fim da

monarquia, D'Ávila permaneceu em Porto Alegre e Diana se estabeleceu em Montevidéu. Ascendem os republicanos e são rechaçados os monarquistas, sobretudo pela mudança recente, que era necessária para construir a história da república e borrar a da monarquia. Não existe história sem o respectivo esquecimento, e além disso seria impossível e tormentoso lembrar de tudo.

Atualmente, d'Ávila possui uma rua, dentro do bairro Kennedy em Jaguarão, onde está localizada a Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, próximo da rua Conselheiro Diana, periférica em sua origem, pois estava em grande parte em frente ao Horto Florestal, que mais tarde vai receber a unidade da UNIPAMPA.

A memória de ambos foi retomada para nominar ruas através da lei municipal nº 866 de 24 de dezembro de 1969, que, pela importância que tiveram, foi uma ação de justa memória, de "repatriar" tais personagens da amnésia necessária dentro do processo que caracterizou a disputa entre monarquia e república, passados 76 anos do novo regime.

A rua, como suporte de memória, permite indagações que, nesse caso, invariavelmente se relacionam com a história local republicana, assim como da elite imperial, do Partido Liberal (monárquico), dos bacharéis em direito formados no centro do país que em sua época estiveram em plena ascensão. Como a história depende de escolhas, o exercício entre lembrança e esquecimento não termina, assim como as narrativas possíveis, pois a capacidade de narrar ganha contornos diversos, dependendo sempre da existência dialógica, entre o narrador e seu interlocutor.

Agora, retomando o objeto do estudo, especificamente a sede central do Clube Jaguarense, que foi adquirida pelo Sr. Ântonio Amâncio Nogueira de Oliveira, conforme aparece no registro imobiliário, originada do espólio do Vigário Joaquim Lopes Rodrigues.

> De acordo com a certidão de registro do imóvel, conforme transcrição nº 18.852, do Livro 3-V, f. 11v/12, de 01 de março de 1966, consta como proprietário AntônioAmâncio Nogueira, tendo adquirido por Arrematação de Espólido do Vigário Joaquim Lopes Rodrigues, conforme carta de arrematação de 6 e março de 1.890, do escrivão Darío Henrique Jacks, assinada pelo Dr. Juiz de Direito José Zeferino da Cunha, o seguinte imóvel: UM PRÉDIO, localizado na Praça 13 de Maio, lado da rua 27 de Janeiro, nesta cidade, com seis janelas, duas portas e um portão de frente a leste, lindando, por um lado com Capitão Alfredo Reveilean e fundos com Estevão Silva, um lado da rua 27 de Janeiro, Valor Cr$ 16.150,00 Dezesseis mil, cento e cinquenta cruzeiros. Condições: Não contam. Dou fé, Nada mais, eu Mª da Conceição S.P. de Armas. Escrevennte Autorizada, mando digitar, rubrico____ e assino (ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE, s.d.).

Portanto, o associado que arrematou o imóvel, Antônio Amâncio Nogueira, mencionado anteriormente entre os republicanos, também identificado em uma medalha, conforme segue, para apresentar aos amigos com fidalguia, mandando cunhar uma em Paris no ano de 1897, figura abaixo, onde o Clube aparece de um lado e a fachada em relevo e no verso uma mensagem cordial e afetuosa aos amigos e consócios (documento de acervo particular de Cleber Carvalho disponibilizado ao autor). Do exposto, também fica evidenciado que o atual imóvel do Clube Jaguarense é oriundo da junção de imóveis, à direita da porta principal atual que seria na época do padre e ao lado do imóvel do capitão Alfredo Reveilean, localizado na esquina. Segue Figuras 10 e 11, respectivamente, Medalha cunhada em Paris (1897) com fachada do Clube Jaguarense e Verso da Medalha cunhada em Paris (1897).

Figura 11 – Medalha cunhada em Paris (1897) com fachada do Clube Jaguarense

Fonte: acervo particular de Cleber Carvalho

Figura 12 – Verso da Medalha cunhada em Paris (1897)

Fonte: acervo particular de Cleber Carvalho.

A medalha em destaque, cunhada em Paris, demonstra uma pujança, uma comemoração, especialmente pelo fato de que em 1897 o imóvel é concluído, depois da sua reedificação. E representa um padrão de sociabilidade cordial entre o seu grupo social. Naquele período, e não só, o fascínio por Paris era muito grande, de modo que tal mimo poderia ter sido cunhado em qualquer lugar do mundo, mas o melhor seria que fosse produzido em Paris. Como diria no século XIX o nobre e político inglês conservador Lord Beaconsfild, Benjamim Disraeli, “só há de verdadeiramente interessante no mundo, Paris e Londres, o resto é paisagem” conforme lembrou Eça de Queiroz em sua obra “Ecos de Paris”.

Ainda sobre as atividades desenvolvidas, segue o registro, no jornal **O Diadema**, trazendo uma nova atividade, ao menos para esse trabalho, pois não foi encontrada referência ainda ao jogo de bilhar. Portanto, trata-se de uma ampliação na sua oferta de programas voltados para a recreaçãor. A expressão “não poupa ocasião para iniciar diversões é inequívoca”. Segue.

> A distintíssima sociedade, “Clube Jaguarense”, que não poupa ocasião de iniciar diversões aos seus associados, inaugurou domingo, um torneio de bilhar, que ficou dividida em cinco turmas. No próximo número daremos o nome dos vencedores, bem como dos prêmios que lhe couberam (**O DIADEMA**, de 18 de agosto de 1895).

Conforme anunciado, **O Diadema** publicou nesse mesmo dia,

> Um fim brilhante teve o torneio de bilhar do Clube Jaguarense. Os prêmios couberam: - os dois tacos com inscrições e finas argolas de ouro e prata aos Srs. Joaquim Paiva e Zeferino L. de Moura; as duas bengalas também com inscrições e chapas de ouro e prata aos srs. José B. Piúma e Alferes C. Mano; o elegante chicote ao Sr. Armando Gonzales. Feita a distribuição dos prêmios discursaram Srs. Jose Thomas Porciúncula e Amâncio Nogueira. (...) e aponta ainda no final, “segunda-feira aconteceu uma turma-surpresa, e a entrega de uma caneta de ouro ao Sr. José Tavares da Porciúncula em prova pelos serviços prestados ao torneio”. (**O DIADEMA**, de 18 de agosto de 1895).

Do exposto, observa-se que os prêmios, mais do que um valor em dinheiro, são souvenires em ouro e prata com inscrições, com a função de gerar memórias afetivas que se sobressaem aos laços de camaradagem e cumplicidade que caracteriza o grupo. Pelo visto, um traço da sociabilidade masculina e também clubística, pois cedo ou tarde muitos serão nomeados, homenageados e coroados, por tratar-se de um núcleo, voltado para reconhecer e encorajar as próprias virtudes.

Aponta-se aqui um nome importante, Zeferino L. de Moura, republicano que será mencionado mais tarde. Cabe ressaltar que ele foi opositor à liderança local de Carlos Barbosa. Segundo Franco (2001a), Zeferino foi presidente do Clube Jaguarense e, novamente, são encontradas contendas políticas que passam pelos clubes sociais, assim sendo o clube, um equipamento social e cultural importante e bem localizado, vez por outra se pode encontrá-lo como casamata ocupada pelos grupos postulantes ao execicício do poder político.

Em 26 de setembro de 1896, o jornal do Rio de Janeiro **Gazeta de Notícias**, publica breve nota informando que o Clube Jaguarense havia inaugurado uma biblioteca e teria uma aula pública (**Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1896).

No entanto, manter um clube social tem custos e isto aparece como preocupação nos reclames do Clube Jaguarense em 1898, no jornal **A Ordem**, de 25 de outubro de 1898. Um chamado assinado pelo secretário Eduardo Levy, “convida os cidadãos e sócios deste grêmio em atraso, solverem seus débitos até 25 de novembro, sob pena de exclusão, segundo artigo 11 de nossos estatutos”. Isso pareceu que seria também um reflexo do custo da divisão social, suportada por ambos os clubes e dado o caráter reservado das entidades, assumir e chamar publicamente os sócios pendentes é sinal de que este seria um problema sério.

2.1 AS ATIVIDADES DO CLUBE JAGUARENSE APÓS A INAUGURAÇÃO DA SEDE CENTRAL (DEZEMBRO DE 1898)

Em 1902, encontra-se uma nova direção, cujos nomes foram citados, como forma de registro, mesmo que sem acesso às atas da entidade – conforme anteriormente mencionado. Então, foram escolhidas – de forma aleatória –, algumas direções para constarem no trabalho, de preferência não muito próximas, dando relevo para momentos e pessoas diferentes.

Cabebe informar, via de regra, de acordo com o encontrado nas fontes pesquisadas, a quase totalidade dos pleitos eram decididos por consenso, à exceção da tensão ou disputa interna que só aparece publicamente na década de 1960, momento que vai perdendo um pouco da vitalidade, ou passa por uma ruptura geracional, ou de grupo, e, mais tarde, essa crise talvez deixe o Clube Jaguarense para trás.

Retornando à direção de 1902: Presidente: Julio Leivas Mallet; Vice-Presidente Capitão Alfredo Riveillean; Diretores: Cândido Vilas Bôas, Dr. Faustino J. Corrêa, Raul Nielson, Augusto Morteiro, Alferes Basilio Angasto Wildt, José Bento Piúma, Capitão Monoel Felipe Ferreira, Tenente José Maria Terra, Eduardo Levy, Capitão Augusto F. Soares, Miguel Cassal, Jeronimo N. Cardoso Brum. (Cf. **O Comércio**, 04 de janeiro de 1902).

Nesse mesmo ano, havia o registro de outra nota, quando em 05 de abril são chamados os acionistas para receber os juros correspondentes ao segundo semestre do ano anterior, demonstrando o viés econômico liberal do clube, como forma de investimentos, sendo rentável em alguns períodos (**O Comércio**, 05 de abril de 1902).

Depois, ainda em 1902, conforme o jornal **O Comércio** em 26 de junho de 1902, julga-se oportuno trazer ao trabalho que dentre as modalidades de atividades que um clube poderia promover,seriam concertos e encontros, desta forma, transcreve-se, a seguir, o programa e a crítica posta no jornal seguinte, parabenizando o diretor Monoel Felippe Oliveira, que provavelmente seja o diretor do mês e, assim, fica possível entender que caberia ao diretor do mês a responsabilidade pelo baile, verificar os preparativos e a execução, além da opção de propor atividades no seu mês de atuação. Neste caso, um Concerto (**O Comércio**, 1º de julho de 1902).

Considera-se relevante mostrar essa forma de organização que, embora hierárquica, é bastante horizontal, de modo que os próprios membros do clube, como um espaço social colaborativo, desempenhavam grande parte das tarefas para o êxito do proposto, provavelmente com limitado ou restrito número de empregados. Essa transição do clube de proximidade para o clube de massas, com muitos empregados e serviços contratados vai ocorrer após 1975, abordagem que não está no proposto para essa tese, mas será citado como forma de reconhecimento que as mudanças possivelmente geraram na formação de outro tipo de entidade associativa.

Segue programa mencionado.

Primeira parte

1º *Jota araganesa* – Capricho Espanhol – Gotschalk – Piano, pela Exmª Srª Estrella Coscollano.
2º *Scena Tyrolienne* – Poppe – Duo de flauta e piano, pelos Srs. Osório e professor Vellozo.
3º *Torna – Danza Romanza* para canto e piano – pelos Srs. Menna Barreto e Vellozo.
4º *somnambula* – Margaria, Trio para violino, flauta e piano, pelos Srs. Broqua, Osório e Vellozo.
5º *Parla walsa* – Arditti Canto o piano pela Exmaª Srª Estrella Coscollano e professor Vellozo.
Segunda parte
6º Sinfonia pela banda
7º *Invitacion al wals* – Weber para piano, pela Exmaª Srª Estrella Coscollano.
8º *Aria da Opera.* Ernani-Verdi Canto e Piano pelos Srs. Mariano Coscollano e Vellozo.
9º *Marcos Visconti* – Margaria, Trio, para violino, flauta e piano, pelos Srs. Broqua, Dr. Quintiliano e Vellozo.
10º *Duo de anillo de Hierro – Tiple e Baixo pela* Exmaª Srª Estrella Coscollano, Mariano Coscollano acompanhados ao piano por Vellozo. (**O COMÉRCIO,** 1º de julho de 1902).

Seguindo sobre o concerto, o jornal **O Comércio**, em 1º de julho de 1902, trouxe uma extensa matéria sobre o sarau musical. É de interesse – para essa pesquisa – compreender o sentido e a repercussão social do fato via jornais, como sócio transmissores, suportes da memória e também, mantendo muitas vezes uma dimensão valorativa das atividades realizadas. Busca-se, assim, mais críticas ou entonações sobre a apresentação mencionada, para o entendimento sobre o objeto pesquisado e sua relação com a comunidade jaguarense ao longo do tempo. Diz a nota que o evento, trouxe “[...] aquele gosto primoroso dos velhos tempos”, sendo oportuno evidenciar que durante o estudo notou-se que, nos jornais, havia a comercialização de pianos no século XIX em Jaguarão, sendo encontradas semelhantes notas ao longo do século XX.

Aponta o cronista, em tom prescritivo, o quanto seria bom se os jovens acompanhassem apresentações musicais, preferencialmente de forma compartilhada, como foi nesse momento no Clube Jaguarense e não executada de forma solitária. Diz ainda “Façamos música.... e teremos feito alguma coisa em favor da sociabilidade de que tanto se fala e se prega”. Ainda, cita que nas sociedades mais educadas a música é concebida como uma espécie de religião em que as pessoas se reúnem para "[...] lhe renderem o mais fervoroso culto”. Por fim, aponta que a atividade, realizada em um sábado, foi seguida de um baile.

Apresenta-se a seguir Laura Alice Rinaldi Camargo (2008), que estudou os clubes sociais dentro do processo civilizatório brasileiro: hábitos e costumes, apontando para a relevância dessa modalidade de entidade associativa no Brasil.

Na matéria mencionada e no trabalho de Camargo (2008) fica posta uma disposição culta, onde é ressaltado que depois do concerto, com duração estimada de uma hora, ocorreu um baile com, duração estimada em quatro horas.

Portanto, a principal atividade do clube, foi, sem sombras de dúvidas, os bailes, o restante poderia acompanhar, iniciar, ou ser realizado no clube, desde de que após, fosse liberada “terpsícore” para produzir os seus efeitos. Percebe-se que, normalmente, as memórias que são acessadas nas atividades do clube se cristalizam como uma emoção forte, acessível a quem vivenciou na sua época, normalmente associada às danças e a música.

Esse é o sentido maior do clube encontrado em todo o período pesquisado, mas não desconsiderando as outras atividades sociais que por ventura fossem realizadas, sejam de forma periódica ou eventual. Nesse sentido, há a lembrança de uma das memórias mais antigas acessadas, que foi a de José Alberto Portela, em 1910, quando assinou o livro de visitas do clube e deixou a síntese da sua trajetória. Pelo visto, é alguém que conheceu o clube, nos seu início, 29 anos antes.

Certamente, este relato não é absolutamente singular, muito pelo contrário, parece que representa o sentido geral da experiência coletiva no Clube Jaguarense em seus primórdios. Ele fala de 1910, lembrando do clube em outra casa, fundado em 1881, mas é inequívoco ao afirmar o recorte geracional, sendo jovem, poderia dançar com toda a graça, disposição corporal e gastar a sola dos sapatos. Aqui, ressalta-se a palestra sobre dança, tango como patrimônio imaterial uruguaio, proferida pelo professor uruguaio Walter Veneziani (2011) em Jaguarão na Unipampa, ao afirmar que a “**verdade coreográfica**” [grifo do pesquisador] de uma geração está situada entre os 15 e os 25 anos, pois é o tempo em que a disposição corporal é maior, apontando a afirmativa que dança cada geração “[...] **o que dançam as pessoas entre 15 e 25 anos**” [grifo do pesquisador] afirma Veneziani. Segue José Alberto Portela:

> Eis aqui o Clube Jaguarense. O mesmo grêmio de outrora, em outra casa fundado. É o mesmo Clube; as mesmas tradições. Felizes dias de minha juventude aqui passei. Foi aqui, que com andar, gastei a sola do sapato; aqui onde térpsicore me guiou nos ritornelos da valsa... A sociedade, as tradições, as saudades do passado. Outros associados vieram, é certo; mas os costumes perduram. Todos gentis, todos cavalheiros, os associados do Clube conservam como os antepassados jaguarenses, a fidalguia e a hospitalidade. A deixa estendo aos meus conterrâneos jaguarenses; e aos demais associados do Clube (José Alberto Portela. Jaguarão, 5 de outubro de 1910. LIVRO DE VISITAS DO CLUBE).

Nota-se ainda, no relato, a fidalguia como um traço importante, ou seja, aos "filhos de algo", que teriam um lastro social anterior, portanto, muito provavelmente riqueza material, títulos sociais e boa educação, com atenção às etiquetas sociais, e sublinha a hospitalidade, o bem receber, como um valor local, do qual os clubes sociais foram muito utilizados durante a sua trajetória.

Retomando a primeira década do século XX, cabe destaque a um evento que se relaciona com esse trabalho, ainda nos reflexos das movimentações políticas mencionadas, especialmente na penúltima década do século XIX. Foi encontrada no Clube Harmonia uma peça executada pelo seu centro dramático, denominado como "14 de julho", reforçando a disposição republicana, referida. Diz a nota "[...] espetáculo inaugural e comemorativo da república, da liberdade e da independência dos povos americanos". Dentro do programa, fica evidente que na primeira parte constava "A marselhesa" cantada pelo corpo cênico do centro dramático. E aparece na programação uma comédia denominada "Os gaúchos". Assim, é aludido, portanto, o contexto da primeira república, onde se cantava o hino francês, conclamando à liberdade, contra a tirania, à escravidão, ao rei, dando relevo às armas e a pátria, isto em um clube social, o Harmonia, em Jaguarão. (**O COMÉRCIO**, 10 de julho de 1902).

Também é citado o gaúcho, referido ainda como o lugar do passado, que lhe era reservado dentro dos costumes, o da comédia, julgando-se oportuno sublinhar essa questão, pois ela vai mudando no decorrer do tempo, especialmente durante o século XX com a criação e a projeção do tradicionalismo e também com a subida abrupta de Getúlio Vargas ao poder em 1930, que pode-se ententer que colaborou para acender as brasas da memória farroupilha, aliado após a revisão historiográfica do evento, conforme apontamentos posteriores.

É adequado elencar essas atividades, sendo ambos os clubes rivais, Jaguarense e Harmonia, pois observa-se que, na mesma época, o Jaguarense exibia uma programação mais clássica que remetia aos tempos idílicos e memoráveis do

século XIX. E a programação do Harmonia é, em certa medida, panfletária, comemorando e celebrando o hino francês, contra o despotismo anterior, em uma clara produção de memória, localizada no contexto da França republicana.

Mais tarde, no mesmo ano, os clubes realizam atividades semelhantes com relação à comemoração de XV de novembro, o Jaguarense com um concerto e o Harmonia com um espetáculo teatral – cita comédias mas não esclarece o teor, porém ambas as programações seguiram a questão principal, visto que foram realizados bailes em ambas as agremiações (**O COMÉRCIO**, 18 de novembro de 1902) e os diretores do mês de cada clube foram parabenizados, apresentando-se essa responsabilidade pelo êxito das propostas, que estava diluída entre os membros da associação.

É necessário reiterar que, por muito tempo em Jaguarão, os clubes sociais foram clubes cívicos, onde se representava e se externava, os sentimentos que compõe o patriotismo, além dos modos, modas e costumes. Assim, oferecia espaço de lazer, recreação e sala cívica para a demonstração das convicções políticas vigentes, um lugar de afirmação da nação e da nacionalidade – inicialmente – e mais tarde também aderindo ao regionalismo.

Em seguida, mostra-se uma nota que se sobressai, um incêndio ocorrido no dia 25 de abril de 1904, segunda-feira, praticado contra o Clube Jaguarense, conforme registra o Jornal **A Federação** de Porto Alegre na terça-feira dia 26 de abril de 1904. “A noite passada, foi presa de incêndio o prédio em que funciona o Clube Jaguarense, da cidade que tira o nome. Atribui-se a mão criminosa a origem do sinistro”. Nas edições seguintes o tema retorna, no mesmo periódico no dia 28 de abril de 1904, nos seguintes termos.

> [...] os incendiários espalharam grande quantidade de querosene em todo o prédio, que sofreu prejuízos avaliados em dezoito contos de reis, sendo, porém, o incêndio ainda assim dominado a tempo. Foram encontrados no prédio cinco garrafões contendo líquidos inflamáveis em uma escada. O dr. Faustino Corrêa, presidente do clube atribui a origem do crime a questões que ocorreram ultimamente naquela associação [...]. (**A FEDERAÇÂO**, 28 de abril de 1904).

Após, em 10 de maio de 1904, o jornal **A Federação** da capital, retorna com informações mais pormenorizadas. Seguindo, com mais detalhes sobre o sinistro no Clube Jaguarense, replicando matéria que saiu no jornal local, acrescendo que foi identificado o incêndio às 07h da manhã e contava com grande número de pessoas

auxiliando no seu controle. Descreve que o fogo estava na sala de bilhar e que uma cadeira foi posta em cima da mesa, para que o fogo pudesse atingir o forro. Destaca que o imóvel esteve segurado, porém no momento não estava coberto pelo seguro.

O incêndio foi identificado por Justino Caetano Pereira, por volta das 05h, uma vez que ele é o encarregado do restaurante que funcionava no clube, morava perto e percebeu o sinistro ao acordar. Justino relatou que do pátio se via grandes labaredas que consumiam a biblioteca e que se não tivessem chegado a tempo, o fogo teria se espalhado para a casa ao lado, chegando no clube Harmonia e demais proximidades.

Seguindo a reportagem, para determinar o acontecido e, especialmente, o seu prejuízo, foram nomeados pelas autoridades o empreiteiro de obras, Monoel Verdade e o artista Bernardo Soares. O jornal descreve que o sino da matriz foi acionado de rebate para avisar a população do ocorrido, mas por falta de habilidade não foi possível que a população compreendesse o que estava acontecendo. O periódico ainda aborda que o Capitão Carlos R. de Oliveira, inspetor do clube, guardava dinheiro do clube, oculto na biblioteca e, ao que indica a nota, adentrou a clube, mesmo em chamas e ainda conseguiu resgatar a carteira com o dinheiro.

Não foram encontradas mais notas sobre o fato e o seu desfecho, mas é oportuno mencionar que não é incomum que algum tipo de acidente ocorra nessa modalidade de empreendimento. Além disso, ficou destacada a impossibilidade da cidade conter o fogo por ausência de estruturas próprias para essa finalidade e que o fogo só foi dirimido com a participação de uma série de colaboradores. Ainda sobre as causas, conforme relatado anteriormente, nas palavras do presidente do clube, pode ter sido por desavença interna.

Nota-se que nesse universo, não só de sociabilidade, mas de cordialidade no sentido atribuído por Holanda (1995), em que o comportamento vem do coração, percebe-se a existência de um ambiente onde os afetos negativos, eventualmente, podem surgir e tomar dimensões inesperadas. Embora seja um incêndio criminoso, acentua-se que se o presidente do clube estiver correto, pode ter motivações geradas por animosidades entre pessoas próximas do clube.

Durante o estudo, obteve-se acesso a relatos de situações delicadas, não pormenorizadas, mas que de alguma forma versavam, mesmo que de forma velada, sobre os associados que foram expulsos da entidade. Assim é provável que tais situações deixem marcas em quem passa por elas, e, o ambiente de amizade e

camaradagem que tão bem caracteriza essa modalidade associativa, esporadicamente gera desafetos.

No mesmo ano indicado acima, foi identificado que o clube estaria em pleno funcionamento, comemorando em dezembro de 1904 o 6º (sexto) aniversário de sua sede central (**O IDEAL**, 04 de dezembro de 1904) e, por meio dessa nota toma-se conhecimento do primeiro baile em dezembro de 1898. Referente ao aniversário, encontrou-se repercussão nos jornais na Casa de Cultura de Rio Branco, no Uruguay. Segue pelo menos uma ocorrência encontrada, para que verifique a distensão nessa fronteira. O apontamento do jornal uruguaio é singelo e elogioso, mas revela proximidade.

> **En el yaguarense –** con gran imponência y un entusiamo indescrituble, realizóse el domingo ultimo, la fiesta anunciada em el Club Yaguarense. Describir aquí con marcada exactitud las proporciones que tomo ese verdadero acontecimiento social, es tarefa difícil, y todo cuanto dijeremos resultaría pálido ante la verdad de los hechos. Así concretamos a enviar nuestras felicitaciones a esa directiva de este Centro, como así, mismo, ao Sr. Director de mes, por el expléndido éxito que alcansarón em aquella fiesta que le dio gratos recuerdos. (**EL PUEBLO**, 07 de dezembro de 1904).

A seguir, foi localizado nos jornais um aviso sobre o restaurante no clube. Em 1905, aparece a divulgação do restaurante de Pedro Morteiro e, pareceu importante que o clube mantivesse na época um estabelecimento desta natureza, como forma de ampliar a sustentabilidade financeira da entidade. O restaurante aumentou não só as receitas como o uso do clube para toda a sociedade local, destacando que no anúncio encontrado que atenderia, serviria comida, vianda à domicílio, pelo telefone número 76.

O restaurante teria serviço completo para bailes e casamentos e, nesse período, mantido o clube, apesar do revés do incêndio, mas também como uma empresa que precisaria, eventualmente, se manter da mensalidade dos sócios e inclusive em alguns momentos gerariam dividendos para os seus acionistas.

Sobre o cardápio, deixa-se o registro que é destacado na propaganda divulgada no jornal **A Situação**, órgão do partido republicano rio-grandense de Jaguarão em 23 de maio de 1905.

> Empadas de camarões, de ostras e delicados peixes em conserva. Fiambres – Frangos, galinhas, perdizes, etc;
> Sortido completo de finos doces e uma infinidade de classe de lindíssimos caramelos desse os mais baratos até os primorosos bombons glacê;
> Generosos vinhos engarrafados, como sejam: clarete de várias marcas, tentado e outros, finíssimos de mesa, Adriano, Particular, Victoria, Clarete, Fonseca Dias, Cherez e especial Cherez Monja-Quina e o salutar e apreciado vinho de cola;
> Licores de diversas qualidades estrangeiras, Cacau, Creme de ovos, Beneditino, Abrunhos, Vasco da Gama e Chartreuse;
> Conhaque. Balança, o mais fino da praça e muitos outros;
> Líquidos aperitivos. Vermoath Kora e Granara, Bitters, Pyramidal e Pujastier, além de outras espécies;
> Cerveja, Gasosas e águas minerais de várias marcas;
> Champagne. Cordoa-Rouge, L. Roederer, Veuve Cliequot e Moet Chandon;
> Variada escolha de charutos dos mais acreditados fabricantes e cigarros em carteiras das maiores marcas. (**A SITUAÇÃO**, 23 de maio de 1905).

Do exposto, registra-se, sem entrar nos pormenores, a ampla e variedade ofertada pelo restaurante do Clube Jaguarense. Não se sabe até quando funcionou tal estabelecimento no local e muito menos as motivações para o seu encerramento.

Acerca do clube, ainda como forma de melhor conhecer a entidade, encontrou-se um estatuto, em seu extrato social, no jornal **A Federação**, em sua edição de 17 de novembro de 1906, do qual destaca-se a diretoria da época, assim como o seu artigo primeiro que expunha a sua finalidade. Diretoria: Presidente Faustino José Corrêa[37], Vice-Presidente: Ântonio Amâncio Nogueira e Diretores:Analio José Rodrigues, Barão de Tavares Leite Geronimo Nazeazeno Brum e Julio Leivas Mallet.

Buscaram-se informações especificas sobre o Barão[38], dados os apontamentos desse trabalho e da proximidade do Clube Jaguarense com os monarquistas e foi descobert que seu título foi concedido pelo Rei Dom Carlos I de Portugal em 1906, reiterando a proximidade, passados 25 de sua fundação de afinidade e acolhimento de pessoas com vínculos à monarquia. E Portugal logo seria mais um país republicano, a partir de 1910, inclusive identificou em publicação da Fundação Carlos

[37]Médico, que durante a ausência de Carlos Barbosa na cidade (1908-1913), exerceu a liderança do partido republicano local, dividida com Gabriel Gonçalves. (Cf. Franco, 2001a)

[38]Gabriel Tavares Leite, conhecido como barão de Tavares Leite, foi um comerciante luso-brasileiro. Recebeu o título de barão do rei Dom Carlos I de Portugal em 1906, em forma de reconhecimento pelos serviços prestados à Coroa Portuguesa. Português de São João da Madeira, nasceu no dia 29/11/1860, veio jovem ao Brasil, onde contraiu matrimonio em 1884, com Florinda Estefânia Machado, com quem teve três filhos: Antônio, Isabel e Ema. Após alguns anos fixou residência na cidade de Jaguarão, onde se tornou próspero comerciante. Era também vice-cônsul de Portugal na cidade de Jaguarão, e também foi agraciado como Comendador. Casou-se em segundas núpcias, pois tinha enviuvado, com a senhora Palmira Balhego, tornando-se ela a Baronesa de Tavares Leite, com quem teve um único filho: Lourival Tavares Leite (nascido em 1897), tendo sido este um conhecido político e comerciante da cidade. O Barão de Tavares Leite Faleceu na cidade de Jaguarão, no dia 13 de julho do ano de 1932. (Wikipedia, 2018).

Barbosa (op. cit. s.d), que relata em virtude da queda da monarquia portuguesa, quando expulsos religiosos de Portugal, Barbosa, como Presidente do Estado, emitiu circular para que eles não fossem recebidos no Rio Grande do Sul.

Sobre o artigo primeiro, que bem caracterizava a entidade em 1906, segue a reprodução.

> A sociedade tem a sua sede social no prédio de sua propriedade, sito à praça 13 de maio, n.13, esquina da Rua Carlos Barbosa e tem por fim proporcionar aos sócios saraus, concertos, festas dramáticas e literárias e todos os jogos permitidos em boa sociedade, assim como leitura em sua biblioteca. (**A FEDERAÇÃO**, 17 de novembro de 1906).

Identificou-se que algo havia passado despercebido, o número do imóvel, 13, que não é mantido como tal na atualidade, pode ser uma referência ainda ao 13 de maio, especialmente dado o histórico de que a Sociedade Emancipadora foi fundado no clube em 1882, em outro imóvel é verdade.

No ano seguinte, em 1907, foi encontrada uma descrição detalhada do baile, no jornal **A Situação** do dia 1º de julho. Essa é uma nota oportuna para perceber o quotidiano no clube, passados mais de 25 anos da sua fundação.

Na ocasião, o diretor do trimestral era Major Marçal Nunes Garcia, que encerrou o seu trimestre nesse baile, coincidindo com o seu aniversário. A comemoração começou com um assalto, ou seja, com uma surpresa na casa do aniversariante, onde chegaram os grupos Botão de Ouro e Violetas, por volta das 20h, o grupo Botão de Ouro acompanhado da Banda Musical “Domingues Ribeiro” e no decorrer da reportagem fica mais claro, que um dos grupos era de rapazes e outro de moças, e discursaram para o Major Marçal, a senhorita Pharaylde Passos, oradora do grupo das Violetas e Vicente Martins, orador do grupo Botão de Ouro. Os assaltantes, foram convidados a entrar na casa e recepcionados com uma mesa descrita com “finíssimos doces”. Após os brindes, todos dirigiram-se para o Jaguarense que se encontrava preparado para o baile.

Posteriormente, é descrita a ida para o clube, por volta das 21h, como “*marche aux flambeaux”*, saindo da rua 27 de Janeiro da casa do Major Marçal, que se encontrava, segundo consta, “profusamente iluminada por fogos de artifício de cambiantes cores”.

Assim seguiu o presidente, ao lado dos dois grupos até o clube, sendo entoado pelo nome.Diversas famílias acompanhavam a marcha, além de sua esposa. Ao

chegarem no clube, das sacadas foram dadas as vivas ao Major Marçal e às 21h30min começou o baile, com mais de 50 pares dançando a poloneise, prolongando-se a atividade até às 03h

A nota encerra destacando que ideal seria o aniversariante Marçal como presidente da entidade, pois afirma que os diretores que o precederam estavam deixando cair em um estado de letargia profunda o clube, diz que “contrário ao seu passado brilhantíssimo, às suas tradições inesquecíveis de genuíno representante da mocidade desta terra”.

Portanto, mais do que um aniversário e um baile, revela uma certa crise ou declínio que acompanha toda a trajetória da entidade, hora com ápices e, por vezes, com marasmo. Parece que existem, normalmente, dois pontos principais de ruptura em tensão, um é a direção, que vai, vem e se renova, e o outro é a juventude, como nova geração que precisa do seu espaço para a diversão.

O período desta ocorrência não passa despercebido, é o mês de julho, no inverno, de modo que os reclames do cronista, ocorrem em uma estação do ano em que o clima é menos propício para realização de muitas atividades, embora ele diga é importante que ocorra mais coisas para a “mocidade desta terra”.

Após (figuras 12 e 13) foi encontrado um postal do clube, em 1908, enviado para Bélgica, ao que tudo indica por um missionário que atuou na cidade, Godofredo Evers, premonstatense, professor do Colégio Espírito Santo, permanecendo na cidade até o ano de 1916, fundando, também, a sociedade operária na cidade em 1911, que mais tarde daria origem ao Círculo Operário.

E, sobre a presença dos belgas, no começo do século XX, Soares (2010, p. 60), traz a preocupação de um deles com os desfafios para a evangelização, Raphäel Goris, ao chegar na cidade em 1901, conforme segue, o seu olhar estrangeiro sobre o lugar.

> Temos aqui na cidade duas coisas boas, nos disse ultimamente uma espécie de membro do conselho de uma fábrica local: a Igreja e o Clube (salão de baile). Duas coisas que contrastam singularmente; a igreja como antesala da sala de dança: as pessoas ali vão ao som do sino e de lá se dirigem, todas juntas ao clube. Não é triste? (SOARES, 2010 p.60)

Desca-se, sobre a passagem dos religiosos belgas na cidade, a obra **Missionário premonstatense no Rio Grande do Sul: três anos no Brasil 1901-1904** (2003), com a sistematização de correspondências Thomas Aquinas Schoenaers.

Conforme segue: Figura 13 – Cartão postal do Clube Jaguarense enviado em 1908 para Bélgica e Figura 14 – Verso do Cartão postal do Clube enviado para Bélgica (1908).

Figura 13 – Cartão postal do Clube Jaguarense enviado em 1908 para Bélgica

Fonte: Delcampe, 2016

Figura 14 – Verso do Cartão postal do Clube enviado para Bélgica (1908)

Fonte: Delcampe, 2016

E o postal, em termos de memória, revela o reconhecimento do Clube Jaguarense como um monumento urbano, e, portanto, como exemplar destacado na paisagem urbana de Jaguarão em 1908, sendo enviado para o exterior e, nesse sentido, cabe salientar o seu reconhecimento como um patrimônio da cidade nessa época, mesmo que ainda não existisse formalmente esta categoria. Patrimônio e suporte de memória, completando 10 anos da sua abertura. Na imagem também

aparecem alguns transeuntes e uma pessoa na porta do clube que compõem a paisagem urbana da cidade, sendo suporte de memória para os moradores e visitantes que por aqui passam, olham para o clube e enxergam algo, a grandeza do clube e quase ao lado o Harmonia e dali retiram suas impressões.

Após, sobre segunda década do século XX, em 1911, quando o clube vai completar os seus 30 anos de funcionamento, encontrou-se um relato de carnaval, em formato de crônica, no jornal **A situação**, de 18 de abril de 1911. O cronista avisa que busca inspiração para escrever com base no último carnaval. Diz a nota, as tituladas fantasiadas foram “um verdadeiro triunfo, marcando o ressurgimento do carnaval entre nós”, provocando admiração de quem está acostumado com as belas festas de “Nice, Veneza, Rio, Montevideo e Buenos Aires”, relata, ainda, que nesses locais “há recursos especiais para semelhantes folguedos – recursos que nos faltam ainda infelizmente”.

Nota-se a comparação do carnaval não é com o de Pelotas, nem Porto Alegre, mas com outros grandes centros, de tal modo que o carnaval é um enclave em Jaguarão, que ligaria a cidade culturalmente com o mundo. Demonstrando um desejo, uma avaliação muito evidenciada, ao que se percebe em 1911 com relação aos grandes centros, só faltando por enquanto, os recursos públicos para a festividade ser mais proeminente.

E o centro irradiador dessa festa foi por muito tempo os clubes sociais, tal como defendido nesse estudo, sem esquecer a conexão com a festividade das ruas, hora em ascensão e por outras em declínio. Aponta o jornalista que os carros alegóricos estavam de “extraordinário gosto”, assim como os bailes infantis.

Ainda se diz que foi uma vitória “incontestável e incontestada”, tal como apontou como um “*tour de force*”, portanto no contexto do trabalho, certamente, existe referência ao clube rival, o Harmonia. Muito provável que no ano de comemoração dos 30 anos do Clube Jaguarense, os diretores e associados não tenham medido esforços para fazer uma apresentação impactante, dentro e fora dos salões como de costume, assim como é apontado que estariam extasiados, sob a impressão de:

> [...] sonos opiácios, de sonhos celestiais e paradisíacos, transportados aos reinos encantados das lendas, conduzidos pela fada Morgana, que nos faz assistir ao caleidoscópio, ou antes guiados pelo magno Edison que desenrola em nossos olhos uma interminável *film* colorida onde se encontram todas as criações artísticas do Universo, viva animadas e surpreendentes, cheias de encanto e graça (**A SITUAÇÂO**, 18 de abril de 1911).

Nota-se o efeito narcotizante e intenso do carnaval, e lembra-se aqui dos folhetins sobre os bailes em Jaguarão, escritos no século XIX, descritos como certa vez como momento de “alegria neste vale de lágrimas” e agora, em outro tempo, o começo da segunda década do século XX, é encontrado outro vocabulário, referenciando por exemplo “sonos opiáceos” e “conduzido pela fada Morgana” e ainda aparecem caleidoscópio e um filme, no qual se usa esta expressão e destacando o cronista as cores. É a ampliação e a criação de imagens e do imaginário, onde os bailes de carnaval realizados no clube passam a ser um ponto de grande satisfação, e busca conexão da cidade com outros centros, através dessa festa.

O carnaval nos clubes funcionava como um ponto de expansão e reflexão sobre a cultura, e que com o ingresso do cinema, ganha mais um poderoso elemento inspirador do imaginário. Se haveria opiáceos ou não circulando nesta época aqui, não se sabe, mas a alegoria, ao menos sugere a questão, seja como literatura ou mesmo experiências descritas como narcotizantes.

Cita-se na nota, a senhorinha Tavares Leite, como Princesa e, após a senhorinha Faria, como deusa do Olimpo, a seguir senhoria Mallet, e senhorinhas Amanda Pereira e Branca Pereira. Buscando referências clássicas, elencando O Raffo, como dama grega, e Clotilde Azevedo, a grande poetisa, e a senhorinha Olga Passos, nas arábias, nas “mil e uma noites” e, claro, a França assim diz “O gloriosa França, foco da civilização moderna, que apesar de todas as invejas, caminha na vanguarda do progresso, nos curvamos... inspirada em Joana d’Árc”... senhorinha Deolinda Garcia e após, senhorinha Clelia Maria, e aparece o pequeno Lino Alderico, como Napoleão I e, por fim, Marieta Leal como destaque e da judeia, senhorinha Alda Carvallho, a Jovem turca Cilulia Maria, Noêmia Rolim da Silva, Zaira Giorelli, como rainha. Portanto, aproveitou o cronista para destacar as fantasias e as principais participantes.

No ano seguinte, em 1912, há referências que a festa estaria sendo organizada em virtude do seu aniversário, pela seguinte comissão: Dr. Mario Teixeira de Mello, Arcino Rodrigues, João Thomas Muniz, Cap. Antonio Manoel Dias, Luna Ricci e Barbosa Neto (**A SENTINALA**, 09 de agosto de 1912).

Após, na realização da festa anunciada, foi reeleito como presidente do Clube Jaguarense o senhor Barbosa Neto[39](**A SENTINALA**, 19 de agosto de 1912), aproveitando o ensejo o cronista faz uma extensa homenagem à trajetória da entidade, destacando o Clube Jaguarense como um lugar de memória na cidade: "[...] **tudo que passou de belo, evocativo e saudoso nessa existência social**."[grifo do pesquisador], o baile começou às 23h, com cerca de 50 pares dançando a poloneise, marcada pelo Cap. Antonio Manoel Dias, e a Exma Senhorinha D. Amalia Dutra da Silveira.

É encontrada, nesse período, uma nota importante, tratando do novo salão para o cinema[40], anunciando que vem, segundo a nota publicada para "**sair deste enfadonho e monótono viver em que sempre estamos**" [grifo do pesquisador], anuncia que seria localizado na rua 27 de janeiro, ao lado do prédio da Intendência, e cita os clubes sociais. No momento, aproveita o jornalista para bem destacar que, de modo geral, o cinema será ótimo, especialmente para as mulheres, pois o lazer dos clubes é de predominância masculina. Diz o cronista.

> Aqui, desde muito cedo, nos acostumamos a vida dos clubes, passando horas inteiras, acabando com a vida social e afastando, por isso mesmo o elemento feminino dos nossos centros, onde somente se reuniam e reúnem os homens. (**A SENTINELA**, 17 de agosto de 1912).

Em 1913, mais uma posse do clube Jaguarense, nova diretoria, e como novidade, vê-se presente uma comissão do Clube Harmonia, não é de posse do pesquisador referência quando começou e findou tal costume. Na ocasião, foi empossado como presidente Julio Leivas Mallet e foi servida uma farta mesa de bebidas, doces e realizado um brinde com champagne e, após, um o baile (**A SITUAÇÃO**, 15 de agosto de 1913).

---

[39]Foi Promotor Público, exercido a partir de 1912. Redator do Jornal **A Situação**. Segundo Franco (2001a), acrescendo ainda como suas qualidades, foi poeta e tribuno de valor.

[40]Cabe evidenciar que o cinema entra rapidamente em Jaguarão e não somente de forma contemplativa, mas também ativa, com o retorno de Carlos Barbosa da presidência da província, no ano seguinte, em 1913, ocorre um Baile na Intendência e o evento foi filmado pela Guarany Filmes - de Pelotas (Cf. A situação, 12 de fevereiro de 1913). Na ocasião esteve representando o Clube Jaguarense a seguinte comissão: Alcino Rodrigues, Dr. Quintialiano de Mello e Silva e João Thomas Muñoz. Naquele momento também foi inaugurado na Intendência um quadro de Bento Gonçalves, adquirido do Pintor Paulo Forza pela municipalidade. E o salão também passou a ser denominado como Carlos Barbosa. A nota faz menção à presença do presidente uruguaio Batle y Ordenez.

Nesse período, ainda sobre atividades de lazer e recreação, é anunciada na cidade uma atividade de patinação para mulheres, das 13h às 16h (**A SITUAÇÃO**, 26 de agosto de 1913).

Segue ainda, na página seguinte, a imagem que ilustra a atividade interna no Jaguarense, a primeira foi encontrada junto à revista **Fon-Fon**, editada no Rio de Janeiro, publicada em sua edição de número 50 no dia 13 de dezembro de 1913.

Trata-se de uma cerimônia de casamento realizada no salão nobre do Clube Jaguarense, celebrada entre o 2º tenente da Armada Gastão Paranhos do Rio Branco com Maria Clara Botafogo, filha do Gal. Gabriel Botafogo. Tal episódio também é mencionado na obra “Olhares sobre Jaguarão” editada no ano 2010, autoria de Eduardo Alvares de Souza Soares e Sérgio da Costa Franco. O casamento é citado no relato de Renato de Almeida Guillobel quando esteve em Jaguarão no ano de 1913 como 2º tenente, atuando como ajudante da Comissão dos Limites com a República do Uruguai.

Um casamento de muito prestígio, dada repercussão do enlace, inclusive em revista de variedades do Rio de Janeiro, a **Fon Fon**[41], nome que aponta para uma buzina de automóvel. Trata-se da imagem mais antiga encontrada durante a pesquisa que destaca Gastão Paranhosdo Rio Branco, sobrinho do Barão do Rio Branco, que casou no Clube Jaguarense.

Nesse período, estava ocorrendo a execução do tratado de retificação dos limites entre o Brasil e o Uruguai, assinado em 1909, mas que seguia com os seus reflexos, inclusive com medições e projeções que mais tarde dariam condições para a execução da Ponte Internacional Mauá, cujo trabalho foi chefiado por Gabriel Botafogo, na época Marechal do exército, da área de engenharia, formado em Bacharel em Ciências Físicas (**A SITUAÇÃO**, 29 de fevereiro de 1936). Segue Figura 15, Enlace Rio Branco & Botafogo (1913) no Clube Jaguarense

[41]**Fon-Fon** foi uma revista brasileira fundada no Rio de Janeiro em 1907. Seu nome era uma onomatopéia do barulho produzido pela buzina dos automóveis.Tendo como um de seus idealizadores o célebre escritor e crítico de arte Gonzaga Duque, tinha no enfoque dado a ilustração uma de suas principais características. Um grande exemplo dessa premissa foi a colaboração do pintor Di Cavalcanti em 1914. A revista, inclusive, tornou célebres ilustradores como Nair de Tefé, J. Carlos, Raul Pederneiras e K. Lixto. Tratava principalmente dos costumes e notícias do cotidiano e foi publicada até agosto de 1958. (Wikipedia, 2018).

Figura 15 –Enlace Rio Branco & Botafogo (1913) no Clube Jaguarense

FON-FON! NO RIO GRANDE DO SUL

Enlace Rio Branco-Botafogo

Enlace em Iaguarão do 2.º tenente da Armada Gastão Paranhos do Rio Branco com a senhorita Maria Clara Botafogo, filha do general Gabriel Botafogo, chefe da commissão brazileira de limites com o Uruguay. A ceremonia realisou-se no salão nobre do *Club Jaguarense*. Achavam-se presentes os membros das commissões brasileira e uruguaya, consules, intendentes, officiaes e pessoas gradas. Na frente os noivos entre as testemunhas das duas ceremonias, e atráz delles os paes da noiva, general Botafogo e senhora, de pé.

Fonte: Biblioteca Nacional, 2016

Ao discutir sobre essa imagem com um dos entrevistados, Aldyr Schlee, foi alertado, “veja à esquerda as viúvas”, e realmente aparecem duas mulheres de preto, que também chamou a atenção desse pesquisador. Entre os homens, observa-se que prevalece o uniforme militar, inclusive com o uso de espadas, como é visível nos dois homens sentados à direita e, por fim, observa-se a presença de poucas crianças. Uma pena que não tenha sido encontrado nada sobre o fato nos jornais locais, de modo que pudesse aparecer uma descrição mais pormenorizada.

Desse momento em diante, seguindo a segunda década do século XX, os termos tradição e memória começam a ser usuais nos jornais locais, sobretudo em

matérias sobre o Clube Jaguarense, objeto desse estudo, passados mais de 30 anos da sua fundação clube.

Sobre 1915, foi encontrado um relato pormenorizado do carnaval, mas não em jornais, e sim descrito por Maria Antonia, uma jovem que mais tarde se tornaria religiosa. Nota-se que desde aquele momento ela atribui a sua vida a algum dom místico, visto que em determinadas situações recorre ao seu amigo imaginário, ou mesmo, ao sentimento de que estivesse em diálogo com o seu super. Ela, também, foi estudante do colégio das freiras franciscanas, denominado Colégio Imaculada Conceição. Trata-se de farta descrição que será separada em partes. O seu livro de memórias “Devo narrar a minha vida” foi publicado antes de 1939, quando veio a falecer.

> **O dominó preto**. Era no carnaval de 1915, em cujas férias só ouvia falar nos bailes a fantasia, nos corsos, nas rainhas dos dois clubes, ambas minhas colegas. Quando passeava com minhas amiguinhas, só me falavam elas nas suas lindas fantasias. Lembro-me, como se fora hoje: Leontina iria de “Princesa egípcia”; Cléia, de “Champagne”; Prendinha, “Alsaciana”; e até de casa: Gizelda, “Norueguesa” e tia E. “Estudantina” Prendinha me falava no Bloco das Apaches, das Colombinas, dos Dominós pretos, dos Pierrots. O entusiasmo da época passou também para mim. Foi a minha estreia. Disse à mamãe que também queria fantasiar-me, e assim foi. Tia E. encarregou-se da minha fantasia, uma pequena apache. (In SOARES, 2010).

O exposto pela narradora, lembrando dos seus 14 anos, evidencia a preparação para o carnaval, como grande entusiasmo de tal modo que escolhiam bem antes da festividade sua fantasia. Percebe-se pelo relato que todos entravam na folia, crianças e adultos.

Aproveita-se para verificar no seu livro alguns relatos sobre a cidade, nos quais aponta os passeios na praça principal, e lembra da ocorrência de “footing” em 1908, quando tocavam música no coreto da praça, dizia “era aquele vai-e-vem de moças, senhoras, crianças a passearem ao redor da praça, enquanto no centro da mesma aglomeravam-se grupos nas mesinhas do ‘bar’ e no quiosque”. Relata que se confessava com o Cônego Godofredo Evers, do Colégio Espírito Santo, o citado, anteriormente, como um dos que teriam encaminhado o postal com a Imagem do Clube Jaguarense para a Bélgica em 1908.

E também é relatado por ela, que em 1912 começou uma verdadeira enchente de cinemas na cidade com “matinées” exclusivas para crianças, e a criação de uma sala pelos padres, denominada “Salão dos Padres”, com temas religiosos e preços

pela metade dos demais. Descreve a inauguração de um ring de patinação no local denominado como Ponto Chic, utilizado também como cinema no ano de 1914. Relata a compra dos patins em Rio Branco, na época da Villa Artigas, passando de bote e encontrando nesse momento o Padre Godofredo Evers. Retornando ao carnaval de 1915, segue os preparativos, inclusive para formar a poloneise, e a sua família que a encorajando "[...] seria tempo de ir aos bailes", e aparece a querela mencionada, entre os clubes Jaguarense e Harmonia.

> Deu-me as suas informações e noções de etiqueta: "Você, no seu grupo, deve formar na polonaise, pois já é uma mocinha". Amedrontei-me. Eu que só sabia dançar como Acácia nos ensinava quando, na grande varanda, ela tocava no pente e, com a criançada da vizinhança, formávamos baile! Expus à tia E.: "Não sei formar na polonaise e vão rir de mim". "Qual o que, — retruca tia E. — aprende errando, já é tempo de ires aos bailes". Meu entusiasmo esfriou um tanto e parece-me que, se a fantasia não tivesse já entrado em confecção, teria desistido. Mas, em breve, voltou o entusiasmo, quando vi as lindas fantasias de minhas amigas e também a minha: saia de cetim encarnado rutilante; aventalzinho de organdi branco; blusinha do mesmo; corselete de veludo preto, tramado na frente com cordão dourado. Na cabeça, um grande lenço de seda vermelha; meias brancas e sapatos cereja. Ao vê-la pronta, exultei. **Chegou**, **afinal**, **océlebrecarnaval**. **Uma rivalidade estrondosa rebentou entre dois clubes "Harmonia' e "Jaguarense". Cada qual queria sobressair** [grifo do pesquisador]. (MARIA ANTONIA, 1953, p. 85-86).

Por fim, no ano seguinte, 1916, registra mais uma movimentação de carnaval que invariavelmente chega aos clubes. Após a partida, nos carros enfeitados, reunidos na casa da rainha dos clubes, ela indo ao Clube Harmonia, mas cabe o relato com vistas a compreender a dinâmica das agremiações naquele período.

> **Anúncios do carnaval de 1916**. Costumavam, em Jaguarão, ao aproximar-se a época do carnaval, fazer os tais bailes de anúncio, como chamavam. Eram blocos de moças e moços, fantasiados geralmente de dominós, que "assaltavam" os clubes, ou mesmo as casas de família, formando-se então o baile. Dessa vez o "assalto" seria ao clube Jaguarense. Fui na onda do entusiasmo de algumas amiguinhas. Para falar francamente, não gostava muito dos bailes e outras reuniões sociais; aborreciam-me certas etiquetas. (MARIA ANTONIA, 1953, p. 85-86).

Em 1916, antes do carnaval mencionado, foi encontrada mais uma disputa política que passa pelos Clubes Sociais, agora a desavença aparece entre as facções republicanas na cidade, pertencentes ao Partido Republicano Riograndense (PRR), a maioria, com Carlos Barbosa e do outro lado, Cel. Zeferino Lopes Moura, descrito por Franco (2001a) de Carlistas de um lado e os Zeferinistas do outro.

Zeferino, grande fazendeiro, nascido em Herval, era republicano ao final da penúltima década do século XIX, quando ocorreu a mudança do regime político. Lutou na guerra civil em 1893, servindo conforme Franco (2001a) aos republicanos “na paz e na guerra”. Foi presidente do Clube Jaguarense e lançou, nesse ano, o jornal a **Tribuna do Povo,** que funcionou até 1922, para combater o jornal do grupo majoritário, **A Situação**. Especificamente sobre a disputa mencionada, aparecem apontamento no jornal **A Federação** de Porto Alegre, em 03 de janeiro de 1916 e o relato da época do chefe republicando, carlista, Gabriel Gonçalves.

O jornal **A Federação**, da capital, em 03 de janeiro de 1916, relatava um fato ocorrido ao final de dezembro de 1915, no qual o Cel. Zeferino Lopes Moura, estaria com alguns grupos armados na cidade, no contexto das disputas locais, e que ao ser procurado para esclarecer o fato, foi encontrado no Clube Jaguarense palestrando em uma sala, estando presentes: Coronel Manoel de Deus Dias, Salathiel Paulo e Frederico Azambuja, chefe de repressão do contrabando nesta cidade e muitos outros amigos, segundo nota “na maior calma e tranquilidade”. O fato foi averiguado pelo delegado de polícia Major Marcílio Pereira, que nada encontrou e encerra nota do jornal em tom afirmativo: “Reina Calma na cidade”.

Atenta-se que Manoel Deus Dias, era próximo de Carlos Barbosa, mas não se sabe se estava ocasionalmente no Jaguarense ou se estaria no momento no circulo do grupo de Zeferino – de qualquer forma, todos republicanos. Do outro lado, sobre o mesmo fato, Gabriel Gonçalves, em suas memórias como intendente, segundo Soares (2010) afirma que em 1915 foi nomeado Delegado de Polícia Marcílio Dias, que tudo fazia em direção aos contrários, ou seja, ao grupo do Cel. Zeferino.

Gabriel aponta que a intendência seria tomada pelos opositores locais com força armada e que o delegado só teria chegado para averiguar a situação uma hora da madrugada e, portanto, foi recebido com rigor e só foi liberado quando o dia clareou. Descrevendo a situação: “**O quartel general dos contrários era o Clube Jaguarense. Iam para as sacadas”** [grifo do pesquisador], ainda afirma, “[...] organizei uma corporação de 50 homens para patrulhar a cidade”, além disso, na passagem da patrulha pelo Clube Jaguarense “[...] saíam com ditos provocantes e também diziam parece uma praça de guerra”. Nada de grave aconteceu, pois tratava-se de disputas internas e que naquele momento os partidários de Zeferino estariam mais próximos de Antônio Augusto Borges de Medeiros, que foi governador e

liderança maior daquele período no Estado e, portanto, realizavam provocações para poder reclamar.

Mais do que arbitrar as causas do fato, interessa aqui, em virtude do objeto de estudo, perceber o Clube Jaguarense, imerso nas contendas políticas locais, não mais como outrora, entre monarquistas e republicanos, mas dentro das disputas entre os republicanos em Jaguarão.

Após, em 1919, são identificadas notas de aniversário do Clube Jaguarense, no jornal **Tribuna Popular**, que era de oposição ao grupo de Carlos Barbosa. Na edição de 09 de agosto de 1919, aparece o chamamento para o aniversário de 38 anos do clube e na ocasião a comissão que assinava a nota era composta por Clodomiro Ferreira, Luiz Vergara e Ademar Amaral. Sobre Luiz Vergara, será retomado seu nome no capítulo seguinte, mas afirma-se a descoberta que mais tarde ele viria a trabalhar como secretário de Getúlio Vargas por um longo período (1928-1945).

A seguir, em edição posterior do mesmo jornal, em 13 de agosto de 1919, aparece o anúncio da celebração que seria realizada no dia 14. Nesse momento, é identificado o novo presidente, Major Alfredo Ferreira que anuncia um concerto e elencava quem faria parte da orquestra: Sr.ª D. Alayde Franco Raffo (piano); Srs. Luiz Vergara, João D. Farias, Dermidio Ferreira e Adolpho Lino de Souza (violinos), Roberto Pereira e Armando Espinosa (flautas); André Raffo (clarinete); Natalicio Avila (saxofone); Izidoro Lima (bombardino). O maestro André Raffo é elencado como quem inicia a programação do concerto, e após participam ainda Ruy Blas e Idalina Mano. Depois do concerto, seguirá o baile. Reitera-se o apontamento sobre Luiz Vergara, aqui tocando violino no Jaguarense, de que logo serão apresentados mais dados sobre ele.

Em 1920, no jornal **A Situação**, edição de 10 de agosto, mais uma vez anuncia o aniversário do clube, descrevendo os preparativos para o baile, cuja comissão de ornamentação era composta por “Clara Mano, Orfelina Ferreira, Aracy Borges e Celulia de M. e Silva”. O jornal também reproduz um convite encaminhado para a posse da nova diretoria, assinado pelo Secretário do Clube: Luiz Fernandes Vergara. Nota-se que em matéria de decoração, as mulheres foram unanimidade.

Encerra-se aqui, o segundo capítulo do trabalho, aos 39 anos do Clube Jaguarense, cujo começo foi marcado na penúltima década do século XIX, com a discórdia entre monarquistas e republicanos e acaba com Luiz Vergara, que

escrevendo no jornal vinculado ao Cel. Zeferino Moura, opositor republicano de Carlos Barbosa.

Luiz Vergara, secretário do Clube Jaguarense e mais tarde, por anos, será secretário de Getúlio Vargas, mantendo, nesse trabalho, as pontes entre a história e a memória e os pilares dessas pontes que passam, mais uma vez, pela política e se entremeiam aos clubes sociais da cidade, em especial, no que buscou-se evidenciar, o Clube Jaguarense.

Salienta-se que onde se baila, também se faz política e que o objeto de estudo tem permitido conhecer mais sobre a história da própria cidade, evidenciando os personagens locais por outros ângulos que foram citados, alguns bastante conhecidos e outros nem tanto, mas todos importantes para que se compreenda sobre a trajetória do Clube Jaguarense.

3 O CLUBE JAGUARENSE(1921-1936):

Neste capítulo, segue-se tratando do clube a partir dos seus 40 anos, completados no ano de 1921 percebido como marco relevante, quiçá o seu apogeu festivo. Este capítulo vai avançar por mais de uma década, acompanhando o marco do desfecho da primeira república, chegando até a posse de Getúlio Vargas como Presidente da República. E encontra-se, nesse momento, um marco municipal em 1930, com a conclusão da Ponte Internacional Mauá, a qual receberá destaque aqui, em uma da passagem de estudantes de engenharia de Porto Alegre e Montevidéu, convidados pela empresa responsável pela sua construção para confraternizar no Clube Jaguarense.

Por fim, ocorrerá um avanço até a década de 1930, trazendo a comemoração do cinquentenário da entidade, considerada nesse capítulo, como um dos grandes festejos e momentos dos maiores discursos e comemorações encontradas, celebradas com mais ênfase nos 40 e 50 anos de existência, reconhecido o Jaguarense como o local da tradição, pelos seus associados.

O ano de 1921 foi importante para o Clube Jaguarense, pois esse completou 40 anos, um período de intensa programação divulgada no jornal **Tribuna do Povo**, autodenominado como órgão republicano defensor dos interesses municipais. O jornal publica reportagens extensas, de páginas inteiras, estilo que remete os melhores êxitos da velha Sociedade Recreação Familiar quando descrita nos folhetins. O jornal **Tribuna Popular** é da facção republicana, capitaneada pelo Cel. Zeferino Lopes de Moura, rival do grupo de Carlos Barbosa.

Foram encontradas no clube como referência, de acordo com Franco (2001a), sobre a sua atuação no jornal **Tribuna do Povo** de Luiz Vergara, figura importante nesse capítulo, evidências de que trabalhou entre 1928 até 1945 como secretário[42] de Getúlio Dornelles Vargas, fato relatado na obra de sua autoria, “Fui Secretário de

[42] Formação Acadêmica:Ensino Superior (graduação), Direito, Faculdade de Direito, Porto Alegre (RS), 1926:Principais Atividades: Fundador, A Razão1925,1925; Oficial de gabinete, Governo do estado do Rio Grande do Sul1928,1930; Chefe de gabinete, Presidência da República1930,1934; Secretário, Presidência da República1936,1945; Ministro, Embaixada do Brasil no Uruguai1953,1953; Ministro, Embaixada do Brasil na Itália1954,1954. Nascimento em 24/02/1984 e falecimento em 07/02/1973. Fonte: https://ri.fgv.br/node/521

Getúlio Vargas (1960)", e o termo secretário, refere-se de forma genérica aos cargos ocupados, que evidenciam sua posição como assessor diretor de Vargas.

Luiz Vergara (1960), em 1926, era integrante do Partido Republicano-Riograndense, e quando cursava direito em Porto Alegre fez um discurso em solenidade do partido como representante dos estudantes, localizado na Praça da Matriz em memória de Júlio de Castilhos, e no ato estavam presentes, dentre outros o Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, na ocasião com eloquência, Vergara afirmou, ao encerrar sua fala, que, dada a situação calamitosa do país, era hora de "Rio-grandensizar o Brasil".

Tal situação gerou, segundo um professor que lhe acompanhava, e mais tarde repetido por Getúlio, um comentário de censura de Borges ao afirmar, "[...] está bem[...] mas Rio-grandencizar o Brasil [...] é um pouco demais [...]". Vergara trabalhava no **Diário de Notícias** em Porto Alegre desde 1925, e em 1927 ficou incumbido de abrir uma filial no Rio Janeiro, quando entrevistou Vargas como Ministro da Fazenda, momento em que ele lembrou do discurso em Porto Alegre. Mais tarde, com Getúlio como Presidente do Estado do RS, em 1928 foi trabalhar com ele, seguindo-o até a sua deposição como Presidente da República em 1945.

Julga-se oportuno relatar a presença de Vergara no Clube Jaguarense, primeiro pela própria descoberta como integrante no Clube e por perceber que é pouco citado em obras locais. Tais motivos para isso ocorrer, podem em parte, ser atribuídos a sua escolha por estudar e não regressar para a cidade, além de estar situado em oposição a Carlos Barbosa e, no conjunto desse estudo, é identificado fora ou em oposição nesse quadro principal da primeira república que caracteriza Jaguarão.

Também acentua-se que nesse ponto encontra-se a invenção do carnaval de Jaguarão como produto cultural e festa turística, em 1921, recebendo visitantes na cidade, o que a projetou para as telas de cinema. É notável que o fato do Jaguarense ser o primeiro clube da cidade encontrou as condições oportunas para se destacar e assim o fez, em seus 40 anos, com um momento para ser lembrado e eternizado na memória do clube, da localidade e nos jornais que pesquisamos.

3.1 A INVENÇÃO DO CARNAVAL DE JAGUARÃO COMO PRODUTO CULTURAL: A FESTA QUE VIROU FILME, PRIMEIROS TURISTAS FORAM VISITAR O REINO DO AMOR E DA ALEGRIA! – 1921 O ANO QUE NÃO TERMINOU.

Segue-se em 1921, um verdadeiro, *"tour de force"*, como encontrada expressão outrora em atividades do clube, onde esforço ficou bastante evidenciado. Será apontado nesse ano um atrito entre o Jaguarense e Harmonia, que se deu pelas disputas culturais, políticas, ou ambas? Não se sabe, mas é mais provável que sejam as de natureza culturais, mas não seriam improváveis que a política pudesse estar envolvida.

A primeira movimentação nova encontrada, ao menos até o momento, é a coroação da rainha do clube, no Teatro Esperança[43]. A rainha foi Orphelina Ferreira e os ingressos deveriam ser procurados com o Tenente Argollo, Nestor Severino, Marmont Cerqueira. A nota finaliza, conforme o jornal **A Situação** de 2 de janeiro de 1921, com o seguinte teor: "[...] as galerias serão gratuitas ao povo".

Trata-se de uma expansão das atividades do clube, ampliando o seu espaço, abrindo o espetáculo do carnaval dos clubes a todos os interessados, um produto cultural a ser consumido. Embora também não se deva reconhecer, que o espaço destinado para a população não pagante, é o das galerias, portanto mantendo a estratificação e a segregação social da época.

A Situação em 20 de janeiro de 1921, vai trazer a repercussão da coroação da rainha mencionada, bem como trechos do discurso do orador, Sr. 1º Tenente Eupídio Martins, conforme segue destacando a importância da oposição entre os clubes locais.

> [...] disse o talentoso militar que a luta que se empenhavam os dois clubes, Harmonia e Jaguarense, duas associações pujantes e valorosas, era salutar, pois trazia o estímulo e o entusiasmo para os sócios e que a palma da vitória não caberia a este ou àquele e sim à Jaguarão. Que num momento difícil como o atual, quando em outras partes não se cogitava de festas aqui recebiam com toda a pompa o Deus da Folia e lhe dava hospedagem condigna e brilhante (**A SITUAÇÃO**, 20 de janeiro de 1921).

[43]Até a atualidade, 2018, as rainhas são escolhidas em espaço aberto ao público, não mais a dos clubes, mas a do carnaval da cidade, eleita no Ginásio de Esportes e que possivelmente remontem a esta tradição clubística, mais tarde, apropriadas e adaptadas pela oficialidade e os meios de comunicação.

Considera-se essa posição relevante, não só como informação ou posição, mas como um fato revelado ou desvelado por essa pesquisa, que a pujança, regularidade e continuidade do carnaval de Jaguarão, ao longo do tempo, apesar de todas as suas variações, deve ser considerada tributária, pois em grande parte as décadas de emulação entre as agremiações associativas, capitaneadas pelas duas principais localizadas na centralidade da cidade, ou seja, Clube Jaguarense e o Clube Harmonia.

É evidente que os clubes sociais não explicam a totalidade do carnaval, mas defende-se que estão imbrincados em sua gênese como folia de massas descrita pela primeira vez em 1º de março de 1881 e que depois seria integrado aos clubes – fundados após o Jaguarense em 14 de agosto de 1881 e o Cassino Jaguarense que vai dar origem ao Harmonia em 27 de janeiro de 1884. O carnaval, segundo esse trabalho, é que antecede aos clubes sociais, sendo imediatamente incorporado como parte constitutiva e integrante dos mesmos, anunciando a modernização do espaço público que não tardaria vir, visto que até aquele momento permaneceria acanhado e restrito na conservadora Sociedade Recreação Familiar Jaguarense.

Dessa forma, o carnaval e o clube social em Jaguarão, conforme pesquisa, não são temas separados, embora existam vários ângulos para se pensar e perceber a festa, porém encontram-se clubes e carnavais amalgamados com o processo de modernização da sociedade brasileira, mais especificamente no carnaval de 1881. Assim, é o carnaval que leva, empurra e estimula à criação dos clubes e não o contrário, compondo a gênese do clube pesquisado. Os clubes não seriam clubes, mas algo que se aproximaria da “velha Bailante” sem o carnaval, portanto, após a sua criação é incorporado o carnaval como sua principal festa anual.

E a fama do carnaval de Jaguarão? Identifica-se um forte indício de singularidade durante o grande carnaval de 1881, e depois com a cristalização das diferenças entre os clubes no carnaval de 1889, mas foi em 1921 que ele se transformou em um produto cultural, industrializado e transmitido em sessões de cinema dentro e fora de Jaguarão, conforme trata o jornal **A Situação** de 22 de outubro de 1921. Abaixo, descrevendo os dois pontos altos da festa, os corsos, que saiam de alguma localidade, normalmente da casa da rainha e iam em direção ao clube e a rainha em um carro alegórico com os demais em carros motorizados. Segue nota.

> **“O carnaval em Jaguarão”.** Na próxima semana o Concórdia, focará o filme local “O Carnaval em Jaguarão” apanhado por Lafayatte Cunha durante os festejos dos carnavalescos do corrente ano realizados nesta cidade. Esta fita é nítida e foi exibida já em outras localidades do Estado com real interesse e sucesso. Os “habitués” do Concórdia verão entre os quadros interessantes, os grupos de senhorinhas fantasiadas, os carros carnavalescos das sociedades locais, o corso etc. (**A SITUAÇÃO**, 22 de outubro de 1921).

Depare-se com referência a Lafayatte Cunha, realizador da filmagem do carnaval de Jaguarão em 1921, de acordo com Fábio Augusto Steyer (2001, p. 121), “[...] chegou a abrir um curso de cinema ligado à companhia “Itapoan Film”, da qual era um dos diretores”. Deve-se enfatizar que nesse período, até a década de 1930, o cinema ainda era mudo. Lafayatte Cunha, também é citado filmando jogos no Estádio do Fluminense, em 1927, Cf. Victor Andrade de Melo (2004).

Segue-se tratando do ano de 1921, no qual, conforme o jornal **Tribuna do Povo,** de 21 de janeiro de 1921, a comissão de carnaval era composta pelos seguintes nomes: Maj. Cerqueira Mano, Tenente Argollo Ferrão, Nestor Severino, Major Julio Augusto da Silva Marmont Cerqueira, Francisco Almeida e Francisco Paiva.

O jornal ainda descreve que O Deus Momo foi interpretado por Omar Centeno e Mephisto pelo jovem Rosalino Lopes de Moura. A nota encerra com um sugestivo “AVANTE!” em letras maiúsculas e um ponto de exclamação. Nota-se a progressão da direção teatral do carnaval de Jaguarão como espetáculo, reforçando essa defesa, sobre a sua invenção como um produto cultural.

Após a manchete do jornal **Tribuna do Povo**, 17 de fevereiro de 1921, “Carnaval de 1921 – a real vitória do Clube Jaguarense”, reiterando o esforço da entidade por onde deveria passar “[...] as hostes galhardas, ufanas, vencedoras, e polidas da bizarra e tradicional associação que sempre primou por conservar um nome que honrasse esta terra em outros meios cultos.”.

É evidente no discurso posto, a certeza de que o carnaval estava saindo da cidade e formava uma memória, produzindo identidade fora da localidade, pois diz o cronista para se “**honrar esta terra em outros meios cultos”** (grifo do pesqisador), sendo um espetáculo transmitido pelo cinema. Evidentemente, o clube identificou a gravação cinematográfica e a percebe como forma de levar o nome da cidade para outros meios que tivessem um cinema, e como a empresa era de Porto Alegre, provavelmente fora exibido na capital.

Durante o estudo, percebeu-se a relação entre carnaval e cinema, uma fonte de imagens, locais, cenários, figurinos, trazendo o universal para o local. O carnaval

gerava novas imagens, dialogando com o cinema, a literatura, cultura regional, local e universal, além disso, é possível discernir o circo e o teatro, como locais de produção de imagens, figurinos e coreografias que também se entrelaçavam com o carnaval.

Vê-se que a cenografia é elaborada com cuidado, nesse carnaval de 1921, inclusive dispondo de um coreto na frente do clube, trazendo esta dimensão de ampliação do espaço público e citando a deusa Euterpe da música, que na mitologia grega é filha de Zeus e Mnemosine, irmã de Terpsícore, outra musa, já mencionada.

O artista Adolpho Lino de Souza, responsável pela construção de um coreto em frente ao Clube no carnaval de 1921, representando um templo leve à deusa Euterpe, descreveu a rainha, Orphelina Ferreira – filha de Cândido Ferreira, acompanhada do pajém, Aldemar Ferreira e as aias Aida Franco, Acydia Barbachan, Faustina Squeff, Hilda Corrêa, Lucylla Leivas e Adacila Ferreira. Após o ingresso da rainha, discursou Lucylla Leivas, sendo a mais grave e solene rainha identificada em todo o estudo. Seguindo com a rainha:

> **Majestade.** Senhores e Senhoras, Neste augusto momento no qual parece que Apolo, o deus heroico, da perfeição masculina e a própria Vênus, a deusa da beleza imortal aqui estivessem prodigalizando na pompa em festa deste ambiente o milagre de uma ressurreição olímpica, nos sentimos transportar nas asas céleres da quimera ao infinito do ideal onde cantam todas as vozes humanas. (**TRIBUNA DO POVO**, 17 de fevereiro de 1921).

Acentua-se ser a primeira vez encontrada uma referência a Apolo, que é a estatua disposta sobre a entrada principal do clube, o Apolo citarado[44]. Seguiu Orphelina, em seu discurso antes da soberana dançar com o presidente do clube, Sr. Armando Emygdio, onde também dançaram cerca de 200 pares, um número elevado.

> "...O espetáculo variado das fantasias, concedendo ao espírito a sensação inigualável de uma volta no tempo até essa época de ouro em que as ninfas andavam a transformar o mundo em um sonho e o sonho em uma delícia, tudo enfim representa no esplendor do recinto que nos congrega o único e real objetivo da vida – que é o amor e a alegria. A alegria é a suprema nota na orquestração de todas as venturas. A alegria é o verbo altissonante da felicidade. E o amor? O amor é a força que impele para as distâncias radiosas. O amor é a fé que nos leva a magnitudes. O amor é ritmo universal das grandezas. Na impetuosidade sugestiva do seu destino no seu arrebatamento... saúdo também essa legião de vossos vassalos cuja energia e afeição sustentam impávida, no esplendor estonteante de um legítimo triunfo e glória de uma soberana!". (**Tribuna do Povo**, 17 de fevereiro de 1921).

[44] Sobre o uso do Apolo em ornamentações urbanas na cidade de Pelotas, ver Fábio Vergara Cerqueira (2014).

O discurso da rainha é de glória, trata-se da figura central, deste reino de fantasia, o carnaval, e do clube social como espaços de criação e expansão da imaginação. Nota-se a referência ao amor e à alegria como centrais nesta festa. Em alguma medida, o tom da festa remete à festa do Divino Espírito Santo, não no seu sentido religioso atual, mas à sua matriz joaquinista conforme abordado anteriormente. De fato, a fundação de um império de celebração, abundância e amor universal, também caracterizado pela inversão, onde reinaria a igualdade e qualquer um pudesse ser coroado como imperador.

A nota destaca que a iluminação do clube, interna e externa, esteve a cargo do Sr. Nestor Severino e o turismo cultural foi identificado pela primeira vez nesse trabalho, pessoas de diversas cidades atenderam ao convite para vir às festividades, dentre os quais se fizeram presentes de Herval, Arroio Grande, Pelotas e Bagé. É apontado que todos os cortejos foram iluminados por “fogos de bengala”, confeccionados pelo Sr. Abilio Cyrillo da Cunha.

Nesse contexto, o Clube Progresso de Artigas, em Rio Branco, ofereceu um baile ao Clube Jaguarense, no qual a banda musical de cavalaria apareceu montada, fantasiada nas cores do clube. Observa-se que até os militares vestiram-se de Clube Jaguarense no carnaval de 1921 dada a gravidade, seriedade e capilaridade do evento.

Dentre as fantasiadas descritas, aprecia-se a usada por Nieves Rocha, que foi a de República Brasileira, considerada oportuna a inversão, pois na época do Império, encontram-se pessoas fantasiadas de reis e na república, fantasias relacionadas à república, assim como Negrita Rocha que se fantasiou de República Norte-Americana.

Seguindo a notícia, é descrito o carro da rainha, como uma gôndola heráldica que ficava em exposição quando não estava em desfile – a roupa da rainha foi encomendada da capital do Uruguai, Montevidéu, via casa Aspiróz em Artigas, hoje Rio Branco.

Sobre esse carnaval, foi encontrada uma nota no jornal de Porto Alegre, **A Federação** de 12, de fevereiro de 1921, o qual destacou o carnaval dos clubes Jaguarense e Harmonia, descrevendo o carro alegórico da seguinte maneira: “O carro da rainha do Clube Jaguarense excedeu toda a expectativa em luxo, originalidade e iluminação”. Aponta, sobre os carros do Harmonia, um em formato de avião e outro de tanque que bombardeava o Jaguarense com confete que, de acordo com o encontrado nesse estudo, suficientemente demonstra que foi a força, o vigor e a

importância das batalhas entre os clubes, que auxiliaram na consolidação das festividades carnavalescas capitaneadas pelos grupos mais proeminentes da sociedade.

Os Clubes, dada a produção cultural realizada, prescisavam de público, e, depois de tanto esforço, auxiliaram a consolidar o espaço comum destinado para o carnaval em Jaguarão. Não se poderia fazer um desfile, investindo tantos recursos se não existisse expectadores, seja local ou externo que começavam a chegar para vivenciar, conhecer, se divertir no carnaval jaguarense.

Ainda, sobre a nota publicada em Porto Alegre, pelo jornal **A Federação**, é ressaltado que havia "[...] muito luxo em todas as fantasias" e os bailes eram animados. Destaca, ainda, que o Harmonia ergueu em frente ao seu edifício um "coreto de 12 metros em forma da Torre Eiffel". Ressalta-se, conforme posto, que a cena, certamente, foi bela para o filme realizado neste carnaval e que o coreto do Jaguarense, trazia uma construção com referências ao Egito, similar a um palácio. Por fim, a nota destaca que os carros alegóricos usavam energia elétrica com um motor Delco do Jaguarense e um Plix do Harmonia e ambos tiveram grande intensidade luminosa.

Salienta-se que esse carnaval se prolongou no tempo, pois a fotografia da rainha ficou exposta por um período na loja A Predileta, localizada na Rua 27 de janeiro. A imagem ofertada pelos sócios foi confeccionada pelo hábil artista Francisco Almeida, conforme o jornal **Tribuna do Povo** em 17 de março de 1921.

Do exposto, sem sombra de dúvidas, identifica-se a fundação do carnaval de Jaguarão em sua nova etapa, como produto cultural e espetáculo aberto para os turistas que vieram de Pelotas, Arroio Grande, Herval e Bagé, e acabram prestigiando e participando da gravação fílmica que seria exibida nos cinemas posteriormente.

Como referência teórica para compreender a questão, mantém-se a disposição polemológica de Certeau (1990), o qual denomina a disputa entre os grupos entre táticas e estratégias e, nesse caso, o Clube Jaguarense como um grupo instituído, se utilizou de todas as estratégias disponíveis.

Nota-se a essa altura do estudo, ser comum encontrar nas diretorias do clube pessoas com patente militar, inclusive na comissão organizadora no ano de 1921. Dessa forma, também não surpreende a disciplina e a disposição de toda a performance, de forma plena e com todo o rigor necessário para o pleno êxito. Em termos de estratégia, chama a atenção, inclusive, que a banda da cavalaria do exército

veio montada e fantasiada nas cores do clube, dada a influência dos militares em ambos os espaços.

O carnaval de 1921 foi realizado com luzes, artistas e fogos, da maneira mais profissional possível. Citando o orador da coroação da rainha, 1º Tenente Eupídio Martins, que ganharia com a disputas dos clubes sociais, não seria nem um ou outro, e sim a cidade de Jaguarão.

Como disse a oradora Lucylla Leivas, trata-se de inaugurar um reino! Do amor e da alegria. Quem se oporia? E de forma mais especulativa, aponta-se que tal festa prosperou muito, em uma cidade onde se celebra o culto ao Divino Espírito Santo – inclusive nos idos de 1812 denominada como Freguesia do Espírito Santo do Cerrito de Jaguarão. Conjectura-se que ambas as festas, com seus reinos de invenção e inversão, onde reinaria a fartura para todos, a criança seria um dos centros da atividade promovendo a sua capacidade de imaginação e sonho, quiçá sem doentes e criminalidade e qualquer um poderia ser coroado como rei. Ambas são, ao seu modo, festas de esperança, prosperidade e fraternidade.

O carnaval é uma farsa, que levada a sério, é transformado em um grande espetáculo cênico, envolvendo som, luz e movimento – trata-se da inserção da cidade em um mundo que cada vez mais toma o espetáculo como um padrão social desejável, civilizado.

A adesão às fantasias nesse momento, pelas listas descritas, parecem ser de preferência maior feminina e pareceu que haveria uma grande adesão infantil, como apareceu na descrição de Ceci Coni no capítulo anterior, ao relatar a sua participação no carnaval de 1915, mencionado como grande festa.

3.2 QUANDO O SECRETÁRIO DO CLUBE JAGUARENSE FOI LUIZ VERGARA 1921 – MAIS TARDE O SECRETÁRIO DE GETÚLIO VARGAS (1928-1945):

A seguir, ao analisar o material encontrado, identifica-se Luiz Fernandes Vergara, nascido em 1894, que passou a infância em Jaguarão, mais tarde bacharelou-se em Direito, foi jornalista no **Diário de Notícias** em Porto Alegre, tendo trabalhado com Getúlio Vargas, de 1928 até 1945. Vergara acompanhou Getúlio em 1930 em direção ao Rio de Janeiro, assim como descreve alguns dos preparativos em sua obra Vergara (1960).

A sua relação com Vargas não foi ocasional, visto que militavam dentro do Partido Republicano e o laço foi estreitado com a sua viagem ao Rio de Janeiro através do **Diário de Notícias**, que estava abrindo uma filial no ano de 1927 quando Vargas era Ministro da Fazenda. Na ocasião, o jornal mandava anunciar que daria apoio à sua candidatura à Presidência do Estado.

Mais tarde, como Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Vargas propõe nomear Vergara para um cargo, buscando mantê-lo em Porto Alegre, visto que por meio de conversas estava decidido a retornar a Jaguarão para advogar. Vargas dizia que seria melhor ele ficar na capital do que “voltar para roça” e mantiveram diálogo até Vergara aceitar assumir um cargo de servidor de carreira.

Durante a nomeação, que passava por Borges de Medeiros, esse tinha outro nome, logo o nomeado estava lotado no gabinete de Vargas, então, com essa vaga, propõe que Vergara fique no seu gabinete, porém Vergara narra a sua relutância para aceitar, mesmo aquiescendo a oferta no final.

Vergara conta (1960) que conheceu Vargas em 1926, quando era estudante, discursando em homenagem a Júlio de Castilhos, falando que seria necessário “Rio-grandecizar” o Brasil. Afirmação que não passou despercebida, nem por Borges de Medeiros, visto que Getúlio, mais tarde, ao encontrá-lo no Rio rememorou o fato. Vergara acompanhou com proximidade Getúlio Vargas em 1930, tanto nos preparativos, com o seu desfecho em direção ao Rio de Janeiro, para tomar o catete. Na ocasião, Vargas preferia que ele não fosse, visto que tinha mulher e filho, pois não haveriam garantias do retorno.

Especificamente na viagem, em 1930, para o Rio, Vergara cita os conflitos da fronteira para descontrair o ambiente, imerso em uma discussão de qual seria a sua patente. Lembrou, na ocasião, quando um dos grupos invadiu Rio Branco nas disputas entre blancos e colorados, em certa ocasião, apressadamente montaram uma defesa e denominaram um paisano como capitão. Achando oportuno o causo, pois seu uniforme não teria patente, denominarem-no “Capitão Vergara”. Sua obra relata que, com o passar dos anos, ainda lembravam daquele momento evocando “Capitão Vergara”.

Vergara é citado de forma direta por Fernando Jorge Pedro Alves (1999, p.24), sobre a sua participação para o ingresso de Getúlio Vargas, na Academia Brasileira de Letras eleito em 1941 e empossado no ano de 1943 e, não tendo livro, precisou de

apoio dos seus assessores para compilar todo o material possível para escrever “A nova política do Brasil”.

Conversou-se em Jaguarão com um informante qualificado, Cleber Carvalho, que disponibilizou a medalha do Clube Jaguarense, confeccionada em 1897 e lembrou de Vergara, mencionando que sabia da sua participação na entrada de Vargas na A.B.L. É curioso que o discurso de posse de Getúlio na A.B.L., esteja hoje na Fundação Getúlio Vargas, listado no arquivo dos documentos disponibilizados de Luiz Vergara. Quiçá, Vergara, possa ter realmente alguma participação, seja na revisão ou na escrita desse discurso de posse. O fato não é relatado em suas memórias, que ao lembrar do amigo tragicamente falecido, certamente evitou temas mais delicados, ou mesmo considerados por ele inoportunos.

Ainda sobre seus familiares, antes de prosseguir com o clube, Soares (2010) descreve um primo, Osvaldo Vergara, advogado, que passou parte da sua infância em Jaguarão, mais tarde dentre tantas outras coisas, foi jurista e político, destacado, inclusive na fundação da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio Grande do Sul. Assim, descobriu-se Luiz Fernandes Vergara, primo dos irmãos Osvaldo e Pedro Vergara, esse último também proeminente em sua carreira jurídica e política que passou parte inicial da vida em Jaguarão.

Luiz Vergara era secretário do Clube Jaguarense, mesmo não tendo o estatuto do clube de 1921, mas com base em posteriores, especialmente, no encontrado de 1951, constata-se a função do secretário como “Ao secretário compete fazer as publicações, avisos, convites na imprensa” de modo, que parece ser o mais comum na relação do secretário com a imprensa. Entende-se que tal função foi bem exercida por Vergara, pois trabalhava no jornal **Tribuna do Povo**, como mostraa nota anterior sobre o carnaval de 1921, tão minuciosa, possa ter sido escrita por Vergara.

Após esse período, conforme **Tribuna do Povo** em 09 de julho de 1921, o secretário Luiz Vergara publica um edital de chamamento para a eleição no clube em 07 de julho de 1921. Na eleição, foi reeleito o presidente Arnaldo Dutra (avô de João Alberto Dutra da Silveira, que bem mais tarde, depois do período de redemocratização do país na década de 1980, exerceu o cargo de Prefeito Municipal), vice-presidente Armando de Oliveria Emygdio e aparece Luiz Vergara, como primeiro secretário, no centro da gestão e após seguem os demais membros.

Em seguida, de acordo como o jornal **Tribuna do Povo** de 11 de agosto de 1921, será realizado um chamamento para a posse do grupo em tom maior, conforme

segue trecho, “Pede-se empenhadamente para melhor brilho da festa, o comparecimento de todos” – Secretaria do Clube Jaguarense. Luiz F. Vergara, Secretário.

Seguindo as notas dos periódicos, na posse da nova diretoria em 1921, momento de comemoração dos 40 anos do clube, aparece Luiz Vergara, descrito na cena como o orador, uma figura importante na posição de alguém que teria condições de congregar o grupo, retomar o sentido histórico da entidade e enaltecer o seu belo presente, apontando para o futuro pujante. Vergara, o orador nos 40 anos da entidade qualificado na nota como “jovem destacado”.

Ainda nessa matéria jornalística, dos 40 anos do Jaguarense, é apresentado uma descrição de apresentação da lira operária, grupo formado por homens e mulheres negras cf. (Nunes, 2010) ligados ao Clube 24 de Agosto. Entende-se que isso demonstra certa aproximação entre as entidades e classes sociais, não desconhecendo o fato de que apesar das pessoas negras não frequentarem a entidade, ainda restaria tempo suficiente para saber que foi no Clube Jaguarense fundada a Sociedade Emancipadora Jaguarense no ano de 1882.

Evidencia-se que além de laços de cordialidade, na época, seria muito comum que alguns membros do Clube 24 de Agosto trabalhassem para os coronéis que eram associados ao Jaguarense. E a apresentação mencionada foi à frente do clube, portanto mantendo o distanciamento, considerado necessário pelos homenageados, quando o grupo “[...] executava também, excelentes e festivas peças do seu vasto repertório”.

Seguindo as informações encontradas no jornal **Tribuna do Povo** de 16 de agosto de 1921, após a repercussão de posse, durante o aniversário de 40 anos da entidade, diz que pouco antes a Lyra Operária, grupo musical composto por mulheres e homens negros, estava postada à frente do edifício do Clube Jaguarense e “[...] executava também, excelentes e festivas peças do seu vasto repertório”. Precisamente a meia-noite foram disparados foguetes, diz a nota “[...] vibrando no ar [...] uma imensa girandola de foguetes”.

Após, o presidente Arnaldo Dutra, descrito como “[...] conceituado comerciante desta praça”, asteou o pavilhão do clube, rodeado de todos os presentes e assinala que as comemorações, nesse dia, começaram às 17h. Esse ato, praticado dentro dos moldes protocolares, foi sóbrio e rápido tendo na ocasião “[...] proferido palavras

elevadas e consentâneas de solidariedade e incitamento o nosso talentoso companheiro Sr. Luiz Vargara".

Posteriormente, a orquestra foi regida pelo "Ilustre maestro André Raffo" e Omar Centeno, em nome da diretoria, frisou: "[...] decisivo concurso do elemento feminino para os destinos daquela sociedade". Após um incidente onde parece ter ocorrido uma queda de energia, no meio da atividade, Romário Fernandes saudou as mulheres dizendo: "Ali com o brilho dos seus olhos, jamais deixaria pesar o domínio da treva que as circunstâncias forçam". Por fim, Clara Mano ao piano e Thomaz Pereira, seguiram "[...] com bastante inspiração evocativa ele recitou poesia de Henri Heine, intitulado 'O Tedio'". Poema do romancista alemão do século XIX. Segue o poema.

O palhaço, traduzida como Tédio de Heinrich Heine
tradução de Machado de Assis

Venho doutor fazer-lhe uma consulta.
A doença que me punge e esteriliza a mocidade e o espírito
Resulta de uma chaga que nunca cicatriza.
Muito embora comum a toda gente
A de que sofro atroz hipocondria
Tanto me torna pensativo e doente
Que já nem sei o que é paz nem alegria.

Sendo o mais sábio clínico do mundo
Sois também um filósofo notável
Do peito humano auscultador profundo
Curareis este mal inexorável
Que me esmaga o organismo fibra a fibra
Que me enevoa o cérebro e o condensa
Eu tenho um coração que já não vibra
Suporto uma cabeça que não pensa.
Tédio mortal, tédio agoureiro
Que me envenena e escurece os dias
É como os beijos dados a dinheiro
Numa noite de orgia.

Refletindo, diz o médico ao cliente:
- O amigo tem razão! Padece realmente.
Contudo, a enfermidade, o morbos que o devora
É um produto fatal do século de agora.
Uma emoção vibrante, um abalo violento
Pode curá-lo, creia, apenas num momento.
O tédio é uma mordaz, uma total loucura.
É a treva interior, a grande noite escura.
Onde se esquece tudo: a sorte, a vida amada,
O nosso próprio ser, e só se lembra o nada.
Diga-me: alguma vez amou?
Nunca em seu peito estrugiu das paixões o temporal desfeito
Como a vaga do mar que se agita e escapela
Ao soturno rumor do vento e da procela?

- Nunca doutor!

- Pois meu caro, procure a agitação constante.
Já viajou? Já visitou a Grécia? A Oceania?
O Oriente, a Terra Santa,
Os sítios onde tudo hoje evoca e decanta
As glórias de uma idade imorredoura e eterna
Que amesquinha e deslumbra a geração moderna?

- Doutor, percorri , como o Judas,
O mundo é a humanidade.
E entre as mulheres todas,
Cujas bocas beijei em bacanais e bodas
Mulher nenhuma eu vi sobre a Terra tamanha
Que para mim não fosse uma visão estranha
Como fui, voltei, sem achar lenitivo
Para este mal, doutor, que assim me traz cativo.

- Pois frequente o circo amigo.
A figura brejeira do famoso arlequim
Que a esta cidade inteira palmas e aclamações constantemente arranca,
Talvez sim lhe restitua a gargalhada franca.

- Vejo agora que o meu mal está perdido.
O truão de que falas, o palhaço querido
Que anda no coliseu assim tão aplaudido
Tem um riso de morte, um riso mascarado
Que encobre a dor sem fim do tédio e do cansaço.
Sou eu, doutor, sou eu este palhaço! (O PALHAÇO, 2018).

Aproveita-se para identificar Luiz Vergara entre as fotos, em 1930 no Palácio do Catete no Rio de Janeiro. Ele é o quarto, na segunda fileira, de óculos, logo atrás de Getúlio Vargas, compondo a equipe que trabalhava no Rio Grande do Sul. Segue Figura 16 - Getúlio Vargas com equipe. Luiz vergara atrás, à sua esquerda, de óculos. Rio de Janeiro, dez./1930.

Figura 16– Getúlio Vargas com equipe. Luiz vergara atrás, à sua esquerda, de óculos. Rio de Janeiro, dez./1930

Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2017

A Fundação Getúlio Vargas, mantém o acervo de Luiz Vergara e aparecem outras imagens, inclusive uma caricatura produzida em Jaguarão e mais fotos com Getúlio Vargas. Abaixo a caricatura de Vergara, feita em Jaguarão e, em seguida, pode-se observar Luiz Vergara[45] acompanhado Getúlio Vargas em Petrópolis–RJ, na fazenda Santa Tereza, o único de óculos no grupo. Observa-se a formalidade, descontração e afeto entre os presentes, destacando a presença do churrasco, a carne assada, no espeto no chão, outra modalidade comum em algumas áreas do Rio Grande do Sul. Segue Figura 17, caricatura de Luíz Vergara, Jaguarão, s.d.

Figura 17 – Caricatura de Luíz Vergara, Jaguarão, s.d.

Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2017

Vergara (1960, p.8), lembra em suas memórias sobre Getúlio Vargas falecido, e reflete sobre a sua expressão “Rio-Grandesizar o Brasil”, e chega à conclusão acerca do churrasco, conforme afirma: “O Brasil encheu-se de churrascarias. O churrasco saiu do fogo de chão gaúcho e transformou-se em prato nacional, bem brasileiro”. E talvez tenham na verdade, aberto o caminho para “Rio-Grandesizar o Rio Grande”. Segue Figura 18, Luiz Vergara, Getúlios Vargs e outros na Fazenda Santa Tereza, Petrópolis, entre 1937/1945.

[45]O Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão possui a cópia de um Diário manuscrito de Luiz Vergara, denominado “ementário” quando ainda morava na cidade. Julga-se oportuna a menção, caso outro trabalho venha a ser desenvolvido especificamente sobre a sua vida – Soares (2010) cita que os originais ficaram, na época, de posse da sua filha Moema Dutra Vergara.

Figura 18 – Luiz Vergara, Getúlio Vargas e outros na Fazenda Santa Tereza, Petrópolis, entre 1937/1945

Fonte: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 2017

Ainda sobre Vergara, há relatos do seus primo Pedro Vergara em Soares(2010), que aponta uma descrição mais longa, retirada do seu livro de memórias, “Lembranças que lembram”, onde recorda como foi superando as dificuldades, até alcançar o êxito, citando, inclusive, o Clube Jaguarense que Osvaldo, seu irmão, ao visitar a família, devido às dificuldades em que o pai passava, diz: “O Osvaldo foi visitar a sua terra natal e teve de hospedar-se com amigos, no Clube Jaguarense, moços que tinham conhecido na juventude e de sua faixa etária, porque nós não tínhamos condições de recebê-lo em nossa casa...” (SOARES, 2010, p. 175).

Do exposto percebe-se outras funções desempenhadas pelo Clube Jaguarense em sua trajetória, inclusive como lugar de pernoite eventual, caso alguém próximo tivesse necessidade.

A seguir, acresce Pedro, que teria saído em defesa do primo Luiz Vergara, ao sofrer represálias[46] do grupo de Carlos Barbosa, em virtude de matéria escrita no jornal, e que tal desagravo lhe custou uma resposta em momento oportuno, mesmo

[46] Segue um trecho de Osvaldo Vergara, sobre Luiz Vergara: “Certa vez o meu primo Luiz Vergara se viu envolvido na política de Jaguarão com a polícia da situação local, sempre sobre a chefia de Carlos Barbosa, e eu por acaso me achava na cidade, e hospedado na casa da tia Amélia a mãe de Luíz, não pude deixar de comparecer a uma sessão de desagravo ao meu parente, por força das agressões pessoais e materiais – espaldeiramento – a que foi submetido, por motivo de um artigo seu de oposição violenta, na imprensa local”. (SOARES, 2010, p. 187).

que tenha sido, segundo consta “[...] esta minha atitude correta, de solidariedade a um parente a quem muito queria” (SOARES, p.187), diz que era Promotor Público em Camaquã e surgindo uma vaga de juiz distrital em Jaguarão, teria interesse, mas o governo do estado consultando a política da “graciosa cidade da fronteira” expressão utilizada por Pedro Vergara, a resposta foi negativa, pois seria um inimigo da situação. Por outro lado, relata que foi uma das peripécias juvenis a sua partida para estudar em Porto Alegre, quando contou com algum apoio inicial de Carlos Barbosa.

Em 1921, houve mais uma polêmica entre os clubes, de acordo com Rotta (1990). Nesse ano, a diretoria do presidente do Clube Harmonia, Alcides Pinto, não convidou a diretoria do Clube Jaguarense para a posse. Assim, em desagravo, os sócios que frequentavam os dois clubes, externaram o seu descontentamento e tomaram como opção se desligar do Clube Harmonia e seguirem associados somente no Clube Jaguarense.

Os sócios que pediram demissão nessa ocasião foram: Arnaldo Dutra, Pantaleão Machado, Luiz Vergara, Ademar Amaro e Manuel Amaro Junior. Tal fato, aponta para a circulação de alguns associados em ambos os clubes, entre os quais Luiz Vergara, devido os conflitos que, no decorrer do tempo, acabaram posicionando alguns indivíduos mais próximo de um clube do que no outro e, nesse caso, Vergara optou por seguir só no Jaguarense, do qual fazia parte da diretoria.

Essa questão aponta para uma tradição situada no universo da honra, nos sistemas de códigos não escritos e que se espera que sejam cumpridos com reciprocidade, pelo visto quebrada pelo Harmonia nesse ano. Possivelmente, em decorrência da vitória do Jaguarense no carnaval, pode ter acirrado a disputa naquele 1921.

Vergara ainda será eleito na direção do Jaguarense, de 1922, mas não mais como secretário e, sim, como diretor e, por fim, aparece em janeiro de 1923, saudando a nova rainha Ilda Correa (filha de Zózimo Correa), e a anterior, Orphelina Ferreira, descrito no momento do brinde de honra com champagne ao chegarem ao clube, após a coroação no Teatro Esperança.

Vergara aparece parabenizando a atuação e empenho da anterior, Orphelina, no carnaval de 1921, exultando a nova, para que também desempenhasse com afinco as funções (**A SITUAÇÃO**, 29 de Janeiro de 1923).

Ainda nesse carnaval, atuou mais uma vez como orador, brindando em nome da diretoria a rainha e familiares pelo periódico como “**o conhecido intelectual**

conterrâneo Luiz Vergara” [grifo do pesquisador] (**A SITUAÇÃO**, 21 de Fevereiro de 1923). Na ocasião, estavam presentes a rainha Ilda Côrrea e familiares, sr. Zózimo Côrrea e D. Leocádia Corrêa, e pela exma. Sra. Minervina Corrêa e Major Basilio Augusto Wildt.

Após o carnaval, foi noticiado que a rainha, Ilda Corrêa, recebeu um “mimo”, conforme consta na nota, do Clube Jaguarense, o qual foi “[...] uma artística e bela medalha de ouro, contendo verso e reverso com as inscrições ‘A Diretoria do Clube Jaguarense à senhorinha Ida Corrêa, excelsa soberana do carnaval de 1923’”, ofertada por Luiz Vergara, que proferiu “judiciosas e brilhantes palavras”. Após seguiram ao clube, onde ocorreu um baile (**A SITUAÇÃO**, 08 de março de 1923).

Por fim, sobre Vergara e o Clube Jaguarense, aparece, uma nota no jornal **O Paiz**, do Rio de Janeiro em 13 de março de 1923, que trata de uma sessão cívica no Clube Jaguarense em memória a Rui Barbosa que havia falecido no dia 1º de março. Na ocasião, usaram a palavra: Dr. José Carlos de Souza Lobo, Carlos Chagas, Idelfonso Simões Lopes Filho e o acadêmico Luiz Vergara.

3.3 DEMAIS ATIVIDADES DO CLUBE JAGUARENSE NA DÉCADA DE 1920

Constata-se, consultando o jornal **Tribuna do Povo** de 06 de agosto de 1921, um torneio bilhar em 1921, e o torneio ofereceu ao final os seguintes prêmios: 1ª turma José M. de Souza Filho: um pregador para gravata; 2ª turma Ramão Rodrigues: um par de abotoaduras; 3ª turma Rosalina Moura: um cigarreira; 4ª turma Armando de Oliveira Emygdio: um estojo para escritório; 5ª turma Athanasio Nuñes: um estojo com navalha e gilete; 6ª turma Gervásio G. Ramos: um relógio pulseira; 8ª turma Omar Centeno: uma cigarreira; 9ª turma Tenente Pericles Cunha: um estojo com duas carteiras.

Após o torneio, seguiu a animada reunião dançante (dados consultados em **Tribuna do Povo** de 30 de de agosto de 1921). Assim, essas atividades reforçam o clube como um espaço de recreação e camaradagem entre os pares. A entrega dos prêmios foi realizada por “Aldacina Ferreira, Jandyra Pereira e Marina Terra Costa”, conforme o jornal **Tribuna do Povo** em 1º de setembro de 1921.

Posteriormente, encontrou-se uma nota de comemoração natalina, à cargo do Major Cerqueira Mano, que montaria uma “Árvore do Natal e presépio com o

nascimento de Cristo e, nesse momento, contariam ainda com a inauguração do palco (**TRIBUNA DO POVO**, 24 de novembro de 1921).

Após, em 1922, em virtude do falecimento do Sr. Faustino Corrêa, o carnaval não é comemorado, realizando apenas um baile que esteve muito animado e concorrido por fantasiados (**A SITUAÇÃO**, 02 de março de 1922). Cabe ressaltar que até o desfecho desse trabalho, enquanto Clube Jaguarense, observou-se essa disposição de apreço pelo grupo entre si, de tal forma que o falecimento de um membro enlutava a todos, e isso fica evidente até a década de 1960, pois deparou-se com indícios de que uma mudança geracional chegava ao universo dos costumes, a qual será abordada no próximo capítulo.

A seguir, encontra-se um recital de piano em 1922, realizado por Jandryra Pereira, diplomada pelo Conservatório de Música de Porto Alegre, filha de Claudino Nunes Pereira. A crítica do redator “Franz List, o genial húngaro; Araújo Viana, o notável patrício; Frederico Francisco Chopin, o emancipador do piano da escravidão do estilo orquestral de composição, para colocá-lo com música própria numa base de independência; Moskowski, o talentoso músico alemão de origem polaco; J. Octaviano, brilhante musicista brasileiro; Gottcahalk, norte-americano com sua música original, estranha, poética e melancólica. Após seguiu-se com um “animado baile”, o jornal esteve presente através do capitão Luiz Dorval Lopes.

Segue programa:

Primeira Parte
Liszt – Rapsodia n. 11
Araujo Vianna – Impronthu op. 3
Chopin – Fantasie – Impronthu op. 66
Moskowski – Valsa op. 34 n.1
Segunda Parte
Chopin – Scherzo op. 31
Liszt – Rapsódia n. 6
J. Octaviano - Estudo
Gottcahalk – Fantasia sobre o Hino Nacional.
(**A SITUAÇÃO**, 22 de julho de 1922).

Em 1922, aparece uma nova atividade, o *ping-pong*, mantendo o espírito do clube urbano aberto ao novo, ao lazer e aos poucos ao esporte (**A SITUAÇÃO** 25 de setembro de 1922). No mesmo ano, registram-se partidas de Xadrez, e acresce a nota “[...] representando as figuras, senhorinhas e cavalheiros que trajavam vestes características” (**A SITUAÇÃO**, 13 e outubro de 1922). Acerca do Xadrez, no dia seguinte continuaram as atividades, por iniciativa do general Antônio José Azambuja

e organizadas pelos senhores Arnaldo Dutra, Manoel Fellippe Pereira, Eracy Rodrigues da Silva e Pedro de Alcantara Nunes. O evento foi à noite, com intensa participação social, inclusive decorado pelo Major Júlio da Silva, que fez com pincel "[...] um magnífico quadro de xadrez", ao que tudo indica, usado para a partida, em tamanho grande.

Começaram a partida Pantaleão Machado e Armando Pitrez e dentre os presentes estavam as senhorinhas Aracy Borges, Rainha das peças pretas, segundo consta "coroada e majestosa", e Hilda Ferreira, Imperatriz das peças brancas. Ainda segue as demais Mano, Franco, Ferreira e Squeff "torres" brancas e negras. Além de outras senhoras que estariam, segundo nota, representando o "alto mundo social rio-branquense", ou seja, da cidade vizinha uruguaia de Rio Branco. Após, seguiu o baile, que dentre outras coisas se cita que estavam dançando tango (**A SITUAÇÃO**, 23 de outubro de 1922 – nota assinada por C. Torres).

Encontrou-se, sobre 1922, um festival uruguaio, promovido pelas diretoras, Ramona Risso e Alambides Macedo, diz o registro que "[...] desde muito cedo começou a fluir o alto mundo social rio branquense", ao que se entende da nota, um evento em que as crianças demonstraram os seus talentos (**A SITUAÇÃO**, 04 de dezembro de 1922).

No Carnaval de 1923, as notas no jornal apontavam o esmero como, por exemplo, na coroação da rainha do Jaguarense realizada no Teatro Esperança, em que a "iluminação do trono foi confeccionada pelo hábil engenheiro eletricista Antônio Tavares Leite e a cadeira trabalhada pelo artista e fotografo Francisco Almeida".

A seguir, mostraram uma canção apresentada na ocasião pelo sócio Omar Centeno no jornal, quem assina a letra é Rubens Flávio, pois a composição musical é de André Raffo cf. Soares (2007, p.348-357) e referenciada nos jornais pelo presidente da entidade, Sr. Arnaldo Dutra, como composta "especialmente pelo talentoso Maestro André Raffo" (avô do escritor Eduardo Álvares de Souza Soares).

O clube social cada vez mais funcionava como um ateliê artístico, onde cada um poderia exibir ou aprimorar os seus talentos. Inclusive, conforme lembra o entrevistado Aldyr Schlee, que mais tarde, entre as décadas de 1940 e 1950, relatou que certa vez, ao reformarem o assoalho do clube, ele fez um desenho, que foi utilizado no centro do salão. Nota-se ao final da música, o apelo "**a tradição**".

Canção Carnavalesca do Clube Jaguarense.

Eis de Deus Momo o bom reinado.
A nobre festa da alegria!
Vamos deixar o nosso enfadado.
E cair todos na folia
Momo chegou! E o carnaval!
Venha do riso o som festivo,
Porque esta vida, é afinal,
Um soluçar sem lenitivo.

(Coro)
Danças e gritos,
Cornetas e apitos,
Perfumes e flores,
Pratos e tambores,
Vestidos vaporosos,
Zabumbas ruidosos,
Gestos de jogral:
E' todo o carnaval.

No carnaval a gente esquece
O que sofreu em todo o ano,
Pelo que a alegria que endoidece,
Espanta logo o desengano,
Vamos gozar, vamos cantar,
Vamos cair na pagodeira,
Que o carnaval nos vem tentar,
E ficar triste é grande asneira

(Coro)

Danças, gritos, etc., etc.
Do "Jaguarense", o "Clube Invicto",
Esta canção carnavalesca
Há de lembrar, com num mito,
A tradição cavalheiresca.
E a soberana, que abrilhanta,
Plena de graça, o trono altivo,
E qual um sol, que se levanta,
Iluminando o céu festivo!

(Coro)

Danças, gritos, etc., etc
Salve, soberna excelsa! (grifo do texto)
Entre cantos, e flores, e ovações,
No triunfoesplendoroso da beleza,
Pairais, Rainha em nossos corações,
Como flama da luz, para sempre acesa
Uma excelsa banda de ilusões,
Um canto de ouro em toda a natureza,
Um Jubilo vivaz, - eis os grilhões,
Que transluzem na vossa realeza!
E, a soberana, tendo o carinho,
em vez da vassalagem dos servis,
guiando o vosso cetro o caminho,
por diademada pela glória,
do "Jaguarense" as tradições,
Eis de levar a esplêndida vitória
Rubens Flávio

(**A SITUAÇÃO**, 30 de janeiro de 1923).

Sobre o carnaval desse ano, manteve, segundo nota, grande animação, saindo o cortejo da casa da rainha, Ilda Corrêa, localizada na Rua XV de novembro. O carro real da rainha foi confeccionado por Francisco Almeida, uma “graciosa embarcação em formato de concha” e era acompanhado por 28 veículos ocupados por fantasiados.

Ao chegar ao clube, foi recebida por uma banda que executava a marcha triunfal da opera “Aida” de Gioseppe Verdi. Após o ingresso no clube, a soberana foi guiada pelo presidente. Sr. Arnaldo Dutra e os demais foram cantando no interior do clube a música composta por André Raffo. Acresce o repórter que o *toillete* da rainha foi confeccionado no Rio de Janeiro, representando um dos trajes históricos da “Rainha de Sabá”. O baile, ao começar, contava 114 pares e a orquestra foi regida pelo maestro Juan Estrada (**A SITUAÇÃO**, 21 de fevereiro de 1923).

Segue mais um relato desse ano, tomando a percepção externa de quem chegava na cidade naquele momento, a partir das memórias de Pedro Leite Villas-Bôas no ano de 1923, contextualizando a batalha dos clubes e destacando, por outro lado, que entre os cordões e blocos, ressaltaria a proeminência do Clube 24 de Agosto nas ruas.

> Logo após nosso regresso a Jaguarão, em fins de janeiro de 1923, caímos em pleno reinado do Momo. Existiam na época dois clubes rivais – O Jaguarense e o Harmonia, cada qual timbrado para apresentar festas de grande animação e beleza. Isto nos salões e nos corsos pois em matéria de cordões e blocos, carnavalescos, a nota alta deva ser dada com justiça ao Clube 24 de Agosto (dos morenos). Este sim, levantava a palma, que em organização indumentária, riqueza e bom gosto, para as fantasias de seus componentes, além de apresentar maior contingente de pessoas (VILLAS BÔAS, 1923 apud SOARES, 2010, p. 229).

Em 1924, durante e posse da presidência do Gal. José Antonio Azambuja, encontrou-se a primeira diretoria feminina, composta por “Aracy Borges Dulcinda Ferreira, Diva Cardoso Costa, Aida Castro, Branca Almaides Macedo, Ely Balhego, Anna Candida Villas-Boas, Lia Balhego, Iracema Chagas, Noemia Silva, Idalina Mano, Adacila Ferreira, Wanda Ferreira, Ambrosia Silveira, Clelia de Mello Silva, Maria Esther de Castro, Judth Silva, Ida Mano, Theodora Amaro, Aida Franco, Celecina Lopes e Celina Suzini” (**A SITUAÇÃO**, 19 de agosto de 1924). Algo que merece atenção, dessa época até a década de 1960, é uma disposição para a equidade entre homens e mulheres na agremiação, embora a diretoria principal fosse sempre masculina.

Em 1926, conforme o jornal **A Situação** de 11 de setembro de 1926, foi realizada uma palestra do escritor Alcides Maia, intitulada “letras gaúchas”, primeiro no Teatro Esperança e depois no Clube Jaguarense. Atividade desenvolvida no dia 25 de agosto de 1926. Alcides Maia, jornalista, político, contista, romancista e ensaísta, nasceu em São Gabriel em 1878 e faleceu no Rio de Janeiro de 1944 (ABL, 2018), “Segundo ocupante da cadeira 4, foi eleito em 6 de setembro de 1913, na sucessão de Aluísio Azevedo e recebido em 21 de julho de 1914 pelo acadêmico Rodrigo Otávio” (ABL, 2018). Maia foi o primeiro gaúcho a ingressar na Academia Brasileira de Letras e, na ocasião, morava em Porto Alegre, onde dirigia o Museu Júlio de Castilhos. Após esse período, como ocupante de cadeira na A.B.L, consta um episódio que teria ido para academia fardado de gaúcho depois da ascensão de Getúlio Vargas em 1930.

Encontrou-se, posteriormente, sobre o carnaval de 1927, nota exaltando uma grande animação, descrita no jornal da seguinte forma: “[o] jogo de profusão de lança-perfumes, espalhado no ar ondas de éter, a policromia dos confetes, lançados aqui e ali, a cair sobre os cavalheiros e damas e senhorinhas deu maior encanto aos bailes” (**A SITUAÇÃO**, 03 de março de 1927). Aponta-se, ainda, a “[...] reunião eletrizou os seres ensimesmados, conduziu-os ao poder miraculoso do seu reino sem mágoas e sem tédios, transbordante de júbilos e de expansões indomáveis de grande alegria e gozo”.

Nota-se a exuberância e, mais ainda, o acréscimo do êxtase a festa, amplificando a alegria na época, inaugurada nessa década, com o uso do lança perfume. Descreve, por fim, que na poloneise permaneceram mais de 100 pares. Destaca-se o empenho do diretor Arefe Nadruz, para que voltassem “os áureos tempos”, acresce ainda o diretor Tito Correa Mirapalheta e às diretoras Florinda Mirapalheta e Jamila Addala.

Ainda em 1927, aconteceu no Clube Jaguarense a apresentação do professor Hunter fazendo hipnose, com a atividade intitulada “hipnotismo, transmissão e sugestão de pensamento”. A apresentação provou “franca hilariedade” entre os presentes ao trabalho do “jovem cientista”, após seguiu animando baile até a madrugada (**A SITUAÇÃO**, 13 de setembro de 1927).

Depois, em 1927, enumera-se uma conferência no clube com o professor Narciso Berlese, “que na missão de combate ao analfabetismo percorria o Estado, demonstrando os grandes benefícios, da educação do povo, do qual depende a

grandeza e felicidade do Brasil" (**A SITUAÇÃO**, 29 de outubro de 1927) e aponta o programa, com o tema Mãe, distribuído da seguinte forma: "Valor da mãe; Seu influxo; Coração materno; Suas manifestações afetivas; Homenagem do Parnaso; Sentimento filial; Energia Espiritual; Educação materna; Sua influência benéfica; Prosperidade individual e coletiva". Por fim, encerrava a nota "Após a conferência, diz a nota 'será efetuada animada reunião dançante'".

Cabe frisar que o clima de 1920 é repleto de modernidade, além dos carros pelas ruas, se registrava nos periódicos a criação da televisão, ou seja, ver através de uma tela, em edição de 27 de fevereiro de 1923 do jornal **A Situação**, em que trazia uma matéria questionando se seria possível ver outra pessoa através de uma ligação telefônica por um aparelho, falando com o interlocutor (algo similar a um smartphone atual).

Mais tarde, aparecem notas sobre Jonh Baiard e a invenção da televisão, mais próxima do que se conhece, **Sentinela** em 16 de outubro de 1926. Sabe-se que nessa década começam as transmissões de rádio no Brasil, sendo a primeira realizada em 07 de setembro de 1922, portanto ampliando a comunicação e as diversões.

Na década anterior, notou-se o começo do cinema, inclusive com gravações do carnaval de Jaguarão enviada para outras localidades, apontando um caminho que permanece, o carnaval original e animado. O filme gravado pela produtora Guarani, citado no capítulo anterior, em 1913, na festa da intendência na chegada de Carlos Barbosa revela essa disposição, tanto para festas, como às novidades assim como sobre a década anterior foram encontradas notas, de homens jogando futebol e espaço aberto para mulheres patinarem, ampliando os lazeres e as formas de sociabilidade. Também percebe-se a ampliação da escolarização, com a criação de escolas[47].

E assim, vai se formando na cidade um novo público, sempre muito voraz por novidades. Lembrando que por outro lado, nesses períodos, a cidade tinha luz elétrica, mas ainda não água encanada de forma coletiva, prevalecendo as soluções individuais, sendo mais tarde instaladas bicas para uso coletivo no centro da cidade, assim como a pavimentação das ruas ainda era incipiente.

[47]Destaca-se que na Intendência, atual prefeitura, funcionava uma escola de primeiras letras denominada como "20 de setembro", convergindo para uma memória positiva do conflito farroupilha. Em outra nota, também aparece, mais no começo do século, referência ao conflito farroupilha, quando levantaram, um copo de água, ao 20 de setembro, em breve nota da sociedade italiana local..

Ademais, seria impossível não citar os jornais, como um dos centros da vida social, local de encontro de pessoas e mercadorias anunciadas. Infelizmente, há poucas imagens sobre a agremiação nos periódicos locais, na verdade, quase nenhuma, de modo que o jornal demorou muito tempo em Jaguarão até publicar imagens. E quem são os escritores das nossas notas, em grande parte não se sabe, algumas são assinadas, mas de forma geral, parecem jovens que participavam dos clubes sociais e produziam as notas, normalmente bastante ricas.

Depois, em algum ponto do século XX, mais especificamente depois da década de 1960, aparecem mulheres como escritoras das colunas sociais, ocupando-se em relatar o quotidiano dos clubes nos jornais, ao que registrar-se-á no capítulo seguinte, quando elas aparecem através de pseudônimos.

Uma nota publicada em 29 de fevereiro de 1928 no jornal **Sombra Misteriosa**, sob direção de Necupeno Larrosa, autodenominando órgão oficial dos namorados. Nessa nota, é relatado que nesse carnaval jaguarense alcançou uma estrondosa vitória, mas só apresenta números de casais nas noites, variando entre 106 até 240.

Seguindo a nota publicada no periódico **Sombra Misteriosa** de 10 de janeiro de 1929, é abordado que "[...] noites memoráveis, iguais ou superiores **às carnaval de 1921**" [grifo do pesquisador], portanto, no mesmo sentido apontado, do marco de diversão e atividades inesquecíveis, que passa quase uma década sendo lembrada.

No jornal **A Situação**, em 12 de maio de 1928, encontrou-se referência a Sociedade Emancipadora Jaguarense, instalada no Clube Jaguarense em 1882, portanto, passados 46 anos da sua fundação, retomava a importância da abolição que seria celebrada no dia seguinte no histórico do Clube da cidade "[...] que muito trabalhou para a abolição" e que nessa época ainda estaria o seu estandarte guardado no prédio da intendência (atual prefeitura), segundo consta "em cetim azul, tendo ao centro bordado em ouro a palavra liberdade", que teria sido recolhido após a abolição com o arquivo de sua atuação junto à Câmara de Vereadores.

Logo, depara-se com o artista Ângelo Guido Gnocchi[48], que esteve no Jaguarense em 1928 (**A SITUAÇÃO**, 02 de outubro de 1928) dissertando em um

[48] "Ângelo Guido Gnocchi (1893: Cremona, Itália – 1969: Pelotas, RS). Pintou as lavadeiras do Guaíba, a Ponte de Pedra do Largo dos Açorianos, a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e muitos outros cenários da cidade (Porto Alegre) (...) sempre teve o sonho detornar-se paisagista e, como paisagista, um intérprete da natureza brasileira." 1928 – Estabeleceu-se em Porto Alegre. 1936 – Tornou-se professor da Faculdade de Arquitetura e no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (mais tarde Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), na qual veio a lecionar estética e

domingo na associação, sobre “exaltação do sonho e da beleza”, saudado na ocasião por Esther Squeff e Elda Ferreira e, ao final, foi organizado um concurso de pensamentos, o qual a ganhadora receberia um quadro pintado por Ângelo Guido, estando, ele, entre os julgadores e, como praxe, após o concurso o baile inicia. A vencedora foi Pepita Laborda:

> Para a verdade, o tempo.
> Para a justiça, Deus.
> Para brilhantismo, o Jaguarense.
> Para pensamento... eu.
> Dizem, os espíritos medíocres, que o idealismo é o pai do isolamento.
> É verdade. Mas eles não compreendem, olhando o mundo com o prisma todo material, que para os espíritos de éscol, no isolamento gerado pelo idealismo existe o melhor companheiro, isto é o prazer transcendente das grandes sensações.
> Durmo nas asas da esperança, sonhando com o quadro do Ângelo Guido.
> O homem é uma criança. A mulher uma boneca. De modo que o homem passou a vida inteira a brincar de bonecas. (**A SITUAÇÃO**, 02 de outubro de 1928).

Do exposto, percebe-se o Clube Social como um espaço para a circulação da arte e de artistas, especialmente neste período em que havia poucas instituições culturais e espaços artísticos, destacando esta como função maior dos clubes sociais, vistos como um importante equipamento cultural e educacional. Em outra ocasião, Ângelo Guido palestra no clube sobre “Lendas e Mitos do Amazonas”. Atividade realizada durante as comemorações do baile da primavera (**A SITUAÇÃO**, 22 de setembro de 1928).

Em 1929, obtém-se conhecimento sobre uma cerimônia em homenagem aos sócios beneméritos, senhores coronéis Pedro Frederico Rache e Zeferino Lopes de Moura (**A Situação**, 16 de abril de 1929). O ato foi presidido pelo Capitão Francisco Medeiros de Albuquerque que entregou os diplomas e fez uso da palavra o Sr. Major João Telles Villas Boas (**A Situação**, 23 de abril de 1929). Após, passando ao bufett foi servida uma taça de Champagne e, por fim, falando o senhor Silvano Correa da Silva, tendo o agradecimento pelas palavras do Cel. Rache. Após o animado baile teve continuidade.

Em 1930 chega na cidade a pelotense Yolanda Pereira, Miss Rio Grande do Sul e passa pelos clubes sociais, Harmonia e Jaguarense, segundo nota: “filha do

---

histórica da arte. 1959-63 – Foi diretor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Aposentou-se em 1964. (Wikipedia, 2018).

conterrâneo Sr. Lydio Alves Pereira. Na ocasião, as agremiações ofereceram em sua homenagem uma função no cine concórdia" (**A SITUAÇÃO**, 10 de junho de 1930).

3.4 ALUNOS DE ENGENHARIA DE PORTO ALEGRE CONHECEM AS OBRAS DE CONSTRUÇÃO DA PONTE INTERNACIONAL BARÃO DE MAUÁ EM 1928 E SÃO RECEPCIONADOS NO CLUBE JAGUARENSE

Em 1928, a empresa que estava construindo a Ponte Internacional Barão de Mauá, Kemnitz & Cia. Ltda, dirigiu-se ao Presidente do Estado do RS, Dr. Getúlio Vargas, por meio do senhor Edgard Costa, membro da firma, convidando professores (descritos como lentes) e alunos da escola de engenharia de Porto Alegre para acompanharem as obras em andamento. Esclarece, que despesas com transporte e alimentação correriam por conta da empresa. O telegrama enviado, foi respondido por Vargas.

> Jaguarão
> Recebi telegrama 14 do corrente dei imediata ciência seus termos a Escola de Engenharia que lhe responderá diretamente aceitando gentil oferecimento firma E. Keminitz E Cia. Saudações. Getulio Vargas. (**A SITUAÇÃO**, 21 de junho de 1928).

Com a visita dos estudantes de engenharia no dia 13 de setembro de 1928, que, além deles, vieram um grupo de Montevidéu no Uruguai, da Escola de Engenharia. Aos estudantes, foi oferecido um chá dançante no Clube Jaguarense (**SENTINELA**, 13 de setembro de 1928). O chá aconteceu às 17h30min.

O Engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha[49], como um dos principais engenheiros da obra, na companhia do diretor da Escola de Engenharia e alunos, entrou na entidade e foi recebido pela diretoria, sendo todos levados ao salão nobre. Serviram, na ocasião, chá e doces, participando do ato os sócios e "senhoritas da sociedade jaguarense".

O secretário do Jaguarense, Silvano Correa, fez a saudação ao grupo que foi correspondida pelo professor que os acompanhava, o diretor da Escola de Engenharia

[49]Eng. Arnaldo Pimenta da Cunha foi Prefeito de Salvador em 1935. Professor de Astronomia na Escola Politécnica em 1913. Em 1943, presidente do conselho de Administração do Estado da Bahia. Secretário de Viação do governo do Estado da Bahia. (Wikipedia, 2018).

Dr. Ary Abreu Lima[50] (**A SITUAÇÃO**, 15 de setembro de 1928). O professor será nomeado, mais tarde, como Reitor pelo Interventor do Estado do RS, Osvaldo Cordeiro de Farias, natural de Jaguarão, que também passou pela sociedade, questão que será retomarda no próximo capítulo.

No ato, Ely Balhego, representante do Jaguarense, sentou à mesa com os engenheiros: Abreu Lima, Pimenta da Cunha, Quinto Bonomi, E. Kemnitz, Jonh Ficher e, destaca a nota, que no dia anterior, o baile foi no Clube Harmonia. Seguindo o chá dançante, que seria das 17h às 19h30min, se prolongou até às 22h e a orquestra esteve à cargo do maestro Andre Raffo. O engenheiro da equipe uruguaia e professor, Quinto Bonomi, dançou um maxixe com Ely Balhego e o cronista destaca como todos aderiram a confraternização.

Os estudantes uruguaios não participaram da atividade, pois precisavam retornar, atestam os jornais, porém chegando em Melo, durante o retorno, encaminharam um telegrama em agradecimento à recepção durante a visita. Conforme segue.

> Estudiantes Ingenieria Brasileños
> Jaguarão
> Colegas brasileños: recibam um fraternal saludo de vuestros colegas uruguayos que se alejan grandemente impressionados del espíritu de cordialidad americana. (E após saudam também Dr. Pimenta da Cunha).
> Estudiantes de engeniaria uruguaya, encantados por sus finas atenciones exclamando sinceramente reconhecidos: muito obrigado!
> (**A SITUAÇÃO**, 15 de setembro de 1928).

No dia seguinte, às 5h, a comitiva brasileira seguiu de volta para Porto Alegre, enviando um telegrama acrescendo que as comissões trocaram bandeiras, levando os uruguaios a brasileira e os brasileiros a uruguaia.

[50]O professor Ary de Abreu Lima, nomeado em maio de 1939 pelo Interventor Federal Cordeiro de Farias, exerceu as funções de Reitor da UFRGS até abril de 1941 quando morreu vítima de acidente aéreo. Caracterizou-se por sua experiência na administração universitária, seu equilíbrio e objetividade. Cf.: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>. Acesso em: 7 mar. 2018.

> Ao Exmo Sr. Engenheiro Erhard Kemnitz
> M. D. Sócio da firma E. Kemnitz & Cia.
> Prezado colega
> Receba mais uma vez meus sinceros agradecimentos pela maneira gentil porque nos tratastes e pelos agradáveis momentos que nos proporcionastes com a visita às obras da ponte internacional sobre o rio Jaguarão, cuja execução em boa hora foi confiada à vossa operosa firma. Levo da visita que fiz às obras, a mais agradável impressão e como brasileiro, orgulha-me grandemente vendo que uma firma de nosso país está executando um trabalho notável de maneira a só receber elogios. A execução caprichosa, a seriedade, com que é feito o serviço, justificam plenamente o alto conceito que goza a sua firma. Oportunamente, junto à Congregação do Instituto de Engenharia, farei ver, de um modo mais acentuado o que é a obra que lhe foi confiada e como está sendo executada. Peço-lhe para transmitir meus agradecimentos aos vossos auxiliares e creia-me seu sincero admirador e servidor muito grato. Ass., Ary Abreu de Lima. Diretor do Instituto de Engenharia. (**A SITUAÇÃO**, 15 de setembro de 1928).

Por fim, uma saudação telegráfica dos estudantes brasileiros ao Clube Jaguarense.

> Saudação ao Clube Jaguarense
> "Agradecendo gentilezas recebidas saudamos generosa e simpática sociedade. (a) Estudantes de Engenharia. (**A SITUAÇÃO**, 15 de setembro de 1928).

Do exposto, assinala-se a função da entidade, como salão da cidade nessa ocasião. Seguem duas imagens, uma dos estudantes que participaram de um assado de couro, citado aqui anteriormente, realizado na ponte[51] em construção (**O JORNAL**, 30 de setembro de 1928). Segue, figura 19, a Ponte Internacional Mauá sobre o Rio Jaguarão. Mestres e discípulos brasileiros e uruguaios confraternizam sob os arcos dessa maravilhosa obra de arte, pujante realização da engenharia nacional

[51] Para mais informações sobre ponte na atualidade, trazendo o seu contexto histórico e arquitetônico, verificar o texto de Ester Judite Bendjouya Gutierrez (2013).

Figura 19 – A Ponte Internacional Mauá sobre o Rio Jaguarão. Mestres e discípulos brasileiros e uruguaios confraternizam sob os arcos dessa maravilhosa obra de arte, pujante realização da engenharia nacional (cf. chamada **O JORNAL**)

Um aspecto do cordial e affectuoso assado "con cuero", offerecido aos estudantes de engenharia de Porto Alegre e de Montevidéo, sob um dos arcos do viaducto da Ponte Internacional Mauá, lado do Uruguay

Fonte: **O Jornal**, 30 de setembro de 1928.

Após, outra imagem sem data, atribuída a década de 1930 com o centro urbano, onde aparece destacado o Jaguarense à esquerda. Considera-se oportuno trazer a ambiência urbana nesse período. Trata-se da figura 20, centro de Jaguarão, na déca de 1930 – Clube Jaguarense à esquerda.

Figura 20 – Centro de Jaguarão na década de 1930 – Clube Jaguarense à esquerda

Fonte: <http://prati.com.br/bwg_gallery/jaguarao>. Acesso em 15 de março de 2018.

Segue-se a partir de 1931, identificando um período de intensa movimentação no Clube Jaguarense, destacando o efeito de novidade que trouxe a década de 1930, não só mudanças políticas no plano nacional, mas pela inauguração da Ponte Internacional Barão de Mauá. Nesse sentido, cabe lembrar que em 1930, Dr. Dorval Faria, presidente do Jaguarense, compôs a comissão de festas para a inauguração da Ponte (**A SITUAÇÃO**, 25 de setembro de 1930) e no carnaval de 1931, os associados, comissão de carnaval e banda de música iriam esperar o Deus da folia na Ponte (**A SITUAÇÃO**, 10 de janeiro de 1931).

3.5 O CINQUENTENÁRIO DO CLUBE JAGUARENSE

Em 1931, foi publicada uma nota sobre a eleição da nova diretoria, constando como presidente o Sr. Dorval Rodrigues Faria, assumindo pela segunda vez a diretoria. Na ocasião, falou Miguel Ivo Cassal como orador e sobressai o grande discurso realizado, visto como extremamente coerente, visando o cinquentenário da entidade. Discurso que possivelmente não seria encontrado nas atas da agremiação

e, nesse sentido, aponta-se a importância no uso dos jornais, como fonte, pois comunica uma visão pública da entidade e que, até este momento, tinha lugar central na vida social em Jaguarão.

Segue o discurso destacando a sua trajetória e a certeza de um futuro glorioso, o qual aponta, a sua função, de mudança e evolução, pois assim não envelheceria e, como orador, descreve um caminho, do êxito vindouro e com 50 anos, ressalta o quanto a entidade é tradicional.

> [...] “ressalto, vivendo mais intensamente, pela memória e pela saudade dos conspícuos nomes dos abnegados fundadores, dos respectivos beneméritos e de outros eminentes consócios, que por aqui passaram deixando um rastro luminoso inapagável da sua ação moral e material, revelando como eloquente atestado, como o esplendor, das múltiplas facetas de suas aprimoradas virtudes. Renuncio a prolixidade em digressões sobre muitos acontecimentos da nossa máxima expressão social, deixando que fale a consciência daqueles que encareceram no exercício de uma atividade de largos anos dedicada ao copioso material que constitui a cúspide das gloriosas tradições do Clube Jaguarense! (**A SITUAÇÃO**, 18 de agosto de 1931).

Após, ainda se referindo ao discurso, é enaltecido um nome em especial, o do fazendeiro Manoel Bonifácio Cardoso de Brum, filho de João Cardoso de Brum e Maria Dias de Oliveira. De acordo com Selbach (2017 p. 155), ao pesquisar os jornais locais, identifica-se nota sobre as bodas de ouro do Sr. Manuel com a sua esposa Natividade Corrêa Cardozo, conforme noticiado em 02 de junho de 1906. Portanto, trata-se de alguém dos primórdios da entidade, que mesmo não referenciado em ações diretas ao longo do tempo, estava na memória. Nesse momento solene, possivelmente foi um benemérito, no sentido de ter aportado, entre os seus esforços, recursos para entidade, até mesmo pelo reconhecimento nesse ano. Conforme segue a lembrança, como um ato de justa memória.

> A alma comovida desta agremiação, rende expressiva homenagem de profundo respeito, sincero carinho e torturante saudade, ao inesquecível Benfeitor e benemérito Manoel Bonifácio Cardoso Brum cujo nome vive incorporado **ao nosso patrimônio** [grifo do pesquisador], perdurando ainda intensamente, o brilho daquela chama que o seu espírito ascendeu! Coração sensibilíssimo e franco; desbordante de extremados amigos; integridade moral servida por primorosa bondade; foi pioneiro infatigável de trabalho produtivo, durante os muitos anos, serenamente vividos em sua nobre finalidade! Valor condescendente, tolerante; cheio de entusiasmo, profundamente probo, desenvolveu as qualidades que o caracterizavam, contribuindo decisivamente para o maior brilho e grandeza do Clube Jaguarense! (**A Situação**, 18 de agosto de 1931).

Após, seguindo com o discurso, destaca-se um nome em especial, Coronel José Julião Rodrigues, apontando que no "[...] dia de aniversário é dia de tumultuantes alegrias", dando relevo a função primordial da entidade que era, primeiramente, os bailes e, posteriormente, todo o resto que pudesse proporcionar fruição, desfrute. Também se destaca, com alegria e prazer, no mesmo sentido atribuído por outra oradora, na década anterior, a rainha da entidade que designou a associação como o reino da "alegria e do amor", ambos apontam essa disposição lúdica e a sua importância dentro do convívio social. E também salienta a agremiação, como lugar de memória, do somatório de pessoas e gerações que ali colocaram tempo, energia e recursos para a sua organização, material e simbólica. Aqui, a pesquisa aponta para o reconhecimento atribuído ao objeto pesquisado.

> A competência dos que aqui me ouvem suprira na enumeração de tais e mais benemerências, que oferecem o paradigma de nosso imenso tributo e gratidão. Todos os que labutam na reserva indispensável do nosso progresso, reverentemente descerram para penetrar em espírito e com maior devoção, o retrato que perpetua, a sua **memória**! [grifo do pesquisador] Aqui temos legitimamente representado na figura primacial do infatigável e prestigioso do Presidente de Honra, Ilmo. Sr. Coronel José Julião Rodrigues, reserva que nos enche de fundo orgulho e vibrante júbilo. A sua limpidez de espírito, ternura de coração e mãos destras, entregamos, confiantes, sem hesitação, os altos destinos e o futuro do Clube Jaguarense! Dia de aniversário é dia de tumultuantes alegrias: cenário de vivíssimo prazer. Estamos em pleno jubileu triunfante. O Clube Jaguarense cujo passado evoca um conjunto de Hinos, degrandeza; o presente excelsa brilhante afirmativa e o futuro encarna, generosamente, a transmutação de forças e valores que veem se processando, atinge hoje, os aureolados umbrais do quinquagésimo ano de sua fundação. Acorrentado pela harmonia dos mesmos sentidos, desfruta, merecidamente e destacado conceito! (**A Situação**, 18 de agosto de 1931).

Por fim, destaca o orador, sobre a passagem do tempo, pois "[...] as sociedades vivem em evolução e remodelação", portanto, em "[...] eterna resplandecente aurora". Destacando, conforme mencionado, o caráter aberto às mudanças.

> Não envelheceu! As sociedades, sempre em evolução e remodelação resistem à prova do tempo e à variabilidade dos destinos. Vivem uma eterna e resplandecente aurora! Não conhecem a encosta da montanha da existência! Não sentem a brumosa rota do crepúsculo da Vida! Canalizemos assombrosos e as centelhas do nosso apaixonado ardor para que o êxito desses brilhantes serões, sejam uma demonstração cabal de afetivo e empolgante ambiente: inesperada e extraordinária realidade. Peço patrocines com vivo empenho e superior intuição, tão justa, louvável e oportuna iniciativa. Lhe obrigo às mais belas perspectivas. Acalento esta confortadora esperança. Assim terão refulgente gloria, o penhor de cintilante agradecimento e o preito de nossa veemente admiração! (**A Situação**, 18 de agosto de 1931).

Por outro lado, mostra-se o Jaguarense como um local de festas com resquícios da sociedade colonial e imperial, especialmente pela sua disposição estética, mesclando o gosto pelo esplendor, rebuscamento e disciplinamento presentes em nossas festas barrocas. A agremiação, conforme percebida nesse movimento, está entre a liberdade e a retração ao mesmo tempo. Sobre o barroco em cultura festiva, como bem esclarece Marcia Maluf (2001) evidencia-se esse caráter de expansão conservadora, hierárquica, muito apontado nesse estudo, sobretudo no que diz respeito ao carnaval, mas não só. Isso é o associação, como espaço de expansão e retração, limitado pela moral rígida. Segue a autora.

> O que significa, deste ponto de vista, o barroco? Significa a tradução de uma experiência de mundo marcada pela contradição que cinde, sem separar totalmente, e integra, de modo precário, duas metades indissociáveis de uma vivência ao mesmo tempo moderna e arcaica: de um lado, o sentimento moderno do poder criador do indivíduo, livre das amarras teológicas e sociais que em outras eras restringiam sua capacidade infinita de experimentação e expressão; de outro, o sentimento arcaico da sua limitação radical, em face a um mundo que, material e espiritualmente, escapa ao seu controle. Oriundo da Contra-Reforma, o barroco é obrigado a restaurar a ideia de uma ordem em que a natureza, a vida social e o poder político suspendem-se a uma esfera sobrenatural já desde sempre predeterminada, ao mesmo tempo em que não quer de todo abrir mão da descoberta do poder criador do homem. Disso resultaria não só uma estética, mas uma visão de mundo, tensionadas ao extremo **-** uma estética e uma visão de mundo que oscilam entre extremos, precipitando-se da vertigem da liberdade ao abismo da impotência, diante do que desde todo sempre é imutável (MALUF, 2001, p. 01).

Seguindo com esse evento, com o próximo orador, que se esmera e apresenta não só os homens, mas mulheres, inclusive uma sinhá que está entre as mencionadas, deixando à vista as raízes locais do século XIX, que ainda ecoavam em 1931.

Ainda sobre a mesma matéria, o cinquentenário do Jaguarense, seguem outras ponderações que, segundo consta o resumo do discurso do Sr. Tenente Vitor de Matos, orador oficial da associação, destaca antigos sócios, entre os quais: Amâncio Nogueira, Joaquim Pedro Côrrea, Coronel Pedro Frederico Rache, Coronel Zeferino Lopes de Moura e seguiu ainda com os sócios Satyro Marques, Manoel Basílio Marques, Marçal Nunes Garcia, e presidentes Julio Leivas Mallet, Miguel Cassal, e Carlos Roquedo de Oliveira, que foi inspetor da entidade.

Os presidentes Analio José Rodrigues, Quintialiano de Melo e Silva; E capitão José de Cerqueira Mano; Manoel Felipe Pereira; Barão de Tavares Leite – sendo

sempre um sustentáculo da casa; Manoel Amaro Junior; Alfredo Augusto Ferreira; General Antônio de Azambuja, que também foi presidente; Adalberto de Azevedo e Souza; Augusto Cezar de Leivas; Dr. Faustino Côrrea, Antônio Rodrigues de Faria; José Passos de Faria Santos; Joaquim Honório de Paiva; Zózimo Corrêa; Augusto Morteiro; Joaquim Augusto Vilas Bôas; Rolando Silveira; Ademar Amaro; Major Júlio Silva; Armando de Oliveira Emígdio; Alfredo Paiva; Arnaldo Dutra; Miguel da Silva Barreiro; José Maria Dutra; Paulo Cassal; José Maria Terra; e o iniguilável Jaguarense, Catão Roxo.

Adiante com o relato do orador, como uma fotografia que buscou enquadrar grande parte do grupo mais laborioso ou proeminente, até onde a sua memória poderia alcançar, incluiu entre as mulheres, D. Clarinha Ramos, pianista, segundo a nota, “consagrada”, e seguiu com Lucinda Paiva; Arminda Cunha; Gedilpa Guimarães; Ernesta Guasque; Arzelinda Garcia; e a família Coelho Borges; Madalena Soares; Lucília de Moura e Silva; Picucha Moura; Cantalícia Côrrea; Cecília Cardozo; Valeriana Côrrea; Mininha Passos; Deolinda Ferreira; Juanita Echabe; família Marques; Bela Rosa Paiva; Obdulia e Donatila Terra; Elvira Faria Rache; Baronesa Tavares Leite; Sinhá e Antonieta Faria; Noêmia Ramos; China Pereira; Percília Pintos; Adusinda Salles; Palmira Salles; Adelaide Baltazar de Oliveira; Leonor Ribeiro; Justina Furtado; Paulina Prado; Zulmira Pintos; Lela Farias; Lucinda Mallet; Família Roxo e Rosinha Pintos.

Por fim, o orador, Tenente Vitor Matos, conclamava a seguirem honrando os antecessores, que tiveram sempre a mesma constância e um pouco mais de ardor e mais entusiasmo.

E dirigiu-se à mocidade, para que “sejam mais jovens, mais em acordo com a sua idade e por isso que deviam em qualquer situação representar o ânimo e convicção”, reforçando esse sentido do associação como equipamento geracional voltado sobretudo para a diversão das novas gerações que seriam as responsáveis por trazer a animação ao ponto máximo, enquanto os demais manteriam as funções de forma mais equilibrada ou mesmo amena. Para finalizar, reforçou que a mocidade o escutaria e que “daquele dia em dia, os bailes, as reuniões [...] tudo que se relacionasse ao Jaguarense cooperassem com animação e juventude”.

Entende-se que esse desejo apontaria para um problema que inevitavelmente iria se apresentar mais tarde. Acredita-se, até mesmo em virtude do êxodo dos jovens para estudo e trabalho, tal como observou-se no capítulo anterior com Luiz Vergara,

que em sua obra, datada em 1960, retoma suas lembranças ao final da década de 1920, quando dialogava em Porto Alegre com Getúlio Vargas, pensando em retornar para advogar em Jaguarão, após a sua conclusão no curso de direito.

Nos diálogos registrados, ficava claro o conflito entre o desejo de terminar o ciclo de estudos e voltar para Jaguarão, e a pressão para ficar e buscar melhores oportunidades de trabalho. No entanto, Vargas destacava: “[...] mais... é isto... mesmo... você quer... voltar para roça?”. Mesmo que tivesse algum exagero, no sentido de que Vergara estava sendo convencido a ficar, o que de fato acabou ocorrendo, é inegável que a estagnação demográfica sem o desenvolvimento de uma economia industrial urbana também contribuiu para segurar Jaguarão no seu plano urbano e demográfico não muito distante do que chamou-se, nesse trabalho, de quadro da primeira república.

Jeferson Selbach (2017) ao analisar estas primeiras décadas do século XX, em Jaguarão, considera adequado o termo “ruralização” em sua obra “ruralização e viver na fronteira” destacando a influência naquela época do mundo rural sobre o urbano.

Parece que esse inevitável êxodo também pode ter provocado o envelhecimento precoce das associações, precipitando alguma forma de crise, mesmo que isso não impedisse a realização das suas atividades. Isso vai se refletir claramente não só ao final desse capítulo, mas do próximo, quando as entidades começam a propor fusões com outras existentes.

Essa tradição, que tinha dificuldades para se renovar, foi envelhecendo, impactando a localidade em suas formas de sociabilidade. Encontrou-se, embora não seja objeto do estudo, um grupo de jaguarenses organizados em Porto Alegre, em uma confraria de amigos, autodenominada como “Colônia Jaguarão”, que fez parte deste quadro demográfico, onde a necessidade de sair para buscar melhores oportunidades era imperiosa.

Isso gerou, décadas mais tarde, caravanas que voltaram algumas vezes à Jaguarão no chamado “Dia do Retorno”, onde poderiam em forma de culto à nostalgia e a memória, se reencontrar consigo mesmos e com suas memórias, passando por lugares e pessoas queridas. Sobre a saída de Jaguarão dos jovens, exemplifica-se com Aldyr Schlee, um dos entrevistados, que viveu parte da sua infância e juventude no Jaguarense, e da mesma forma saiu da cidade para estudar e não retornou.

Por fim, ainda sobre o ato do cinquentenário, ficou registrado que estiveram presentes as seguintes autoridades “Sr. Cônsul do Brasil em Rio Branco, Sr. Dr. Adolfo Maia, Dr. Abrilino Caetano, em representação do Caixeiral de Pelotas e o Cônsul do Uruguai em Jaguarão, Sr. Hector Fernandes Malmsten”.

Nesse momento, evidencia-se o clima da época, dentro das programações do cinquentenário, descrevendo o evento que utilizou como referência os políticos do período e pessoas ilustres da localidade, distinguidos, lembrados em festa onde as mesas distribuídas no bar eram identificadas pelos seus nomes, começando pelo Presidente da República: Getúlio Vargas, Assis Brasil, Flores da Cunha, Borges de Medeiros, Batista Luzardo, Oswaldo Aranha, Raul Pilla, Mr. Tyler, Major Fruto Pinho, Dr. Dorval Faria, Coronel Julião Rodrigues e outros (**A SITUAÇÃO**, 18 de agosto de 1931).

Sobre a programação do aniversário, essa se apresentava intensa para setembro, conforme segue os dias: “dia 7 quermesse, dia 19 quermesse, dia 20 grande festival em regozijo pela data farroupilha, dia 26 grande festa da primavera, dia 27 quermesse” (**A SITUAÇÃO**, 27 de agosto de 1931). Chama a atenção, primeiro, no conjunto de trabalho, o sete de setembro, outrora comemorado com mais ênfase, nos tempos da Bailante, mas a comemoração do 20 de setembro não passa despercebida, algo que não foi encontrado na década anterior. Quem teria acendido a chama farroupilha? Parece claramente que a chegada de Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, desencadeada à partir de 03 de outubro de 1930, com seu exército em alguma medida improvisado, deve ter contribuído para elevar este sentimento.

Também no dia 6 para 7, Adail Ferreira cantou o hino nacional, seguido pelas tendeiras, na ocasião em “comemoração a data máxima da nossa emancipação política”. (**A SITUAÇÃO**, 10 de setembro de 1931). E na entidade, foi realizada uma cenografia com a seguinte composição “na parede sul do salão, formada por um alto pedestal que recebia um quadro de luz, figurando a aurora da liberdade: o sol iluminava com os seus primeiros raios o dístico ‘salve 7 de setembro de 1822’. Pouco abaixo via-se o imortal Patriarca José Bonifácio de Andrade e Silva e sob a figura da liberdade, representada pela galante menina Eleutéria Faria de Pinho”, filha do Major Fruto Pinho.

Seguindo: “aos lados do alto pedestal erguiam-se as bandeiras do Império e da República brasileira” e, no fim, ainda conclui “ao ser descoberta magnífica apoteose

reboaram pelo lindo salão muitas palmas, que coroaram também o canto do hino da independência".

Ainda é relatado que no dia 7 (sete) seguiram as quermesses dentro das programações do cinquentenário e foi mais uma vez cantado o hino nacional pelas tendeiras e o público presente.

Com a retomada da bandeira do Império, algo muito improvável, no período anterior, até 1930, durante a primeira república e quiçá, desta forma, alguém possa ter lembrado com saudosismo do passado monárquico, que está amalgamado na origem da agremiação, conforme disposto nos capítulos anteriores.

Acredita-se que a quebra institucional realizada por Vargas colaborou com este ambiente, propício a geração de vários redemoinhos de memórias.

3.6 DEMAIS ATIVIDADES DO CLUBE JAGUARENSE NA DÉCADA DE 1930 E "O CARNAVAL FARROPILHA EM 1935"

Ainda sobre a repercussão das comemorações de 20 de setembro de 1931 no Jaguarense, diz a nota sobre a quermesse que na noite do dia 20 foi cantado o hino de 35 pela gentil Srta. Adail Ferreira, soprano, fazendo coro todas as tendeiras, sendo calorosamente aplaudida pela grande assistência (**A SITUAÇÃO**, 22 de setembro de 1931). Sabe-se que esse seria o período da redenção da Farroupilha, passando de oposição ao estado nacional, e ameaça à integridade do Império, para constituinte da história nacional de acordo com Mara Cristina de Matos Rodrigues (2013). Nessa época, inclusive, o jaguarense Alfredo Varela vai ser relevante neste processo de mudança na historiografia sobre o conflito, com a publicação em 1933 da obra histórica da Grande Revolução.

Outra nota, de atividade na associação, na década de 1930, denominada como Noites Vienenses, parece clara alusão ao filme lançado em 1930 denominado "**Noites Vienenses"**, dirigido pelo norte-americano Alan Crosland. Reitera-se a existência do cinema em Jaguarão, da década de 1910 em diante e, esse fato influenciou a cultura clubística. Neste sentido, sobre a importância do cinema na cultura, identifica-se um dos entrevistados, Aldyr Schlee, que lançou obra literária denominada "**Fitas de Cinema**", a qual, como substrato para literatura, ancora suas memórias nos filmes que assistiu em Jaguarão, visto que um dos seus familiares foi, por um tempo, o

arrendatário do negócio junto ao Teatro Esperança – e dentro da literatura, também o Jaguarense, aparece ambientando em uma das suas narrativas.

Destaca-se que aparece nos jornais pesquisados sobre o Jaguarense, a expressão da atividade: “até a hora do cinema”. No período, a dança atual era o Jazz.

> Deverão continuar sábado e domingo no Clube Jaguarense, as animadas festividades denominadas “noite vienenses”, que essa simpática associação vem realizando em seus luxuosos salões com grande concorrência. Abrilhantará a festa e marcará as danças, o afinado Jazz do brioso Regimento Osorio. (**A SITUAÇÃO**, 18 de outubro de 1934).

Outra função identificada foi uma recepção a um grupo uruguaio, na verdade, a convite do time de futebol, o Cruzeiro, fundado em 1924 e que, mais tarde, vai fazer a união com o Jaguarense.

> Prosseguirão hoje e amanhã as interessantes festas que vem realizando em seus confortáveis salões a simpática associação local Clube Jaguarense. As festas de amanhã serão dedicadas à caravana esportiva de Trinta e Três, que aqui veio a convite do Esporte Clube Cruzeiro do Sul, como homenagem a sua visita a Jaguarão (JORNAL **A SITUAÇÃO**. Jaguarão, 3 de novembro de 1934).

Em 1935, devido ao centenário da Revolução Farroupilha, foi comemorado o “Carnaval Farroupilha”, a nota diz que a iluminação foi nas cores verde, amarela e vermelha, simbolizando a bandeira rio-grandense. A sonorização foi com o jazz do Regimento Osório, destacando a existência do carnaval infantil com 98 pares dançando a poloneise.

Nas fantasias trajadas, ressalta-se nesse contexto farroupilha, “as damas de 1830”: Arminda Aimone, Edy Porto Bernardes, Genny P. Brum, Maria Garcia Schlee, Delvair Jardim Duffau, Arminda Bezerra e Ema Marques Schubert. (**A SITUAÇÃO**, 14 de março de 1935).

Agora, aponta-se que o Harmonia conclamou nesse mesmo ano, o “Grande Baile Farroupilha”. Avisando que “será o baile do barulho, todos devem participar por intermédio das danças e canções ou pelos jogos de serpentina, lança-perfume e confete. Objetos como apitos e reco-recos são próprios também para a barulheira”. (**A SITUAÇÃO**, 19 de fevereiro de 1935).

Em 1935, aconteceu uma grande exposição sobre o centenário em Porto Alegre, noticiada em jornais locais junto ao pedido de que quem tivesse algum objeto sobre a temática o enviasse para ser exposto.

E, nesse ano passou no cinema instalado no Teatro Esperança o filme com cenas do carnaval de 1935 do Rio de Janeiro, ressaltando, mais uma vez, o cinema como ponto de difusão cultural**.** (**A SITUAÇÃO**, 23 de maio de 1935). Diz a nota "poderão apreciar os lindos carros alegóricos do carnaval do Rio de Janeiro e ouvir lindas marchinhas e sambas cantadas pelos cordões e coros na avenida Rio Branco" e complementa, "é de notar-se os magníficos bailes chics, as fantasias luxuosas e excêntricas e tudo aquilo que o fantástico carnaval do Rio de Janeiro apresenta", a atração foi em comemoração ao 125º ano do Regimento Osório.

Ainda no jornal **A Situação** de 18 de julho de 1935, é referenciado o patrimônio artístico, citando a Alemanha como exemplo, apesar das dificuldades que o país passa ele não descuida da sua culturas e que "[...] entre as muitas iniciativas que Hitler tem promovido ou apoiado para o desenvolvimento das artes na Alemanha figura a realização de um inventário do patrimônio artístico do país". Cita, também, lugares brasileiros que poderiam ser identificados como tal, dentre os quais as cidades mineiras, as Missões, os Estados da Bahia, Pernambuco e outros como "Ouro Preto, Mariana e São João Del Rey", em especial as obras escultóricas de Aleijadinho.

Sobre as mudanças correntes, que "destroem-se o que os artistas do passado fizeram por verdadeiras monstruosidades que estão por aí a profanar os admiráveis monumentos artísticos da época colonial", encerra conclamando a preservação "por orgulho da nação". Parece oportuno mencionar o tema, nesse trabalho na área de memória e patrimônio, ao observar as discussões nascentes do que deveria ser preservado, dada a capilaridade da discussão, publicada em Jaguarão, lembrando que o patrimônio é suporte de memória, então trata-se também da discussão sobre a preservação da eleição de que memórias seriam mais adequadas. É evidente, afastando de pronto, ainda, a memória do período imperial.

E a publicação desvela o conservadorismo local, que publica o debate sobre a preservação patrimonial no alvorecer da temática no Brasil, ressaltando a sua importância como elemento relevante para a formação da identidade nacional.

No carnaval de 1936, ressalta o baile infantil com cerca de 200 crianças. (**A SITUAÇÃO**, 26 de fevereiro de 1936)**.** Ainda sobre os bailes carnavalescos, é descrito o sucesso das músicas "Querido Carnaval" de Carmem Miranda e "Maria Acorda que é Dia", marcha de João de Barro e Alberto Ribeiro, onde todos caiam no cordão, portanto, músicas brasileiras ganham o destaque. Segundo consta nesse trabalho, lá pelos idos de 1888 o cordão foi um dos motivos que provocou a cisão entre as

associações. Pelo visto, passados tantos anos, redimido em 1936. (**A SITUAÇÃO**, 03 de março de 1936).

As músicas mencionadas, estavam no contexto do filme “Alô Alô Carnaval” que estreou em 1936, dirigido por Adhemar Gonzaga, demonstrando o quanto veloz era a circulação cultural naquele momento, embora não se desconheça que tais músicas também podem ter chegado em Jaguarão pela rádio.

Segue a letra de “Querido Adão” de Carmem Miranda

Querido Adão – Carmem Miranda[52]

Adão, meu querido Adão
todo mundo sabe que perdeste o juízo
Por causa da serpente tentadora
o Nosso Mestre te expulsou do paraíso
Mas em compensação o teu pobre coração
que era pobre, pobre, muito pobre de amor
cresceu e eternizou, meu Adão
o teu pecado encantador(Estribilho)

Não passou despercebido, no contexto do estudo em questão, a nota de 1936 (**SITUAÇÃO**, 25 de julho de 1936) intitulada “O Cinema e a Televisão”, que anuncia, em breve, e deve avançar a televisão, assim, será o fim dos cinemas, tal qual foi o do teatro. Pois em 1940 será possível assistir aos filmes em casa e as salas de hoje serão “refúgios dos amigos do escuro” e dos “romantismos intransigentes”.

Algo que demorou mais tempo que o imaginado, começando pelas transmissões no Brasil que chegaram em 1950. Agora, realmente, o efeito sobre o cinema foi inevitável, contribuindo para o avanço das facilidades e o próprio lazer no espaço privado, de modo que o espaço público foi encolhendo.

Nas décadas seguintes, cada vez mais o espetáculo cultural, musical e esportivo será apreciado em casa, na frente da televisão. E o clube social, depois de tanta influência cinematográfica, acompanhará esta conversão, aderindo às modas e modelos trazidos sobretudo através das redes de comunicação e programação cultural veiculadas pelo televisor.

[52] Disponível em: < Fonte: https://www.letras.mus.br/carmen-miranda/1716588/>. Acesso em: 20 mar. 2018

4 CLUBE JAGUARENSE (1937-1975)

No último capítulo do trabalho, acompanha-se o Jaguarense de 1937 até o seu encerramento como Clube Social, tendo em vista a união com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, time fundado em 1924.

Desse modo, optou-se por avançar somente até este período, considerando que, para chegar aos dias atuais, seria necessário produzir outro estudo. Em trabalho de campo, como mencionado, houve surpresa ao adentrar no prédio central do Jaguarense e observar que existem em suas paredes apenas os presidentes de 1975 até a atualidade, de tal modo que pareceu, por hora mais oportuno, parar na metade da década de 1970.

Salienta-se que ver-se-á adiante a manutenção da tradição do Jaguarense, que se manteve entre as décadas de 1940 e 1950, quando encontrou-se uma comemoração em honra ao fundador Henrique d'Ávila, assim como solenidades alusivas aos aniversários da entidade, em que eram feitas homenagens aos falecidos.

Após este período, de 1960 em diante, se percebe mudanças em curso, com notas públicas apontando inclusive divergências internas sobre o processo eleitoral, visto que "não poderia ficar sempre a mesma chapa". Um dos entrevistados de Selbach (2017, p. 353), um senhor que entrou para a diretoria da entidade na década de 1960, deixa muito claro essa alteração ao afirmar a importância de criar um espaço para os jovens, que resultou na criação do JUJA, Juventude Jaguarense. Proposta que movimentaria a associação, pois, segundo o entrevistado, "os velhos vão naqueles bailes, duas ou três vezes por ano".

Agora, ao final desse estudo, entre 1950, 1960 e 1970, encontram-se passagens de grupos no Jaguarense que estavam em evidência nacional como o tango, a jovem-guarda, as *cumbias*, dentre outros.

E no carnaval de 1937 o Jaguarense faz um "baile IMPERIAL", grafado em maiúsculas como aparece no jornal, oferecido pela sua soberana e sua corte, ditos como "excelsa soberana e sua distinta corte", exigido traje à rigor (**A SITUAÇÃO**, 25 de fevereiro de 1937).

Abaixo, ainda mantendo a diretoria feminina, segue nota sobre a eleição das diretoras da entidade em 1937.

> Em sessão de diretoria realizada ontem foram eleitas as seguintes diretoras: Srtas. Inah Pinho – Jacy Cassal – Celia Faria – Olga Ferreira – Maria Cely Silveira – Lucy Silva – Alda Marques – Helia Dutra – Djanira Gentil – Ilza Neves – Clelia Pacheco – e Clarita Cassal. Diretoras suplentes. Srtas. Nair Araniz – Blanca Britto – Irma Pereira. Serão diretores do próximo mês de setembro a gentil senhorinha Inah Ponho e o Sr. Felippe Giozza (Jornal A situação. 31 de agosto de 1937).

Em 1937, sobre comunicações, encontrou-se, por outro lado, um artigo de Menotti del Picchia[53], preocupado com a vulgarização da informação, e seria um problema todo mundo saber de tudo, pois iria "[...] por terra o sentido geometrizador da hierarquia", pois se ouviria Hitler, o Duque de Windsor e tantos outros; diz ele "[...] é o mundo dentro de casa". Dizia ainda, "Aí está o rádio: o grande revolucionário mecânico. Ele é sútil e diabólico elemento da derrocada de valores [...] nada mais é hermético: nem o poder, nem a ciência e nem a glória [...] ali há a alma de Robespierre".

Evidencia-se, a partir da nota anterior, a tensão entre o avanço da comunicação, que influenciaria por demais a sociedade, especialmente em um período em que haviam muitos analfabetos no país (daí a importância dos meios que superaram a barreira da cultura escrita). Na verdade, o rádio unificou o país bem antes da educação e, quando as ondas permitiam, também estabeleceu conexões com o mundo.

Aos associados da agremiação interessava, não ouvir Hitler, ou também ouvir, mas saber das músicas que tocavam no mundo, as que apareciam nas fitas de cinema e as demais em moda. A associação, como este sonho veneziano, tal como afirmou Machado de Assis sobre o Baile da Ilha Fiscal, seguia em busca de elementos, sons, figurinos e imagens para que, em Jaguarão, de tempos em tempos, pudesse acontecer o seu sonho veneziano ou, pelo menos, como foi visto, que se pudesse dançar a valsa vienense e as novas músicas da Carmem Miranda (**A SITUAÇÃO**, 03 de agosto de 1937).

Ainda em 1937, é momento de reconhecer a passagem do tempo e, para tal, nada mais oportuno do que fundar a sua velha guarda e assim foi a chamada para a fundação (**A SITUAÇÃO**, 10 de agosto de 1937). Não se tem mais informações sobre os seus elementos, porém é de interesse perceber a passagem do tempo, sentida e

[53]**Paulo Menotti Del Picchia** (São Paulo, 20 de março de 1892 — São Paulo, 23 de agosto de 1988) foi um poeta, jornalista, tabelião, advogado, político, romancista, cronista, pintor e ensaísta brasileiro. Fonte: (Wikipedia, 2018).

vivenciada pela própria entidade, elegendo alguns dos seus membros como suportes de memória, da memória institucional, e do reconhecimento do esforço empreendido pela sociedade civil, pessoas nominadas e outros anônimos, que disponibilizaram recursos para erguer e manter aquele patrimônio, da associação, e da cidade.

A seguir, foram encontradas algumas fotos de carnaval, na verdade, as primeiras acessadas com mais informações. Conforme mencionado na introdução desse trabalho, foi solicitado ao jornal **Zero Hora**, que publicava em meio impresso na edição do final de semana, sábado e domingo, assim como em jornal local, em meio impresso (Jornal **A Folha**), e meio digital, como registrado no endereço eletrônico do Jornal **Fronteira Meridional**.

Entenda-se que não se receberam as fotos, pois foi solicitado imagens antigas e utilizou-se, na publicação, uma de 1913. Em realidade, era isso que se buscava, alguns exemplares da mesma época, sob pena de, caso fosse deixada a chamada em aberto, receber talvez muitas fotos recentes. No Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão existem algumas fotos dos carnavais mais antigos, mas com informações insuficientes para serem aproveitadas no trabalho, tendo em vista que poderiam, quiçá, algumas das retratadas serem rainhas do Harmonia, pois não constavam o nome da entidade.

A foto que virá adiante foi conseguida com apoio da Prefeitura Municipal de Jaguarão, através do setor de Planejamento Urbano, quando o pesquisador foi recebido pela Arquiteta e Urbanista Adriana Ança. Ela explicou que conseguiu as imagens para subsidiar o projeto em andamento, dentro das propostas de restauro previstos, para que se pudesse conhecer a parte interna do prédio. Em primeiro momento, estavam sem identificação, mas após, com auxílio de um informante, Sr. Carlos Villian Caetano, contador aposentado, fotógrafo amador e membro do Instituto Histórico e Geográfico, o qual de forma gentil, identificou, em uma visita com a proprietária das imagens, Sra. Theresa da Rocha Garcia, tia do entrevistado Aldyr Schlee.

Ao receber essa comitiva, ela explicou que seriam imagens muito antigas, do tempo que o seu marido, falecido, não era casado, então, com auxílio de uma filha, reconheceram alguns e algumas dos presentes nestas imagens e em outras que aparecerão adiante. Agora, o mais importante para o trabalho, foi que uma das fotos identificadas, e que está mais à frente, referente ao ano de 1947, tratava-se do dia da

saudade, onde foi, pela primeira e única vez, desde a fundação do Jaguarense, o dia em que foi retomada a figura do seu fundador, Henrique d'Ávila.

Segue figura 21, carnaval no Clube Jaguarense,1938.

Figura 21 – Carnaval no Clube Jaguarense 1938

Fonte: Theresa da Rocha Garcia, 2016

Sobre as baianas que seguem na figura acima, da direita para esquerda, foram identificadas somente duas pessoas, a primeira, como Antonieta Loder, e a seguinte, Arminda. Do exposto no capítulo anterior, percebe-se a relação enunciada com o cinema, visto que ao que parece existe menção a Carmem Miranda, cujas músicas tocavam nesta época, e fazia sucesso nos filmes.

A Seguir, figura 22, carnaval no Clube Jaguarense, em 1938.

Figura 22 – Carnaval no Clube Jaguarense 1938

Fonte: Theresa da Rocha Garcia, 2016

Após, encontrou-se outra imagem (fig.22), de bandoleiros do México. Da direita para a esquerda foram identificadas a segunda, como: Dejanira Gentil, o quinto, como Renato Aguilar, o nono, Oscar Emygdio Garcia, falecido marido da senhora proprietária da imagem, tio do entrevistado Schlee. Por fim, a penúltima, ou décima sexta, Amélia Gentil. Abaixo da foto, consta assinatura de Yaravone, fotógrafa que atuava na cidade.

Em entrevista para Marlova Aseff (s.d.), da Universidade Federal de Santa Catarina, Aldyr Schlee cita Oscar Emygdio Garcia, como um dos que o incentivaram à leitura. Diz Schlee que, ao rememorar o seu gosto pelos textos e também sobre a influência do idioma espanhol em seu trabalho como tradutor, na sua infância, quando morou com a sua avó, seu tio Oscar, lia trechos da Odisseia em espanhol. Relata, ainda, sua relação com o Jaguarense, em cuja “biblioteca [...], lia tudo o que podia e não podia”. Nota-se a importância que teve a Biblioteca do Clube Jaguarense, não só na vida do entrevistado, e, pode-se imaginar, de tantos associados que puderam frequentar as suas dependências.

Após, figura 23, Carnaval do Clube Jaguarense, em 1939.

Figura 23 – Carnaval de 1939 no Clube Jaguarense

CARNAVAL DE 1939 NO CLUBE JAGUARENSE" — Da esquerda para a direita, srta. Cely Dutra, tenente Manuel Cordeiro, srta. Maria Dutra, estudante João Basilio Dutra Neto, srta. Genecy B. Silva, estudante Anizio Resem, srta. Lecy Dutra, estudante Reny Faria Chagas, srta. Anita Bandeira Dutra, dr. Paulo de Castro Moreira, srta. Amalia Gentil, tenente Levy Lara.

Fonte: Vida doméstica, Rio de Janeiro

A imagem acima foi publicada na revista **Vida Doméstica** do Rio de Janeiro, datada no ano de 1939.Os presentes, da esquerda para a direita: srta. Cely Dutra, tenente Manuel cordeiro, srta. Maria Dutra, estudante João Basílio Dutra Neto, srta. Genecy B. Silva, estudante Anízio Resem, Lecy Dutra, estudante Reny Faria Chagas, srta. Anita Bandeira Dutra, Dr. Paulo de Castro Moreira. Srta. Amalia Gentil, Tenente Levy Lara.

Sublinha-se que Anízio Resem e filho de Cantalício Resem, que atua com diretor e jornalista, a partir dessa época, a conduzir o novo jornal local, **A Folha**, que substitui **A Situação** – principal fonte de pesquisa até o desfecho do trabalho. Em nota do jornal de 1941, observa-se que Anízio Resem fazia parte da diretoria do Jaguarense, na comissão de contas (**A FOLHA**, 30 de setembro de 1941).

Sobre a revista onde foi publicada, trata-se de uma revista de variedades, hora quinzenal e, por vezes, mensal, voltada ao público feminino, fundada em 1920 com circulação até 1962 (Wikipedia, 2018). Consideravam-se, nesse contexto, temas femininos aqueles direcionados para os cuidados da casa e dos familiares. Por um

tempo, também trouxeram em seu espaço reportagens rurais, calendário agrícola, cuidado com animais, que acabam perdendo espaço para os temas urbanos.

A imagem, no contexto da revista, estava destacada, sem maiores explicações ou menções sobre o evento ou a cidade; de qualquer forma, na época, fotografada no Jaguarense. Mais tarde, com o crescimento do país, Jaguarão será nominada, como encontra-se adiante, em uma nota de jornal do Rio de Janeiro em 1953 sobre o carnaval em Jaguarão, quando será necessário ao redator, primeiro, apontar cidade e estado, para seguir o texto.

A figura 23, analisada em conjunto com as duas anteriores, 21 e 22, apresentam uma cena característica: um grupo organizado em casais, jovens, ou somente moças, que produziam na mesma costureira ou alfaiate um figurino próprio, uma fantasia “da cabeça aos pés”, da qual seria necessário inclusive comprar um calçado próprio, somente para usar nos dias do evento, que permita, sobretudo, mobilidade pois, além da cena da foto, não restam dúvidas do que interessa mais nesse momento, era dançar.

Portanto, em 1939, passados quase 20 anos de 1921, o carnaval jaguarense, além de ser um produto cultural, como defendido em 1921, chega ao ponto de representar-se com convicção de que é uma tradição, um patrimônio local e, sendo assim, pode ser anunciada, mantida, preservada, para quem quiser saber e ver, inclusive no Rio de Janeiro, difundido para o restante do país. É nesse período, conforme mencionado nas fotos, que será fundada a Velha Guarda da entidade em 1937. Aqui, perto de 1941, a associação alcançará os seus 60 anos de existência.

Indica-se esse momento como o tempo da tradição, parecendo ser um período de balanços, assim como aconteceu com a redenção da Revolução Farroupilha e no plano nacional, percebe-se a influência e o debate, também abordado ao final do capítulo anterior, sobre a identificação e preservação dos bens culturais na Alemanha. No contexto desse estudo, voltado para a história e para a memória, ressalta-se que os bens materiais somente são preservados pela sua capacidade de evocar o passado, portanto, sempre serão suportes de memória. Logo, a discussão travada ao final desta década é para preservar os suportes de memória, portanto, garantindo a capacidade que eles têm de evocar o passado.

Jaguarão entra nesse momento celebrando um patrimônio internacional, com a construção da Ponte Internacional Barão de Mauá, que nasce artística e é reconhecida como tal pela imprensa e, certamente, pelo público em geral. Uma

destacada obra da engenharia na época, construída por nacionais e uruguaios. Torna-se evidente que se existisse na época da sua inauguração o Serviço do Patrimônio Nacional, que patrimonializou de imediato alguns bens, como aconteceu com o Palácio Capanema, Edifício Gustavo Capanema no Rio de Janeiro, terminada a sua construção em 1947, tombado pelo patrimônio nacional em 1948, a ponte Mauá teria seguido muito possivelmente o mesmo caminho.

Entende-se que “A Ponte Internacional Mauá”, como patrimônio artístico desde a sua origem, dá o lastro e o horizonte para o desenvolvimento da temática patrimonial mais tarde. É o “peso em ouro” que depois seria citado para o desenvolvimento e compreensão das áreas de patrimônio e memória na cidade de Jaguarão. Independentemente do tempo que institucionalmente demorou para ser patrimonializada, não invalida a sua importância desde a sua origem; o procedimento administrativo reconhece o valor em tempo posterior, mas esse era presente e reconhecido desde a sua inauguração.

Nesse ínterim, é evidente o reconhecimento dado ao Jaguarense enquanto lugar de memória, principalmente com a celebração, em tom maior, dos seus aniversários de 40 anos e, mais ainda, nos de 50 e de 60 anos. Portanto, sobretudo entre 1930 e 1960, a entidade se autodenomina como um lugar de memória, da celebração dos antepassados, com inauguração de imagens, como vai celebrar em 1947, a memória de Henrique d’Ávila. Será um tempo de lutos e de missas, com visita ao túmulo dos fundadores.

Nesse momento do estudo também, partindo para o seu desfecho, se pode observar em termos de memória os primeiros bailes e danças em geral, assim como as músicas como parte do patrimônio intangível do Jaguarense. Se não existisse a necessidade de bailar, não existiria clube social, função desempenhada pela velha Bailante e mantida pelos clubes. Portanto, sob signo de terpsícore e de euterpe, musas da dança e da música, está situada a memória da entidade. E o carnaval é o ponto central em termos de festividade, como disposto nas fotografias mencionadas, sobretudo na última, inserida em uma revista de circulação nacional. O carnaval foi entendido, assimilado e celebrado como festa erudita muito organizada.

Por fim, é nesse momento de balanços que também ocorre a criação dos Centros de Tradições Gaúchas - CTG, que, no contexto desse estudo, nasce como complementar às atividades dos clubes. Destaca-se, em 1935, a celebração burlesca no carnaval, portanto, como o tema era percebido até meados da década de 1930.

Porém, a autonomização da entidade tradicionalista traçou os seus próprios caminhos. Sandra Pesavento identifica esse período como um novo momento para o interior profundo do país, no qual aflorou ufanismo e ressentimento, tal como esclarece em seu texto “ressentimento e ufanismo: sensibilidades do sul profundo” (PESAVENTO, 2004, p. 223-238).

A autora considera os sentimentos aflorados como “perdas, desprestígios e exclusões” provocados por terceiros, em contraste com a autoimagem “supervalorizada ou mesmo glamourizada que dota de positividade exagerada tudo e todos que se referem ou pertencem ao contexto regional”, entrelaçada ao século XIX, a um espaço, a Pampa, e a um tempo, o da Revolução Farroupilha, e encontrando respaldo, sobretudo, na literatura.

E diz que esse movimento teve aceleração durante o século XX, especialmente entre as décadas de 1940 e 1950 com a criação dos CTG, no momento em que se tinha a sensação de que o estado, do ponto de vista econômico, estava ficando para trás sob perigo da “nordestinização”, nas palavras da autora. Portanto, conforme Pesavento (2004), restou o ufanismo como uma máscara para uma região que precisava lidar com “[...] menor disponibilidade de capital, menor representação da sua elite, menor projeção cultural”.

Sobre a autonomização do CTG, convém citar Tau Golin (1983) na obra **A Ideologia do Gauchismo**, quando tratou dos primórdios e razões do movimento, situando inclusive o primeira entidade fundada, que foi o Grêmio Gaúcho, fundado em 22 de maio de 1898 em Porto Alegre (GOLIN, 1983, p.30).

Porém, para essa tese, interessa perceber a ressonância no objeto de estudo, ou seja, no clube soicial, e assim, percebe-se que, embora inicialmente complementares, os CTG drenaram, ao longo do tempo, recursos e prestígios. Portanto, o clube social, vai aos poucos, perdendo a sua capacidade de congregar e atrair eventos públicos para a celebração coletiva.

4.1. CEL. OSVALDO CORDEIRO DE FARIAS, JAGUARENSE E INTERVENTOR DO ESTADO DO RS., PASSA PELO CLUBE EM 1938

No ano de 1938, o então interventor do Estado do RS indicado por Getúlio Vargas, o Sr. Coronel Cordeiro de Farias, foi recebido com festa em Jaguarão, não só por ser autoridade, mas por ter nascido na cidade no dia 16 de agosto de 1901. Filho

de militares, após o nascimento, foi levado com os pais para o centro do país. Estudou no Rio de Janeiro e fez longa carreira militar, passando, desde as colunas do tenentismo, pelo cargo de interventor do Estado do Rio Grande do Sul, além de ter lutado com a FEB, de estar à frente, com outros colegas, no movimento pela deposição de Getúlio Vargas em 1945 e participou ativamente do levante militar de 1964, porém relata que ao longo foi se afastando e sendo afastado, pois não concordava com muitas práticas empreendidas neste último período.

As memórias de Cordeiro de Farias (1981) e de seu percurso estão documentadas através de uma publicação na área de história oral, realizada por Aspásia Camargo e Walder Góes (1981) no ano do seu falecimento em 1981, denominada como “Meio século de combate”. Assim como obra mencionada em capítulo anterior, sobre as memórias de Luiz Vergara, considera-se coerente com o estudo utilizar textos, sejam autorais, como em Vergara e, agora, sistematizado por pesquisadores. Obras que se debruçaram sobre a memória dos acontecimentos a partir dos seus agentes como fonte. Sobre ele, pode-se dizer que foi o terceiro jaguarense governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Em suas memórias, lembra, ao conversar com Vargas (no Rio Grande do Sul, quando exercia cargo de 3º comandante da região militar) que era natural de Jaguarão, mas que não conseguia tempo para ir à cidade. Isso ocorreu ao final de 1937, quando estavam na localidade para ato que tratava da construção da ponte internacional entre Uruguaiana e Paso de Los Libres, na Província de Corrientes/Argentina. Diz Cordeiro de Farias (1981, p. 237) “Eu me indiquei para o governo do Rio Grande! Mas sem pretender fazê-lo, agindo de forma inteiramente inconsciente...”. Após, comenta que, diante de um quadro de mudança iminente, Vargas não sabia que ele era gaúcho e, seguindo a conversa, acharam oportuno o seu nome em virtude do bairrismo do Estado.

Cordeiro de Farias assumiu o cargo de interventor do Estado do Rio Grande do Sul em 04 de março de 1938 e seguiu no posto até 04 de setembro de 1943. Sobre o contexto da época, Cordeiro de Farias menciona a necessidade de ampliação dos serviços de saúde e lembra que, em sua gestão, a fronteira era uma prioridade pois “[...] na região fronteiriça, onde a população tinha baixo nível de instrução e a taxa de natalidade era negativa, não havia organização comunitária” (FARIAS, 1981, p. 251).

A relação do que está sendo apresentado com esse trabalho se dá devido à utilização da entidade como salão da cidade, portanto, utilizado para recepção de

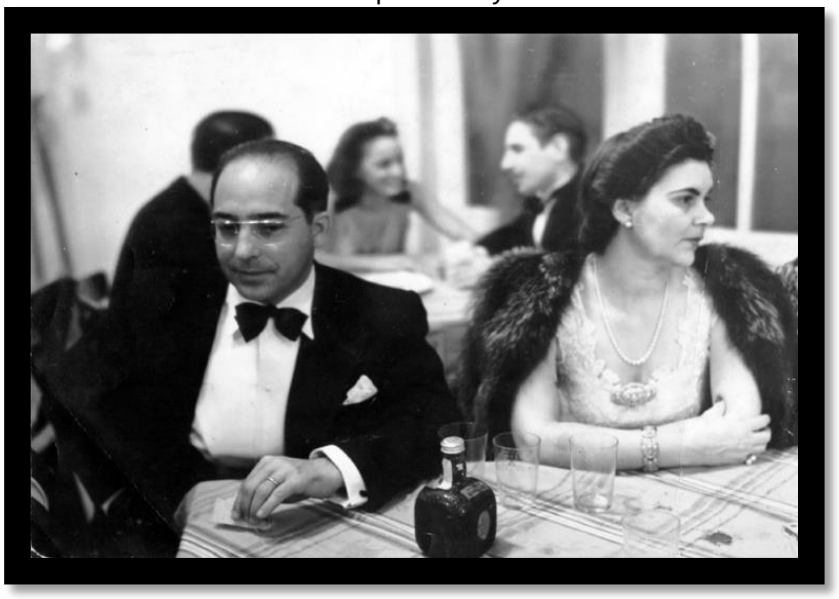
Cordeiro de Farias em uma visita. A visita foi realizada no seu primeiro ano como Interventor, poucos meses após tomar a posse. Na ocasião, foi oferecida pela “Prefeitura Municipal e Classes Conservadoras”, segundo aparece no periódico, um chá a Ivany Barcelos Cordeiro, esposa do Interventor, (**A FOLHA**, 05 de julho de 1938) no Jaguarense e um banquete ao senhor Cordeiro de Farias no Harmonia. Dizia, ainda, que depois de Carlos Barbosa, Cordeiro de Farias era o primeiro governador do Estado que visitava Jaguarão.

Em termos metodológicos, ressalta-se que o jornal **A folha**, dirigido na época por Cantalício Resem, segue nas bancas até a atualidade, 2018. O mesmo trata-se de um jornal noticioso sem filiação partidária, inaugurado em outro período da imprensa, que acompanha a reforma ortográfica de 1931, implantada efetivamente a partir de 1941. Desse modo, as citações dos jornais, de agora em diante, passam por menos correções. Segue relato do chá.

> As dezesseis e meia hora, dava entrada a gentilíssima dama, acompanhada de senhoras de nossa elite, no salão de festas do amplo edifício social, passando entre aplausos e palmas e filas de formosas senhorinhas, que ostentavam riquíssimas toilettes, indo tomar assento à uma das mesas caprichosamente ornamentadas, sendo lhe oferecida uma custosa corbeille de flores naturais, executando o harmonioso jaz uma partitura de música clássica.... O senhor Adão Massena Vieira, fez expressar por este a recepção que dava em honra de Ivany... tendo agradecido exma Interventora agradecido o acolhimento que tão fundo lhe tocara o coração.. ao final acompanhado do Dr. Ataliba Paz, ilustre Secretário de Agricultura e de sua comitiva, compareceu ao Clube Jaguarense, o Exmo. Coronel Cordeiro de Farias. Sendo recebido na sala de honra, foi servida uma taça de champagne em agradecimento à sua visita. (A Folha, 05 de julho de 1938).

Como a foto em que aparece Cordeiro de Farias no jornal está apagada e não aparece Ivany, buscou-se outra, similar, do mesmo período, em festa em Porto Alegre, disponível no acervo da Fundação Getúlio Vargas e julga-se oportuno o registro, especialmente por ilustrar os personagens mencionados, que não são tão conhecidos em Jaguarão, e oportuna a ocasião, um meio social. Sobre o contexto da visita, é necessário elencar que a maior demanda descrita foi a criação de uma escola, corroborando com o próprio Cordeiro de Farias, em suas memórias, quando comparava a fronteira na época com outras regiões que estariam melhor estruturadas, especialmente as de recente colonização italiana e alemã. Após, figura 24, Cordeiro de Farias e sua esposa, Ivany em ambiente social em Porto Alegre.

Figura 24 – Cordeiro de Farias e sua esposa Ivany em ambiente social em Porto Alegre



Fonte: Fundação Getúlio Vargas, 2017

Abaixo, encontram-se os agradecimentos pela acolhida, transmitidos via telegrama, ao prefeito Hermes Pintos Affonso, formado em medicina pela faculdade de Porto Alegre. Affonso foi presidente do Harmonia em 1924, integrante das forças revolucionárias com Vargas em 1930, eleito prefeito em 1935 (até 1940), participou da criação do Rotary Clube de Jaguarão em 1941 e, ainda, foi um dos fundadores e idealizadores do CTG Rincão da Fronteira criado em 1954 (**VISITE JAGUARÃO**, 2018). A seguir o telegrama transcrito no jornal.

> Nr. 1066 – Cumpro hoje agradável dever agradecer-vos todas eloquentes homenagens recebidas terra natal minha visita oficial. Em meu nome e do Governo Rio Grande peço gentileza transmitir povo generoso Jaguarão meus maiores agradecimentos sensibilizadora recepção e sua fidalga hospitalidade. Atenciosas saudações. (a) O. Cordeiro de Farias (**A Folha**, 12 de julho de 1938).

De seu agradecimento, nota-se a menção a “terra natal”; sobre a sua visita à cidade, encontrou-se a sua recepção no Teatro Esperança, conforme publicado por Carlos José Azevedo Machado (2016, p. 74). Na imagem, percebe-se, ao fundo, a cenografia ressaltando a nacionalidade, questão característica na época, também presente em bailes do Jaguarense. Cordeiro de Farias aparece no centro da imagem, de óculos, à frente seguem dois retratos: à esquerda, ao que parece, o de Carlos Barbosa, falecido em 1933 e à direita, não há nenhuma indicação, mas é provável que

fosse o retrato do Presidente Getúlio Vargas. Na sequência, figura 25, recepção a Osvaldo Cordeiro de Teatro Esperança em Jaguarão (1938).

Figura 25 – Recepção a Osvaldo Cordeiro de Farias no Teatro Esperança em Jaguarão (1938)

Fonte: Adaptado de Carlos José Azevedo Machado (2016, p.74)

4.2 O BAILE DOS ESTADOS NO ESTADO NOVO

Após, oma-se conhecimento sobre um almoço ofertado em homenagem ao aniversário do administrador da Mesa de Rendas Federais, o senhor Octavio Moreira Fialho. O Dr. João Soares Carriconde foi o encarregado pelo discursou e, em seguida, Milton R. Carvalho, fiscal federal do consumo ergueu um brinde ao Exmo Sr. Dr. Getúlio Vargas, chefe do governo da república. Segundo a nota: “[...] esta festa que prolongou-se até a tarde discorreu num ambiente de grande cordialidade e verdadeira alegria, deixando todos que nele tomaram parte uma grata recordação” (**A FOLHA**, 04 de outubro de 1938).

A seguir, é descrito um baile, sob influência da ditadura do Estado Novo, ou Terceira República, iniciado em 1937 e prolongado até 1946. A atividade ocorreu em homenagem à independência, entusiasmada ao que se percebe pelos reclames do então presidente Getúlio Vargas no rádio. Portanto, referente à sociabilidade influenciada, ao que parece, mais uma vez, pela política, foi encontrado um relato do "Baile dos Estados, 21 senhorinhas compondo os estados com as cores da bandeira brasileira, enaltecendo as comemorações da semana da pátria", portanto os estados sem as suas cores, representados somente nas cores da pela bandeira nacional (**A FOLHA**, 09 e 12de setembro de 1939).

A nota ainda diz que "[...] foi executado o hino da independência pelo mestre Raffo e cantado pelas senhorinhas que naquele momento formavam a bandeira". Neste momento, o Cel. Raymundo Passos de Carvalho, fez uso da palavra e afirmou estar maravilhado com a cena, agradecendo a cooperação durante as comemorações da semana da Pátria. Diz ainda que "era obrigatório a todos os cavalheiros que entravam no Jaguarense ostentarem na lapela do smoking um vistoso distintivo verde e amarelo que era distribuído na porta de entrada". Por fim, acresce algo não comum no histórico da agremiação: a presença religiosa. Diz a nota: "falou o Rev. Virginio Pereira, pároco da igreja Episcopal Brasileira, fazendo bela e patriótica alocução, enaltecendo a gloriosa data de independência do Brasil".

Sobre agosto de 1939, foi localizada nota sobre a fundação de uma escola, publicada no jornal **A Folha,** em 10 de agosto de 1939, dizendo que "foi fundada uma escola noturna para os sócios, com inauguração no dia 09 de agosto de 1939, às 21 horas". No ato inaugural da referida escola quem utilizou a palavra foi o Sr. Tenente Raymundo Passos Carvalho, de quem partiu a iniciativa. Cabe evidenciar aqui uma constante, pois isto apareceu nas entrevistas: o fato de que o Jaguarense sempre recebeu, entre os seus associados, muitos militares; embora também tenha prevalecido o indicativo de que os militares estariam distribuídos pela sua patente entre as entidades recreativas, estando os de maior grau no Harmonia e os demais entre as demais associações.

De qualquer forma, é apontada ao longo desse estudo a ocorrência frequente de referências aos militares e, claro, nesse momento de Estado Novo, os militares estão em evidência. Diz ainda que se achavam presentes os oficiais aviadores, Sr. Major Raul Luna, Tenente Neves e o Sr. Capitão Severino Sombra. Este destaca as virtudes do Estado Novo, segundo ele "com espírito público e sem paixões

partidárias". As aulas seriam ministradas terça-feira, quinta-feira e sábado, das 19h às 20h. Os sócios podiam colaborar com palestras, conferências e assuntos que pudessem esclarecer os alunos. Não fo localizada mais nenhuma notícia de funcionamento da escola, de modo que, se funcionou, talvez tenha sido de modo ocasional, embalada pela cruzada pela educação e alfabetização em curso anunciada por Vargas.

E, descobre-se um espetáculo organizado no Teatro Esperança, pelo Jaguarense, na verdade um festival, onde ao que consta, crianças, garotos, senhoritas e senhoras cantaram diversas modalidades de música e apresentaram números como bailados, nota-se a passagem do tempo, também para o teatro, nominado em 1939, como velho. Diz o jornalista "[...] o velho Esperança estava como há muito tempo não víamos – completamente cheio". Dentre as apresentações noticiadas, identifica-se Luci Luff, descrita como linda bonequinha que presentou a música de Carmen Miranda: Escrevi um bilhetinho (**A FOLHA**, 22 de junho de 1939). Sobre o contexto cultural, a história cultural pede proximidade, julga-se adequado trazer a menção à música.

Escrevi um bilhetinho[54]

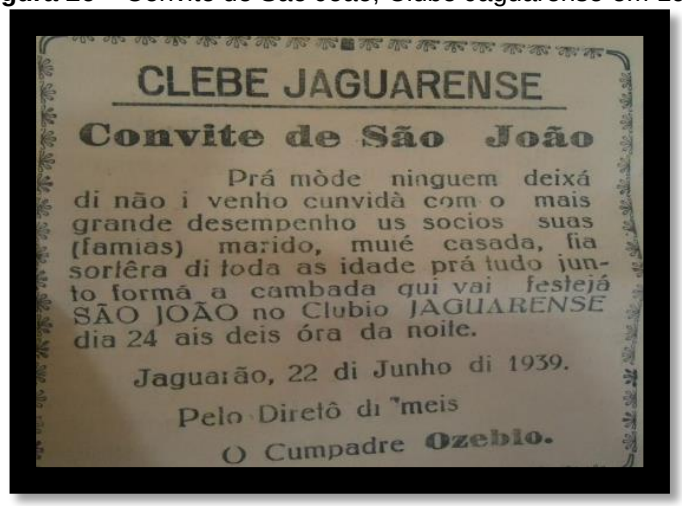
Escrevi um bilhetinho para o meu amor
numa pétala de rosa perfumada
E entre as páginas do livro da recordação
a pétala secou e do nosso amor nem a saudade ficou
Hoje sozinha no mundo vivo a minha vida
tristonha, arrependida
Sei que um amor quando morre
deixa uma semente no coração da gente
Mas se amar é sofrer eu prefiro viver
sem querer bem a ninguém

Carmen Miranda

Depois, descobre-se um convite para uma festa de São João, algo novo até o momento. Veja-se o reclame, figura 26, convite de São João, Clube Jaguarense em 1939.

[54] Disponível em: < https://www.letras.mus.br/carmen-miranda/1716503/>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Figura 26 – Convite de São João, Clube Jaguarense em 1939



CLEBE JAGUARENSE

Convite de São João

Prá mòde ninguem deixá di não i venho cunvidà com o mais grande desempenho us socios suas (famias) marido, muié casada, fia sorlêra di toda as idade prá tudo junto formá a cambada qui vai festejá SÃO JOÃO no Clubio JAGUARENSE dia 24 ais deis óra da noite.

Jaguarão, 22 di Junho di 1939.

Pelo Diretô di "meis

O Cumpadre **Ozebio.**

Fonte: **A folha**, 24 de junho de 1939

O relato da festa é gracioso, não se sabe a origem da festa na entidade, mas vivia-se tempos em que a cultura também galopava pelas ondas do rádio e a atividade, pode ter sido proposta ou recuperada por membros da entidade. Na descrição aparece uma fogueira acesa, cuia e chimarrão, o que, na verdade, parece que foi um "São João Gaúcho". Havia um rancho de pau a pique na cenografia mencionada e um caipira fazia chorar a cordiona. Logo que começou a atividade, as sertanejas juntaram-se aos caipiras e tocou "Chimarrita" e "Surupico pico", além de *fox*, samba, sapateado e polca de roda.

4.3 DÉCADA DE 1940: FESTA DA SAUDADE AO FUNDADOR CONSELHEIRO HENRIQUE FRANCISCO D'ÁVILA

Este tópico será iniciado pelo carnaval e, mais adiante, haverá uma menção ao dia da saudade, quando estava completando os seus 66 anos. Primeiro, seguem as imagens do acervo referido, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Jaguarão; identificadas, mais tarde, em alguma medida, pela Sra. Theresa da Rocha Garcia. Na imagem, que segue (Fig.27) foram identificadas em fantasia de espanhola, pela esquerda: a primeira, como possivelmente Djanira Gentil, a terceira, Arminda Garcia Aimone e, a quinta, Otilia Farias. Após, temos outra foto de carnaval, do ano de 1943 (Fig.28). A figura 27, Carnaval no Clube Jaguarense, em 1941.

Figura 27 - Carnaval no Cube Jaguarense em 1941

Fonte: Theresa da Rocha Garcia, 2016

Na imagem seguinte (Fig. 28), onde aparecem as fantasiadas de cigana, foi identificada apenas a primeira mulher, Arminda Garcia Aimone, que foi casada como Paschoal Aimone. Ela é irmã de Oscar Emygdio Garcia, referenciado, e tia do entrevistado Aldyr Schlee. Ao centro segue, possivelmente, o presidente da agremiação, não identificado. Na figura 28, carnaval no Clube Jaguarense em 1943.

Figura 28 – Carnaval no Clube Jaguarense em 1943

Fonte: Theresa da Rocha Garcia, 2016

Em 1943, na gestão que segue até o ano seguinte, segundo Rotta (1990), há um movimento de aproximação com o Jaguarense, na gestão de Maximiano Silveira d'Ávila. O Harmonia lidera, em 1944, uma comoção para a fusão dos clubes sociais; só não chegam a um acordo, pois nenhuma das entidades aceitou trocar de nome. Do exposto, entende-se que os grupos ainda se reconheciam como próximos, portanto, em certa medida, "a mesma gente", de tal modo que desperdiçar recursos e mesmo evitar algumas relações de proximidade entre alguns associados, possivelmente, não seria mais razoável. Na década de 1950, terá mais um movimento neste sentido.

Talvez possa ter sido uma oportunidade que tiveram de cicatrizar as diferenças e diminuir os custos das entidades, caso pudessem permanecer em apenas uma sede. Conversou-se, durante o trabalho, com um informante que vivenciou esse período, entre as décadas de 1940 e 1950, e de modo informal, um nonagenário argentino que morou e trabalhou em Rio Branco que, ao ser indagado se frequentava uma entidade ou outra, foi assertivo em sua resposta ao dizer ser evidente que frequentava o Harmonia pois, segundo ele, "gente fina ia no Harmonia". Algo que reitera outras fontes, inclusive entrevistas realizadas durante o estudo, de que o centro da vida social da elite local estaria situado no Harmonia. Quem sabe tenha sido este um motivo para evitarem a tranformação em uma única entidade, a existência de diferenças e hierarquias entre as associações. O senhor mencionado também lembrou que foi um ótimo período, pois "namorou bastante".

Após, acha-se registro sobre a Festa da Saudade! Única menção encontrada do fundador, identificada pela Sra. Theresa da Rocha Garcia. No aniversário de 66 anos, celebrado em 1947 foi inaugurado um retrato do primeiro presidente, o Sr. Conselheiro Henrique Francisco d'Ávila. Os retratos mais antigos, assim como outros anunciados em notas anteriores, não se sabe onde estão.

No ano de 1947 aconteceu a "Festa da Saudade" para homenagear os precursores da entidade, inclusive com a realização de uma romaria ao túmulo dos fundadores. Na ocasião, foram convidados os descentes de d'Ávila, e foram citados: "Srª José Bertaso, Vva. Dr. Ávila Silveira, Teodora Ávila Palmeiro, Maria Luiza Ávila Boher, Maria da Glória Ávila Oliveira, Cândida Ávila Matos, Conceição Ávila, Villaboim e sua neta e Vva. José Luiz Terra, residentes em Porto Alegre, Pelotas, Rio de Janeiro, São Paulo e nesta cidade" (**A FOLHA**, 31 de julho de 1947).

Na homenagem a d´Ávila no dia 14 de agosto de 1947, o orador resgatou palavras do homenageado no senado, proferidas em 12 de junho de 1883. Ao lembrar das palavras de d'Ávila, o orador resgata um dos seus ideais: "foi sempre meu intento conservar-me na posição de vereador da Câmara municipal de Jaguarão, persuadido, como hoje ainda estou de que da grandeza do municipalismo é que se formará a verdadeira base da grandeza da pátria"; destacou o advogado Wilson Alves Chagas[55], orador dessa ocasião e procurador dos familiares convidados, tecendo o discurso em agradecimento à homenagem realizada (**A FOLHA**,28 de agosto de 1947).

A seguir há uma imagem da solenidade em que aparece d´Ávila, em uma imagem em cima, ao centro da parte superior. A Sra. Theresa da Rocha Garcia identificou de pé, pela esquerda, o primeiro, de gravata borboleta, o Sr. Arnaldo Dutra e o quarto, pela esquerda, de terno escuro e gravata, como Candido Ferreira. Sentados, pela esquerda, o primeiro é o professor Nelson Bamba Ricardo, de terno claro, o terceiro é Paschoal Aimone, de terno escuro, o quarto é Oscar Emygdio Garcia, de terno claro, o sexto, de costas e terno escuro é Enio Ferreira e por fim, o oitavo, ainda pela esquerda, de terno claro, é o Sr. Carriconde. Após, figura 29, Festa da Saudade, homenagem ao Conselheiro Henrique Francisco d'Ávila em 14 de agosto de 1947.

[55]Wilson Alves Chagas. Nascido em Jaguarão em 1921, bacharel em Direito. Magistrado e crítico literário e ensaísta. Foi um dos fundadores do grupo **Quixote** e da revista de mesmo nome em Porto Alegre, 1947. Estudou filosofia na Universidade de Paris Sorbonne, hoje denominada como Paris IV. Colaborador "**Correio do Povo**", da "**Província de São Pedro**" e do "**Estado de São Paulo**". (Livraria Traça, 2018). Foi membro fundador da Acadêmia Brasileira de Filosofia ocupando a cadeira 40, cujo patrono é Otto Maria Carpeaux (ABF, 2018), sucedido pelo acadêmico Ivan Junqueira. Atualmente a cadeira 40 é ocupada por Tércio Sampaio Ferraz.

Figura 29 – Festa da saudade – homenagem ao Conselheiro Henrique Francisco d'Ávila em 14 de agosto de 1947

Fonte: Theresa da Rocha Garcia, 2016

A nota ainda diz que, segundo o jornal **A FOLHA** de 28 de agosto de 1947, "[...] a cortina que velara a imagem foi descerrada por Esther B. Dutra, esposa de Arnaldo Dutra", tudo indica que é a senhora ao centro acima, na linha da referida cortina de roupa escura.

Ocorreu também distribuição de brindes entre os presentes, cortesia do comércio local: casas A jóia, casa Aspiroz, casa Moderna, Lino e Angelito. Após, o tenente Cleber Bastos interpretou o noturno de Chopin ao violino, Jorge Abel Neto, professor local, recitou uma poesia, assim como outros presentes cantaram e, por fim, a festa seguiu com o Maestro André Raffo. Na ocasião, o presidente era Enio Rioval Ferreira.

Em outra matéria, sobre o mesmo fato e dia, o jornal reproduziu o discurso do orador oficial do 66º aniversário, Homero Valquirio Pereira, trouxe mais nomes que deveriam ser reverenciados pela fundação, como: Antônio Amâncio Nogueira, Pedro Frederico Rache, Monoel Cardoso Bonifácio Brum, Joaquim Correa, José Julião Rodrigues, Dr. Dorval Rodrigues Faria e Dr. Eurídio Artur Ferreira.

Após, tem-se conhecimento sobre um fato novo: que o Jaguarense teria sido fundado na casa onde residiria, na época do discurso, em 1947, a senhora Magdalena Soares – não foi possível identificar nesse momento onde fica esta residência; e reiterou sobre a sua abertura em 1898, esclarecendo o dia, 4 de dezembro de 1898,

foi festejada a instalação e, portanto, a inauguração da sede central com um “deslumbrante e notável baile” após a construção do salão e reedificação do edifício. (**A FOLHA**, 11 de setembro de 1947). Segue imagem de d’Ávila.

Figura 30 – Conselheiro Henrique Francisco d’Ávila[56]

Fonte: Wikipédia, 2016

Após, a pesquisa se depara com uma reunião do Rotary, datada do ano de 1947. O Rotary é um associação voltada para a realização de atividades associativas com fim filantrópico. Sua fundação no plano internacional ocorreu na primeira década do século XX, nos Estados Unidos da América, cujas atividades, no Brasil, começaram em 1923. Em Jaguarão, suas atividades foram iniciadas em 1941.

Do exposto, recordando o narrado por Cordeiro de Farias (1981) sobre a limitada capacidade associativa da fronteira como um todo, quando foi interventor do Estado do RS, pareceu importante identificar essa movimentação como uma ampliação na participação da sociedade civil na cidade, e articulada com outras localidades, sejam no Brasil, ou no exterior. Não é o objetivo dessa tese pormenorizar o Rotary, mas identificar a sua presença no Jaguarense, reiterando a sua utilização não só como espaço lúdico e recreativo, mas como um ponto de encontro da sociedade civil, salão para discussões de interesse público. Segue, figura 31, reunião festiva do Rotary no Clube Jaguarense em 1947.

[56]Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_Francisco_d%27%C3%81vila>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Figura 31 – Reunião Festiva do Rotary no Clube Jaguarense em 1947.

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

Após, encontrou-se um documento encaminhado pelo Jaguarense, ao Aeroclube da Cidade datado em 1949, o qual apresenta o registro da diretoria de 1949 e 1950.

> Diretoria de 1949-1950
> Correspondência encaminhado ao aeroclube.
> Presidente de Honra. Dr. Adilio da Silva Barreiros
> Presidente Enio R. Ferreira
> Vice-Presidente, Arnaldo A. Dutra
> Secretário José A, Nunes.
> Segundo-Secretário José A. Cassal.
> Tesoureiro – Paschoal Aimone
> Diretores: Athaide A. Dutra, Tenente Anesio Borges de Melo, Dr. João S. Carriconde, Antonio A. Neves, Vergilio C. Ferreira, Carlos Pereira, Cristóvão A. Neves, Homero Pereira, Dr. Alfredo Tinoco, Yolando Severino, Oswaldo Faria, Euclydes Ferreira.
> Suplentes: Willy Fabre, João C. Loder, Anysio S. Resem, João D. de Faria Santos, Hermes Paiva, Tenente Joel G. Faria, Euclydes Pacheco, João Maria Barreiros, Dercio Medeiros, Wilson Giozza, Daniel Nelly Souza, Oribaldo Carvalho.
> Conselho Fiscal: Pericles Cunha, Dr. Arnaldo Ferreira, Frederico Radünz.
> Circular número 1, Jaguarão, 20 de agosto de 1949, assinada pelo secretário José J. Nunes. (CLUBE JAGUARENSE, 1949).

4.4 DÉCADA DE 1950: TEMPO DAS ORQUESTRAS E A DIRETORIA FEMININA

Ao analisar outra fonte, um estatuto de 1951, destacam-se alguns tópicos, como forma de melhor compreender a entidade estudada. Foram encontradas algumas atividades como: jogos de xadrez, bilhar, damas e outros permitidos por lei, um sarau por mês, a comemoração de aniversário, concertos, festas; além disso, leitura na biblioteca, conforme regulamento da mesma. O sócio pode propor por suas custas atividades com aprovação do presidente e do diretor do mês. Diz, ainda, que os sócios domiciliados em Rio Branco são considerados como domiciliados na localidade da entidade.

Esclarece o estatuto de 1951 sobre sócios beneméritos que por mais de 40 anos permaneçam associados, ficariam isentos da mensalidade e, como tal, também ficariam os seus fundadores, sem nunca terem se demitido. O documento também trata do sócio honorário, aquele que por dez anos tenha contribuído para o bem da associação, caso esteja em situação precária, pode solicitar isenção de mensalidade e o sócio remido que pagar o valor estipulado fica isento de mensalidades.

O estatuto estabelece um valor diferencial, em 50% do valor, caso o sócio remido resida na campanha. Estabelece a participação eventual de pessoas em curso, como “caixeiros viajantes e representantes comerciais”. Existe previsão no estatuto do pagamento de um valor para entrar na entidade, a jóia, depois a manutenção com as mensalidades. Todos podem votar e serem votados e manifestarem-se na assembléia geral como local máximo das deliberações. O direito do associado é transmitido a viúva e filhos, enquanto solteiros até os 18 anos. Se a viúva estiver em situação precária financeira, pode ser dispensada de pagar mensalidades.

Para ser sócio, o estatuto aponta que seja pessoa de “reconhecida honestidade e tenha educação, precisa saber conduzir-se em um salão de famílias de elevada representação e cultura social”, que seja proposto por um sócio quite. É realizada a proposta, o grupo pode optar pela nomeação de sindicância, composta por três sócios, secretamente escolhidos pelo presidente. A comissão transmitirá um parecer sobre a capacidade do proponente. Ciente do parecer, a questão será resolvida por maioria de votos da diretoria. A proposta para ser aceita precisa de 2/3 dos votos.

A proposta recusada não pode ser apresentada na mesma diretoria. Diz, ainda, que haverá no gabinete de leitura um livro para registro dos visitantes apresentados e

o sócio apresentante é responsável pela conduta do apresentado. O apresentado pode frequentar a associação por até 30 dias.

O sócio que faltar verbalmente ou por escrito, por atos ou palavras com a devida consideração à diretoria, bem como infringir os preceitos da boa educação, urbanidade, e cavalheirismo, será punido com advertência, suspenção ou expulsão. A diretoria resolve a pena e comunica por ofício.

A diretoria do Clube Jaguarense deve ser eleita em 14 de julho e ser composta de um presidente, um vice-presidente, um secretário, um segundo-secretário, um tesoureiro, um orador, um bibliotecário, doze diretores mensais e seus suplentes. Uma comissão fiscal composta por três membros. Para ser presidente ou vice é necessário ser brasileiro nato, mantendo no mínimo na diretoria 2/3 de brasileiros natos.

A diretoria deve ser empossada em 14 de agosto. A mesma se reúne uma vez ao mês e tem por obrigação fazer despesas, contrair empréstimos, até o limite estipulado. Compete à diretoria organizar um regulamento interno para boa marcha social e ordem no serviço e vida social. Ao secretário compete fazer as publicações, avisos, convites na imprensa.O diretor do mês deve fiscalizar manter a ordem na associação e organizar o sarau do mês correspondente à sua gestão. Acresce entre as despesas assinaturas de jornais e revistas autorizadas pela diretoria. Assembleia geral é no dia 14 de julho de cada ano. As votações em escrutínio secreto. Não é permitido na assembleia fazer alusões insultuosas, nem empregar termos ofensivos a quem quer que seja. A agremiação tem um presidente de honra, eleito entre os beneméritos.

Os salões podem ser cedidos a pedido dos sócios para bailes, concertos, conferências literárias ou científicas, festas em benefício de ideias humanitárias, ou assunto de interesse geral com aprovação da diretoria, em nenhuma hipótese para tratar de assunto de política partidária ou religioso.

A sua duração é indefinida e para o seu desfecho a assembleia geral tem que contar com mínimo de 3/4 dos sócios. A assembleia deve definir o desfecho dos bens.

Sobre o luto, a associação deveria ficar de luto, hasteando bandeira em funeral por 24 horas, por falecimento de sócio, seus pais, esposa e filhos; se faltar até 10 horas para o início de alguma atividade marcada, ela deve ser mantida. Se for presidente, presidente de honra, e sócios beneméritos, o luto não poderá ser menos do que três dias e as atividades devem ser interrompidas, caso marcadas, independente de faltar 10 horas ou menos. O estatuto foi redigido em 30 de maio de

1947, conforme a comissão formada por Oswaldo de Rodrigues Faria, Paschoal Aimone, José Jacintho Nunes, Virgílio Cândido Ferreira.

Do exposto, dada tradição calcada em um sistema jurídico dependente de leis e códigos escritos como forma de dirimir conflitos sociais, é possível compreender o seu funcionamento, a partir desse estatuto, editado em 1951 como base no aprovado em 1947. Conforme exposto acima, cabe destaque o perfil de sócio desejado, que fosse de “reconhecida honestidade e tenha educação, além de saber comportar-se em um salão de famílias de elevada representação e cultura social”.

Primeiro vem a honestidade, entendendo o mandamento no seguinte sentido, uma vez sócio, logo poderia ser da diretoria e lidar com dinheiro alheio, ou seja, de todos, exigiria este como o primeiro requisito fundamental. Após, educação e saber comportar-se, na época, uma disposição culta para integrar e aceitar a normas da entidade, em verdade um tempo mais disciplinar, seria uma atenção à tradição, ao posto pelos dirigentes.

Ressalta-se que o salão era familiar, tal como outrora, ou seja, o lugar de diversão das famílias, principalmente sob as atenções e cuidados de um patriarca. Denominam-se como de “elevada representação e cultura social” os extratos mais proeminentes, percebidos como superiores; representação mantida com esforço e dinheiro, pois para bem representar não basta dominar os códigos, é preciso investimento para a produção da distinção.

Por fim, o estatuto solicita ao apresentado “a cultura social”, vista como característica relevante que remete à capacidade de compreensão da cultura clubística como forma de representação social legítima, sob o ponto de vista moral, modelar para a sociedade. Para participar do grupo eram recrutados, sobretudo, os que tivessem recursos financeiros e simbólicos para melhor projetar a entidade. Daí surge, uma vez mais, a ideia de a entidade funcionar como “banco social”, um espaço privilegiado para trocas simbólicas.

Nesse local, recebiam os associados, sobretudo, para valorizar a entidade a cultura clubística. Ser sócio em outra associação, dependendo de qual fosse, seria um ponto positivo para o ingresso; jovens, alcançando a maioridade, frequentando o espaço, como dependentes é outro ponto. Um traço dessa modalidade associativa é o seu caráter fechado que, por um lado, garantia a sua sobrevivência evitando conflitos e, por outro, corria o risco de caso fosse fechado em demasia gerar a monotonia e o desinteresse dos associados. Claudio Rotta, entrevistado para essa

pesquisa, destaca nesse período grande força dos clubes sociais, único meio de assistir a uma orquestra.

Seguindo com outras notas do banco de dados, encontrou-se um carnaval de 1953, divulgado no jornal **A Noite** (**A NOITE**, Rio de Janeiro em 21 de fevereiro de 1953). Trata-se do último registro encontrado em jornal de circulação nacional. Nota-se que a maior parte das notas externas ao estado do Rio Grande do Sul foram encontradas no Rio de Janeiro e o tema de maior destaque era o carnaval. Ao contrário da última nota do carnaval de 1939, publicada na revista **Vida Doméstica**, sob a denominação Jaguarão, agora Jaguarão, aparece na chamada acompanhada do seu estado, Rio Grande do Sul. Na década de 1950, o Brasil possuía mais de 50 milhões de habitantes, de modo que pareceu a motivação para encontar, sempre que avançando no tempo para trás, mais notas sobre a cidade e, desse período em diante, só foram localizadas notas locais. Ao encerrar o estudo, sobre o ano 1975, o país vai estar com mais de 100 milhões de habitantes, de modo que as localidades do interior, que não acompanharam o mesmo crescimento, ficaram em posição periférica, como apontado por Pesavento (2004). Não esquecendo o dado de que, no início da pesquisa, especificamente sobre a Sociedade Recreação Familiar, no século XIX, em 1852, a nação brasileira contava com cerca de 8 milhões de habitantes (IBGE. ESTIMATIVA população 1550-1870, 2018).

O país cresceu muito, especialmente em termos populacionais nesse período e a cidade de Jaguarão não acompanhou o mesmo ritmo. Esta nota diz que há muito tempo não se via um carnaval tão animado em Jaguarão, “[...] todo o povo saiu cantando e dançando as novas marchas e sambas carnavalescos. Estiveram animadíssimos os bailes à fantasia dos clubes Caixeiral, Harmonia, Jaguarense e Instrução e Recreito” e sua finalização se dá da seguinte forma, “[...] vários cordões e blocos, deram à festa de Momo o brilho digno de suas famosas fantasias e afinadas orquestras”. O jornal **A Noite** foi um periódico popular, que circulou entre os anos de 1911 e 1964, conforme afirma Bruno Brasil (FBN, 2018).

O carnaval de Jaguarão saiu das notas nacionais, em 1953, mas havia alcançado seu destaque local e regional; projeção impulsionada pela por essas entidades associativas, período que encerra esse estudo, e ainda se sabe que a influência seguiu forte até o final da primeira década do século XXI.

Porém, eram prementes as mudanças nos padrões de sociabilidade, em grande parte promovidas pelos novos meios de comunicaçã de massa. Esses

afetariam o destino das associações locais, como ocorreu com o futebol, conforme aponta Claudio Rotta ao lembrar que o futebol pela televisão era muito mais interessante e com times prestigiosos, de tal modo que os times locais acabaram em declínio, optando pela aproximação com as agremiações sociais (como vai ocorreu entre o Cruzeiro e o Jaguarense).

O Jaguarense também teve a sua crise, mas isso será abordado posteriormente. Aqui, deve-se ressaltar, com base no estatuto de 1951, a possibilidade de que existam algumas categorias para não pagarem mensalidades e, não se sabe em detalhes, pode ter algum peso dentro da maturidade da entidade. Quiçá possa, inclusive, ser uma das motivações para realizar uma mudança mais radical, deixando para trás o peso da história e da memória do Jaguarense, assim como o seu custo correlato. O entrevistado Paulo Rotta destacou que certa vez caiu uma parte da cobertura do Jaguarense, e para conseguirem fundos ofereceram-lhe um título de sócio remido e, mesmo jovem, aceitou a proposta; assim, diz ele, que nunca pagou mensalidades.

Posteriormente, seguindo com as suas atividades, em 1954 (**A FOLHA**, 06 de novembro de 1954) encontrou-se o registro da passagem do Grupo Jazz Copacabana, composto por 12 figuras e uma cantora. Conforme a nota, depois de "[...] percorrer todos os estados do Brasil, R.O. do Uruguai e Argentina" e assim iria atuar em grande baile, marcado para 17 de novembro". O contato foi intermediado por telegrama pelo diretor do mês Dr. Rosalino Moura e, segundo as pesquisas foi um período de grandes atividades, bailes, recebimento de orquestras, sendo elas do Brasil ou do exterior.

De acordo com Rotta (1990), na gestão do presidente Manoel José Rodrigues do Harmonia, em 1954, foi recebido um requerimento de diversos associados para uma assembleia em que seria tratada uma possível união com o Jaguarense, rejeitada em 20 de dezembro de 1954. Destaca-se, mais uma vez, o anseio das entidades pela unidade, que poderia aproximar mais as pessoas, bem como diminuir os custos. Avulta-se, ainda, que neste ano, 1954, é fundado o C.T.G. Rincão da Fronteira, atendendo a elite local. Assim, acredita-se que esta duplicação de esforços da elite local também teve custos e colaborou, com o enfraquecimento dos clubes sociais. Entende=se o pedido, nesse contexto de duplicação e, agora, com o CTG, de triplicação dos esforços dos grupos de maior proeminência econômica, como intento para manter os espaços de sociabilidade.

E nas décadas seguintes, o tradicionalismo acaba sendo uma marca de identidade e um estilo de atuação de parte da elite no Rio Grande do Sul, especialmente vinculado ao universo agropastoril, de modo que os clubes sociais passam a ser secundários, sobretudo em recepções festivas para autoridades políticas em Jaguarão. Consolida-se um imaginário de que não se deve apreciar pratos mais sofisticados, por exemplo, os menus em francês, como no começo do século e, sim, um bom churrasco, que por vez ou outra pode ser servido nos clubes sociais, mas, de modo geral, a cultura local com apelo à tradição é absorvida e servida com mais intensidade no CTG.

A exemplo, cita-se uma mudança simbólica, que aparece na década de 1980, quando o presidente José Sarney visita à cidade e, no seu trajeto, não constam os clubes sociais, como outrora seria obrigatório, tal como identificado nesse estudo a passagem de autoridades em décadas anteriores. E no caso, aparece apenas o CTG Rincão da Fronteira. Depreende-se que daqui em diante, mesmo ativo, o Jaguarense começa a perder espaço social. Portanto, parece razoável e coerente que nesse momento de nova configuração da elite local, associados do Harmonia tenham proposto a união do Harmonia com o Jaguarense, possivelmente teria sido sido um bom negócio para ambos, como uma última tentativa de aparar as arestas e não dobrar empenhos para realizar a mesma modalidade de atividade.

A proposta, mesmo negada, revela, sobretudo, proximidade entre as entidades pois, para proporem uma aproximação, se tratavam como iguais, e corrobora com o argumento dessa tese sobre o reconhecimento dos custos existentes para a manutenção das entidades existentes, e logo das novas que seriam criadas.

Em 1955, ano do centenário de elevação à cidade de Jaguarão, realizou-se no Jaguarense um concerto de piano com “a jovem e inteligente musicista Srta. Malvina Tadéo Lomia” (**A FOLHA**, 07 de maio de 1955). Também diz na nota que a mesma faria uma apresentação no Teatro Esperança. Deixa-se o registro de que, mais de uma vez, observamos este procedimento, de o artista passar no teatro, mas também nas agremiações sociais, como se fosse um *petit comitê*, onde, artista e os associados poderiam manter um contato mais íntimo.

Buscou-se a programação do centenário da elevação de Jaguarão de vila à cidade no Jaguarense e foi encontrado o seguinte: dia 20 de novembro às 22h30min: um baile gauchesco no Jaguarense, promovido pelo Centro de Tradições Gaúchas Rincão da Fronteira. Considera-se a atividade coerente por serem ambas as

agremiações, o Clube e o CTG, provenientes dos estratos da elite local, especialmente neste momento em que o Rincão da Fronteira ainda não possuía sede própria, inaugurada somente em 1962 de acordo com Daniel Faria de Andrade (2015). Nesse momento, as instituições não são diretamente concorrentes e sim complementares (em verdade atuam em simbiose), mas reitera-se a posição de que, com o passar do tempo, ocorre diminuição da importância do clube social e valorização do CTG.

Ainda sobre a programação do centenário em 1955, houve mais uma atividade no Jaguarense, dia 23 de novembro, quando foi realizado um baile (traje a rigor) com apresentação de um número pelo Centro de Confraternização Jaguarense. Constam na programação oficial atividades realizadas pelo Clubes Harmonia e o Caixeiral, mas não o Clube 24 de Agosto.

Em 1956 (**A FOLHA**, 02 de junho de 1956) publica nota para atividade assim descrita “o tradicional e aristocrata Clube Jaguarense realizará no dia 23 deste grande Baile de São João [...] contatou a afamada orquestra Guarany, composta por onze figuras, que apresentará [...] elementos da conhecida orquestra do maestro Rochinha de Pelotas”. Destaca-se a referência honrosa, elogiosa ao recebimento de elementos da orquestra Rochinha, citada por um dos entrevistados, Aldyr Schlee, quando lembrava que o maestro Rochinha, tendo um custo maior, normalmente tocava mais no Harmonia.

Encontrou-se nas memórias de José Paulo Pinheiro Tarnac da Rocha, filho do Maestro Rochinha a sua participação nos bailes da cidade pois atuou na orquestra de seu pai entre 1952 e 1962 (SOARES, 2010, p. 133). Assim descreve sua emoção ao lembrar que no final das suas apresentações seguiam tocando até a praça, onde encontrava o rival e terminavam a atividade em conjunto. Conforme segue.

> [...] Uma das mais gratas lembranças era quando, para acabar o baile, a orquestra descia para a rua, para a praça, com todo o mundo nos seguindo, e o baile continuava na praça, por quase uma hora. Mas não era só isso, não [...] a orquestra que estava tocando no Clube Jaguarense também fazia o mesmo. Então as duas se juntavam e os carnavalescos das duas sociedades rivais se misturavam, era emocionante. Até agora, relembrando, fico arrepiado, com um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Olha, toquei numa infinidade de cidades, tive momentos de extrema felicidade, inesquecíveis, mas sempre guardo um carinho muito especial por Jaguarão. (SOARES, 2010, p. 133).

Mais adiante, no banco de dados, encontrou-se nota sobre a Biblioteca do Jaguarense, que foi desativada para servir a outras finalidades. Ao conversar com

Ubirajara Isquierdo, presidente na fusão com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, lembra que a biblioteca possuía pouca procura e que, inclusive, teria disponibilizado um funcionário para que ela estivesse mais acessível.

No entanto, segundo relatou Isquierdo, foi em vão, pois não havia procura. Ao que parece, a sua função também foi minguando com o passar do tempo, tendo em vista a existência de outros acervos com a formação das escolas e, mais tarde, da constituição de uma Biblioteca Pública na cidade, inaugurada em 1968.

Dessa forma, segundo Cláudio Rotta, na década de 1980 o Instituto Histórico e Geográfico se propôs a fazer o salvamento da mesma, não conseguindo aproveitar todo o material pois uma parte dele foi perdido devido à humidade do porão, onde os livros estavam armazenados. Em 1987 os seus livros foram cedidos ao Instituto. Segue nota, destacando a situação, pujante em 1956.

> **Clube Jaguarense.** (biblioteca). A biblioteca do Clube Jaguarense administrada pelo seu bibliotecário Sr. Clodomar Maciel filho, continua desempenhando sua nobre altruística missão, sendo na atualidade, considerada a maior e mais importante da cidade, contanto com 882 obras catalogadas num total de 1200 volumes. A referida biblioteca pode ser considera a de indiretamente de utilidade pública por intermédio dos associados do Clube. Conta com assinaturas das revistas da semana, Manchete, O Cruzeiro e Visão, além dos jornais, Correio do Povo, Diário de Notícias, A Hora e A Folha. Continua recebendo donativos de livros, destacando-se entre os últimos o que traz como título “Tu Podes Melhorar o Mundo” remetido pela nossa conterrânea Srª Heloisa Maria Dias de Mello, residente em Porto Alegre, cuja tradução para o nosso idioma foi executada por essa nossa talentosa Patrícia. A citada doação possui ainda o autógrafo da tradutora. (**A FOLHA**, 07 de julho de 1956).

Sobre a necessidade de modernizar a entidade, veja-se nota (**A FOLHA**, 1º de setembro de 1956) que aponta o recebimento uma proposta de uma companhia imobiliária assinada pelo Dr. Arnaldo Ferreira com o objetivo de erguer uma ampla e moderna associação, agregando um cinema e apartamentos. A proposta não prosperou, mas o Dr. Adilio Barreiros, presidente de honra, solicitou que fosse guardada e levada para estudos mais minuciosos, inclusive pensando em chamar outros concorrentes para “resguardar o clube de futuras acusações, visto o caso de não aceitar, a presente, o mesmo iria dispor de grande área edificada em seu **sagrado patrimônio** [grifo do pesquisador]”. Portanto, é relevante esse olhar para as possibilidades de ampliação das receitas dentro dos limites que a entidade pudesse suportar sem a sua desfiguração.

Mais à frente, foi encontrada referência à apresentação no Jaguarense, da pianista Luzia Felix acompanhada do seu esposo o humorista imitador Sergio Felix (**A ATUALIDADE**, 1º de outubro de 1956). Ressalta-se que, diferente de outrora, não é apresentado um programa e que na década seguinte serão mais incomuns os concertos com pianistas. Encontrou-se um álbum da artista cujo tema título era “Viaja pela América Latina”. Segue figura 32, Luzia Felix, LP Viaja pela América Latina.

Figura 32 – Luzia Felix, LP Viaja pela América Latina

Fonte: LUZIA Felix viaja pela América Latina, 2018

Depois, ainda em 1956, identifica-se um baile em Homenagem aos formandos do Ginásio Estadual e Escola Técnica do Comércio com uma orquestra Jazz e Típica de Melo, no Uruguai, capital do Departamento de Cerro Largo. Aqui, novamente, evidencia-se o caráter da associação como Salão Municipal, atendendo à comunidade local. Embora seja privado, a agremiação possui caráter de uso público, mesmo que eventual (**A FOLHA**, 8 de dezembro de 1956).

Após, em 1958, achou-se anunciada a passagem de Tita Duval no Jaguarense (**A FOLHA**, 29 de março de 1958), descrita como “sensacional orquestra feminina Tita Duval” procedente de São Paulo, “para realizar para um grande baile no dia 21 de abril”. No contrato de apresentação constava que o show duraria 45 minutos e o baile duas horas. A referida orquestra passara em direção a Montevideo e Buenos Aires e, possivelmente, deveria se apresentar no Teatro Esperança.

Sobre a cantora, há mais referências: trata-se de uma argentina, nascida em 1924 e falecida em 2008, cujo nome era Dominga Salazar Azula[57]. Segue imagem de LP, pelas vestimentas, ao que tudo indica, situado, mais tarde, na década de 1970. Após, figura 33, LP Tita Duval.

Figura 33 – LP Tita Duval

Fonte: TITA Duval, 2018

Nesse período, em 1959, há referência a Tita Duval em um programa nacional, comandado por Cesar de Alencar, no Rio de Janeiro. Segue figura 34, Tita Duval no programa de Cesar Alencar.

[57]Better known as Tita Duval, Dominga Salazar Azula (1924-2008) was an Argentinian-born accordionist, saxophonist and singer based in Medellín, Colombia, known first for bringing live tango music to the cold mountain climate of her adopted Antioquian city, where she had early success and popularized the genre in the 1940s, opening in subsequent years her own restaurant/cabaret called El Tambo de Aná, where she performed with her group constantly as the house band, as well as touring throughout Colombia and other countries in the region, even visiting São Paulo, Brazil, in the late 1950s.(Wikipedia, 2018).

Figura 34 – Tita Duval no Programa de Cesar Alencar

Fonte: **O Jornal**, 04 de outubro de 1959

Porém, nesse universo de contratações também encontrou-se um dissabor, quando o Jaguarense contratou, via São Paulo, a orquestra argentina Big Boys (**A FOLHA**, 12 de julho de 1958). Ao aguardarem a orquestra, que não chegou, o presidente Arnaldo Dutra entrou em contato com o empresário do grupo e recebeu como resposta que o senhor mencionado, uruguaio, não teria autorização para realizar o contrato; Dutra lamenta que o estelionatário tenha escapado com o dinheiro e envolvido o seu nome e que restaria a realizar as denúncias cabíveis.

Em 1958, no dia 04 de setembro, conforme **A Folha,** em 06 de setembro de 1958, foi realizado um recital de canto pela profa. Diva Coutinho que, acompanhada no piano pela "renomada profa. Inah Emil Martsen[58]" de Rio Grande, veio, na cidade, especialmente para este fim. Atualmente, o Centro Municipal de Cultura de Rio Grande é denominado como Inah Emil Martsen.

Em 1958, conforme o mesmo jornal, toma posse uma diretoria feminina, denominada de "Sociedade de Damas do Jaguarense" e, logo em seguida, realiza um baile no sábado, dia 13 de setembro. A eleição foi realizada no dia 22 de agosto em sessão presidida pelo presidente, professor Stefano Roncato. Esclarece a nota que o

[58] No ano de 2017 foi realizada uma exposição "No Reino da Dona Música". "A mostra comemorou os 120 anos de nascimento de Valeska Inah Emil Martensen, que possui uma história dedicada à arte e ao ensino da música em Rio Grande e é considerada uma das figuras mais representativas da cultura do município. O título da exposição foi inspirado em um programa de rádio de mesmo nome que a homenageada participava com seus alunos em 1950.A longa trajetória de Dona Inah, como era chamada, o início de sua formação, aos 7 anos, sua mudança para a Alemanha, onde estudou e participou de diversos eventos musicais até os 19 anos de idade". (EXPOSIÇÃO rememora Inah Emil Martensen, 2018).

objetivo da mesma é “[...] congregar as sócias e suas famílias de maneira a intensificar a vida social do Clube e alastrar a amizade que deve haver num grupo social”.

A seguir passou para a composição do “Quadro de honra” as seguintes damas: Ondina Marques, Ondina Cassal, Baronesa Tavares Leite; Presidenta de Honra, Srª Esther B. Dutra; Presidenta: Antonieta Loder; Vice-Presidenta: Inge Roncato; 1ª Secretária: Neli dos Santos Miranda; 2ª secretária: Eny Peña; 1ª Tesoureira: Maria Lipolis; 2ª Tesoureira: Luci Oliosi; 1ª Bibliotecária: Alda C. Ferreira; 2ª Bibliotecária: Gilca Salomão; Oradora oficial: Diva Alves de Souza.

Agora, em 1959, é anunciado que o baile vai contar com orquestras argentinas “Al Mônaco” e “Mario Canaro” e acresce que, além da música, terá um show com bailarinos, dentre os quais alguns “azes dos patins” farão as suas coreografias artísticas. Na chamada da matéria, o baile é denominado “Chique” (**A FOLHA**, 27 de junho de 1959), apontando uma novidade luminotécnica, pois “será a primeira vez que serão apresentados números de baile sob efeito de luz negra”.

4.5. DÉCADA DE 1960: O DECLÍNIO DA TRADIÇÃO

Começando com o carnaval de 1960, foram encontradas referências à orquestra Piragine que iria se apresentar (**A FOLHA**, 06 de fevereiro de 1960). Conforme Marina Pelisari (2012), tal grupo era de Rio Grande. A autora apresenta uma imagem do grupo musical, que segue adiante (Fig. 35).

No jornal a nota foi escrita em caixa alta “GRANDE ORQUESTRA” e em negrito “**famosa Orquestra PIRAGINE**”. A Grande orquestra Hermes da Rosa. A rainha do carnaval de 1959, Srta. Eva Arismende, que passou o cetro para a Srta. Shirlei Ereias, filha do casal Nicolau Ereias, destaca a empolgação dos associados que, um mês antes, estão procurando realizar a reserva de mesas. Segue, figura 35, Orquestra Piragine em Rio Grande, s.d.

Figura 35 – Orquestra Piragine em Rio Grande. s.d.

Fonte: (PELISARI, 2012 p. 89 retirada do endereço eletrônico Papareia)

Ainda em 1960, ocorre mais um baile, anunciando agora a orquestra típica do maestro argentino Pedro Borgo, que viria de Buenos Aires e de Montevideo (**A FOLHA**, 09 de abril de 1960). O jornal **A Folha** destaca que o feito se deve ao esforçado presidente Alipio Dutra da Silveira. O baile estava sendo anunciado para 21 de junho e era dado destaque ao incremento: “a orquestra virá desta vez consideravelmente melhorada, trazendo cantores e outros músicos de renome conforme as propaganda e cartazes que deixou no Jaguarense”. Após, figura 36, Pedro Borgo/Orquestra s.d.

Figura 36 – Pedro Borgo/Orquestra. s.d

Fonte: Youtube, 2018[59]

No mesmo ano é anunciada a vinda da “Comander espetáculos”, de São Paulo, a famosa orquestra, com 22 figuras, contratada para as festividades do seu aniversário, em comemoração aos seus 79 anos. Conforme **A Folha**, a referida orquestra estaria sendo ouvida como sucesso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro (**A FOLHA**, 09 de julho de 1960). O baile foi no dia 14 de agosto, um domingo, quando seria empossada a nova diretoria. Na mesma edição, segue nota sobre atividade das Damas do Jaguarense, comunicando que realizariam duas reuniões semanais, quarta-feira às 20h e sábado às 16h, e que, neste mesmo mês, haveria reunião dançante para os filhos dos sócios.

Na edição de 10 de setembro aparece mais uma nota sobre as Damas do Jaguarense, dirigida sob a presidência da Exma. Sra. Antonieta O. Loder. As Damas resolvem comemorar o seu segundo ano de fundação com várias festividades no dia 05 de outubro, com baile com a orquestra do argentino Miguel Caló (**A FOLHA**, 10 de setembro de 1960). Na nota ainda dizia, “com suas afamadas artistas realizara um atraente show”. A orquestra atuou em largo período, entre os anos de 1928 até 1972, passando por diversas formações (ORQUESTRA típica Miguel Caló, 2018). Após, figura 37, orquestra Miguel Caló, s.d.

[59] PEDRO Borgo – Recordandote Brasil. In: **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=augK5cBSMqE>. Acesso em: 15 mar. 2018.

Figura 37 – Orquestra Miguel Caló s.d.

Fonte: <http://www.fernandomachado.blog.br>. Acesso em 19/08/2018

Também nas edições de 1960 encontrou-se menção ao baile da primavera, a ser realizado no dia 19 de setembro, contando com presença da orquestra Marajá, de Porto Alegre. Na ocasião, destaca-se que o baile seria oferecido pelo CTG Rincão da Fronteira e os trajes poderiam ser típicos (**A FOLHA**, 21 de agosto de 1960). Após o evento, é destacado que a "[...] invernada dirigida por Breno Timm apresent[aria] uma série da danças tradicionais". (**A FOLHA**, 24 de setembro de 1960).

Em 1961 é descrito um baile, promovido pelas Damas Jaguarenses em parceria com Pedro Borgo; uma festa beneficente para a maternidade do Hospital Carlos Barbosa e uma nota no jornal **A Folha** comunica que, "para maior alegria e brilhantismo, a festa será joanina com seus trajes típicos e com o salão ornamentado em estilo caipira" (**A FOLHA**, 20 de maio de 1961). Ainda sobre ano são registradas mais atividades benemerentes na sua sede, dentre elas um bingo beneficente, tendo cooperado para a caixa escolar do Colégio Municipal Padre Pagliani e ao Grupo Escolar Dr. Alcides Marques. O jornal destaca que durante as premiações uma das entregas foi realizada pela dama jaguarense Arinda Cordeiro Abibi e que, na ocasião, o diretor do mês era Sr. Antonio Acunha (**A FOLHA**, 08 de junho de 1961).

Na edição de 12 de agosto, registrou-se a diretoria eleita nos 80 anos da entidade: presidente o Sr. Adilio S. Barreiros, Presidente de Honra; Arnaldo Dutra Presidente; Alipio Dutra da Silveira Vice-Presidente. (**A FOLHA**, 12 de agosto de 1961). O jornal menciona que, dentre as extensas comemorações, está previsto o baile para o dia 14, começando no domingo 13, onde será sorteada uma bandeja de prata à meia noite do dia 14, nela gravado o nome do Jaguarense e a respectiva data.

Seguindo a programação, no dia 14 ocorreria o hasteamento da bandeira da agremiação às 11h e às 18h ocorreria missa na Matriz do Divino Espirito Santo, em memória aos falecidos sócios. Às 20h do dia 14, aconteceria um jantar comemorativo. Assinaram a nota: Major Walter Lima, Alipio Dutra e Antonio Acunha. Após, toma-se conhecimento que Antonio Echevengua ganhou a bandeja (**A FOLHA**, 26 de agosto de 1961) e que a orquestra que animou o grupo durante a festa foi a Golden Start. Esse é o último momento que realizou-se uma missa aos sócios falecidos, de modo que parece ser o limite do que a tradição conseguiria impor, pois, que deste momento em diante, as rupturas vão se aproximando da entidade.

Ainda em 1961 houve mais uma atividade das Damas do Jaguarense, um grande desfile de modas com roupas oriundas do Rio de Janeiro e de São Paulo, em benefício do Lar de Meninos, (**A FOLHA**, 16 de setembro de 1961).

E em 1962, o Jaguarense anunciava que havia fechado um contrato com a "afamada orquestra argentina Noches Vienenses" que contariam com o Jazz Brasil Serenaiders. Destaca que a referida orquestra "[...] é composta de 15 artistas de renome, especialmente em televisão" (**A FOLHA**, 06 de janeiro de 1962). Salienta-se a menção à televisão, visto que encontra-se relação dessa modalidade associativa com a produção cultural veiculada pelos meios de comunicação, de modo que é clara a aproximação entre o ambiente do clube social, conectado ao universo da produção cultural e artística, em vigor em cada período, especialmente dessa década em diante, com a televisão e demais meios de comunicação; formas de consumo de bens e modas que conformam um estilo de vida urbano, sendo que um dos palcos para a performance social eram, na época, os clubes.

E a seguir, vê-se uma imagem de jornal, com ecos do carnaval, onde aparece a visita da rainha do Harmonia ao Jaguarense (**A FOHA**, 07 de abril de 1962). Diz da visita "[...] soberana do Harmonia e sua lusida corte; acompanhada por uma comissão do referido clube, quando foi recepcionada ao Champanhe pela Diretoria do Clube Jaguarense". Nota-se o tradicional brinde, tantas vezes evocado e o fato de ser esta

uma das únicas imagens encontradas no jornal local em que aparecem as suas atividades. Segue figura 38, Corte do Clube Harmonia, visita o Clube Jaguarense, Carnaval de 1962.

Figura 38 – Corte do Clube Harmonia visita o Clube Jaguarense, Carnaval de 1962

Fonte: **A Folha**, 07 de abril de 1962

Em 1964, os tempos eram outros, para o país e no Jaguarense, em função da intervenção militar que depôs o Presidente da República, João Goulart. E coincidentemente ou não, aparece pela primeira vez (no trabalho), uma manifestação contrária à chapa em exercício. Até o momento, parecia que, na grande maioria das vezes, a eleição da entidade foi resolvida por consenso, mas, agora, não mais. Encontrou-se um protesto de algum grupo emergente que se manifestava contrário às práticas anteriores. Diz a nota que a eleição estava anunciada, mas chegava hora de que o maior número de sócios estivesse presente para "[...] apresentando sugestões relativas, procurando revezar elementos para evitar a velha praxe da CHAPA OFICIAL e reeleições" (**A FOLHA**, 9 de julho de 1964). Reproduziu-se em caixa alta e sublinhando conforme publicado no jornal. Também percebe-se que neste período de mudanças desaparecem as Damas do Jaguarense.

Nos registros de uma das entrevistas realizadas por Selbach (2017), um dos seus entrevistados, que, embora não nominado, possa ser identificado como uma

pessoa bastante conhecida na cidade, a afirmação de que este entrou para o Jaguarense na década de 60 e, nesse mesmo período, ingressou na diretoria devido à necessidade de renovar a entidade no sentido geracional.

Ao que parece, o Jaguarense e suas tradições se mantiveram até 1961, marco dos seus 80 anos. Após, ocorreram renovações que mais tarde culminaram em outra entidade que, embora em algum aspecto fosse a mesma, era muito diversa – Associação Cruzeiro Jaguarense.

Em 1968 depara-se com o tema da ligação com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, dizia a pauta: "[...] solicitar licença para fazer a fusão do Clube Jaguarense com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul", assinado pela diretoria em 16 de julho de 1968 (**A FOLHA**, 27 de julho de 1968).

Retornando ao tema da biblioteca do clube, em 1969, Lothar Hessel, vai publicar artigo no jornal **Correio do Povo**, em 08 de janeiro, de acordo com Soares (2010, p139-141), sobre a cidade, e cita que as bibliotecas dos clubes sociais de Jaguarão, dentre as quais estava a do Jaguarense, deveriam ser salvas, por seu valor histórico, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, ou se fosse criada uma nova instituição para acolher todas as bibliotecas dos clubes, ou ainda, aventa que a Biblioteca Pública recém concluída, poderia acolher estas preciosidades, segundo o autor, para "que preserve essas bibliotecas das mandíbulas dos carunchos atuais para os olhos dos jaguarenses do futuro".

Em 1969, há chamada para atividades em setembro, a qual menciona que no dia 20 seria comemorado o baile farroupilha, como o grupo Excelsior de Porto Alegre e no dia 21 a inauguração da *boite* social com a participação da JUJA. A nota destaca que ocorreu uma remodelação do interior da entidade, destacando o empenho para alcançar o novo. Aqui, aparece a expressão JUJA, que será o grupo de jovens do Clube Jaguarense. A inauguração da *boite* também apresenta o recorte geracional, com espaço reservado para as modas mais atuais. Não se tem certeza se é nesse momento que a *boite* vai ocupar o espaço outrora utilizado pela a biblioteca, mas é possível que sim (**A FOLHA**, 06 de setembro de 1969). A última nota dessa década destaca as novidades do clube, com a boite com a JUJA no sábado à noite e logo, viria um grande baile para apresentar "Os incríveis" em Jaguarão (**A FOLHA**, 18 de outubro de 1969), conjunto de rock pop situado no contexto da jovem guarda. Segue, figura 39, Os Incríveis s.d.

Fig**ura 39 –** Os Incríveis s.d.

Fonte: TV Sinopse, 2018[60]

4.6 DÉCADA DE 1970: DESFECHO DO CLUBE ATÉ A FUSÃO COM O ESPORTE CLUBE CRUZEIRO DO SUL.

Sobre essa década foram feitos breves apontamentos em direção ao fato principal que estaria por vir, a ligação com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, clube de futebol, fundado em 1924. Nessa década, ambas as entidades passam por dificuldades para a sua manutenção e expansão, de modo que ocorre a união, ampliando a oferta de atividades, especialmente a esportiva. Um dos entrevistados, Sr. Paulo Rotta, destacou que o declínio do futebol acompanhava o avanço da televisão, especialmente a partir desse período, visto que com tantas partidas mais interessantes na televisão o público dos estádios locais foi diminuindo.

Segue, nota, datada em 1970, que trata da apresentação do conjunto "The Dizzies" na associação, grupo de Pop Rock da cidade de Rio Grande que iniciou suas atividades em 1966 (e encerrou em 1973). Integrantes: Mon, Erlon, Saad, Abel, Marcos e Jim Porto – que seguiu carreira musical em Roma (THE DIZZIES, no perfil

[60] OS INCRÍVEIS. In: **TV Sinopse**. Disponível em: <http://www.tvsinopse.kinghost.net/art/i/incriveis.htm>. Acesso em: 16 mar. 2018.

de Wily Cesar, 2018). Segue imagem 40, Conjunto “The Dizzies” no Coutry Clube de Rio Grande. s.d.

Figura 40 – Conjunto “The Dizzies” no Coutry Clube de Rio Grande. s.d.

Fonte: Flickr, 2018[61]

Na mesma nota é abordado que a rainha era Carmem Vieira e, na oportunidade, “teve muita champanha”, com o jargão de coluna social sobre a rainha “esbanjando charme em uma festa maravilhosa que se prolongou até a madrugada”. Circulando pela festa estavam: Jacinto e Wanta Ferreira, Arnoni e Maria Helena Lenz, Rudy e Ayr Sheibert entre outros casais. Também estavam presentes: Danilo Larrosa e Eliane Wortman, Ernani Wxel e Elaine Nunes, Mara Carneiro, Adelia Vencato, Ligia Moura e Ivone Silveira. A coluna no jornal estava denominada como “badalação”, assinada por Dania Pool (**A FOLHA**, 10 de janeiro de 1970). Sobre o conjunto encontrou-se referência de apresentações em Rio Grande, conforme visto na imagem (Fig.40), junto ao Country Clube de Rio Grande que é possível identificar pelo nome do conjunto na bateria do grupo.

Seleciona-se dessa década uma chamada jornalística que se refere ao festejo com grande baile de aniversário do Jaguarense; a reserva das mesas deveria ser feita em horário noturno, das 20h às 22h e os associados não deveriam levar ninguém de fora do quadro social, pois seria solicitada a carteira social com o último recibo pago,

[61] THE DIZZIES. In: **Flickr**. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/49480241@N07/4573222633/in/photostream>. Acesso em: 15 mar. 2018.

o número 6. O traje indicado é o alto esporte e a atração especial estaria à cargo de Claúdia Barroso[62] (**A FOLHA**, 14 de julho de 1973).

Na mesma nota identifica-se a eleição de uma diretoria, o que é entendido como oportuno frisar, visto que será a diretoria que vai manter a aproximação com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul e, portanto, a última diretoria que atuou no Jaguarense (**A FOLHA**, 1º de setembro de 1973). Assim foi constituída a última diretoria do Jaguarense, para o biênio 1974-1975.

> Presidente: Sr. Ubirajara Isquierdo
> Vice-Presidente: Sr. José Jacinto Ferreira
> Secretário: Sr. Joaquim Pinto Moraes
> 2º Secretário: Sr. Francisco Borges de Quadros
> Tesoureiro: Sr. Rui Antônio Carrara
> 2º Tesoureiro: Sr. Cleber Pinto
> Bibliotecário: Sr. Clodomar Pereira Maciel
> Orador: Sr. Joaquim Pinto Moraes
> Diretores:
> Srs. Claudino Neves Sobrinho, Ernesto Ledesma, Walmir Gonçalves, Aly Euridio Py, Erail Quadro, Oscar Emígdio Garcia, Walter Lima, João Carlos Pereira, Carlos L. Knorr, Leocadio Ledesma, Dirceu Abud Squeff, Teodoro Souza da Silva, Darcy Minuto Gaubert, Eloy Conde Chocho, Ismael Adão Duarte, Ubirajara Echevenguá, José ariano Araujo, João José Laborda Sicco, Acylino Lopes de Moura Gonzaga Silva, Olímpio Echevenguá, Antônio Acunha, Rui Fernando Amaro e José Fernando de Casto Monteiro.
> Conselho Fiscal:
> Sr. Carlos Gomes Figueró, Sr. Jaime Guaracy Cassal, Sr. Virgílio Candido Ferreira. (**A FOLHA**, 1º de setembro de 1973).

Em 1974, em nota na coluna badalação, assinada por “Quetza”, era destacada a ida aos clubes no *réveillon* somente a partir da 01h30min, no mesmo sentido apontado por Rotta, que a partir da década de 1970, não era comum esperar o ano novo no clube, como ocorria outrora, reservando o ano novo ao espaço familiar. Nesse sentido, são oportunos os apontamentos de Richard Sennett (2014) quando em seu estudo aponta o declínio do espaço público em detrimento do privado. Diz a nota.

> O Jaguarense estava com uma decoração fabulosa na base do colorido bem própria para um grito de carnaval. Parabéns ao Sr. Ubirajara Isquierdo, distinto presidente, pelas inovações. E parabéns também à sua senhora, Cândida que revelou-se ótima anfitriã e animada foliona. A turma jovem estava lá. (**A folha**, 5 de janeiro de 1974).

[62]Cláudia Barroso, cujo nome verdadeiro era Amélia Rocha Barroso Mineira de Pirapetinga, nasceu em 1932, Cláudia Barroso, ícone da música romântica na década de 1970, lançou o primeiro disco em 1962, um compacto em 78rpm, gravado pela Odeon. Mas o sucesso só veio uma década depois, com o álbum “Cláudia Barroso”, que incluía as músicas “Quem Mandou Você Errar”, “A Vida É Mesmo Assim” e “Quando Você Errar”. Faleceu em 09/10/2015 aos 83 anos. (**Metrópoles.**MORRE Cláudia Barroso, ícone da música romântica dos anos de 1970, 2018).

Durante o ano de 1975, é localizada nota no jornal **A Folha**, datado em 10 de maio, com uma convocação para uma assembleia geral extraordinária, assinada pelo presidente, Ubirajara Isquierdo, em 28 de abril de 1975. Na ocasião, uma das pautas era: Discussão e aprovação da fusão do Jaguarense com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, para ser discutida no dia 15 de maio de 1975, com primeira convocação às 20h.

Ressalta-se que durante o trabalho, no ano de 2017, foi realizada entrevista com Ubirajara Isquierdo; menciona que na época a ligação parecia vantajosa para ambas as entidades e assim, trabalhou para que tal pudesse ser aprovado em ambas as associações. Conta que, nessa conjuntura, a entidade era composta por cerca de 300 sócios e o ganho patrimonial foi relevante, sobretudo com o ingresso da área campestre, pois a partir daí pode contar com uma piscina de verão.

Foi comprovada na pesquisa a força que o time de futebol, o Cruzeiro – fundado em 1924 – tinha na época e, desse modo, parece que provavelmente esse possa ser um dos motivos, de até hoje, na sede central, estarem expostos apenas os presidentes a partir da ligação entre as agremiações. A Associação Cruzeiro Jaguarense foi implantada na sua literalidade, desse modo, não se comemoraria mais o aniversário como de costume, em agosto. Emblemático é o centenário em 1982, lembrado apenas por Rotta quando produziu um artigo acadêmico, publicado em Jaguarão e depois no Correio do Povo na capital. Encontrou-se um fenômeno oposto ao do Harmonia, que apesar da união com um clube de futebol, o Jaguarão, manteve a sua identidade referente aos marcos da sua fundação na penúltima década do século XIX.

Sobre o Jaguarense, Isquierdo, em sua entrevista, destacou que após 1975, ao terminar a sua presidência, deixou de participar das atividades, visto que havia separado da sua esposa, o que moralmente o impedia de seguir frequentando a agremiação. Inclusive, esclarece que procurou resolver tal fato pessoal, somente depois que deixou a presidência da entidade.

Em suas memórias, lembrou dos clubes dentro do processo de estratificação social da cidade, quando ele, na época servidor público, bancário, pode ingressar nos quadros sociais do Jaguarense, ao contrário do seu pai, que em período anterior teve o pedido de associação negado por ter o ofício de ferreiro.

Sobre a época, pós 1964, com o governo dos militares, Isquierdo afirmou que os mesmos tinham uma mesa reservada no Jaguarense, para acompanharem as

atividades. Apontou esse período como um tempo sem maiores liberdades para as mulheres.

Especificamente, sobre a ligação, Isquierdo diz que o Harmonia, na época, fez uma grande promoção para a captação dos sócios do Jaguarense, fazendo preço especial para a Joia, ou mesmo não cobrando, de modo que, segundo o entrevistado, foram perdidos muitos sócios, embora tenha sido acrescido o quadro social do Cruzeiro.

Assim, ocorreu um reposicionamento da elite local, em direção ao Harmonia, mantendo o Jaguarense como a segunda opção, ou mesmo como um local para os extratos médios da sociedade local, ainda que não se deva esquecer que nessa época algumas pessoas eram sócias em ambas as entidades. E, ainda, que é a partir do próximo período que começariam a ser realizados os bailes para as debutantes no Jaguarense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se organizava a sociedade civil em suas atividades lúdicas e recreativas após a década de 1850 em Jaguarão? o trabalho de pesquisa, em termos formais, encontrou a primeira entidade da cidade, a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense (1852-1881), local onde os grupos mais proeminentes da cidade, dançavam, e por onde agora, através deste estudo, se pode conhecer mais sobre a sociabilidade e as atividades políticas existentes na cidade, até o seu desfecho. Trata-se ao que encontramos, de umas das únicas associações da sociedade civil existentes naquele período.

A Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, mais conhecida como A Bailante, foi ponto de encontro, para celebrações da elite local, comportando festividades situadas no quotidiano da localidade, e algumas dessas políticas, envolvendo disputas, celebrações, cívicas, no sete de setembro, e retorno da Guerra do Paraguai, assim como palco para a Festa do Divino Espírito Santo.

A Bailante, de Jaguarão, acompanhou outras existentes, no século XIX, e elencamos as de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, como referenciais em termos históricos e de memória. Os processos de modernização urbana, empreendido do final do século XIX em diante, não permitiu que os vestígios materiais das Bailantes chegassem até a nossa época, e por isso, também considera-se relevante os dados aqui encontrados, pois é somente através de estudos que envolvem a história e as suas fontes, que pode-se chegar neste objeto. No local da pesquisa, ao que percebemos, tudo indica que a Bailante, funcionou em prédio locado, no centro da cidade, porém não precisamos o local.

Através da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense, como suporte de memória, descortina-se ideias, lugares, poetas, pessoas, lutas políticas, como identificadas no Conselheiro Diana, ao repelir a instituição do regime escravista, clamando por liberdade em uma festa da independência.

E ainda, na Bailante, encontram-se o substrato, fonte de inspiração, para jornalistas, redatores dos periódicos, poetas e escritores, que compreendem o baile como uma instituição de interesse social, indicada muitas vezes, especialmente nos folhetins, o texto direcionado às mulheres, porém os assuntos remetiam ao interesse

geral, e sobretudo, revelam uma época. Este período, marcado pela segregação racial, em virtude do regime escravista, adotou na medida possível disposições que remetiam a sociedade de corte, como modelo desejável no Brasil Imperial.

Porém, a associação bailante, teve um desfecho, pela própria necessidade de modernização social, tal como identificado nos jornais, e por outro, aponta-se que a rivalidade, ao fim do império, entre republicanos e monarquistas na cidade, pode ter colaborado com o seu desfecho.

E o estudo identificou o carnaval como ação de ampliação do espaço público, capitaneada por Manoel de Deus Dias em março de 1881, pela liderança republicana em Jaguarão. Foi com oito carros e uma banda na frente que sacudiu a cidade e permitiu uma profusão popular nas ruas, ao que consta nunca vista antes. Inclusive, de Deus Dias e seu grupo, criticam e satirizam um conflito nas obras do sangradouro da Lagoa Mirim, carro chefe da propaganda dos imperiais d'Ávila e Diana. Em 1881, foi dado início a fundação do Jaguarense, em agosto, e o encerramento da Bailante como fim de um ciclo importante, um prenúncio do desfecho do império, uma estratégia do grupo do Partido Liberal (Monárquico) para modernizar a sociedade imperial. Aponta-se que o carnaval, realizado na Bailante, o primeiro identificado e último em 1881, impulsionou o seu desfecho.

Após, identificou-se dois clubes ao final do século XIX em Jaguarão, duas elites. A mais tradicional constitui do espólio da Bailante em 1881, forma o Clube Jaguarense, com o peso da tradição e dos 29 anos da entidade anterior, que encerrada, teve o seu valor remanescente utilizado para iniciar as funções do Clube, na época denominado como Club. Dentre os presidentes da Bailante, foi identificado Henrique d'Ávila, mais tarde fundador do Clube Jaguarense. O outro clube, começa, como Cassino Jaguarense, em 27 de janeiro 1884, e mais tarde, ao final de 1888 recebe a denominação atual, como Harmonia.

O Clube Jaguarense, foi fundado por um expoente do Brasil Imperial, Henrique d'Ávila, hoje também nome de rua no bairro Kennedy em Jaguarão à partir de 1967. Dessa empreitada, dentre outras, participou outro nome da elite imperial, o Conselheiro Diana, que também nomeia uma rua no mesmo bairro, em paralelo à d'Ávila. Ambos eram advogados, liberais do Partido Liberal (Monárquico), ao que foi encontrado, abolicionistas, com manifestações públicas abolicionistas realizadas por

Diana em 1871 e d'Ávila realizando uma alforria pública em Jaguarão como Presidente da Província em 1880.

Julga-se adequado ressaltá-los pois, estavam fora da moldura da Primeira República em Jaguarão, inclusive seus nomes foram retirados das ruas centrais em 1893, sendo substituídos respectivamente, d'Ávila por Carlos Barbosa e Conselheiro Diana por Júlio de Castilhos. Mais tarde, somente em 1967, ambos foram lembrados novamente, para nominar o espaço público.

Na penúltima década do século XIX, turbulenta, é fundado na cidade, não só o Jaguarense em 1881, mas ainda a Sociedade Emancipadora Jaguarense, Clube Republicano e por fim, em 27 de janeiro de 1884 é criado o Cassino Jaguarense, em oposição ao Jaguarense. Interessante que os grupos tentaram uma ligação, o Jaguarense com o Cassino em 1888 para selar, ao que parece, a paz. Um dos mediadores foi Diana, que mais tarde seria o último Ministro de Negócios Estrangeiros do Império e o outro, foi Deus Dias. A união durou pouco, pelo visto as relações políticas estavam irreconciliáveis. Desse desfecho, o Cassino, virou Harmonia, e o Jaguarense manteve-se ao que era.

Portanto, mesmo antes da proclamação da república, em 1889, neste carnaval, entre Harmonia e Jaguarense, foi grande a concorrência. Essa oposição nasce da política, e é ressignificada, mantida como cultural, exercida no carnaval e em outras ocasiões, quando poderiam gerar comparação, e as edificações, situadas, uma ao lado da outra, na mesma face da praça principal e largo das bandeiras, com o hotel ao centro colaborou para estas disputas realizadas a olhos vistos, fosse assunto por muito tempo na localidade, com separação e inclusive alguma aversão entre associados e familiares, sobretudo, em períodos mais avançados no tempo. Não se desconsidera, por outro lado, que alguns associados circulavam em ambas as associações.

Considera-se esta rivalidade, entre Clube Jaguarense e Clube Harmonia, como um dos motores iniciais do carnaval local, sobretudo nos desfiles, corsos, que levavam as rainhas para abrir as festividades carnavalescas. O Carnaval, portanto, desde de 1881, especialmente, ao que foi encontrado no estudo, é uma festividade acolhida e celebrada pela elite local, daquela época até a atualidade, podemos aferir, especialmente até onde vai este trabalho, que é o ano de 1975.

Portanto, esse trabalho permitiu enxergar dentro e fora dessa moldura da Primeira República que, até os dias atuais, compõe um lastro social, uma identidade positiva da elite local em Jaguarão. Pode-se dizer que o trabalho permite acompanhar a confecção dessa moldura ao final do século XIX, cujo ápice, vai ser o período em que Carlos Barbosa foi governador, de 1908 a 1913.

Ao final do século XIX e começo do século XX, é encontrado no Jaguarense, um novo grupo, descrito nos meios de comunicação local, como jovens, os quais utilizam o baile como memória, mais afetiva, do que política, embora política tenha percorrido praticamente todo o período estudado. Após a proclamação da república, Cel. Zeferino Lopes de Moura, é descrito, como republicano, porém opositor a Carlos Barbosa, e que se utilizou do clube como trincheira. Desta forma, os clubes sociais e bailante, descrita, foram localizados dentro das táticas e estratégias dos grupos sociais mais proeminentes, utilizando o conceito de Michel de Certeau.

E mais tarde, na década de 1920, primeiro, apontou-se o grande carnaval de 1921, como produto cultural, filmado para o cinema, quando Jaguarão recebia visitantes de outras localidades, e revela-se neste ano a chegada dos primeiros turistas, que vieram para ver a festa. E neste ano, o Jaguarense, ampliava a festividade, com inclusão da escolha de rainhas, conforme escolheu o Jaguarense no Teatro Esperança. Destaca-se que em 1921, o Clube estava completando 40 anos, portanto em sua alta maturidade. A ampliação do espaço público, foi recurso utilizado pelo grupo que almejava maior projeção social.

Ao final da segunda década do século XX, e começo da segunda, foi encontrado Luiz Fernandes Vergara, secretário do Clube Jaguarense, que mais tarde foi secretário de Getúlio Vargas, exercendo diversos cargos e funções, inicialmente em Porto Alegre, e mais tarde, após 1930, acompanha Vargas ao Rio de Janeiro.

E depois, registramos no Jaguarense, a passagem, de Osvaldo Cordeiro de Farias, natural de Jaguarão, que foi Interventor no Estado. Portanto, pela agremiação estudada, passaram inúmeros personagens ilustres, alguns associados descritos nesse estudo, e claro, uma grande parte anônima, que fundou, manteve, colaborou, participou, vivenciou este local para recreação, sobretudo para bailes, assim como o carnaval descrito e tantas outras celebrações sociais.

No Jaguarense, levantou-se a bandeira do Império nas comemorações da independência em 1931, reiterando quiçá a disposição monárquica, expressa pelos fundadores em 1881. E foi realizado o Carnaval Farroupillha em 1935, lembrou de d'Ávila, fundador, em 1947, assim como tantas outras atividades, as quais tem-se conhecimento agora, trazendo entre os citados, muitos membros em suas diretorias. Nota-se, sobretudo da década de 1930 em diante, as grandes celebrações na entidade, nos seus 50, 60, 70 e 80 anos, é tempo de memória, de lembranças, onde a própria associação se reconhecia como um patrimônio local, sobretudo dos seus associados, fruto de esforço coletivo e individual, dos que ali passaram. E foram identificadas diretorias femininas, desde a década de 1920, até começo de 1960.

O Jaguarense, representa sobretudo um projeto, a força e a vitalidade da sociedade civil, em criar e manter um espaço para a sua diversão, apesar das tensões geradas para a sua operacionalização. E aqui e enfatiza também as suas limitações, especialmente, pelo caráter de segregação racial e social, por representar por mais de um século um modelo de sociabilidade que remonta a sociedade imperial, onde deveria prevalecer, até onde alcança o trabalho um sentido de representação que remetia a "Peles Brancas: Máscaras Brancas", lembrando de Frantz Fanon, ou se poderia, referir também, como o "Salão da Casa-Grande".

E por fim, assinala-se a sua função como artefato social utilizado para o disciplinamento familiar, e por outro lado, foi para muitos, o local onde ocorreram as iniciações amorosas e casamentos. O clube pareceu, inclusive, que ao teatralizar a sociabilidade, por vezes expansiva e conservadora, retraída, ao que se entende, pode ser situado dentro da nossa tradição barroca.

E sobressai, como ponto de ressonância do estudo, a percepção de que a duplicação de esforços da elite na década de 1950, com de criação do CTG, pode ter enfraquecido ou mesmo concorrido com a sociabilidade nos clubes sociais, embora complementar, com o passar do tempo, as agremiações de perfil urbano foram, aos poucos perdendo espaço simbólico. Neste sentido, aponta-se como os clubes foram utilizados para receber artistas, políticos, estudantes, brasileiros e uruguaios, na época da construção da Ponte Internacional Barão de Mauá, e por outro lado, de 1960 em diante, parece, ao que encontramos menos, cidade. E emblemático, na década de 1980, quando o então Presidente José Sarney, passa pela cidade, não consta mais

em seu trajeto a passagem pelos clubes, como seria nas décadas anteriores, e somente no CTG.

Sobre aas décadas seguintes, após 1950, constatou-se que o Jaguarense manteve suas atividades, mas envelhecendo e enfrentando dificuldades financeiras para a sua manutenção e expansão, de modo que a solução vai ocorrer através da ligação com O Esporte Clube Cruzeiro do Sul, passando a ser chamada a nova entidade de Associação Cruzeiro Jaguarense em 1975. Porém, com grande vitalidade, em virtude sobretudo da passagem de inúmeras orquestras, brasileiras e dos países próximos, incluindo inclusive ao final da década de 1950 com uma orquestra feminina, por uma artista chamada Tita Duval.

Portanto, através do clube, foi possível identificar, através do relato da sua programação cultural, também o reflexo dos acontecimentos que modificavam o país, nesse largo período pesquisado. O Jaguarense, idealizado, como um centro cultural e educativo, deu muito certo!

E assim funcionou por décadas, com biblioteca, recepção de artistas, com estímulo à criação e à imaginação. E acredita-se que deve ter influenciado a formação artística e cultural de um dos entrevistados, Aldyr Garcia Schlee, sobretudo, ao afirmar, que o Jaguarense era o lugar da sua família, onde frequentou a biblioteca e tantas outras atividades.

Do exposto, caracteriza-se o Jaguarense e a Sociedade Recreação Familiar Jaguarense como importantes suportes de memória, e através dessa tese foi possível compreender mais sobre a história, não só das entidades, mas do próprio município de Jaguarão e das suas conexões inclusive com o contexto nacional e regional.

Deste momento, onde encerrou-se o estudo, de 1975, com o fim do Clube Jaguarense, seguindo com a Asssociação Cruzeiro Jaguarense, até o tombamento da sede central realizado em 2011 pelo IPHAN, há um caminho a ser percorrido que, dependendo do olhar, pode ser longo ou breve.

Na atualidade, desde 2011, mesmo com a sede central interditada, a associação mantém suas atividades na sede campestre e possui o campo esportivo que outrora foi do Cruzeiro. Se a ligação foi mais ou menos benéfica, não se sabe, e entende-se que tal fato possa ser retomado em outro trabalho. Por hora, a

materialidade da sede central está garantida via tombamento federal. Desse modo, sua fachada e volumetria serão mantidas, independente do uso, seja ele privado com a entidade em questão ou se privado com outro proprietário. Por conta do tombamento, não seria improvável uma intervenção pública do tipo desapropriação. Essas são questões relevantes para uma próxima pesquisa.

Agora, compreende-se que esse trabalho, debruçado sobre os primórdios do Clube Jaguarense, em 1881, retornando ao ano de 1852 com a fundação da Sociedade Recreação Familiar Jaguarense e, depois, até o desfecho via união com o Esporte Clube Cruzeiro do Sul, alcançou a amplitude possível. Sua principal contribuição é a de situar a importância da entidade, sobretudo da sua intangibilidade; nota-se que a sua trajetória está profundamente imbricada entre a história e a memória de Jaguarão.

Por fim, cabe assinalar que os clubes sociais, funcionaram por muito tempo, “Sob os efeitos de Terpsícore”, portanto, como local para dançar, ponto de tensão e atração social, de tal modo, que foram o “Salão Municipal”, portanto, não só privado, mas de eventual uso público, em diversas ocasiões, permitindo a realização de ações visando manter e ampliar a hospitalidade, da cidade, e por outras funcionou para festas para arrecadações de fundos públicos, congregou outras entidades associativas, como o Rotary.

Um clube social, não é apenas uma associação, trata-se de um suporte de memória, que possibilita conhecer alguns elementos do passado, aqui trazidos, muitas vezes de forma periodizada. É um monumento, no sentido que a sua estrutura arquitetônica aparente, no centro histórico, concluída a sua edificação em 1897, com primeiro baile realizado em dezembro de 1898. E também é um documento, de onde pode aferir fatos públicos e particulares registrados.

Nota-se, por fim, que a intangibilidade da pesquisa, de caráter historiográfico e memorial, trouxe valores associados ao artefato arquitetônico que permanece disposto, de forma destacada na paisagem urbana do centro do Município de Jaguarão. E assim, identificou-se como a sociedade jaguarense, foi organizando-se em termos de sociabilidade e recreação, recendo as influências sociais, políticas, tecnológicas de cada época. Saindo dos jornais, passando pelos telégrafos, cinema,

ondas de rádio e televisão, a sociedade nos clubes foi mudando e vivenciando experiências na localidade em conexão com o mundo.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Ângela. **História do movimento abolicionista**. [21 de dezembro, 2015]. Entrevista concedida à Universidade Virtual do Estado de São Paulo – UNIVESP TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6iVIw3pqP3M>. Acesso em: 24 jan. 2018.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Daniel Faria de**. CTG Rincão da Fronteria:** estruturação, influência, agentes e tradição na fundação do primeiro centro de tradições gaúchas de Jaguarão. 2008, 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Produção e Política Cultural). Universidade Federal do Pampa, *campus* Jaguarão.

ARAUJO, Emanuel. **O teatro dos vícios**: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ATALLAH, Gianne Zanella. Clube Caixeiral de Rio Grande RS: O silêncio de uma memória. Apresentação de Trabalho. In: KNACK, Eduardo Roberto Jordão; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; POLONI, Rita Juliana Soares. (Orgs.). **Colóquio Internacional de Memória e Patrimônio**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 9-11 nov. 2017.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade**: sociabiliade & cultura no Brasil meridional. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

BOTELHO, Isadora Soares. **Entre danças e Tramas**: os espaços de sociabilidade e os fundadores do Clube Social Harmonia Jaguarão (1882-1890). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal do Pampa, *campus* Jaguarão, 2016.

BOTH, Amanda Chiamenti. **A trama que sustentava o Império**: mediação entre as elites locais e o Estado Imperial Brasileiro (Jaguarão, segunda metade do século XIX). 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2016.

BRUM, Leo S. **Clube Jaguarense comemora passagem pelo seu 82º aniversário de sua fundação**. In: Álbum de recortes. Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. s.d.

BRUSANTIN, Beatris. et al..**André Rebolças, Joaquim Nabuco e a abolição**: algumas correspondências**.** In: Anais do IV Colóquio de História, 2010, Recife. **Anais do IV Colóquio de História**, 2010. v.1. p. 1-16.

CAMARGO, Laura Alice Rinaldi, RUIZ DA SILVA, Marcos. **Os Clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro**: uma relação de hábitos e costumes. In: XI Simposio Internacional Proceso Civilizador - Uel, 2008, Buenos Aires. **Anais do XI Simposio Internacional Proceso Civilizador – UEL**, 2008. v. 1, p. 68-75.

CARVALHO, José Murilo**. Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CERQUEIRA, Fábio Vergara.Atenas do Sul: recepção e (re) significação do legado clássico na iconografia urbana de Pelotas 1860-1930). In: RUBIRA, Luis. (Org.). **Almanaque do bicentenário de Pelotas**. v. 2. Santa Maria: Gráfica e editora Paloti, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**.Petropolis: Vozes. 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COLVERO, Ronado Bernardino, AZEVEDO, Domingos Sávio Campos de Azevedo. **Analise emfontes jornalísticas e do Discurso.** Trabalho apresentado em evento. 2007.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **A Presidência da Província no Império**. In: ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História, 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**, 2003. p. 1-8.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio. et al..**Roteiros de Arquitetura da Costa Doce**: Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora SEBRAE, 2009.

ENSSLIN, Lidiane Corrêa. **Ecletismo arquitetônico em Jaguarão**: um estudo de caso (1870-1940). 2005. 115 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FARIAS, Osvado Cordeiro. **Meio século de combate:** diálogo com Cordeiro de Farias, Aspásia Camargo, Walter de Góes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERRETI, Sérgio. Estudos sobre festas religiosas e populares. In: RUMBIM, Linda; MIRANDA, Nadja. (Orgs.). **Estudos sobre festa**. Salvador: Edufba, 2012. p. 17-32.

FERRER, Francisca Carla Santos Ferrer. **Entre a Liberdade e a Escravidão na Fronteira Meridional do Brasil: estratégias e resistências dos escravos na cidade de Jaguarão entre 1865 e 1888**. 2011, 278 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. São Paulo: Penso, 2006.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Origens de Jaguarão**.Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do sul, 1980.

_____. Gaúchos na academia de Direito de São Paulo no século 19. **Revista Justiça e História**, Porto Alegre, v.1, n. 2, p. 1-20, 2001.

_____. **Gente e coisas da Fronteira Sul:** ensaios históricos. Porto Alegre: Sulina, 2001a.

FUNDAÇÃO CARLOS BARBOSA. **Fundação Carlos Barbosa.** 36 p. s.d. Disponível: Biblioteca Pública Jaguarense.

GAMA, Andrea**. O Legado da Escravidão na Formação do Patrimônio Cultural Jaguarense (1802 – 1888)**. Dissertação (mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). 2010, 119 f. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo. /**por Luiz Carlos Golin.Porto Alegre: Tchê, 1983.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. Ponte Internacional Mauá: Patrimônio Binacional. In. Ana María Gonzáles, Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, William Rey Ashfield. (Orgs.). **Patrimônio Cultural: Brasil e Uruguai e suas experiências**. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2013

HEINZ, Flavio Madureira. Org. **História social de elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Dossiê para o tombamento do centro histórico do município de Jaguarão**. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/sigwebjaguarao/files/2014/09/Dossi%C3%AA-Tombamento-Jaguar%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.

JAGUARÃO. **APONTAMENTOS PARA UMA MONOGRAPHIA DE JAGUARÃO:** Exposição AgroPecuária, Porto Alegre: Intendência Municipal de Jaguarão, 1912.

JORGE, Fernando Pedro Alves. **Academia do Fardão e da Confusão**: a Academia Brasileira de Letras e os seus “imortais” mortais. São Paulo: Geração Editorial, 1999.

KRAAY, Hendrik. Festa e política: o fim da guerra do Paraguay na corte imperial. In: VARGAS, Jonas. (Org.). **Belicosas fronteiras**: contribuições recentes sobre política, economia e escravidão em sociedade americanas (século XIX), Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

LEAL, João. Nação e Império: Agostinho Silva e as Festas do Espírito Santo.In. **Práticas de História**, Lisboa, n. 4, p. 75-111, 2017.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Alexandre Peres de. **As lutas, os bailes, as retomadas**. Reconhecimento, identidades e cultura no processo de patrimonialização do clube social negro 24 de agosto. 2015, 181 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

LONER, Beatriz. **Construção de classe:** operários de Pelotas e Rio Grande. 2. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2006.

MACHADO, Carlos José. **Teatro Esperança de Jaguarão (RS**): memória, história e patrimonialização. 2016, 155 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, 2016.

MAGALHÃES, Junior Raimundo. Machado de Assis funcionário público. **Revista do Serviço Público**, Brasília, a. 38, v. 109, n. 4, p. 237-248, 2005.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPel/coedição Livraria Mundial, 1993.

MALUF, Marcia. O aspecto barroco das festas populares. **Revista Olhar**, São Carlos, nº 5-6, p. 1-6, 2001

MARIA ANTONIA, Irmã. **Devo Narrar Minha Vida:** Memórias da infância de uma religiosa franciscana da penitência e da caridade cristã da casa-mãe-de São Leopoldo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1953.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai**: a construção da cidade de Jaguarão. 2001, 271 f. Tese (Doutorado em Histórias Especializadas). Universidade Politécnica da Catalunha, 2001.

MARTINS, Maria Fernanda Vieira. **A velha arte de governar**: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

MELO, Victor Andrade. **Esporte e cinema: diálogos – as primeiras imagens brasileiras**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Disponível em: http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/esporte_cinema_curtas_rbce_2004.pdf. Acesso: 05 maio 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento**. Belo horizonte: Interlivros, 1975.

MIRANDA, Wilson Marcelino. **Arquitetura e urbanismo na fronteira Brasil/Uruguai**: espaço comercial construido em Jaguarao/Rio Branco (1800-

1940). 2000, 419 f. Tese (Doutorado em Integracao Regional). Universidade Federal de Pelotas, 2000.

MÜLLER, Dalila. **“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza**”: Espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010, 399 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

NUNES, Juliana dos Santos. **"Somos o Suco do Carnaval"**: A Marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto. Monografia (Bacharelado em História). Universidade Federal de Pelotas, 2010.

PELISARI, Marina krüguer. “**A mais fina sociedade riograndina” e as suas representações: A vida social da elite de Rio Grande – RS (1956-1960)**. 2012, 202 f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Ressentimento e Ufanismo; sensibilidades no sul profundo. In. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PRYORE, Mary del. Bailes, bailados e soireés e saraus: regras de diversão. In: _____. **“Histórias da Gente Brasileira: Império**. v. 2. São Paulo: Editora LeYa, 2016.

RIZZON, Carlos Garcia. **Conflitos fronteiriços no preâmbulo da Guerra do Paraguai.** Vol. 12 N. 02/2016. P-27-37 Porto Alegre: UFRGS. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/index>. Acesso em 20/08/2018

RODRIGUES, Maria Cristina de Matos. A releitura do passado farroupilha no IHGB (1921-1935): memória republicana e legitimidades intelectuais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 35, p. 161-183, 2013.

ROSA, Othelo. **Carlos Barbosa Gonçalves.** Conferência no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul na sessão comemorativa do centenário do nascimento de Carlos Barbosa. Fundação Carlos Barbosa, Jaguarão, 1993.

ROTTA, Claudio (Rodrigues). Sociedade Harmonia Jaguarão- um século de história. **Cadernos Jaguarenses**, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão/Prefeitura municipal de Jaguarão, Jaguarão, p. 63-79, 1990.

SANTOS, Vagner Pacheco dos**. Caminhando através da História**, Porto Alegre: Evangraf, 2012.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Entrevista com Aldyr Garcia Schlee. [2009]. Florianópolis: Revista **Cadernos de Tradução**. Entrevista Concedida a Marlova Aseff. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/13204/12230>. Acesso em: 29 mar. 2018.

SCHOENAERS, Thomas Aquinas. **Missionário premonstatense no Rio Grande do Sul: três anos no Brasil 1901-1904**. Tradução: Cornelis Christiann Van Ommeren. Prefácio e notas: Eduardo Álvares de Souza Soares. Pelotas: EDUCAT, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SELBACH, Jeferson Francisco; BRUM, Rosemary Fritsch. **Ruralização e viver na fronteira:** Jaguarão RS, Porto Alegre: Animal, 2017.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SILVA, Elza Maria Tavares. **Ensino de Direito no Brasil**: perspectivas históricas gerais. Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), parte da Dissertação de Mestrado defendida na Pós-Graduação de Psicologia Escolar da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v4n1/v4n1a08.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2017.
SOARES, Eduardo Álvares de Souza. **n'A FOLHA**. Pelotas: EDUCAT, 2007.

_____; FRANCO, Sergio da Costa. (Orgs.). **Olhares sobre Jaguarão**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

_____. **Igreja Matriz do Divino Espírito Santo de Jaguarão**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

_____. **Edição comemorativa ao Sequicentenário da Resistência ao Ataque Blanco a Jaguarão em 27 de janeiro de 1865**. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

STEYER, Fábio Augusto. **Cinema, Imprensa e Sociedade em Porto Alegre (1896-1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paroquia e a corte**: uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889). 2007, 279 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. **Portugal no sul do Brasil: intertextos da "canção do exílio"**. Revista Letras, Curitiba, Editora da UFPR, n. 59, p. 225-237, 2003.

VENEZIANI. Valter. **Palestra tango patrimônio imaterial uruguaio.** Palestra. Apontamentos. Jaguarão, 2011. Disponível em: <http://brfatima.blogspot.com.br/2011/11/tango-danza-en-el-uruguay-patrimonio.html>. Acesso em: 26 mar. 2018.

VERGARA, Luiz. **Fui secretário de Getúlio Vargas**. Porto Alegre: Editora Globo, 1960.

OBRAS CONSULTADAS

BEAUD, Michel. **A arte da tese:** como elaborar trabalhos de pós-graduação, mestrado e doutorado. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: Explicitação das Normas da ABNT e VANCOUVER. 18. ed. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Manual Normas UFPEL trabalhos acadêmicos**. s. d. Disponível em: <http://sisbi.ufpel.edu.br/arquivos/PDF/Manual_Normas_UFPel_trabalhos_acad%C3%AAmicos.pdf>. Acesso em: 17/05/2017.

REFERÊNCIAS EM JORNAIS
(Ordem crescente de data)

DIÁRIO DE RIO GRANDE, Rio Grande, 19 abril 1855. Fonte: Biblioteca Pública de Rio Grande

DIÁRIO DE RIO GRANDE, Rio Grande, 05 maio 1855. Fonte: Biblioteca Pública de Rio
Grande.

O JAGUARENSE, Jaguarão, 05 jan. 1856. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O ECHO DO SUL, Jaguarão, 02 jul. 1857. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O ECHO DO SUL, Jaguarão, 12 ago. 1857. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O JAGUARENSE, Jaguarão, 25 jul. 1857. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 22 nov. 1868. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 26 nov. 1868. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão,10 dez. 1868. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 29 maio 1870. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 22 jan. 1871. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 27 jan. 1871. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 22 jun. 1871. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A REFORMA, Jaguarão, 13 set. 1871. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A REFORMA, Jaguarão, 09 maio 1872. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A REFORMA, Jaguarão, 12 set. 1872. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 23 set. 1875. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 07 out. 1875. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 07 out. 1875. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão,16 dez. 1875. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 14 set. 1876. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 19 set. 1876. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 30 out. 1877. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 31 out. 1877. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão,12 nov. 1877. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 31 out. 1878. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 06 nov. 1878. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 05 fev. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 05 set. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 16 set. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 19 set. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 23 set. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 26 set. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 30 set. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 31 out. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 30 dez. 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão, 05 mar. 1881. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão,10 mar. 1881. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão,1º set. 1881. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ATALAIA DO SUL, Jaguarão,11 set. 1881. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

REVISTA DE ENGENHARIA, Jaguarão, Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709743&PagFis=1006&Pesq=%22club%20jaguarense%22>. Acesso em: 26 mar. 2018.

A LUZ, Jaguarão,11 nov. 1883. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A LUZ, Jaguarão, 06 jan. 1884. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A LUZ, Jaguarão, 27 jan. 1884. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A LUZ, Jaguarão, 11 maio 1884. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A LUZ, Jaguarão, 06 jul. 1884. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 6 abr. 1885. Fonte: Biblioteca Nacional.

A INSTRUÇÃO, Jaguarão, 9 jan. 1887. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O RAMALHETE JAGUARENSE, Jaguarão, 10 mar. 1889. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

ZIGZAG, Jaguarão,14 ago. 1892. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 20 mar. 1893. Fonte: Biblioteca Nacional.

O DIADEMA, Jaguarão, 18 ago. 1895. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 23 set. 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&PagFis=14961&Pesq=%22club%20jaguarense%22>. Acesso em: 26 mar. 2018.

A ORDEM, Jaguarão, 25 out. 1898. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O COMERCIO, Jaguarão, 04 jan. 1902. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O COMERCIO, Jaguarão, 05 abr. 1902. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O COMERCIO, Jaguarão, 26 jun. 1902. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O COMERCIO, Jaguarão, 1º jul. 1902. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O COMERCIO, Jaguarão, 10 jul. 1902. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O COMERCIO, Jaguarão, 18 nov. 1902. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 26 abr. 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 26 fev. 2018.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 28 abr. 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 26 fev. 2018.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 10 maio 1904. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 26 fev. 2018.

O IDEAL, Órgão crítico e literário, Jaguarão, 04 dez.1904. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

EL PUEBLO, Cerro largo, Villa de Artigas, 07 dez. 1904. Fonte: Casa de Cultura de Rio Branco.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 23 maio 1905. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 17 nov. 1906. Fonte: Fonte: http://memoria.bn.br acesso em 26/02/2018.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 1º jul. 1907. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 18 abr. 1911. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O JORNAL, Jaguarão, 15 nov. 1911. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

SENTINELA DO SUL, Jaguarão, 09 ago. 1912. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

SENTINELA DO SUL, Jaguarão, 17 ago. 1912. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

SENTINELA DO SUL, Jaguarão, 19 ago.1912. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 12 fev.1913. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 15 ago. 1913. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 23 ago.1913. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

FON FON. Rio de Janeiro, 50. ed., 13 dez.1913. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 26 fev. 2018.

A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 03 jan. 1916.Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 26 fev. 2018.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 09 ago. 1919. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 13 ago. 1919. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 10 ago. 1920. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 15 jan. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 20 jan. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 21 jan.1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Porto Alegre, 12 fev.1921. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=%22carnaval%20de%20jaguarao%22>. Acesso em: 29 mar. 2018.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 17 fev. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 17 mar. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 09 jul. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 21 jul. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 06 ago. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 11 ago. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 17 ago. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 30 ago.1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 1º set. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

TRIBUNA DO POVO, Jaguarão, 24 nov. 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 22 out 1921. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 02 mar.1922. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 22 jul. 1922. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 25 set. 1922. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 13 out. 1922. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 23 out. 1922. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 04 dez. 1922. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 29 jan. 1923. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 30 jan. 1923. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 21 fev. 1923. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 8 mar. 1923. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O PAIZ. Rio de Janeiro. 13 mar. 1923. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 19 ago. 1924. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 11 set. 1926. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 03 mar. 1927. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 13 set.1927. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 29 out.1927. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 12 maio 1928. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

SOMBRA MISTERIOSA, Jaguarão, 29 fev. 1928. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 21 jun.1928. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

SENTINELA DO SUL, Jaguarão, 13 set. 1928. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 15 set. 1928. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 23 set. 1928. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O JORNAL, Jaguarão, 30 set.1928. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%22club%20jaguarense%22>. Acesso em: 29 mar. 2018.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 02 out. 1928. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

SOMBRA MISTERIOSA, Jaguarão, 10 fev.1929. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 16 abr. 1929. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 23 abr. 1929. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 25 set. 1930. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 10 jan. 1931. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 18 ago. 1931. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 27 ago. 1931. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 10 set. 1931. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 22 set. 1931. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 18 out. 1934. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 03 nov. 1934. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 19 fev. 1935. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 14 mar. 1935. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 23 maio 1935. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 18 jul. 1935. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 26 fev. 1936. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 29 fev. 1936. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 03 mar. 1936. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 25 jul. 1936. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 25 fev. 1937. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 03 ago. 1937. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 10 ago. 1937. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A SITUAÇÃO, Jaguarão, 31 ago. 1937. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 05 jul.1938. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 12 jul. 1938.Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 04 out. 1938.Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

VIDA DOMÉSTICA, Rio de Janeiro, abr. 1939. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830305&PagFis=30058&Pesq=%22clube%20jaguarense%22>. Acesso em: 29 mar. 2018.

A FOLHA, Jaguarão, 22 jun. 1939. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 24 jun. 1939. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 27 de jun. 1939. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 10 ago. 1939. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 09 set. 1939. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 12 set. 1939. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 30 set. 1941. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 31 jul. 1947. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 28 ago. 1947. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 11 set. 1947. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A NOITE. Rio de Janeiro. 21 fev. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_05&PagFis=17258&Pesq=%22carnaval%20em%20jaguar%C3%A3o%22>. Acesso em: 29 mar. 2018.

A FOLHA, Jaguarão, 02 maio 1953. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 25 jul. 1953. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 06 nov. 1954. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 07 maio 1955. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 02 jun.1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 07 jul. 1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 1º set. 1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 8 dez. 1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A ATUALIDADE, Jaguarão, 1º out.1956. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 29 mar. 1958. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 12 jul. 1958. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 6 set. 1958. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 27 jun.1959. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

O JORNAL. Rio de Janeiro. 04 out.1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pesq=%22Tita%20Duval%22>. Acesso em: 30 mar. 20.

A FOLHA, Jaguarão, 06 fev. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 09 abr.1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 09 jul. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 21 ago. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 10 set. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 24 set. 1960. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 20 maio 1961. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 08 jun.1961. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 12 ago. 1961. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 26 ago. 1961. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 16 set. 1961. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 06 jan. 1962. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 07 abr. 1962. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

BRUM**,** Leo Santos. **Recorte de artigo jornalístico**. s.d. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 09 jul. 1964. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 27 jul. 1968. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 06 set. 1969. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 18 out. 1969. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 10 jan. 1970. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 14 jul. 1973. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 1º set. 1973. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 5 jan. 1974. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

A FOLHA, Jaguarão, 10 maio 1975. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

APENAS para lembrar (Texto de Claudio Rota Rodrigues - p.8). In: **CORREIO DO POVO**, Jaguarão, 16 ago. 1981. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Jaguarão, ontem e hoje! Rua Coronel Deus Dias. In: **JORNAL FRONTEIRA MERIDIONAL**, Jaguarão. Disponível em:

<http://fronteirameridional.blogspot.com.br/2015/02/jaguaraoontemhoje-rua-cel-de-deus-dias.html>. Acesso em: 28 jan. 2018.

CLUBE Jaguarense procura fotos antigas. Nota. In: **ZERO HORA**, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/almanaque-gaucho/noticia/2016/10/clube-jaguarense-busca-fotos-antigas-7882596.html#showNoticia=dE95PmN6Qio2MDUxNzQ0NjU2NTk5ODE4MjQwWnc8Mzg0OTc5ODg5OTE4MTUyMjQ1MkVOKDY4MzE4ODk5Mzc5NDg3Mzc1MzZNOWZzb0wpRnFiISNOUmgpbHg=>. Acesso em: 29 maio 2017.

REFERÊNCIAS EM SÍTIOS ELETRÔNICOS

ALCIDES Maia. In: **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em:**<**http://www.academia.org.br/academicos/alcides-maya/biografia>. Acesso em: 02 mar. 2018.

ANTONIO da Costa Pinto e Silva. In: **Câmara Municipal De Piracicaba SP**. Disponível em: <Fonte:http://historia.camarapiracicaba.sp.gov.br/vereador/40-antonio_da_costa_pinto_e_silva>. Acesso em: 29 jan. 2018.

ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Arquivo_Nacional_da_Torre_do_Tombo>. Acesso em: 19 jul. 2017.

AUDITÓRIO Araújo Viana. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Audit%C3%B3rio_Ara%C3%BAjo_Vianna>. Acesso em: 18 jan. 2018.

BARÃO de Tavares Leite. In: **Visite Jaguarão**. Disponível em: <https://www.visitejaguarao.com.br/sobre-jaguarao/jaguarenses-ilustres/barao-tavares-leite/>. Acesso em: 26 fev. 2018.

CATERETÊ. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Cateret%C3%AA>. Acesso em: 24 mar. 2018.

CENTRO de Jaguarão década de 1930.In: **PRATI**. Disponível em: <http://prati.com.br/bwg_gallery/jaguarao>. Acesso em: 26 fev. 2018.

CONVERSÃO de reis para dólar em 1881. In: **O caixa**. Disponível em: <http://www.ocaixa.com.br/bancodedados/dolaranualmedio.htm>. Acesso em: 26 mar. 2018.

ECO do Sul. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Eco_do_Sul>. Acesso em: 24 mar. 2018.

ENGENHEIRO Arnaldo Pimenta da Cunha. In: **Mapas Da Cultura**. Disponível em: <http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/images/stories/SitiosHistoricos/bustos/pdf/engarnaldopimentadacunha.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2018.

ESTIMATIVA população 1550-1870. In: **Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística – IBGE**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/1550_1870.shtm>. Acesso em: 02 abr. 2017.

EXPOSIÇÃO rememora Inah Emil Martensen. In: **Secretaria De Cultura De Rio Grande**.Disponível em: <http://secultrg.blogspot.com.br/2017/05/exposicao-rememora-inah-emil-martensen.html>. Acesso em: 17 mar. 2018.

FBN (Bruno Brasil), Jornal A noite. In: **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>. Acesso em: 02 abr. 2018.

FON fon. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fon-Fon_(revista)>. Acesso em: 24 mar. 2018.

FRANÇA Junior. In: **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/franca-junior/biografia>. Acesso em: 25 jan. 2018.

GERVÁSIO Lobato. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Gerv%C3%A1sio_Lobato>. Acesso em: 25 jan. 2018.

GUIDO Angelo. In: **Brasil Artes Enciclopédia**. Disponível em: <http://brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/guido_angelo.htm>. Acesso em: 06 mar. 2018.

GUIMARÃES Junior. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Guimar%C3%A3es_J%C3%BAnior>. Acesso em: 24 mar. 2018.

HERMES Pintos Affonso. In: **Visite Jaguarão**. Disponível em: <https://www.visitejaguarao.com.br/sobre-jaguarao/jaguarenses-ilustres/hermes-pintos-affonso/>. Acesso em: 02 abr. 2018.

HISTÓRICO. In: **UFRGS**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico>. Acesso em: 07 mar .2017.

IR a Jaguarão e descobrir o resto do mundo. In: **Blog Ardotempo**. Disponível em: <http://ardotempo.blogs.sapo.pt/241269.html>. Acesso em: 25 jul. 2017.

JAGUARÃO. In: **IBGE Cidades.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/panorama>. Acesso em 07 ago. 2016.

JOAQUIM de Fiore. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Joaquim_de_Fiore>. Acesso em: 24 mar. 2018.

JOSÉ Antônio Câmara. In: **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em:**<**http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/C%C3%82MARA,%20Jos%C3%A9%20Ant%C3%B4nio%20Correia%20da.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2017.

LAGOA Mirim. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Lagoa_Mirim>. Acesso em: 14 jul. 2017.

LÉON Gambetta. In: **Unidade Acadêmica de Engenharia Civil**. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/LeonGamb.html>. Acesso em: 13 jul. 2017.

LISTA de primeiros-ministros do Brasil. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Lista_de_primeiros-ministros_do_Brasil>. Acesso em: 25 jan. 2018.

LISTA Governadores do Rio Grande do Sul. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Lista_de_governadores_do_Rio_Grande_do_Sul>. Acesso em: 29 jan. 2018.

LUÍS Caetano Pereira Guimarães Júnior In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es_J%C3%BAnior>. Acesso em: 29 jan. 2018.

MIGUEL CALÓ. In. http://www.fernandomachado.blog.br Acesso em: 19 ago. 2018.

VERGARA, LUIZ FERNANDES. In. **Fundação Getúlio Vargas –** Escola de Relações internacionais. https://ri.fgv.br/ acesso em 19/08/2018.

LUZIA Felix viaja pela América Latina. In: **Mercado Livre**. Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-708086219-luzia-felix-viaja-pela-america-latina-polydor-lpn-2021-_JM>. Acesso em: 16 mar. 2018.

MEMÓRIAS da redação? Tinoco o jornalista atrevido do século XIX. In: **Portal dos jornalistas**. Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/memorias-da-redacao-tinoco-reporter-atrevido-seculo-xix/>. Acesso em: 22 fev. 2018.

MENANDRO Rodrigues. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Menandro_Rodrigues_Fontes>. Acesso em: 24 mar. 2018.

MENOTTI DEL PICCHIA. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em:https://pt.wikipedia.org/wiki/Menotti_Del_Picchiaacesso em 13 ago. 2018.

MORRE Cláudia Barroso, ícone da música romântica dos anos de 1970. In: **Metrópolis**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/morre-claudia-barroso-icone-da-musica-romantica-dos-anos-1970>. Acesso em: 15 mar. 2018.

O GRÊMIO Literário e Recreativo Português se tornou "Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial". In: **Grêmio Literário E Recreativo Português**. Disponível em:<http://www.gremioportugues.com.br/noticia/detalhe/aprovado>. Acesso em: 20 jul. 2017.

O PALHAÇO (de Heinrich Heine). In: Recanto das Letras. LetrasMus. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/5735707>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ORQUESTRA típica Miguel Caló. Por Nicolás Lefcovich e Néstor Pinsó. In: **Todotango**. Disponível em:

<http://www.todotango.com/historias/cronica/452/Orquesta-Tipica-Miguel-Calo/>. Acesso em: 16 mar. 2018.

PEDRO Bernardino de Moura. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Pedro_Bernardino_de_Moura>. Acesso em: 24 mar. 2018.

POSTAL de Jaguarão: Club Jaguarense (1908). In: **Delcampe**. Disponível em: <https://www.delcampe.net/en_GB/collectables>. Acesso em: 30 mar. 2016.

PRAÇA Cipriano Barcelos. In: **Prefeitura Municipal de Pelotas**. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxMi0wNi0yMA==&codnoticia=31285>. Acesso em: 13 jul. 2017.

PRAÇA da Matriz e Bailante de Porto Alegre: 1881. In: **UFRGS**. Disponível em:**<**https://www.ufrgs.br/jornaisliterarios/acervodigital/porto-alegre-no-seculo-xix/foto-4759f/>. Acesso em: 23 mar. 2018.

THE Dizzies (no perfil de Wily Cesar). In: **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=591069227584280&set=a.302002476490958.80878.100000436246559&type=3&theater>. Acesso em: 16 mar. 2018.

TITA Duval. In: **Discogs**. Disponível em: <https://www.discogs.com/artist/3147937-Tita-Duval>. Acesso em: 16 mar. 2018.

ÚLTIMO baile. In: **Museu Histórico Nacional**. Disponível em: <http://www.museuhistoriconacional.com.br/images/galeria26/mh-g26a028.htm>. Acesso em: 23 fev. 2018.

VIDA Doméstica. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Vida_Dom%C3%A9stica>. Acesso em: 29 mar. 2018.

VITORINO José Carneiro Monteiro. In: **Wikipédia**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.Wikipédia: a enciclopédia livre.org/wiki/Vitorino_Jos%C3%A9_Carneiro_Monteiro>. Acesso em: 23 jan. 2018.

WILSON Alves Chagas. In:**Traça Livraria**. Disponível em: <https://www.traca.com.br/livro/568451/caminho-exilio/>. Acesso em: 02 abr. 2018.

WILSON Alves Chagas. In **Academia Brasileira de Filosofia.** Disponível em: <http://www.filosofia.org.br/falecidos.html>. Acesso em: 21 ago. 2018.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE. **Correspondência enviada ao aeroclube**.1949.

ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE. **Estatuto**. 1951.

ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE. **Instrumento particular de contrato de comodato celebrado entre a Associação Cruzeiro Jaguarense e o Instituto Histórico e Geográfico em 13 de julho de 1987**. 1987.

ASSOCIAÇÃO CRUZEIRO JAGUARENSE. **Registro imobiliário**. s./d..

JAGUARÃO. Processo Prefeitura Municipal 2771/2014-21927 aberto em 22 de abril de 2014. **PAC Cidades Históricas** - Clube Jaguarense. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARÃO. **Prospecto 1955**: Comemoração do centenário de elevação da vila à cidade de Jaguarão. 1955.

ENTREVISTADOS

Aldyr Garcia Schlee;

Claudio Rotta Rodrigues;

Neusa Marilú Peres Duarte;

Ubirajara Isquierdo.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou estudante Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas e estou realizando uma pesquisa sob supervisão do professor Ronaldo Bernardino Colvero cujo objetivo é “tese sobre o Clube Jaguarense como problema patrimonial no município de Jaguarão RS”. Sua participação envolve uma entrevista que será gravada, se assim você permitir.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade pode ser mantida em sigilo. Assim, se for do seu interesse serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador através do telefone 53 (99882073).

Atenciosamente.

_____

Alan Dutra de Melo
Matrícula: 14101601

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

_____

Entrevistado: Local/data/idade

Complemento:
( )Posso ser identificado nominalmente.
( )Prefiro não ser identificado nominalmente.